



ANTARKTOS

C I C L O

H. P. Lovecraft
Edgar Allan Poe
John W. Campbell Jr.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANTARKTOS

C I C L O

Antarktos
Nas Montanhas da Loucura

H. P. Lovecraft

A Narrativa de Artur Gordon Pym

Edgar Allan Poe

Quem está aí?

John W. Campbell Jr.

ANTARKTOS

No fundo do meu sonho a ave enorme sussurrava estranhas coisas Acerca dum cone negro no meio das imensidões polares; Lúgubre e solitário se levanta na superfície gelada Açoitado pelos eternos remoinhos de loucas tempestades.

Ali nenhuma forma de vida tem o seu rumo natural

E somente pálidas auroras e sóis indistintos

Luzem por sobre esse sinal de pedra, cuja origem primitiva

Obscuramente os Antigos procuram adivinhar.

Se os homens o vislumbrassem, simplesmente perguntariam Que capricho raro da Natureza era aquele que ali viam; No entanto, o pássaro falou-me de regiões mais vastas Que aguardam, acoradas e ocultas sob a mortalha de gelo.

Deus ajude o sonhador cujas loucas visões lhe mostrem Esses olhos mortos engastados em abismos de cristal!

I

SOU FORÇADO A falar, uma vez que homens de ciência recusaram-se a seguir meu conselho, sem saberem por quê. É muito a contragosto que descrevo as razões pelas quais me oponho a essa pretendida invasão da Antártica — que há de ser acompanhada de generalizada caça a fósseis e indiscriminada perfuração e descongelamento das antigas calotas glaciais. E reluto tanto mais quanto talvez minha advertência caia em ouvidos moucos.

É inevitável que se ponham em dúvida os fatos reais, tal como devo revelá-los. No entanto, se eu calasse o que pode parecer bizarro e inacreditável, nada restaria. As fotografias até aqui escamoteadas, tanto ordinárias quanto aéreas, contarão em meu favor, porquanto são funestamente vívidas e convincentes. Ainda assim, serão postas em dúvida devido ao elevado grau a que se pode levar uma hábil contrafação. Os desenhos a tinta serão, naturalmente, objeto de zombaria, serão tachados de embustes grosseiros, não obstante uma singularidade de técnica que deveria causar perplexidade aos conhecedores de arte.

Ao cabo, terei de confiar na judiciosidade e na reputação dos poucos próceres científicos que têm, por um lado, suficiente independência intelectual para avaliar minhas informações com base em seus próprios méritos, medonhamente concludentes, ou à luz de certos ciclos míticos primevos e extremamente enigmáticos; e, por outro lado, influência bastante para impedir que os meios científicos em geral se aventurem a qualquer programa temerário ou exageradamente ambicioso na região daquelas montanhas de loucura. É lamentável que homens relativamente obscuros, como eu e meus colegas, ligados apenas a uma pequena universidade, tenham poucas possibilidades de causar impressão duradoura no que ungue a assuntos de natureza extravagantemente demente ou em alto grau polêmica.

Labora ademais contra nós o fato de não sermos, em sentido rigoroso, especialistas nos campos em que se situam basicamente as revelações que farei. Na qualidade de geólogo, meu intuito ao dirigir a Expedição da Universidade Miskatonic consistia inteiramente em coletar amostras de rochas e de solo, a grande profundidade, em várias partes do continente antártico, auxiliado pela extraordinária perfuratriz projetada pelo professor Frank H. Pabodie, de nosso departamento de engenharia. Eu não nutria nenhum desejo de ser pioneiro em qualquer camponês esse, mas alimentava a esperança de que o emprego desse novo dispositivo mecânico em pontos diversos de caminhos previamente explorados trouxesse a luz materiais de um tipo até então inalcançáveis pelos métodos convencionais de coleta.

O equipamento de perfuração de Pabodie, como o público já teve ocasião de tomar conhecimento por nossos relatórios, representou um avanço sui-generis e radical, por sua leveza, facilidade de transporte e capacidade de combinar o princípio da broca artesiana comum com o princípio da pequena broca circular para rochas, de maneira a furar rapidamente camadas de dureza variável. Cabeçote de aço, hastes articuladas, motor a gasolina, torre retrátil de madeira, instrumental para dinamitação, fiação, trado para remoção de detritos e tubulação em seções para brocas de 12,5 centímetros de diâmetro, que chegavam a trabalhar a 300 metros de profundidade — tudo isso, mais os acessórios indispensáveis, não representava peso proibitivo para ser puxado por três trenós de sete cães. Isso era possibilitado pela notável liga de alumínio de que eram feitas, na maioria, as partes metálicas. Quatro grandes aeroplanos Dornier, projetados especialmente para operar nas tremendas altitudes a que seria necessário voar sobre o planalto antártico e equipados com dispositivos adicionais para aquecimento de combustível e ignição rápida de motores, também projetados por Pabodie, podiam transportar toda a nossa expedição, de uma base na orla da grande barreira de gelo a vários pontos no interior; a partir de tais pontos, um número

suficiente de cães atenderia às nossas necessidades.

Tencionávamos explorar uma área tão grande quanto fosse possível em uma única estação antártica — ou mais longamente, se absolutamente necessário — operando sobretudo nas cordilheiras e no planalto ao sul do mar de Ross; eram regiões já exploradas, em graus vários, por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com freqüentes mudanças de acampamentos, feitos por aeroplano e que envolviam distâncias suficientemente grandes para terem significado geológico, esperávamos desenterrar um volume de material sem precedentes — principalmente nas camadas Pré-Cambrianas, das quais uma gama tão reduzida de espécimes antárticos haviam sido anteriormente coletados. Desejávamos ainda obter a maior variedade possível de rochas fossilíferas superiores, uma vez que a história biológica antiga daquele reino inóspito de gelo e de morte tem importância máxima para o conhecimento do passado da Terra. É notório que o continente antártico foi outrora temperado e mesmo tropical, com flora e fauna exuberantes, de que sobrevivem apenas os líquens, a fauna marinha, aracnídeos e pingüins, no limite setentrional. E contávamos ainda expandir esses dados, tanto em variedade quanto em precisão e pormenores. Quando um simples furo revelasse indícios fossilíferos, ampliaríamos a abertura mediante o uso de explosivos, a fim de obtermos amostras de dimensões e condição adequadas.

Nossos furos, de profundidades variadas, segundo o que prometiam o solo ou as rochas superiores, restringir-se-iam a superfícies terrestres expostas ou quase expostas — sendo que tais superfícies seriam inevitavelmente encostas ou cristas, uma vez que aos níveis mais baixos superpunham-se camadas de gelo compacto com dois ou três quilômetros de espessura. Não podíamos perder tempo perfurando qualquer volume considerável de mera glaciação, muito embora Pabodie houvesse imaginado um plano para enterrar eletrodos de cobre em feixes densos de perfurações e degelar áreas limitadas de gelo com a corrente de um dínamo a gasolina. É esse o plano (que não podíamos pôr em prática numa expedição como a nossa, salvo a título de experiência) que a iminente Expedição Starkweather-Moore propõe-se a seguir, a despeito das advertências que tenho feito desde nosso regresso da Antártica.

O público tomou conhecimento da Expedição Miskatonic através de nossos freqüentes informes por rádio para o *Arkham Advertiser* e para a Associated Press, bem como através de artigos posteriores, meus e de Pabodie. A expedição compunha-se de quatro pessoas da Universidade: Pabodie; Lake, do departamento de biologia; Atwood, do departamento de física, e que é também meteorologista; e eu, que representava o setor de geologia e a quem cabia a chefia nominal. Havia ainda dezesseis assistentes: sete estudantes de graduação da universidade e nove mecânicos hábeis. Desses dezesseis, doze eram pilotos aeronáuticos habilitados; todos, com exceção de dois, eram competentes operadores de rádio. Oito deles conheciam a navegação com bússola e sextante, tal como Pabodie, Atwood e eu. Além disso, naturalmente, nossos dois navios — ex-baleeiros de madeira, reforçados para operar nos golos e equipados com máquinas a vapor auxiliares — tinham tripulação completa.

A Fundação Nathaniel Derby Pickman, com a ajuda de algumas contribuições especiais, financiou a expedição; por conseguinte, nossos preparativos foram extremamente rigorosos, em que pese a ausência de grande publicidade. Cães, trenós, máquinas, materiais para acampamento e partes desmontadas de nossos cinco aviões foram entregues em Boston, onde os navios foram carregados. Estávamos equipados à perfeição para nossos objetivos específicos, e em todas as questões concernentes a suprimentos, nutrição, transporte e montagem de acampamentos tiramos proveito do exemplo magnífico de muitos predecessores recentes, excepcionalmente brilhantes. Foi o número invulgar e a fama desses predecessores que tornaram nossa própria expedição — malgrado sua magnitude — tão pouco notada pelo mundo em geral.

Como relataram os jornais, zarpamos do porto de Boston a 2 de setembro de 1930, seguindo placidamente pela costa e atravessando o canal do Panamá. Paramos em Samoa e em Hobart, na Tasmânia, sendo que nessa última escala embarcamos os suprimentos finais. Nenhum dos integrantes de nosso grupo já estivera anteriormente nas regiões polares, motivo pelo qual dependíamos grandemente

de nossos capitães — J.B. Douglas, que comandava o brigue *Arkam* e que acumulava a função de comandante do grupo marítimo, e Georg Thorfinnssen, que comandava a barca *Miskatonic*. Ambos tinham larga experiência na pesca da baleia em águas antárticas.

À proporção que deixávamos para trás o mundo habitado, o sol caía cada vez mais ao norte e permanecia cada vez mais acima do horizonte a cada dia. Mais ou menos na altura dos 62° de latitude sul avistamos os primeiros *icebergs* — semelhantes a mesetas e com lados verticais — e pouco antes de atingirmos o círculo austral, que cruzamos a 20 de outubro, com cerimônias apropriadamente singulares, fomos consideravelmente molestados por campos de gelo flutuantes. A queda da temperatura me incomodava sobremaneira após nossa longa viagem através dos trópicos, mas eu tentava preparar-me para os rigores piores que viriam. Em muitas ocasiões os curiosos efeitos atmosféricos me encantaram enormemente; havia entre eles uma miragem acentuadamente vívida — a primeira que eu via — nas quais os gelos distantes tornavam-se as muralhas de inimagináveis castelos cósmicos.

Avançando em meio aos gelos, que felizmente não eram nem extensos nem muito espessos, voltamos a atingir águas abertas a 67° de latitude sul, 175° de longitude leste. Na manhã de 26 de outubro surgiu uma intensa cintilação em terra, ao sul, e antes do meio-dia todos nos sentimos invadidos de emoção ao contemplar uma imensa e altaneira cordilheira, coberta de neve, que cobria toda a vista. Havíamos encontrado, enfim, um sinal do grande continente desconhecido e seu mundo críptico de morte congelada. Aqueles picos eram, obviamente, a serra do Almirantado, descoberta por Ross, e cabia-nos agora dobrar o cabo Adare e seguir pela costa leste da Terra de Vitória até o local onde havíamos planejado instalar nossa base, na margem do estreito McMurdo, ao pé do vulcão Erebo, na latitude 77° 9' sul.

A última etapa da viagem foi animada e de molde a despertar a imaginação. Grandes picos ermos e misteriosos avultavam constantemente a oeste, enquanto o baixo sol do meio-dia, ao norte, ou o sol ainda mais baixo da meia-noite, que quase tocava o horizonte, derramava seus raios avermelhados sobre a neve alva, o gelo e os cursos d'água azulados, e ainda sobre fragmentos negros de afloramentos de granito em encostas. Os cumes desolados eram batidos por rajadas violentas e intermitentes do terrível vento antártico; suas cadências por vezes encerravam vagas sugestões de flauteados selvagens e quase conscientes, com notas que abrangiam um vasto registro e que, por algum motivo mnemônico subconsciente, pareciam-me inquietantes e até mesmo obscuramente fantásticos. Alguma coisa na cena recordava-me as estranhas e perturbadoras pinturas asiáticas de Nicholas Roerich, bem como as descrições ainda mais estranhas e mais perturbadoras do famigerado planalto de Leng, que ocorrem no horripilante *Necronomicon* do árabe louco, Abdul al-Hazred. Arrependi-me, mais tarde, de ter examinado esse livro monstruoso na biblioteca da universidade.

A 7 de novembro, depois de havermos perdido temporariamente a visão da cordilheira a oeste, passamos pela ilha Franklin. E no dia seguinte divisamos os cones dos montes Erebo e do Terror, na ilha Ross, mais adiante, antes da longa linha dos montes Parry. Estendia-se agora, em direção a leste, a linha baixa e branca da grande barreira glacial, elevando-se perpendicularmente até uma altura de 60 metros, como os penhascos rochosos de Quebec, e assinalando o término da navegação rumo ao sul. À tarde entramos no estreito de McMurdo e nos afastamos da costa, a sotavento do fumegante monte Erebo. O pico, coberto de escórias vulcânicas, elevava-se a pouco mais de 3.800m, silhuetado contra o céu oriental como uma gravura japonesa do sagrado Fujiyama, enquanto mais além erguia-se o vulto branco e fantasmático do monte Terror, com 3.270m de altura, hoje um vulcão extinto.

Fumarolas irrompiam intermitentemente do Erebo, e um dos estudantes — um jovem brilhante, de nome Danforth — chamou a atenção para o que parecia ser lava na encosta nevosa, observando que aquela montanha, descoberta em 1840, fora indubitavelmente a fonte da metáfora de Poe, quando sete anos mais tarde ele escreveu:

. . . as lavas que, incessantes, rolam Em correntes sulfurosas e descem no Yaanek Nos confins

derradeiros do pólo. . . Que gemem ao rolarem pelo monte Yaanek Nos domínios do boreal pólo.

Danforth era ávido leitor de obras estranhas, e já nos havia falado largamente de Poe. Eu próprio estava interessado, por causa do cenário antártico da única história longa de Poe — aquele trabalho perturbador e enigmático que tem o título de *Arthur Gordon Pym*, Na margem inóspita, bem como na altaneira barreira glacial no fundo, miríades de grotescos pingüins gritavam e batiam as nadadeiras, ao passo que na água via-se grande número de gordas focas, nadando ou descansando sobre grandes pedaços de gelo flutuante.

Utilizando pequenos botes, efetuamos um desembarque difícil na ilha de Ross, pouco depois da meia-noite, na madrugada do dia nove, arrastando um cabo de cada navio e preparando-nos para desembarcar suprimentos, através de um sistema de bóias deslizantes. Ao pisarmos pela primeira vez o solo antártico, nossas sensações eram pungentes e complexas, muito embora as expedições de Scott e de Shackleton já nos houvessem precedido naquele ponto específico. Nosso acampamento na praia gelada, ao pé do vulcão, era apenas temporário, uma vez que o quartel-general continuava a bordo do *Arkham*. Desembarcamos toda nossa maquinaria de perfuração, cães, trenós, barracas, víveres, tanques de gasolina, o equipamento experimental para derreter o gelo, os aparelhos fotográficos, tanto os convencionais como os aéreos, peças para os aeroplanos e outros acessórios, inclusive três pequenos transmissores-receptores portáteis de rádio — além dos instalados nos aviões —, capazes de entrar em contato com o equipamento mais possante do *Arkham* de qualquer parte da Antártica que desejássemos visitar. O rádio do navio, capaz de falar para todo o mundo, deveria transmitir informes para a poderosa estação do *Arkham Advertiser*, em Kingsport Head, Massachusetts. Esperávamos poder completar nossa missão num único verão antártico; todavia, caso isso fosse de todo impossível, passaríamos o inverno no *Arkham*, fazendo com que a barca *Miskatonic* seguisse para norte, antes que o gelo se tornasse impenetrável, para buscar suprimentos para outro verão.

Não há porque repetir aqui o que os jornais já publicaram sobre o início de nossos trabalhos: nossa escalada do monte Erebo; nossas exitosas perfurações minerais em vários pontos da ilha Ross e a notável rapidez com que o dispositivo de Pabodie as efetuou; nossa experiência preliminar com o pequeno equipamento de degelamento; nossa perigosa ascensão pela grande barreira, com trenós e suprimentos; e a montagem final dos cinco enormes aeroplanos no acampamento que montamos no alto da barreira. A hígidez de nosso grupo terrestre — vinte homens e cinqüenta e cinco cães alaskueanos de trenós — era extraordinária, ainda que, naturalmente, até então não houvésemos encontrado temperaturas verdadeiramente destrutivas ou tempestades. Durante a maior parte do tempo, o termômetro variava de -16°C a $-6,5^{\circ}\text{C}$ ou -4°C , e nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra havia-nos habituado a rigores desse nível. O acampamento sobre a barreira era semipermanente e destinava-se a servir de depósito de gasolina, víveres, dinamite e outros materiais.

De nossos aviões, somente quatro eram necessários para transportar o material de exploração propriamente dito; o quinto ficava, com um piloto e dois homens dos navios, no depósito, para que pudéssemos ser resgatados no caso de todos nossos aviões de exploração se perderem. Mais tarde, quando não estivéssemos usando todos os outros aviões para o transporte de equipamento, empregariamos um ou dois num serviço de transporte entre esse depósito e outra base permanente no grande planalto, entre 950 e 1.120 quilômetros ao sul, além da geleira Beardmore. A despeito dos relatos quase unânimes que dão conta de ventos aterrorizantes e de tempestades que se despenham do planalto, tomamos a decisão de dispensar as bases intermediárias, correndo riscos no interesse da economia e da provável eficiência.

Os serviços telegráficos já deram conta do vôo empolgante, sem escalas e durante quatro horas, de nosso esquadrão a 21 de novembro, sobre a grandiosa planície gelada, com vastos picos elevando-se a oeste, e dos silêncios insondáveis que reverberavam com o ruído de nossos motores. O vento era um incômodo apenas moderado e nossos radiogoniômetros ajudaram-nos a transpor o único nevoeiro opaco

com que nos defrontamos. Quando a imensa elevação avultou à nossa frente, entre as latitudes 83° e 84°, soubemos que havíamos chegado à geleira Beardmore, o maior vale gelado do mundo e que o mar congelado estava agora cedendo lugar a uma costa sombria e montanhosa. Por fim estávamos verdadeiramente penetrando no mundo branco do pólo, morto há eras e eras. No momento mesmo em que percebemos isso, avistamos o cume do monte Nansen bem longe, a leste, projetando-se a sua altitude de quase 4.600m.

O estabelecimento bem-sucedido da base sul, acima da geleira na latitude 86° 7', longitude leste 174° 23', assim como as perfurações e as explosões, fenomenalmente rápidas e eficientes, realizadas em vários pontos alcançados por nossas excursões em trenó e breves vôos em aeroplano, já pertencem à história; o mesmo se diga da árdua, porém triunfante, escalada do monte Nansen por Pabodie e dois dos estudantes — Gedney e Carroll — entre 13 e 15 de dezembro. Estávamos a aproximadamente 2.600m sobre o nível do mar, e quando perfurações experimentais revelaram solo firme a apenas 3,5m sob a neve e o gelo em certos sítios, fizemos uso considerável do pequenodispositivo de degelamento e abrimos furos e explodimos cargas de dinamite em vários locais em que nenhum explorador antes de nós havia sequer pensado em colher amostras minerais. Os granitos Pré-Cambrianos e os arenitos assim coletados confirmaram nossa convicção de que aquele planalto era homogêneo (a maior parte do continente ficava a oeste) mas um pouco diferente das partes que se estendiam, em direção a leste, abaixo da América do Sul — o que julgamos então constituir um continente menor, separado do maior por uma junção congelada dos mares de Ross e Weddell, ainda que posteriormente Byrd tenha mostrado ser essa hipótese falsa.

Em alguns arenitos, dinamitados e cinzelados depois que perfurações lhes revelaram a natureza, encontramos marcas e fragmentos fósseis interessantíssimos. Eram principalmente fetos, algas marinhas, trilobitas, crinóides e moluscos como *lingulas* e gastrópodes — todos os quais pareciam ter importância crítica para a história antiga da região. Havia ainda uma estranha marca estriada, triangular, com mais ou menos um palmo e meio na largura maior, que Lake montou a partir de três fragmentos de ardósia trazidos de um furo de grande profundidade, aberto a dinamite. Tais fragmentos provinham de um ponto a oeste, perto da cordilheira da Rainha Alexandra; e Lake, biólogo que era, deu mostras de achar as curiosas marcas invulgarmente singulares e intrigantes, ainda que, para meus olhos de geólogo, não parecessem diferentes de alguns efeitos de encrespação que são relativamente comuns em rochas sedimentares. Como a ardósia não é mais que uma formação metamórfica na qual é comprimida um estrato sedimentar, e como a própria pressão produz estranhos efeitos de distorção em quaisquer marcas que já existam, não vi motivo para admirar tanto a depressão estriada.

A 6 de janeiro de 1931, Lake, Pabodie, Daniels, todos os seis estudantes, quatro mecânicos e eu sobrevoamos o pólo sul em dois dos grandes aviões, sendo uma vez forçados a descer por um súbito vendaval, que, por felicidade, não se transformou numa típica tempestade. Como informaram os jornais esse foi um típico vôo de reconhecimento, entre vários; durante outros tentamos discernir novos acidentes topográficos em áreas não alcançadas por exploradores anteriores. Nossos primeiros vôos foram desapontadores com relação a este último ponto, ainda que nos hajam propiciado alguns exemplos magníficos de miragens fantásticas e ilusórias das regiões polares, das quais nossa viagem por mar já havia proporcionado alguns breves indícios. Montanhas distantes flutuavam no céu como cidades encantadas e com freqüência todo aquele mundo branco se dissolvia numa terra dourada, argentina e escarlate de sonhos lunsanianos^[6] e de aventureira expectativa sob a luz espectral do baixo sol da meia-noite. Nos dias nublados tínhamos grande dificuldade para voar devido à tendência do céu e da terra, envoltos num único manto de neve, fundirem-se num místico vazio opalescente sem nenhum horizonte visível que marcasse a junção entre ambos.

Por fim decidimos levar a cabo nosso plano original de voar cerca de oitocentos quilômetros em direção a leste, com todos os quatro aviões de exploração e instalar uma nova sub-base num ponto que ficaria provavelmente na menor divisão continental, como erroneamente conjectura vemos que fosse. As

amostras geológicas ali obtidas seriam úteis para fins de comparação. Nossa saúde até então permanecia excelente, e o sumo de limas compensava bem a constante dieta de alimentos enlatados e salgados; por outro lado, as temperaturas, geralmente acima dos 17° negativos, nos permitia viver sem as peles mais grossas. Estávamos em meio ao verão e com pressa e cuidado talvez pudéssemos concluir o trabalho em março e evitar uma tediosa hibernação durante a longa noite antártica. Várias tempestadas violentas haviam-se abatido sobre nós, vindas de oeste, mas havíamos deixado de sofrer danos graças à habilidade com que Atwood havia construído rudimentares abrigos para os aviões e quebra-ventos com pesados blocos de neve, e reforçado as principais construções do acampamento com neve. Nossa sorte e eficiência tinham sido, com efeito, quase notáveis.

O mundo exterior conhecia, naturalmente, nosso programa e era ainda informado da estranha e obstinada insistência de Lake quanto a uma viagem de exploração em direção a oeste (ou, mais exatamente, noroeste), antes de nossa transferência final para a nova base. Ao que parece, ele havia meditado muito, e com ousadia alarmantemente radical, sobre aquela marca triangular estriada na ardósia; tinha visto nelas certas contradições de natureza e de período geológico que lhe haviam aguçado a curiosidade ao extremo e que o haviam deixado ansioso por abrir novos furos e realizar explosões adicionais na formação ocidental à qual os fragmentos desenterrados obviamente pertenciam. Curiosamente, ele se achava persuadido de que as marcas representavam pegadas de um organismo grande, desconhecido e radicalmente inclassificável, de evolução bastante avançada, não obstante o fato de a rocha da qual os fragmentos tinham sido extraídos ser de tal modo antiga — Cambriana senão Pré-Cambriana — que desde logo se podia negar a existência na época não só de uma etapa biologicamente avançada de vida, como, na verdade, de qualquer vida acima do estágio unicelular ou, no máximo, trilobítico. Aqueles fragmentos, com suas estranhas marcas, teriam entre quinhentos milhões e um bilhão de anos.

II

A imaginação popular, presumo, reagiu ativamente a nossas informações a respeito do início da excursão de Lake rumo a noroeste, em regiões jamais pisadas por seres humanos ou sequer vislumbradas pela imaginação do homem, muito embora não fizéssemos menção de suas esperanças loucas de revolucionar toda a biologia e a geologia. A jornada preliminar de Lake, entre 11 e 18 de janeiro, na companhia de Pabodie e de outros cinco homens — empanada pela perda de dois cães num tombo, ao atravessarem uma das grandes cristas no gelo — havia produzido uma quantidade cada vez maior da ardósia arqueana; e até mesmo eu fiquei interessado pela singular profusão de evidentes marcas fósseis naquela camada inacreditavelmente antiga. Tais marcas, no entanto, eram de formas vivas do maior primitivismo, não envolvendo grande paradoxo, salvo o de que qualquer forma viva ocorresse em rochas tão indubitavelmente Pré-Cambrianas quanto aquelas pareciam ser. Por conseguinte, eu ainda não lograva perceber o sentido do desejo de Lake no sentido de uma interrupção em nosso programa, delineado com vistas a poupar tempo — uma interrupção que exigiria o uso de todos os quatro aviões, muitos homens e a totalidade da maquinaria de nossa expedição. Não vetei, por fim, o plano, ainda que tomasse a decisão de não acompanhar o grupo que rumaria para noroeste, apesar de Lake haver insistido em que eu lhe desse assessoria geológica. Durante a ausência deles, eu permaneceria com Pabodie e cinco homens na base, e prepararia os planos finais exigidos pela mudança para leste. Como preparativo para essa transferência, um dos aviões já havia começado a retirar do estreito de McMurdo uma boa quantidade de gasolina. Mas isso poderia esperar algum tempo. Mantive comigo um trenó e nove cães, uma vez que convinha ter à disposição um meio de transporte num mundo inteiramente desabitado e vazio.

A subexpedição de Lake ao ignoto, como todos recordarão, enviava seus próprios boletins pelos transmissores de ondas curtas instalados nos aviões. Tais transmissões eram simultaneamente captadas

por nossa aparelhagem na base meridional e pelo *Arkham*, no estreito McMurdo, de onde eram passadas ao mundo em comprimentos de onda de até 50 metros. A partida se deu às 4 horas da manhã de 22 de janeiro; e a primeira mensagem que recebemos chegou duas horas depois. Nela Lake falava de haver pousado e iniciado uma pequena operação de degelo e perfuração, num ponto a cerca de 480km de nós. Seis horas depois, uma segunda mensagem, muito excitada, dava conta da abertura e alargamento de um furo raso, culminando na descoberta de fragmentos de ardósia com várias marcas, aproximadamente iguais à que havia causado a perplexidade original.

Três horas depois, um breve boletim anunciou o reinício do vôo, em meio a uma ventania brutal; e quando despachei uma mensagem em que protestava contra riscos desnecessários, Lake respondeu laconicamente, dizendo que suas novas amostras faziam com que qualquer risco valesse a pena. Percebi que sua excitação havia chegado ao limite do motim e que eu nada podia fazer para impedir que ele pusesse em risco o sucesso de toda a expedição. No entanto, aturdia a imaginação pensar que ele estivesse mergulhando cada vez mais fundo naquela traiçoeira e sinistra imensidão branca, de tempestades e mistérios desconhecidos, que se estendia por cerca de 2.300 quilômetros em direção ao litoral, em parte conhecido, em parte pressentido, das Terras da Rainha Mary e de Knox.

Então, dentro de mais ou menos uma hora e meia, chegou aquela mensagem duplamente empolgada, transmitida em vôo, do avião de Lake, e que quase modificou meus sentimentos e me fez desejar ter acompanhado o grupo:

"22h05min. Em vôo. Depois da tempestade, vimos cordilheira à frente, maior que qualquer outra conhecida. Talvez igual ao Himalaia, abrindo margem para altitude do planalto. Latitude provável, 76° 5' longitude 113° 10'. Estende-se para direita e esquerda até onde se pode ver. Suspeitas, de dois cones fumegantes. Todos os picos negros e sem neve. O vendaval que sopra sobre eles impede a navegação.

Depois disso, Pabodie, os homens e eu não nos afastamos do receptor, prendendo a respiração. Pensar naquela titânica muralha montanhosa, a 1.100 quilômetros de distância, inflamava nosso mais profundo sentido de aventura; e nos rejubilávamos com o fato de que ela tivesse sido descoberta por nossa expedição, ainda que não nós próprios, pessoalmente. Daí a meia hora Lake chamou-nos outra vez:

"Avião de Moulton obrigado a aterrissar nos contrafortes do planalto, mas ninguém se feriu e talvez possa ser consertado. Vou transferir o essencial para os outros três, para o regresso ou novas excursões, se necessárias, mas no momento não há necessidade de viagens em aviões pesados. As montanhas superam toda a imaginação. Vou fazer um reconhecimento no avião de Carroll, sem nenhum peso.

"Não podem imaginar nada semelhante. Os picos mais altos devem ter mais de 10.500m. O Everest não conta mais. Atwood vai calcular as alturas com o teodolito enquanto Carroll e eu subimos. Provavelmente houve engano com relação aos cones, pois as formações parecem estratificadas. Talvez ardósia Pré-Cambriana com outras camadas, misturadas. Efeitos curiosos no horizonte — seções regulares de cubos suspensas dos picos mais alto. Tudo maravilhoso, na luz vermelho-dourada do sol baixo. Como terra misteriosa num sonho ou limiar de mundo proibido de maravilhas nunca vistas. Gostaria que estivesse aqui para estudar."

Ainda que, tecnicamente, fosse hora de estarmos dormindo, nenhum de nós, que escutávamos, pensou em recolher-se. Quase a mesma coisa devia estar ocorrendo no estreito McMurdo, onde o depósito de suprimentos e o *Arkham* estavam também captando as mensagens, pois o capitão Douglas emitiu uma mensagem dando os parabéns a todos pela importante descoberta; Sherman, o responsável pelo depósito, também expressou seu júbilo. Sentíamos, naturalmente, o acidente com o aeroplano, mas esperávamos que pudesse ser reparado facilmente. Então, às 11 da noite, chegou outra mensagem de Lake:

"Estou com Carroll sobre os contrafortes mais altos. Não nos atrevemos a tentar os picos realmente altos com este tempo, mas faremos isto depois. A subida foi muito difícil e o vôo é perigoso a esta altitude, mas vale a pena. A grande cordilheira é bastante maciça, por isso nada vemos do outro lado. Os

cumes maiores excedem o Himalaia, são muito esquisitos. As montanhas parecem ardósia Pré-Cambriana, com sinais claros de muitas outras camadas soerguidas. Enganei-me quanto a vulcanismo. Estende-se mais, nas duas direções, do que podemos ver. Nenhuma neve acima de 6.500m.

"Formações singulares nas encostas das montanhas mais elevadas. Grandes blocos baixos e quadrados, com lados exatamente verticais, e linhas retangulares de muralhas baixas e verticais, como os velhos castelos asiáticos, suspensos em montanhas íngremes, nas pinturas de Roerich. Imponentes a distância. Voamos perto de algumas e Carroll achou que eram formadas de partes menores separadas, mas provavelmente isso é imaginação. Maioria das arestas corroídas e arredondadas, como se expostas a tempestades e mudanças climáticas durante milhões de anos.

"Algumas partes, sobretudo as superiores, parecem de rochas mais claras que quaisquer camadas visíveis nas encostas propriamente ditas, e portanto de evidente origem cristalina. Exames a menor distância mostram muitas bocas de cavernas, algumas de contornos bastante regulares, quadrados ou semicirculares. Você deve vir investigar. Creio ter visto muralha bem no alto de um pico. A altura parece cerca de 9.000 a 10.500m. Estou a 6.500m, num frio diabólico e cortante. O vento asso via através de desfiladeiros, entrando e saindo de cavernas, mas nenhum perigo real para o vôo até agora."

Daí em diante, a cada meia hora, Lake manteve uma saraivada de comentários, e exprimiu sua intenção de escalar a pé alguns picos. Respondi que iria juntar-me a ele assim que ele pudesse mandar um avião e que Pabodie e eu definiríamos o melhor plano de utilização da gasolina — onde e como concentrarmos nosso suprimento, em vista da alteração do caráter da expedição. Evidentemente, os trabalhos de perfuração de Lake, bem como suas atividades aeronáuticas, exigiriam uma grande quantidade de combustível para a nova base que ele planejava montar no sopé das montanhas; e era possível que a viagem para leste acabasse não sendo realizada naquela estação. Com relação a essa previsão, chamei o capitão Douglas e lhe pedi que retirasse o máximo possível de combustível dos navios e que o levasse para o alto da barreira, usando os poucos cães que havíamos deixado lá. O que realmente pensávamos em fazer era estabelecer uma rota direta, através da região desconhecida, entre Lake e o estreito McMurdo.

Lake chamou-me mais tarde para dizer que havia decidido instalar o acampamento no local onde o avião de Moulton fora obrigado a descer e onde o trabalho de reparo já estava em curso. A cobertura de gelo era muito fina, o solo escuro aparecia aqui e ali, e ele realizaria algumas perfurações e explosões ali mesmo antes de fazer qualquer viagem de trenó ou escaladas a pé. Falou da inefável majestade do cenário e sobre suas sensações por se ver ao abrigo de vastos e silenciosos pináculos, que se arremessavam para o alto como uma muralha que alcançasse o céu na borda do mundo. Utilizando o teodolito, Atwood havia calculado que os picos mais elevados ascendiam a uma altura de 9.000 a 10.200 metros. A natureza do terreno, descalvado pelo vento, claramente preocupava Lake, pois atestava a ocorrência ocasional de vendavais prodigiosos, mais violentos que todos quantos já havíamos encontrado. Seu acampamento situava-se, a cerca de oito quilômetros do ponto onde os contrafortes mais altos se elevavam abruptamente. Eu podia quase detectar um tom de alarme subconsciente em suas palavras — transmitidas através de um vazio glacial de 1.100 quilômetros — enquanto ele recomendava que explorássemos aquela região estranha e nova tão depressa quanto possível. Ele estava então para descansar, após um dia de trabalho sem paralelo — em termos de rapidez, exaustão e resultados.

Pela manhã conversei pelo rádio, ao mesmo tempo, com Lake e o capitão Douglas. Ficou acertado que um dos aviões de Lake viria à minha base para buscar Pabodie, os cinco homens e a mim próprio, bem como todo o combustível que pudesse carregar. A decisão quanto ao restante do combustível, a depender de nossa resolução quanto à viagem para leste, poderia ficar para depois, uma vez que por ora Lake dispunha do suficiente para aquecimento e para as perfurações. Mais adiante a velha base a sul teria de ser reabastecida, mas se protelássemos a viagem para leste não teríamos de usá-la senão no verão seguinte, e nesse ínterim Lake deveria mandar um avião explorar uma rota direta entre a nova cordilheira

e o estreito McMurdo.

Pabodie e eu nos preparamos para fechar a base, por um período curto ou longo, como fosse o caso. Se invernásemos na Antártica, provavelmente iríamos de avião diretamente da base de Lake para o *Arkham*, sem voltarmos àquele ponto. Algumas de nossas barracas cônicas já tinham sido reforçadas com blocos de neve endurecida, mas decidimos então completar o trabalho de construção de uma vila permanente. Devido ao generosíssimo suprimento de barracas, Lake tinha consigo tantas quantas sua base necessitaria, mesmo após nossa chegada. Informei pelo rádio que Pabodie e eu estaríamos prontos para a viagem rumo a noroeste depois de um dia de trabalho e uma noite de repouso.

Nossa labuta, no entanto, reduziu-se consideravelmente após as quatro horas da tarde, pois por volta disso Lake começou a enviar mensagens extraordinárias e excitadíssimas. Seu dia de trabalho havia principiado de modo pouco promissor, uma vez que o reconhecimento aéreo das superfícies de rochas quase afloradas revelou absoluta ausência das camadas arqueanas e primevas que ele estava procurando e que constituíam parte tão substancial dos colossais picos que se erguiam a uma distância tantalizante do acampamento. Na maioria, as rochas avistadas eram, aparentemente, renitos jurássicos e comanchianos, bem como xistos permianos e triássicos; vez por outra surgia umreluzente afloramento negro que sugeria um carvão duro e ardósico. Isso de certa forma desalentou Lake, cujos planos diziam respeito a desenterrar amostras que teriam mais 500 milhões de anos que essas. Ficou-lhe claro que a fim de recuperar o veio de ardósia arqueana na qual ele havia localizado as marcas tão curiosas, teria de empreender uma longa jornada desde aqueles contrafortes até as encostas íngremes das próprias montanhas gigantescas.

Ele resolvera, não obstante, efetuar algumas perfurações no local, como parte do programa geral da expedição. Por isso, montou o equipamento e destacou cinco homens para operá-lo, enquanto os demais terminavam de montar o acampamento e reparar o avião danificado. A rocha visível mais macia — um arenito a cerca de 1,5 km do acampamento — havia sido escolhida para a primeira amostragem; e a perfuratriz fazia excelente progresso sem muitas explosões suplementares. Foi mais ou menos três horas depois, após a primeira dinamitação realmente forte da operação, que se ouviram os gritos da turma de perfuração; e foi também então que o jovem Gedney, que atuava como supervisor do trabalho, entrou correndo no acampamento trazendo as notícias espantosas.

Haviam dado com uma caverna. No começo da perfuração, o arenito tinha dado lugar a um veio de calcário comanchiano onde abundavam minúsculos fósseis — cefatópodes, corais, *echini*, *spirifera* —, além de indícios ocasionais de esponjas silicosas e ossos de vertebrados marinhos — sendo estes últimos provavelmente teleósteos, tubarões e ganóides. Por si só, isso já era bastante significativo, por proporcionar os primeiros vertebrados fósseis que a expedição havia coletado. No entanto, quando logo depois a broca penetrou mais fundo na camada e deu sinal de estar operando no vazio, espalhou-se entre os escavadores uma redobrada excitação. Uma explosão de força considerável havia exposto o segredo subterrâneo; e agora, através de uma abertura denteada com cerca de metro e meio de largura e noventa centímetros de espessura, escancarava-se diante dos pesquisadores um buraco na delgada camada calcária, aberto havia mais de cinquenta milhões de anos pelo escoamento das áreas superficiais de um extinto mundo tropical.

A camada oca não teria mais de dois metros ou dois metros e meio de profundidade, mas se estendia indefinidamente em todas as direções e dela emanava uma fresca e leve corrente de ar que levava a crer que a cavernosidade fazia parte de um amplo sistema subterrâneo. Tanto o teto como o piso apresentavam abundância de grandes estalagmites e estalactites, algumas das quais se encontravam formando colunas. Contudo, o que de mais importante havia ali era o vasto depósito de conchas e ossos, que em certos lugares quase obstruíam a passagem. Transportada, pelas águas, de desconhecidas selvas de fetos arbóreos e fungos mesozóicos, bem como de florestas Terciárias de cicadáceas, palmáceas e primitivas angiospermas, aquela mixórdia óssea continha mais representantes de animais do Cretáceo, do

Eoceno e outras épocas do que o maior paleontologista poderia contar ou classificar durante um ano. Moluscos, crustáceos de carapaça, peixes, anfíbios, répteis, aves e primitivos mamíferos — grandes e pequenos, conhecidos e desconhecidos. Não era de admirar que Gedney voltasse correndo para o acampamento aos gritos, nem também que todos deixassem o trabalho e se precipitassem em meio ao frio cortante para o ponto em que a alta torre de perfuração assinalava um recém-descoberto acesso a segredos do interior do planeta e de eras imemoriais.

Depois que Lake satisfez sua impetuosa curiosidade inicial, garatujou uma mensagem em sua caderneta e fez com que o jovem Moulton corresse ao acampamento a fim de transmiti-la pelo rádio. Foi essa a primeira notícia que tive da descoberta, dando conta da identificação de conchas, ossos de ganóides e placodermos, tudo isso antiquíssimo, de resquícios de labirintodontos e tecodontes, fragmentos de crânios de grandes mosassauros, vértebras e placas de couraça de dinossauros, dentes e ossos de asas de pterodátiles, restos de arqueopterix, dentes de tubarões miocênicos, crânios de aves primitivas, além de outros ossos de mamíferos arcaicos como paleópteros, xifodontes, *eohippis*, oreodontes, e titanotérios. Não havia ali nada recente como um mastodonte, elefante, camelo verdadeiro, veado ou bovino; daí ter Lake concluído que os últimos depósitos haviam ocorrido durante o Oligoceno, e que a camada oca havia permanecido em seu estado presente — seco, morto e inacessível — durante pelo menos trinta milhões de anos.

Por outro lado, a predominância de formas de vida muito primitivas era singularíssima. Ainda que a formação calcária fosse, a julgar pela intrusão de típicos fósseis como ventriculites, inequivocamente comanchiana (não havia nenhuma possibilidade de serem anteriores), os fragmentos livres no espaço oco incluíam uma surpreendente proporção de organismos até então considerados característicos de períodos muito mais recuados — até mesmo peixes, moluscos e corais rudimentares de épocas remotas como o Siluriano ou o Ordoviciano. A inferência inevitável era de que naquela parte do mundo houvera um notável e inusitado grau de continuidade entre a vida de 300 milhões de anos atrás e a de apenas 30 milhões de anos passados. Não havia, naturalmente, nenhuma possibilidade de se estimar até quando essa continuidade se estendera além do Oligoceno, quando a caverna tinha sido fechada. De qualquer forma, o advento dos terríveis gelos do Pleistoceno, há cerca de quinhentos mil anos — um simples ontem, em comparação com a idade daquela cavidade — devia ter dado fim a todas as formas primeiras que naquele local haviam logrado sobreviver.

Lake não se satisfez com sua primeira mensagem, e escreveu e despachou outro boletim para o acampamento, antes que Moulton voltasse. Depois disso Moulton permaneceu junto ao rádio de um dos aviões, transmitindo-me — e também para o *Arkham*, para que dali as mensagens alcançassem o mundo — os freqüentes adendos que Lake lhe enviava por uma série de mensageiros. Quem acompanhou os Jornais há de recordar a comoção causada entre os homens de ciência pelos boletins daquela tarde — os boletins que levaram, depois de tantos anos, à organização da própria Expedição Starkweather-Moore, que anseio tanto dissuadir de seus propósitos. Creio ser conveniente transcrever as mensagens literalmente, tal como Lake as enviou e como Mctighe, o operador de nossa base, as traduziu das notas taquigráficas:

"Fowler faz descoberta da maior importância em fragmentos de arenitos e calcários após explosões. Várias impressões estriadas triangulares, diferentes, como as da ardósia arqueana, provando que sua fonte sobreviveu de mais de 600 milhões de anos atrás até os tempos comanchianos sem mais que alterações morfológicas moderadas e sem diminuição do tamanho médio, sendo as impressões comanchianas aparentemente mais primitivas ou decadentes do que as mais antigas. Salientar a importância da descoberta pela imprensa. Significará para a biologia o que Einstein significou para a matemática e a física. Complementa meu trabalho anterior e amplia as conclusões.

"Parece indicar, como eu suspeitava, que a terra conheceu todo um ciclo ou ciclos de vida orgânica

antes do conhecido, que começa com células arqueozóicas. Evoluiu e se especializou há não menos de um bilhão de anos, quando o planeta era jovem e até pouco antes inabitável por qualquer forma de vida de estrutura protoplásmica normal. Resta saber quando, onde e como ocorreu o desenvolvimento."

"Mais tarde. Examinando certos fragmentos ósseos de grandes sáurios terrestres e marinhos e de mamíferos primitivos, encontro singulares contusões ou lesões não imputáveis a qualquer animal predador ou carnívoro de qualquer período. Dois tipos: furos retos, penetrantes, e incisões aparentemente cortantes. Um ou dois casos de ossos partidos sem denteamento. Não muitos espécimes afetados. Vou mandar buscar lanternas elétricas no acampamento. Vou ampliar a área subterrânea de exploração, quebrando as estalactites."

"Mais tarde ainda. Localizamos um curioso fragmento de esteatita com cerca de 15 centímetros de largura e 4 centímetros de espessura, inteiramente diferente de qualquer formação local visível — esverdeada, mas sem nada que possa indicar seu período. Lisura e regularidade curiosas. Tem forma de estrela de cinco pontas, com ápices quebrados, e sinais de outra clivagem em ângulos voltados para o interior e no centro da superfície. Depressão pequena e lisa no meio da superfície. Desperta muita curiosidade com relação à origem e desgaste. Provavelmente produzido pela ação hidráulica. Carroll, com a lupa, julga poder ver marcas adicionais de importância geológica. Grupos de pontinhos minúsculos formando desenhos regulares. Os cães se tornam intranquilos enquanto trabalham e parecem odiar essa esteática. Precisamos verificar se ela tem algum cheiro especial. Volto a me comunicar quando Mills voltar com a luz e começarmos no subterrâneo.

"22h15min. Descoberta importante. Trabalhando lá embaixo a partir das 21h45min com luz, Orrendorf e Watkins encontraram monstruoso fóssil em forma de barril, de natureza inteiramente desconhecida; provavelmente vegetal, salvo se for espécime de radiado marinho desconhecido que cresceu exageradamente. Tecidos evidentemente preservados por sais minerais. Duro como couro, mas em certos pontos conserva espantosa flexibilidade. Marcas de partes quebradas nas extremidades e em torno dos lados. Um metro e noventa de ponta a ponta, um metro de diâmetro central, reduzindo-se a 30 centímetros em cada extremidade. Parece um barril com cinco rugas salientes em lugar de aduelas. Fraturas laterais, como que de hastes delgadas, no equador, no meio dessas rugas. Em sulcos entre as rugas, há apêndices curiosos — cristas ou asas que se dobram e desdobram como leques. Todos severamente lesados menos um, que tem uma envergadura de cerca de dois metros. A disposição lembra certos monstros de mitos antigos, principalmente os fabulosos Seres Antigos do *Necronomicon*.

"As asas parecem membranosas, estendidas numa estrutura de tubulação glandular. Minúsculos orifícios visíveis na tubulação da ponta das asas. Extremidades do corpo murchas, não dando indicação do interior ou do que se quebrou ali. Vamos dissecar quando voltarmos ao acampamento. Não chego a conclusão quanto a ser vegetal ou animal. Muitas características são obviamente de um primitivismo quase inacreditável. Coloquei todo o pessoal quebrando estalactites e procurando outros espécimes. Encontrados outros ossos lesados, mas terão de esperar. Problemas com os cães. Não suportam o novo espécime e provavelmente o dilacerariam se não os mantivéssemos afastados.

"23h30min. Atenção, Dyer, Pabodie, Douglas. Questão de máxima — eu diria transcendental — importância. O Arkham deve comunicar-se com a Estação de Kingsport Head imediatamente. Foi o estranho ser arqueano em forma de barril que deixou as Impressões nas rochas. Millis, Boudrau e Fowler descobriram um grupo de outros treze num ponto a 12 metros da abertura do subterrâneo. Misturados com fragmentos de esteatita curiosamente arredondados, menores que o localizado anteriormente — com forma de estrela, mas sem sinal de fratura, exceto em algumas pontas.

"Entre os espécimes orgânicos, oito aparentemente perfeitos, com todos os apêndices. Trouxeram todos para a superfície, levando os cães para longe. Não suportam as coisas. Prestem atenção na descrição e repitam, para garantir exatidão. Os jornais devem receber informações corretas.

"Os objetos têm dois metros e quarenta de ponta a ponta. Torso em forma de barril, com um metro e oitenta, um metro de diâmetro central, trinta centímetros de diâmetro nas extremidades. Cinza-escuros, flexíveis e infinitamente duros. Asas membranosas de dois metros e dez, da mesma cor, encontradas dobradas, nascendo de sulcos entre as rugas. Estrutura das asas tubular ou glandular, de um cinza mais claro, com orifício nas extremidades das asas. Quando abertas, as asas apresentam serrilhamento nas bordas. Em torno do equador, cada qual no ápice central de cada uma das cinco rugas verticais semelhantes a aduelas, ficam cinco sistemas de braços ou tentáculos flexíveis e cinza-claros, encontrados comprimidos fortemente contra torso mas capazes de se estender a um comprimento total de quase um metro. Semelhante a braços de crinóide primitivo. Os pedúnculos, com oito centímetros de diâmetro, subdividem-se após 25 centímetros em cinco subpedúnculos, cada um dos quais subdividem-se depois de 30 centímetros em pequenos tentáculos ou gavinhas cônicas, dando a cada pedúnculo um total de 25 tentáculos.

"No alto do torso, pescoço curto e bulboso de um cinzento mais claro, com insinuações de guelras ou coisa semelhante; sustenta o que seria uma cabeça, em forma de estrela-do-mar amarelada, coberta por cílios de oito centímetros e várias cores prismáticas.

"Cabeça grossa e fofa, com cerca de 60 centímetros de ponta a ponta, com tubos amarelados e flexíveis, de oito centímetros, projetando-se de cada ponta; ao fim de cada tubo há uma expansão esférica, coberta por uma membrana amarelada retrátil, que, quando enrolada, deixa ver um globo vítreo, com íris vermelha, evidentemente um olho.

"Cinco tubos avermelhados, ligeiramente mais longos, partem dos ângulos internos da cabeça estrelada e terminam em protuberâncias em forma de saco, da mesma cor, os quais, sob pressão, abrem-se para orifícios campaniformes com cinco centímetros de diâmetro máximo e recobertos com projeções agudas e brancas, que lembram dentes — provavelmente bocas. Todos estes tubos, cílios e pontas da cabeça estrelada foram encontrados comprimidos fortemente para baixo; os tubos e as pontas pendem sobre o pescoço bulboso e o torso. Flexibilidade surpreendente, apesar da enorme dureza.

"Na parte inferior do torso existe contrapartidas grosseiras mas de funcionamento dessemelhante da cabeça. Um pseudo pescoço cinza-claro e bulboso, sem insinuações de guelras, sustenta uma formação estrelada de cinco pontas, esverdeada.

"Braços duros e musculosos, com um metro e vinte, cônicos, com 17,5 centímetros na base e cerca de sete centímetros na extremidade. A cada extremidade prende-se pequena terminação de um triângulo esverdeado e membranoso, com cinco nervuras, medindo 20 centímetros de comprimento e 15 centímetros de largura na ponta externa. Foi pseudópodo ou nadadeira que deixou marcas em rochas com idades que variam de um bilhão a 50 ou 60 milhões de anos.

"De ângulos internos da formação estreliforme prometam-se tubos avermelhados de 60 centímetros de comprimento, cônicos, com oito centímetros de diâmetro na base e dois e meio na extremidade. Orifícios nas extremidades. Todas essas partes infinitamente duras e coriáceas, porém extremamente flexíveis. Braços de metro e vinte, com nadadeiras indubitavelmente utilizadas para alguma espécie de locomoção, marinha ou terrestre. Quando movimentados, dão impressão de exagerada muscularidade. Todas essas projeções encontradas fortemente dobradas sobre o pseudo pescoço e fim do torso, correspondendo a projeções na outra extremidade.

"Não podem ser ainda classificados com certeza no reino vegetal ou animal, mas os índices apontam para o animal. Provavelmente representam evolução incrivelmente avançada de radiados, sem perda de certas características primitivas. Inequivocas semelhanças com equinodermos, apesar de indícios contraditórios localizados.

"A estrutura alar é um enigma, em vista do provável habitat marinho, mas podem ser usadas para locomoção aquática. A simetria é curiosamente vegetal, lembrando a essencial estrutura vertical do vegetal, e não a horizontal do animal. A época de evolução fabulosamente recuada, precedendo até

mesmo os mais simples protozoários arqueanos conhecidos, impede qualquer conjectura quanto a origem.

"Os espécimes completos apresentam tal similitude com certas criaturas de mitos antigos que se torna inevitável a hipótese de terem existido, no passado, fora da Antártida. Dyer e Pabodie leram o *Necronomicon* e viram quadros de Clark Ashton Smith baseados no texto, pelo que hão de compreender quando me refiro a Seres Antigos, que teriam criado toda a vida terrestre, por zombaria ou engano. Os estudiosos sempre julgaram que tais concepções se formaram a partir do tratamento imaginativo mórbido de antiquíssimos radiados tropicais. Lembram também seres pré-históricos folclóricos de que trata Wilmarth — cultos de Cthulhu etc.

"Abre-se vasto campo de estudo. Os depósitos datam provavelmente do fim do Cretáceo ou princípio do Eoceno, a julgar por amostras associadas. Enormes estalagmites depositadas sobre eles. A dissecação é trabalhosa, mas a dureza impediu dano. Miraculoso o estado de preservação, devido evidentemente à ação dos calcários. Não foram encontrados outros até agora, mas retomaremos o trabalho mais tarde. O problema agora será transportar quatorze gigantescos espécimes para o acampamento sem utilizar os cães, que latem furiosamente e não poderão chegar perto deles.

"Com nove homens — três vão ficar para cuidar dos cães — deveremos manobrar os trenós bem, embora o vento esteja forte. É preciso estabelecer comunicação aérea com o estreito McMurdo e começar a transportar material. Mas tenho de dissecar um desses seres antes de poder descansar. Gostaria de ter um verdadeiro laboratório aqui. Convém Dyer se autoflagelar por haver tentado impedir minha viagem rumo a noroeste. Primeiro, as maiores montanhas do mundo, e depois isso. Se este não é o ponto alto da expedição, não sei qual será. Estamos feitos para a ciência. Parabéns, Pabodie, pela perfuratriz que abriu a caverna. Por favor, *Arkham*, repita a descrição."

As sensações de Pabodie e minhas ao recebermos esse relatório foram quase indescritíveis; tampouco nossos companheiros ficaram muito atrás em seu entusiasmo. McTighe, que havia apressadamente traduzido alguns pontos mais importantes à medida que saíam do receptor, transcrevo toda a mensagem a partir de sua versão taquigráfica, assim que o operador de Lake encerrou a transmissão. Todos perceberam o significado momentoso da descoberta, e enviei congratulações a Lake assim que o operador do *Arkham* acabou de repetir as partes descritivas, como solicitado. E meu exemplo foi seguido por Sherman, de sua estação no depósito de suprimentos do estreito McMurdo, assim como pelo Capitão Douglas, do *Arkham*. Mais tarde, como chefe da expedição, acrescentei algumas observações que deveriam ser transmitidas do *Arkham* para todo o mundo. Naturalmente, era absurdo pensar em repouso em meio a tanta comoção; e meu único desejo era chegar ao acampamento de Lake assim que possível. Fiquei decepcionado quando ele avisou que um intenso vendaval tornava impossível o transporte aéreo.

No entanto, dentro de hora e meia voltou a crescer o interesse, banindo o desapontamento. Através de novas mensagens, Lake falava do transporte inteiramente bem-sucedido dos quatorze grandes espécimes para o acampamento. Tinha sido difícil, pois as coisas eram surpreendentemente pesadas. No entanto, nove homens haviam conseguido vencer o desafio. Agora alguns integrantes do grupo estavam construindo apressadamente um curral, com blocos de neve, a uma distância segura do acampamento, ao qual os cães poderiam ser levados para maior facilidade de alimentação. Os espécimes tinham sido colocados sobre a neve dura, menos um, no qual Lake fazia grosseiras tentativas de dissecação.

Tal dissecação parecia constituir tarefa mais difícil do que o previsto, pois, apesar do calor proporcionado por um fogão a gasolina na recém-montada barraca que fazia as vezes de laboratório, os tecidos enganosamente flexíveis do espécime escolhido — forte e intacto — não perderam nada de sua dureza mais que coriácea. Lake não imaginava meio de fazer as incisões necessárias sem usar de violência suficientemente destrutiva para perturbar todas as sutilezas estruturais que estava procurando. Disponha, na verdade, de outros sete espécimes perfeitos; mas era um número muito pequeno para que fossem usados sem cautela, a menos que a caverna viesse a proporcionar mais tarde uma quantidade

ilimitada. Por conseguinte, ele removeu o espécime e trouxe um outro que, ainda que apresentasse restos das configurações estreliformes em ambas as extremidades, achava-se bastante esmagado e parcialmente danificado ao longo de um dos sulcos do enorme tronco.

Os resultados, incontinenti transmitidos pelo rádio, causaram realmente perplexidade e espanto. Não era possível delicadeza ou precisão com instrumentos que mal conseguiam cortar os tecidos anômalos, mas o pouco que se conseguiu deixou-nos a todos aturdidos. A biologia teria de ser radicalmente revista, pois aquele ser não era produto de nenhum desenvolvimento celular que a ciência conheça. Não houvera praticamente nenhuma substituição mineral e apesar da idade, de talvez quarenta milhões de anos, os órgãos internos estavam íntegros. A qualidade coriácea, infungível e quase indestrutível era um atributo inerente da organização da criatura e pertencia a algum ciclo palco-arcaico de evolução invertebrada inteiramente fora de nossas faculdades especulativas. A princípio tudo quanto Lake encontrou era seco, mas à medida que a barraca aquecida produzia seu efeito degelante encontrou-se umidade orgânica, de odor acre e fétido no lado não lesionado da coisa. Não se tratava de sangue, e sim de um fluido denso e verde-escuro que aparentemente atendia à mesma finalidade. Quando Lake chegou a esse estágio, já todos os 37 cãestinhos sido conduzidos ao curral ainda inconcluso perto do acampamento, mas mesmo àquela distância puseram-se a latir loucamente e a demonstrar inquietude, devido ao cheiro penetrante.

Longe de ajudar na classificação do estranho ente, aquele arremedo de dissecação só serviu para aprofundar o mistério. Todos os palpites com relação a seus membros externos tinham sido corretos, e com base nisso não havia como evitar considerar aquele ser um animal; no entanto, a inspeção interna produziu tantos indícios de vegetabilidade que Lake ficou inapelavelmente perdido. A criatura tinha digestão e circulação e eliminava detritos orgânicos pelos tubos avermelhados de sua base estreliforme. Superficialmente, poder-se-ia dizer que o aparelho respiratório lidava com oxigênio, e não com dióxido de carbono; e havia curiosas evidências de câmaras de armazenamento de ar; e métodos de transferir a respiração plenamente desenvolvidos — guelras e poros. Tratava-se claramente de um anfíbio, provavelmente adaptado a longos períodos de hibernação sem ar. Parecia existir órgãos vocais, ligados ao principal sistema respiratório, mas apresentavam anomalias que desafiavam solução imediata. Fala articulada, no sentido de emissão de sílabas, parecia ser quase inimaginável, mas notas musicais flauteadas, cobrindo um amplo registro, eram altamente prováveis. O sistema muscular era quase prematuramente desenvolvido.

O sistema nervoso mostrava tal complexidade e desenvolvimento que Lake sentiu-se estupefato. Ainda que excessivamente primitivo e arcaico em certos aspectos, aquele ente possuía um conjunto de centros ganglionares, bem como conectivos, que atestavam extremos de desenvolvimento especializado. O cérebro, de cinco lobos, era surpreendentemente evoluído e havia indícios de um equipamento sensorial, em parte atendidos pelos cílios rijos da cabeça, envolvendo fatores estranhos a qualquer outro organismo terrestre. Teria provavelmente mais de cinco sentidos, pelo que seus hábitos não podiam ser previstos com base em qualquer analogia existente. Devia ter sido, pensava Lake, uma criatura de aguda sensibilidade e funções sutilmente diferenciadas em seu mundo primal — muito assemelhada às formigas e abelhas de hoje. Reproduzia-se como os criptógamos vegetais, especialmente as pteridófitas, e possuía câmaras de esporios nas extremidades das asas, câmaras que evidentemente se desenvolviam a partir de um talo ou pró-talo.

No entanto, atribuir-lhe um nome nesse estágio era simples tolice. Parecia um radiado, mas era obviamente algo mais. Era em parte vegetal, mas apresentava três quartos dos traços essenciais da estrutura animal. Que era de origem marinha, sua configuração simétrica e alguns outros atributos indicavam claramente; entretanto, não havia como apontar com certeza o limite de suas ulteriores adaptações. As asas, afinal, encerravam uma persistente insinuação de vôo. O processo mediante o qual ele havia sofrido sua evolução tremendamente complexa, numa Terra recém-nascida e em tempo para

deixar pegadas em rochas arqueanas, era de tal modo incogitável que levou Lake a fantasiosamente recordar os mitos primais sobre os "Grandes e Antigos" que se tinham originado das estrelas e tramado a vida terrestre como facécia ou por equívoco; e também as histórias delirantes sobre seres cósmicos que habitavam montes, narradas por um folclorista do departamento de Língua e Literatura da Universidade Miskatonic.

Naturalmente, Lake levou em conta a possibilidade de as impressões Pré-Cambrianas terem sido feitas por um ancestral menos evoluído dos espécimes descobertos na caverna, mas logo rejeitou essa teoria simplista, ao considerar as avançadas características estruturais dos fósseis mais antigos. A rigor, as configurações posteriores revelavam antes decadência que evolução superior. O tamanho dos pseudópodos havia diminuído e toda a morfologia parecia mais grosseira e simplificada. Ademais, os nervos e órgãos recém-examinados levavam a crer que tivesse havido um retrocesso em relação a formas ainda mais complexas. Lake constatara, com surpresa, grande número de partes atrofiadas e vestigiais. De modo geral, pouco se poderia considerar como solucionado; e assim Lake recorreu à mitologia, em busca de um nome provisório — e jocosamente passou a se referir às suas descobertas como "Os Antigos".

Por volta das 2h30min da manhã ele decidiu adiar o restante do trabalho e descansar um pouco. Cobriu o organismo dissecado com um oleado, saiu da barraca-laboratório e estudou os espécimes intactos com renovado interesse. O incessante sol antártico havia começado a tornar um pouco mais flexível os tecidos, de modo que as pontas da cabeça e os tubos de dois ou três mostravam sinais de amolecimento. Lake, porém, não acreditou que houvesse perigo de decomposição imediata na temperatura reinante. Não obstante, juntou todos os espécimes não dissecados e jogou sobre eles uma barraca de reserva, para que não fossem atingidos diretamente pelos raios.

Passava das quatro quando Lake finalmente preparou-se para se recolher e aconselhou a todos nós que aproveitássemos o período de descanso que seu grupo tiraria quando as paredes dos abrigos estivessem um pouco mais altas. Conversou um pouco com Pabodie, amistosamente, pelo rádio, e repetiu os elogios às brocas realmente maravilhosas que o haviam ajudado a fazer sua descoberta. Atwood enviou saudações e louvores. Também troquei com Lake palavras elogiosas, admitindo que ele tivera razão quanto à viagem rumo a oeste, e todos concordamos em entrar em contacto, pelo rádio, às dez da manhã. Se a ventania houvesse então cessado, Lake mandaria um avião para buscar-nos em nossa base. Pouco antes de me retirar, despachei uma mensagem final ao solares. Isso ajudaria também a impedir que o possível cheiro que exalasse chegasse aos cães, cuja intranqüilidade hostil estava-se tornando um problema real, mesmo a distância apreciável em que se encontravam e atrás das paredes de neve cada vez mais altas que um maior número de homens apressava-se a levantar em torno do espaço que lhes fora destinado. Lake teve de prender os cantos da lona da barraca com pesados blocos de gelo, a fim de mantê-la no lugar sob a crescente ventania, pois as titânicas montanhas pareciam na iminência de produzir vendavais realmente portentosos. Renasciam as apreensões anteriores quanto a repentinos ventos antárticos, e sob supervisão de Atwood tornaram-se precauções para escorar com neve as barracas, o cercado novo dos cães e os rudimentares abrigos dos aeroplanos, do lado que dava para as montanhas. Tais abrigos, iniciados com blocos de neve endurecida em momentos de folga, não eram altos como deveriam ser; e por fim Lake desviou todos os homens de outros misteres para trabalharem neles. *Arkham* com instruções para que não fossem demasiado entusiásticos ao transmitirem as notícias do dia para o mundo exterior, uma vez que os pormenores pareciam por demais radicais, podendo provocar uma onda de incredulidade, até serem mais bem substanciados.

III

Nenhum de nós, quero crer, dormiu muito profundamente naquela manhã. Tanto a excitação causada

pela descoberta de Lake quanto a fúria crescente dos ventos laboravam contra isso. Tão violento era o vendaval, mesmo onde estávamos, que não podíamos deixar de imaginar o quanto estaria pior no acampamento de Lake, diretamente sob os descomunais picos desconhecidos que o geravam. Às dez horas McTighe já estava desperto e tentou falar com Lake pelo rádio, como combinado, porém algum problema de eletricidade no ar convulsionado, a oeste, parecia impedir as comunicações. Ainda assim, estabelecemos contacto com o *Arkham* e Douglas me disse que também ele tentara em vão falar com Lake. Não estivera a par da ventania, pois o ar no estreito McMurdo estava tranqüilo, a despeito de sua violência inaudita no local onde estávamos.

Durante o dia todos postamo-nos, ansiosos, junto ao rádio e tentamos falar com Lake a intervalos, mas invariavelmente sem qualquer êxito. Por volta do meio-dia, chegou de oeste um verdadeiro tufão, fazendo com que temêssemos pela segurança de nosso acampamento. Por fim, porém, amainou, com apenas uma breve recidiva às duas da tarde. Depois das três horas o vento quase cessou por completo, e redobramos nossos esforços para contactar Lake. Refletindo que ele dispunha de quatro aviões, cada qual provido de um excelente equipamento de rádio em ondas curtas, não conseguíamos imaginar qualquer acidente comum capaz de pôr fora de ação todos os equipamentos de rádio de uma só vez. Não obstante, o silêncio pétreo persistiu, e quando pensávamos na força delirante com que o vento devia ter soprado onde ele estava, não havia como fugir às mais horrendas conjecturas.

Às seis da tarde nossos temores haviam-se tornado intensos e definidos, e após uma consulta pelo rádio a Douglas e Thorfinnssen, decidi tomar medidas no sentido de uma investigação. O quinto avião, que havíamos deixado no depósito de suprimentos do estreito McMurdo, com Sherman e dois marinheiros, encontrava-se em bom estado e pronto para uso imediato, e era de crer que a emergência justamente para a qual ele havia sido poupado havia ocorrido. Falei com Sherman pelo rádio e dei-lhe instruções para que viesse ter comigo na base do sul, com o avião e os dois marinheiros, o mais depressa possível, uma vez que as condições meteorológicas pareciam altamente favoráveis. Discutimos então a questão dos integrantes do grupo de investigação e concluímos que deveríamos usar todos os homens. Juntamente com os trenós e os cães que eu havia conservado comigo. Mesmo uma carga tão grande não estaria além da capacidade de um dos enormes aviões construídos por encomenda para o transporte de maquinaria pesada. De vez em quando eu tentava ainda entrar em contacto com Lake através do rádio, mas em vão.

Sherman, com os marujos Gunnarsson e Larsen, de colou às 19h30min. Por várias vezes durante o vôo comunicaram-se conosco, relatando que a viagem transcorria sem problemas. Chegaram à nossa base à meia-noite, e imediatamente todos os presentes começaram a debater o que deveria ser feito a seguir. Era arriscado sobrevoar o continente antártico num único avião, sem qualquer apoio de terra, mas ninguém recuou em relação àquilo que parecia ser a necessidade mais óbvia. Às duas da manhã iniciamos um breve período de descanso, após alguns embarques preliminares no avião, e às quatro horas já estávamos novamente de pé, para terminar o carregamento e os demais preparativos.

Às 7h15min da manhã do dia 25 de janeiro começamos o vôo rumo a noroeste, com McTighe no comando do aparelho. Levávamos dez homens, sete cães, um trenó, um carregamento de combustível e víveres, além de outros materiais, inclusive o rádio do avião. O céu estava claro, quase não havia ventos e a temperatura mostrava-se relativamente branda. Com tudo isso, prevíamos pouquíssimos problemas para chegarmos à latitude e longitude designadas por Lake como sendo a de seu acampamento. O que nos causava apreensão era o que poderíamos encontrar — ou não encontrar — ao fim da viagem, pois a única resposta a todos os chamados dirigidos ao acampamento continuava a ser o silêncio.

Cada incidente daquele vôo de quatro horas e meio está gravado a fogo em minha memória, em virtude de sua posição crucial em minha vida. Ele marcou para mim a perda, na idade de 54 anos, de toda aquela paz e equilíbrio que a mente normal possui, através de sua concepção habitual do que seja a natureza e as leis naturais. Daí em diante, todos nós dez — mas sobretudo, acima de todos os demais, o

estudante Danforth e eu — haveríamos de defrontar-nos com um mundo horrivelmente amplificado de horrores absconsos que nada pode obliterar de nossas emoções, e que nos absteríamos de repartir com a humanidade em geral, se pudéssemos. Os jornais publicaram os boletins que enviamos em vôo, dando conta de nossa jornada sem escalas, de nossas duas batalhas com ventos traiçoeiros, de nossa visão rápida da superfície quebrada onde Lake abrira uma perfuração no meio da viagem, três dias antes, e da visão de um grupo daqueles estranhos cilindros de neve, como que felpudos, que segundo Amundsen e Byrd, eram tangidos pelo vento pelas léguas do planalto gelado. Chegou um ponto, porém, em que nossas sensações não podiam ser descritas por quaisquer palavras que a imprensa pudesse compreender, e ainda um momento mais tardio em que na verdade tivemos de adotar uma norma de rigorosa censura.

O marinheiro Larsen foi o primeiro a avistar a linha quebrada de cones e pináculos fantasmagóricos e seus gritos trouxeram todos às janelas do avião. Apesar da velocidade com que viajavamos, foi com muita lentidão que aumentaram de dimensão, e daí concluímos que deveriam estar a uma distância imensa e que só eram visíveis devido à sua altura descomunal. Pouco a pouco, todavia, subiram medonhamente no céu, a oeste, possibilitando-nos divisar cumes desnudos, inóspitos e enegrecidos, bem como captar a curiosa sensação de fantasia que inspiravam, iluminados pelo avermelhado clarão antártico contra o fundo sugestivo de iridescente nuvens glaciais. Havia em todo aquele espetáculo uma insinuação persistente e penetrante de prodigioso segredo e revelações abissais. Era como se aquelas nítidas agulhas de pesadelo assinalassem as colunas de um portal assustador que levasse a domínios proibidos de sonho e a abismos ignotos de tempo, de espaço e de ultradimensionalidade. Eu não conseguia evitar a sensação de que eram coisas maléficas — montanhas de loucura cujas encostas mais distantes guardavam amaldiçoadas voragens infinitas. Aquele fundo de nuvens, escachoante e semiluminoso, comportava insinuações inefáveis de um vago e etéreo além, algo que superava as concepções terrestres de espaço e que, tetricamente, trazia à mente tudo quanto aquele mundo austral, inexplorado e virgem, tinha de ermo, apartado, desolado e morto havia eras e eras.

Foi o jovem Danforth quem nos chamou a atenção para as curiosas regularidades dos picos mais elevados como que fragmentos pendentes de cubos perfeitos, mencionados por Lake em suas mensagens, e que, de fato, justificavam comparação com lembranças oníricas de ruínas de templos vetustos, sobre enevoados cumes asiáticos, que Roerich havia transposto de maneira tão sutil e estranha para suas telas. Havia, com efeito, naquele continente irreal de montanhoso mistério algo que não podia deixar de recordar Roerich. Eu o sentira em outubro, quando pela primeira vez avistei a Terra de Vitória, e o sentia novamente agora, redobrado. Sentia, ademais, outra onda de inquietante percepção de míticas similitudes arqueanas; pressentia o quanto aquele sítio letal se aproximava do famigerado planalto de Leng que aparece em escritos de antanho. Os mitologistas têm situado o planalto de Leng na Ásia Central; mas a memória rácica do homem — ou de seus predecessores — é antiga e é bem possível que certos contos tenham provindo de terras, montanhas e templos de horror mais antigos que a Ásia e mais antigos que qualquer mundo humano de que tenhamos conhecimento. Alguns místicos ousados têm feitos insinuações a respeito de uma origem pré-pleistocênica para os fragmentários Manuscritos Pnakóticos, dando ainda a entender que os devotos de Tsathoggua eram tão alheios à humanidade quanto o próprio Tsathoggua. Leng, qualquer que fosse sua localização no tempo e no espaço, não era uma região que eu quisesse visitar ou ao menos dela me aproximar, e tampouco me agradava a proximidade de um mundo que algum tempo havia gerado monstruosidades ambíguas e arqueanas como as que Lake havia mencionado pouco antes. Naquele momento, arrependi-me por ter um dia me disposto a ler o abominável *Necronomicon* ou conversado tanto na universidade com o folclorista Wilmarth, desagradavelmente erudito.

Esse estado de espírito sem dúvida serviu para agravar minha reação à miragem estapafúrdia que se abateu sobre nós desde o zênite cada vez mais opalescente, à medida em que nos aproximávamos das montanhas e começávamos a distinguir as ondulações cumulativas dos contrafortes. Eu vira dezenas de

miragens polares durante as semanas anteriores, algumas tão insólitas e fantasticamente vívidas quanto a presente. No entanto, aquela apresentava uma qualidade inteiramente nova e obscura de ameaçador simbolismo, e estremeci diante do labirinto escachoante de fabulosas muralhas, torres e minaretes que emergiam, colossais, dos agitados vapores gélidos sobre nossas cabeças.

O efeito era o de uma cidade ciclópica, de uma arquitetura desconhecida pelo homem ou pela imaginação humana, com vastos aglomerados de cantaria negra como a noite e que materializava monstruosas inversões das leis geométricas. Havia cones truncados, por vezes escalonados ou canelados, encimados por altas torres cilíndricas, aqui e ali ampliadas bulbosamente e muitas vezes coroadas com séries de discos superpostos e delgados; e estranhas construções salientes, que lembravam mesas e sugeriam pilha de inumeráveis lajes retangulares, placas circulares ou estrelas de cinco pontas, cada uma das quais imbricava sobre a inferior. Havia cones e pirâmides compósitas, isoladas ou encimando cilindros, cubos ou cones e pirâmides truncados mais chatos, assim como, vez por outra, cúspides em curiosos grupos de cinco. Todas essas estruturas febricitantes pareciam reunidas por pontos tubulares, que iam de uma a outra, a várias alturas estonteantes; aliás, a escala implícita do conjunto era aterrorizante e opressiva por seu puro gigantismo. Esse tipo geral de miragem não era diferente de algumas das formas mais delirantes observadas e desenhadas pelo baleeiro ártico Scoresby em 1820, mas naquele momento e naquele lugar, com aqueles trevosos e desconhecidos picos montanhosos elevando-se titanicamente à frente, com aquela anômala descoberta de um mundo primevo em nossas mentes e com a mortalha de um provável desastre envolvendo a maior parte de nossa expedição, todos nós parecíamos ver naquela fantasia atmosférica uma nódoa de malignidade latente e de augúrio infinitamente funesto.

Alegrei-me quando a miragem começou a se dissolver, ainda que no processo os diversos cones e torreões de pesadelo assumissem formas distorcidas e temporárias de repulsão ainda mais acentuada. Quando toda a miragem se desfez numa agitada opalescência, começamos a olhar novamente para leste e percebemos que nossa viagem não estava longe do fim. As desconhecidas montanhas à nossa frente erguiam-se aterradoramente, como uma assustadora muralha de gigantes e suas curiosas regularidades apareciam com assombrosa nitidez, mesmo sem binóculos. Estávamos agora sobre os primitivos contrafortes e podíamos avistar, entre a neve, o gelo e as áreas nuas do planalto principal, dois pontos mais escuros que supusemos ser o acampamento de Lake e a área perfurada. Os contrafortes mais altos subiam ao céu a uma distância de oito a dez quilômetros dali, formando uma cordilheira quase separada da linha terrificante de picos mais que himalaicos além deles. Por fim, Popes (o estudante que havia substituído McTighe no assento do piloto) começou a descer na direção da área mais escura à esquerda, cujo tamanho indicava que fosse o acampamento. Nesse instante, McTighe despachou a última mensagem não censurada que o mundo haveria de receber de nossa expedição.

Todos, naturalmente, leram os boletins breves e insatisfatórios do restante de nossa estada na Antártica. Algumas horas depois do pouso enviamos um relato cauteloso a respeito da tragédia que encontramos e relutantemente anunciamos a dizimação de todo o grupo de Lake pelo vendaval mortífero do dia anterior ou da noite que o precedera. Onze mortos e o jovem Gedney desaparecido. As pessoas desculparam nossa nebulosa falta de pormenores atribuindo-a ao choque causado pelo infausto acontecimento e acreditaram quando explicamos que a força inaudita do vento havia deixado os onze corpos sem condições de serem transportados para fora dali. Na verdade, sinto-me lisonjeado pelo fato de que mesmo em meio à angústia, à completa consternação e ao horrortransfixante, praticamente não faltamos à verdade quanto a qualquer ponto específico. O significado tremendo jaz no que não nos atrevemos a dizer; naquilo que ainda agora eu não diria não fosse a necessidade de advertir outras pessoas quanto a horrores inomináveis.

É verdade que o vento havia produzido medonha destruição. É extremamente duvidoso que os integrantes do grupo poderiam ter-lhe sobrevivido, mesmo sem a outra coisa. A tempestade, com sua

fúria de partículas de gelo vergastantes, devia ter sido mais forte que qualquer outra já enfrentada por nossa expedição. Um dos abrigos para os aviões — todos, ao que parece, tinham ficado em condições lastimáveis — estava quase pulverizado e a torre no sítio da perfuração, distante dali, tinha sido inteiramente despedaçada. O metal exposto dos aviões e a maquinaria de perfuração havia ficado brilhante pelo atrito do gelo e duas das pequenas barracas tinham sido jogadas ao chão, apesar do escoramento com blocos de neve. As superfícies de madeira espalhadas pela área achavam-se furadas e sem a camada de pintura, e todos os sinais de trilhas na neve haviam sido completamente apagados. É verdade também que não encontramos um único dos biológicos arqueanos em condições de ser retirado dali intacto. Colhemos algumas amostras minerais de uma enorme pilha desabada, entre os quais vários dos fragmentos de esteatita esverdeada cuja forma geral, com cinco pontas, e cujos apagados desenhos de pontos agrupados causaram tantas comparações dúbias, e ainda alguns ossos fósseis, entre os quais estavam os mais típicos dos espécimes curiosamente furados.

Nenhum dos cães havia sobrevivido e o cercado que fora apressadamente construído para eles perto do acampamento achava-se quase totalmente destruído. O vento poderia ter sido o causador disso, ainda que uma abertura maior do lado que dava para o acampamento, e que não era batido diretamente pelo vento, indicasse que os próprios animais, tomados de frenesi, tinham saltado para fora do curral ou mesmo arrebatado-o. Todos os três trenós tinham desaparecido, e procuramos explicar que o vento poderia tê-los empurrado para o desconhecido. A perfuratriz e o equipamento de degelar, na área de perfuração, estavam demasiado danificados para justificar reparos, de modo que usamos os destroços para tapar aquela porta sutilmente perturbadora para o passado, que Lake havia aberto a dinamite. Da mesma forma deixamos no acampamento os dois aviões mais estragados, já que entre os sobreviventes só havia quatro pilotos realmente habilitados — Sherman, Danforth, McTighe e Ropes, sendo que Danforth se encontrava sem condições nervosas para navegar. Trouxemos de volta todos os livros, equipamentos científicos e outros materiais que pudemos encontrar, ainda que grande parte deles estivessem inexplicavelmente espalhados. As barracas de reserva e as peles ou haviam desaparecido ou estavam em péssimo estado.

Eram aproximadamente quatro horas da tarde, depois que largos vôos nos haviam obrigado a dar Gedney como perdido, quando transmitimos nossa primeira mensagem reservada ao *Arkham*, para ser retransmitida ao mundo. E creio que agimos bem ao dar-lhe a redação mais calma e neutra que conseguimos. O máximo que dissemos a respeito de agitação dizia respeito a nossos cães, cuja frenética intranqüilidade perto dos espécimes era de ser esperada, devido aos relatos do pobre Lake. Não nos referimos, quero crer, ao fato de demonstrarem a mesmas intranqüilidade ao farejarem as estranhas esteatitas esverdeadas e alguns outros objetos na área conturbada — objetos entre os quais incluíam-se instrumentos científicos, aeroplanos e maquinaria, tanto no acampamento como no local da perfuração, cujas peças tinham sido soltas, mudadas de lugar ou de outra forma atingidas por ventos que deviam ter demonstrado singular curiosidade e espírito inquisitivo.

Com relação aos quatorze espécimes biológicos, fomos justificadamente vagos. Dissemos que os únicos que havíamos descoberto estavam danificados, mas que sobrava deles o suficiente para mostrar que a descrição de Lake tinha sido inteiramente fiel e precisa. Foi difícil manter nossas emoções pessoais fora disso — e não mencionamos números nem narramos exatamente como encontramos os que realmente pudemos achar. Havíamos, a essa altura, concordado em não transmitir coisa alguma que pudesse insinuar insanidade por parte dos homens de Lake e por certo parecia demência encontrar seis monstruosidades imperfeitas cuidadosamente sepultadas em posição ereta, em tumbas de neve de 2,70m, com montículos de cinco pontas sobre os quais tinham sido feitos desenhos de pontos exatamente iguais aos que se viam nas estranhas esteatitas esverdeadas, enterradas em tempos Mesozóicos ou Terciários. Os oito espécimes perfeitos mencionados por Lake pareciam ter sido completamente espalhados pelo vento.

Tivemos cuidado, outrossim, com a paz de espírito geral do público; daí Danforth e eu termos falado tão pouco a respeito daquela assustadora excursão pelas montanhas no dia seguinte. Foi o fato de que somente um avião aliviado de todo peso desnecessário era capaz de sobrevoar uma cordilheira de tal altura que, misericordiosamente, limitou aquela missão de reconhecimento a nós dois. Ao voltarmos, à uma da manhã, Danforth estava à beira da histeria, mas manteve um controle admirável. Não foi preciso muita persuasão para ele prometer que não mostraria os desenhos e outras coisas que havíamos trazido nos bolsos, nem dizer coisa alguma aos outros além do que havíamos concordado em transmitir ao mundo, bem como esconder nossos filmes para revelação posterior. Por isso, essa parte, da história que ora narro será tão nova para Pabodie, McTighe, Ropes, Sherman e os demais quanto será para o mundo em geral. Na verdade, Danforth é mais reservado do que eu — pois viu, ou julga ter visto, uma coisa que não dirá nem a mim.

Como todos sabem, nosso relato incluiu uma descrição de uma difícil ascensão — uma confirmação da opinião de Lake segundo a qual os grandes picos são de ardósia arqueana e outras camadas esmagadas, de indescritível antiguidade, inalteradas pelo menos desde meados do período comancheano; um comentário convencional sobre a regularidade das formações suspensas, em forma de cubos ou muralhas; uma opinião de que as bocas das cavernas indicam veios calcários dissolvidos; uma conjectura de que certas encostas e desfiladeiros permitiriam que toda a cordilheira fosse escalada e explorada por montanhistas experientes; e uma observação de que o misterioso lado posterior oculta um altíssimo e imenso superplanalto, tão antigo e inalterado quanto as próprias montanhas — com 6.000 metros de altitude, grotescas formações rochosas que se projetam através de uma fina camada glacial e que desce paulatinamente em contrafortes mais baixos, entre a superfície do planalto geral e os precipícios dos picos mais altos.

Esse conjunto de dados é em todos os sentidos verdadeiro e é inteiramente corroborado pelos homens que estavam no acampamento. Atribuimos nossa ausência durante dezesseis horas — tempo mais alongado do que exigiriam as atividades que relatamos (voar, pousar, reconhecer o terreno e coletar rochas) — a um prolongado período fictício de condições meteorológicas adversas e nos referimos, sem mentir, ao fato de haveremos aterrissado nos contrafortes mais distantes. Por felicidade, nossa narrativa pareceu suficientemente realista e prosaica para que os outros não se sentissem tentados a repetir o vôo. Houvesse alguém tentado fazê-lo, eu teria usado toda minha força dissuasória para impedi-lo — e não sei o que Danforth teria feito. Enquanto estivemos fora, Pabodie, Sherman, Ropes, McTighe e Williamson haviam trabalhado afanosamente nos dois aviões de Lake em melhor estado, preparando-os para serem usados novamente, a despeito da destruição inteiramente sem sentido de seus mecanismos operacionais.

Resolvemos que na manhã seguinte carregaríamos todos os aviões e que partiríamos para a base assim que possível. Ainda que indireta, era essa a rota mais segura para voltarmos ao estreito McMurdo, porquanto um vôo direto sobre trechos inteiramente inexplorados do continente gelado implicaria perigos adicionais. Novas explorações não seriam de maneira alguma viáveis, em vista da trágica dizimação de nosso grupo e da ruína de nosso equipamento de perfuração. As dúvidas e os horrores que nos cercavam — aquilo que não revelamos — faziam com que nosso único desejo fosse fugir daquele mundo austral de desolação e silenciosa demência tão depressa quanto pudéssemos.

Como sabe o público, nosso retorno ao mundo se fez sem novos desastres. Todos os aviões chegaram à velha base na noite do dia seguinte, 27 de janeiro, após um rápido vôo sem escalas. E no dia 28 alcançamos o estreito McMurdo em duas etapas, sendo que a única pausa, bastante breve, foi ocasionada por um defeito no leme de um avião, devido à fúria do vento sobre a plataforma gelada, depois de havermos deixado o grande planalto. Dentro de mais cinco dias, o *Arkham* e o *Miskatonic*, levando a bordo todos os homens e equipamentos, se afastavam do campo de gelo e avançavam pelo mar de Ross com as zombeteiras montanhas da Terra de Vitória alteando-se a oeste, contra um agitado céu antártico, e transformando os uivos do vento em silvos musicais que abarcavam um

amplo registro e gelavam-me o sangue nas veias. Menos de uma quinzena depois, havíamos deixado atrás de nós os últimos sinais de terras polares e dávamos graças aos céus por estarmos longe de um sítio assombrado e maldito onde a vida e a morte, o espaço e o tempo, celebraram tenebrosas e ímpias alianças nas épocas desconhecidas em que a matéria começava a secontorcer e nadar na mal resfriada crosta do planeta.

Desde nosso regresso temos todos trabalhado constantemente no sentido de desestimular a exploração antártica e temos mantido entre nós próprios certas dúvidas e conjecturas num espírito de esplêndida união e fidelidade. Nem mesmo o jovem Danforth, com seu colapso nervoso, titubeou ou deu com a língua nos dentes para os médicos — como efeito, como já ficou dito, há uma coisa que ele julga que somente ele viu e a qual não conta nem mesmo a mim, muito embora eu creia que seu estado psicológico havia de melhorar se ele consentisse em repartir o segredo. Isso poderia explicar e aliviar muita coisa, ainda que, talvez, o que ele viu não fosse mais que a conseqüência ilusória de um choque prévio. Essa é a impressão que me fica depois daqueles momentos irresponsáveis, raros, em que Danforth me sussurra frases desconexas — frases que ele repudia com veemência assim que volta a se controlar.

Será com dificuldade que evitaremos que outros se aventurem no grande continente branco, e alguns de nossos esforços poderão até prejudicar-nos a causa, ao atrair uma atenção inquisitiva. Poderíamos saber desde o começo que a curiosidade humana é infinda e que os resultados que anunciamos seriam suficientes para servir de empecilho a que outros se embrenhassem na mesma busca imemorial do desconhecido. Os relatos que Lake fez daquelas monstruosidades biológicas haviam despertado o máximo interesse de naturalistas e paleontologistas, muito embora tivéssemos a sensatez de não exhibir as partes separadas que havíamos tirado dos espécimes sepultados ou as fotografias daqueles espécimes, tal como os encontramos. Também nos abstivemos de mostrar as peças mais enigmáticas dentre os ossos lesionados e as esteatitas esverdeadas. Por outro lado. Danforth e eu tivemos o cuidado de proteger cuidadosamente as fotografias que tiramos e os desenhos que esboçamos sobre o planalto do outro lado da cordilheira, bem como as coisas corroídas que limpamos, estudamos — tomados de terror — e trouxemos conosco nos bolsos.

Agora, porém, está sendo organizada a expedição Starkweather-Moore, com um cuidado em tudo superior ao de nosso grupo. Se não forem dissuadidos, hão de alcançar o âmago da Antártica e promover operações de degelo e de perfuração, até trazerem à superfície aquilo que sabemos ser capaz de dar fim ao mundo. Por isso, tenho de romper finalmente todas as reticências — falando até mesmo sobre aquela coisa suprema e inominável que se esconde além das montanhas da loucura.

IV

É com enorme hesitação e repugnância que permito a meu espírito retornar ao acampamento de Lake e ao que realmente encontramos ali — e àquela outra coisa além das montanhas da loucura. A cada instante sou tentado a deixar de lado os pormenores e permitir que insinuações tomem o lugar dos verdadeiros fatos e das inelutáveis deduções. Espero já ter dito o suficiente para deixar-me deslizar rapidamente sobre o restante — ou seja, sobre o horror reinante no acampamento. Já falei do terreno devastado pelo vento, dos abrigos destruídos, da maquinaria dispersa, da inquietação de nossos cães, do desaparecimento dos trenós e outros equipamentos, da morte dos homens e dos cães, da ausência de Gedney e dos seis espécimes biológicos desvairadamente sepultados, com a textura insolitamente intacta, apesar de todas suas lesões estruturais — falei de tudo isso ainda quando estava naquele mundo morto há quarenta milhões de anos. Não me recordo se narrei que ao procurarmos os cães, verificamos que faltava um. Não pensamos muito nisso senão mais tarde — na verdade, somente Danforth e eu dedicamos alguma atenção ao assunto.

Os fatos principais que tenho omitido relacionam-se aos corpos, e a certas minúcias sutis que podem ou não emprestar uma espécie de explicação horrível e inacreditável ao aparente caos. Na ocasião, tentei manter as mentes dos homens afastadas dessas minúcias, pois era muito mais simples — mais normal — atribuir tudo a um acesso de demência por parte de alguns dos membros do grupo de Lake. Pelo aspecto do que víamos, aquele demoníaco vento das montanhas devia ter sido suficiente para levar qualquer homem à loucura naquele centro de todo mistério e desolação do mundo.

A anormalidade máxima, naturalmente, era o estado dos corpos — tanto dos homens como dos animais. Haviam estado, todos, envolvidos em algum tipo de terrível conflito e se encontravam despedaçados e mutilados de vários modos diabólicos e ao todo inexplicáveis. Até onde podíamos julgar, a morte ocorrera, em cada caso, por estrangulamento ou laceração. Os cães haviam evidentemente iniciado a confusão, pois o estado de seu cercado mal construído atestava que havia sido arrebatado à força, e por dentro. O cercado tinha sido construído a certa distância do acampamento por causa da aversão dos animais por aqueles infernais organismos arqueanos, mas a precaução parecia ter sido vã. Quando deixados a sós naquele vento monstruoso, por trás de débeis paredes de altura insuficiente, deviam ter entrado em pânico — ou por causa do próprio vento, ou devido a um odor sutil e crescente emitido pelos espécimes tétricos.

Entretanto, não importa o que aconteceu, foi algo terrível e violento. Talvez eu deva pôr de lado todo escrúpulo e dizer finalmente o que aconteceu — ainda que com uma categoria declaração de opinião, baseada nas observações de primeira mão e nas mais cuidadosas deduções, minhas e de Danforth, de que o então desaparecido Gedney não foi de modo algum responsável pelos horrores abomináveis que encontramos. Já disse que os corpos estavam horrivelmente mutilados. Devo agora acrescentar que alguns apresentavam incisões e subtrações, feitas do modo mais curioso, cruel e inumano que se possa imaginar. Não diferia o estado dos cães e dos homens: todos os corpos mais saudáveis, de mais corpulência, quadrúpedes ou bípedes, tinham tido suas massas de tecido mais sólidas cortadas e removidas, como que por um hábil carniceiro; e em torno das mutilações havia um estranho derrame de sal — tirados dos despedaçados baús de víveres nos aviões — que provocavam as mais horrendas associações. A coisa havia ocorrido em um dos improvisados hangares do qual o avião tinha sido retirado, e mais tarde os ventos haviam apagado todas as marcas que poderiam ter proporcionado alguma teoria plausível. Os pedaços dispersos de roupas, arrancadas violentamente dos homens dilacerados, não ofereciam quaisquer pistas. É inútil aludir à nossa impressão de termos visto leves pegadas na neve, num canto protegido do cercado em ruínas, pois essa impressão não dizia respeito absolutamente a pegadas humanas, mas estava claramente influenciada por todas as referências às marcas nos fósseis que o pobre Lake havia feito durante as semanas precedentes. Era preciso ter cuidado com a imaginação perto daquelas colossais montanhas de pavor.

Como já relatei, verificamos por fim que Gedney e um cão haviam desaparecido. Quando chegamos àquele terrível abrigo, tínhamos dado pela falta de dois cães e de dois homens. Mas a barraca de dissecação, relativamente intacta, na qual entramos depois de investigarmos os monstruosos túmulos, tinha algo a revelar. Não estava como Lake a deixara, pois as partes cobertas da monstruosidade primal tinham sido removidas da mesa improvisada. Com efeito, já havíamos percebido que uma das seis coisas imperfeitas e estranhamente enterradas que encontráramos — aquela que apresentava o vestígio de um cheiro peculiarmente odioso — devia constituir os fragmentos reunidos da entidade que Lake havia tentado analisar. Sobre a mesa do laboratório e em torno dela estavam espalhadas outras coisas e não foi preciso muito tempo para adivinharmos que aquelas coisas eram as partes dissecadas, com cuidado mas sem habilidade, de um homem e de um cão. Quero poupar os sentimentos dos Sobreviventes omitindo qualquer menção à identidade desse homem. Os instrumentos anatômicos de Lake tinham sumido, mas havia sinais de que tinham sido cuidadosamente levados. O fogão a gasolina também havia desaparecido, ainda que em torno de seu lugar encontrássemos um curioso acúmulo de fósforos. Enterramos as partes

humanas ao lado dos outros dez homens; e as partes caninas juntamente com os demais 35 cães. No que dizia respeito às estranhas manchas na mesa do laboratório, assim como ao monte de livros ilustrados manuseados com rudeza e que estavam dispersos ali por perto, estávamos espantados demais para lhes dar atenção.

Isso constituía o pior do horror encontrado no acampamento, mas havia outras coisas igualmente enigmáticas. Era impossível conjecturar de maneira sã a respeito do desaparecimento de Gedney, do cão, dos oito espécimes biológicos intactos, dos três trenós e de certos instrumentos, livros técnicos e científicos ilustrados, materiais de escrita, lanternas elétricas e pilhas, alimentos e combustíveis, fogão de aquecimento, barracas de reserva, agasalhos de pele e outras coisas; da mesma forma, não havia explicação imaginável para as manchas borradas de tinta em alguns pedaços de papel e para os sinais de experimentação por estranhos em torno dos aviões e de todos demais dispositivos mecânicos, tanto no acampamento como no local da perfuração. Os cães pareciam detestar aquela maquinaria singularmente dispersa. Havia, ainda mais, a mixórdia na despensa, o desaparecimento de certos víveres e a pilha desarmoniosamente cômica de latas, abertas da maneira mais inverossímil e nos lugares mais improváveis. A profusão de fósforos espalhados — intactos, quebrados ou consumidos — representava outro pequeno enigma, da mesma forma que as duas ou três lonas de barracas e agasalhos de peles que encontramos jogados a esmo com cortes estranhos, causados, ao que podíamos imaginar, por desajeitados esforços para adaptações inimagináveis. Os maltrates dispensados aos corpos humanos e caninos, bem como a doida sepultura dada aos espécimes arqueanos danificados pareciam fazer parte da mesma loucura desintegradora. Pensando justamente na possibilidade de vir a ocorrer a situação atual, fotografamos cuidadosamente todos os principais indícios de desordem delirante do acampamento; e usaremos essas imagens para reforçar nossas súplicas para que seja sustada a partida da proposta Expedição Starkweather-Moore.

A primeira coisa que fizemos após a descoberta dos corpos no abrigo dos aviões foi fotografar e abrir a fileira dos túmulos loucos com os montículos de neve de cinco pontas. Não pudemos deixar de observar a semelhança entre aqueles montículos monstruosos, com seus aglomerados de pontos agrupados, e a descrição que o pobre Lake havia feito das estranhas esteatitas esverdeadas. E quando topamos com algumas das próprias esteatitas na grande pilha de minerais achamos a semelhança realmente bastante acentuada. Toda a formação geral, é preciso deixar claro, parecia lembrar de modo abominável a cabeça estreliforme das entidades arqueanas; e concordamos quanto ao fato de que a sugestão devia ter aluado fortemente nos espíritos sensibilizados do grupo exausto de Lake.

Isto porque loucura — centrando-nos em Gedney como o único agente sobrevivente possível — foi a explicação adorada espontaneamente por todos, até onde alguém manifestava opinião em voz alta; no entanto, não serei ingênuo a ponto de negar que cada um de nós nutriu conjecturas desvairadas que a sanidade de espírito proibia formular completamente. À tarde, Sherman, Pabodie e McTighe realizaram uma fatigante exploração aérea por todo o território circundante, vigiando o horizonte com binóculos, à procura de Gedney e de várias coisas desaparecidas; contudo, nada encontraram. O grupo informou que a portentosa barreira de montanhas estendia-se interminavelmente, tanto para a direita como para a esquerda, sem qualquer diminuição de altura ou estrutura essencial. Em alguns picos, todavia, as regulares formações de cubos e muralhas eram mais claras e nítidas, apresentando semelhanças duplamente fantásticas com as ruínas montanhosas asiáticas, pintadas por Roerich. A distribuição de crípticas bocas de cavernas nos cumes negros e despídos de neve parecia aproximadamente a mesma até onde tinham podido acompanhar a cordilheira.

A despeito de todos os horrores que se nos deparavam, sobravam-nos suficiente zelo científico e espírito de aventura para tecermos conjecturas a respeito da região desconhecida que se estendia além daquelas montanhas misteriosas. Tal como dissemos em nossas cautelosas mensagens, descansamos à meia-noite, após nosso dia de terror e dilema — mas não sem antes traçarmos um plano grosseiro para

um ou mais vôos, numa altitude suficiente para transpor as montanhas, e num avião aliviado de todo peso e equipado com câmara fotográfica aérea e equipamento de geologia, a partir da manhã seguinte. Ficou decidido que eu e Danforth tentaríamos primeiro, e acordamos às sete da manhã pretendendo sair cedo. Contudo, ventos fortes — mencionados em nosso breve despacho para o mundo exterior — retardaram nossa partida até quase as nove horas.

Já repeti a história neutra que narramos aos homens no acampamento — e que transmitimos para o exterior — após nosso retorno, dezesseis horas depois. Agora, cabe-me o terrível dever de ampliar esse relato, preenchendo os vazios piedosos com insinuações do que realmente vimos naquele oculto mundo transmontano — insinuações das revelações que finalmente conduziram Danforth a um colapso nervoso. Gostaria de que ele pudesse acrescentar uma palavra realmente franca sobre aquilo que julga que somente ele viu — e que foi talvez a última gota que o colocou onde ele se encontra atualmente. Mas ele se nega peremptoriamente a isso. Tudo quanto posso fazer é repetir seus posteriores sussurros desconexos a respeito do que o levou a gritar enquanto o avião se arremessava de volta através do ventoso desfiladeiro, após aquele choque tangível e real que compartilhei. Isto constituirá minha última palavra. Se os sinais claros de horrores antigos e sobreviventes naquilo que eu revelar não bastarem para impedir que outros se intrometam no seio da Antártica — ou pelos menos de espionar muito abaixo da superfície daquele ermo inigualável de segredos proibidos e de desolação imemorialmente amaldiçoada — a responsabilidade por males indizíveis e talvez incomensuráveis não será minha.

Estudando os apontamentos feitos por Pabodie em seu vôo vespertino e utilizando um sextante, Danforth e eu havíamos calculado que o passo mais baixo existente na cordilheira ficava um pouco à nossa direita, à vista do acampamento e a aproximadamente 7.000 ou 7.500 metros acima do nível do mar. Foi na direção desse ponto, pois, que partimos no avião aliviado de todo peso desnecessário, em nossa viagem de descobrimento. O acampamento propriamente dito, situado em contrafortes que irrompiam de um alto planalto continental, estava a cerca de 3.600m de altitude. Por conseguinte, a ascensão necessária não era tão grande quanto podia parecer. Não obstante, tínhamos perfeita consciência do ar rarefeito e do frio intenso à medida que subíamos; isto porque, por causa das condições de visibilidade, tínhamos de deixar as janelas da cabine abertas. Vestíamos, naturalmente, nossos agasalhos mais pesados.

Ao nos aproximarmos dos picos amedrontadores, sombrios e sinistros acima da linha de neve, riscada de fendas e de geleiras intersticiais, observávamos com clareza cada vez maior as formações curiosamente regulares que pendiam das encostas; e mais uma vez nos lembramos das estranhas pinturas asiáticas de Nicholas Roerich. Os antigos e erodidos estratos rochosos corroboravam plenamente as descrições de Lake e provavam que aqueles pináculos sealcandoravam exatamente da mesma maneira desde uma data surpreendentemente recuada na história do mundo — talvez mais de 50 milhões de anos. Quão mais altos teriam sido um dia, era inútil tentar conjecturar; mas tudo em torno daquela região estranha apontava para obscuras influências atmosféricas desfavoráveis à mudança e calculadas para retardar os habituais processos climáticos de desintegração de rochas.

Contudo, era o emaranhado de cubos regulares, parapeitos e entradas de cavernas que mais nos fascinava e perturbava. Estudei-os com binóculos e tirei fotografias, enquanto Danforth pilotava; e às vezes eu tomava-lhe o lugar nos controles — muito embora meu conhecimento de aviação fosse puramente amadorístico — a fim de que ele pudesse usar os binóculos. Podíamos constatar sem dificuldade que grande parte do material constitutivo daquelas formações era um quartzito arqueano mais para claro, diferente de qualquer formação visível em amplas áreas da superfície geral; e que a regularidade de tais formações era extremada e fantástica, num grau que o pobre Lake mal insinuara.

Como ele havia dito, suas arestas estavam carcomidas e arredondadas por eras e eras de violento desgaste climático; entretanto, sua solidez antinatural e seu material resistentíssimo haviam-nas salvo de obliteração. Muitas partes, principalmente as que se achavam mais próximas das encostas, pareciam

ser de substância idêntica à da superfície rochosa adjacente. Tudo aquilo se assemelhava às ruínas de Macchu Picchu, nos Andes ou às muralhas antigas de Kish, tal como escavadas pela Expedição de Campo do Museu de Oxford em 1929; e tanto Danforth como eu tínhamos, vez por outra, aquela impressão de blocos ciclópicos separados que Lake havia atribuído ao seu companheiro de vôo, Carroll. Explicar tais coisas naquele local estava francamente acima de minhas forças, e senti-me inusitadamente humilde como geólogo. As formações ígneas têm, por vezes, estranhas regularidades — como a famosa Estrada dos Gigantes, na Irlanda — mas aquela cordilheira estupenda, a despeito da suspeita original de Lake, que julgara vislumbrar cones fumegantes, era acima de tudo não-vulcânica em sua estrutura ostensiva.

As curiosas bossas de cavernas, perto das quais as singulares formações pareciam mais abundantes, apresentavam outro enigma, posto que menor, devido à regularidade de contornos. Eram, como Lake dissera em seu boletim, muitas vezes aproximadamente quadradas ou semicirculares — como se as aberturas naturais tivessem ganho simetria por ação de mãos mágicas. Seu grande número de sua ampla distribuição eram notáveis e indicavam que toda a região tinha uma rede de túneis dissolvidos em estratos calcários. Nunca conseguíamos ver muito a fundo no interior das cavernas, mas foi-nos possível constatar que aparentemente eram livres de estalactites e estalagmites. Do lado de fora, as partes das encostas adjacentes às aberturas pareciam invariavelmente lisas e regulares; Danforth quis crer que as pequenas fendas e raias causadas pela erosão do tempo tendiam para desenhos inusitados. Tomado que estava pelos horrores e singularidades encontrados no acampamento, ele insinuou que tais desenhos assemelhavam-se vagamente aos estranhos agrupamentos de pontos espargidos pelas esteatitas esverdeadas primais, duplicados de maneira tão tétrica nos loucos montículos sobre as seis monstruosidades enterradas.

Gradualmente havíamos passado a sobrevoar os contrafortes mais altos e nos dirigíamos na direção do passo relativamente baixo que havíamos escolhido. À medida que avançávamos, olhávamos de vez em quando para a neve e o gelo da rota terrestre, imaginando se nos teria sido possível tentar a exploração com o equipamento mais simples do passado. Para certa surpresa nossa, constatamos que o terreno era longe de difícil, como de hábito; e que apesar das fendas e outros pontos mais trabalhosos, não seria provável que impedissem o avanço dos trenós de um Scott, um Shackleton ou um Amundsen. Algumas das geleiras pareciam conduzir a desfiladeiros desnudados pelo vento, com uma singular continuidade, e ao chegarmos ao passo que havíamos escolhido, verificamos que ele não constituía exceção.

Nossa sensação de tensa expectativa ao nos prepararmos para contornar a crista e contemplar um mundo virgem não pode de modo algum ser descrito com palavras, muito embora nada nos autorizasse a crer que as regiões além da cordilheira fossem em essência diferentes das que já tínhamos visto e atravessado. O toque de maligno mistério que existia naquelas montanhas colossais e no verdadeiro mar que era o céu opalescente, vislumbrado entre seus cumes, era uma questão altamente sutil e rarefeita, que não podia ser explicada com meras frases. Ao invés disso, era algo de um vago simbolismo psicológico e de associação estética — uma coisa que ia de mistura com poesia e pintura exótica, com mitos arcaicos ocultos em tomos misteriosos e defensos. Até mesmo a força do vento encerrava um veio de consciente malignidade; e por um segundo pareceu que o som heterogêneo incluía um esdrúxulo assovio ou silvo musical, que cobria várias oitavas, enquanto o vendaval ribombava pelas onipresentes e ressoantes bocas de cavernas. Havia um tom nebuloso de repugnância reminiscente nesse som, tão complexo e indefinível quanto todas as demais impressões de malefício.

Estávamos agora, após uma lenta ascensão, a uma altitude de 7.070 metros, segundo o aneróide; e com isso havíamos deixado a região das neves definitivamente distante. Ali no alto havia apenas encostas escuras, de rochedos nus, e ali começavam a surgir as geleiras sulcadas — às quais a presença daqueles estranhíssimos cubos, parapeitos e silvantes bocas de caverna acrescentava um augúrio de antinatural, de

fantástico e de onírico. Contemplando a linha dos altos picos, julguei divisar aquele que tinha sido mencionado pelo pobre Lake, encimado de maneira exalta por uma muralha. Parecia estar meio perdido numa insólita névoa antártica. Quiçá fora essa névoa a responsável pela idéia de vulcanismo, que no início ocorrera a Lake. O passo surdia diretamente sob nós, liso e ventoso entre seus portais acidentados e malignamente sobranceiros. Além dele estendia-se um céu agitado por vapores em torvelinho e iluminado pelo baixo sol polar — o céu daquele misterioso domínio distante, jamais tocado, sentíamos, por olhos humanos.

Mais alguns metros de altitude e contemplaríamos esse domínio. Impossibilitados de falar senão em gritos, por força do vento uivante e sibilante que invadia o desfiladeiro e se somava ao ronco dos motores, Danforth e eu trocávamos olhares eloqüentes. E foi então que, havendo galgado esses poucos metros, realmente lançamos o olhar sobre a barreira colossal e contemplamos os segredos ignorados de um mundo antigo e inteiramente alienígena.

V

Acredito que tenhamos, ambos, gritado simultaneamente, com uma mistura de pasmo, assombro, terror e incredulidade, ao finalmente transpormos o passo e ver o que jazia além; não críamos em nossos próprios sentidos. Era forçoso, naturalmente, que abrigássemos alguma teoria natural nos recessos de nossas mentes, uma teoria que viesse a proteger nossas faculdades no momento. É provável que tenhamos pensado em coisas como as pedras grotescamente erodidas do Jardim dos Deuses, no Colorado, ou nas rochas do deserto do Arizona, simétricas e fantásticamente esculpidas pela erosão eólica. Talvez tenhamos até lembrado uma miragem como a que tínhamos visto de manhã anterior, quando pela primeira vez nos aproximamos daquelas montanhas de loucura. Era preciso termos algumas lembranças normais como essas a que recorrer enquanto nossos olhos corriam por aquele planalto ilimitado e marcado de tempestades e lobrigavam o labirinto quase interminável de massas pétreas — colossais, regulares e de geométrica euritmia — que arrojavam suas cristas carcomidas e desgastadas por sobre um lençol glacial que não teria mais de doze ou quinze metros em seus pontos de maior espessura e que ocasionalmente era obviamente mais delgado.

O efeito da visão monstruosa era indescritível, pois parecia fora de dúvida que em sua origem atuara alguma diabólica violação da lei natural. Ali, num altiplano infernalmente antigo, a nada menos de 6.000 metros de altitude, e num meio climático vedado à vida desde uma era pré-humana a não menos de quinhentos mil anos, estenda-se quase até o limite da visão um entrelaçamento ordeiro de pedras que só o desespero da legítima defesa mental poderia deixar de imputar a uma causa consciente e artificial. Havíamos descartado anteriormente, para todos os efeitos de cogitação séria, qualquer teoria de que os cubos e muralhas das encostas não tivessem origem natural. Como seria de outra forma, se o próprio homem mal poderia ser diferenciado dos grandes macacos à época em que aquela região sucumbira ao presente reino ininterrupto de morte glacial?

No entanto, agora a razão parecia irrefutavelmente abalada, pois aquele emaranhado ciclópico de blocos aplainados, recurvados e dispostos em ângulos possuía características que invalidavam todo e qualquer refúgio seguro. Era, com inescapável clareza, a cidade blasfema da miragem, numa realidade crua, objetiva e inelutável. Aquele prodígio maldito tivera, afinal, um fundamento material — uma camada horizontal de poeira de gelo pairara, suspensa, na atmosfera superior e aquela chocante sobrevivência de pedra havia projetado sua imagem para o outro lado das montanhas, obedecendo às leis simples da reflexão. O fantasma, naturalmente, chegara a nós distorcido e exagerado, exibindo, ademais, coisas que a fonte real não continha. Agora, porém, vendo-lhe a fonte real, nós a julgávamos ainda mais tétrica e ameaçadora que sua imagem distante.

Somente a magnitude incrível e inumana daquelas vastas torres; e muralhas de pedra havia salvo tal

coisa absurda de completa aniquilação durante as centenas de milhares, talvez milhões, de anos em que ela havia estado ali, exposta aos vendavais de um planalto nu. "Corona Mundi ... Teto do Mundo..." Toda espécie de frases fantásticas nos assomavam aos lábios enquanto lançávamos a vista, estupefatos, para o espetáculo implausível. Pensei outra vez nos horrendos mitos primais que com tamanha persistência haviam rondado minha mente desde o primeiro instante em que eu vira aquele extinto mundo antártico. . . e também no demoníaco planalto de Leng, no Mi-Go — o Abominável Homem das Neves do Himalaia —, nos Manuscritos Pnakóticos de pré-humanas implicações, co culto de Cthulhu, no *Necronomicon*, nas lendas hiperbóreas do informe Tsathoggua e nos seres cósmicos, pior que informes, associados e essa semi-entidade.

Por quilômetros e quilômetros sem fim, em todas as direções, a coisa se estendia com pouquíssimo esmorecimento. De fato, seguindo-a com os olhos pela base dos baixos e graduais contrafortes que a separavam da borda da cordilheira propriamente dita, chegamos à conclusão de que não éramos capazes de perceber nenhum esmorecimento, exceção feita à interrupção à esquerda do passo pelo qual tínhamos chegado. Tínhamos tão somente alcançado, ao acaso, uma parte limitada de algo que possuía extensão incalculável. Os contrafortes eram pontilhados mais esparsamente com grotescas estruturas de pedra, que ligavam a cidade de terror aos cubos e muralhas já familiares e que, evidentemente, constituíam seus postos avançados nas montanhas. Estes últimos, assim como as estranhas bocas de cavernas, eram tão numerosos do lado posterior da cordilheira quanto do anterior.

O absurdo labirinto de pedra consistia, em sua maior parte, em muralhas que variavam de três a 45 metros de altura, e com espessura entre dois a cinco metros. Compunha-se sobretudo de blocos desconumais de ardósia, xisto e arenito primordiais — blocos que em muitos casos chegavam a ter 1,5 x 2 x 4 metros —, ainda que em vários lugares parecesse talhado numa camada sólida e desigual de ardósia pré-cambriana. Os edifícios não tinham de modo algum as mesmas dimensões, existindo inumeráveis arranjos que pareciam favos de mel de enorme extensão, assim como estruturas separadas menores. A forma geral dessas coisas tendia ao cônico, ao piramidal, ao escalonado; contudo, não eram raros cilindros perfeitos, cubos exatos, aglomerados de cubos e outras formas retangulares, bem como um punhado de edifícios angulosos cuja planta em cinco pontas lembrava vagamente fortificações modernas. Os construtores haviam usado, com constância e correção, o princípio do arco, e provavelmente teriam existido cúpulas quando do apogeu da cidade.

Todo aquele emaranhado acha-se monstruosamente erodido e a superfície glacial da qual as torres se projetavam estava recoberta de blocos caídos e de escombros imemoriais. Onde a glaciação era transparente podíamos ver as partes inferiores das pilhas gigantescas, e notávamos as pontes de pedra, preservadas pelo gelo, que ligaram as diversas torres a várias distâncias sobre o chão. Nas paredes expostas podíamos detectar marcas de outras pontes, mais altas, do mesmo tipo, agora desabadas. Uma inspeção mais próxima revelou janelas incontáveis, bem amplas. Algumas estavam fechadas com folhas de um material petrificado que originariamente fora madeira, embora na maioria estivessem escancaradas de maneira sinistra e ameaçadora. Muitas das ruínas, naturalmente, haviam perdido os tetos e tinham as partes superiores irregulares, posto que arredondadas pelo vento. Outras, porém, de feitio mais acentuadamente cônico ou piramidal, ou protegidas por estruturas adjacentes mais altas, exibiam contornos intactos, a despeito do desgaste e da erosão onipresente. Usando o binóculo, quase podíamos distinguir o que parecia ser decorações escultóricas em faixas horizontais — e que incluíam aqueles curiosos agrupamentos de pontos cuja presença nas esteatitas antigas agora assumiam um significado muitíssimo mais vasto.

Em muitos sítios os edifícios eram uma ruína completa e o lençol de gelo achava-se profundamente rasgado, por várias causas geológicas. Em outros lugares a cantaria encontrava-se desgastada até o nível da glaciação. Via-se um corte largo, que se estendia ao interior do planalto até uma fissura nos contrafortes, a aproximadamente dois quilômetros do passo que havíamos transposto, inteiramente

destituído de construções. Representava provavelmente, concluímos, o leito de algum caudaloso rio que durante o Terciário — milhões de anos antes — corria pela cidade e se arremessava em algum prodigioso abismo subterrâneo da grande cordilheira. Tratava-se, decerto, de uma região de cavernas, gólfãos e segredos subterrâneos vedados ao conhecimento humano.

Fazendo um retrospecto de nossas sensações e recordando nossa estupefação ao contemplarmos aqueles resquícios monstruosos de eras imemoriais que julgávamos pré-humanas, só me cabe admirar que tenhamos preservado qualquer coisa, semelhante a equilíbrio. Sabíamos, naturalmente, que alguma coisa — a cronologia, a teoria científica ou nossa própria consciência — achava-se dolorosamente errada. No entanto, conservávamos estabilidade suficiente para controlar o avião, observar várias coisas minudentemente e tirar uma cuidadosa série de fotografias que talvez ainda venham a servir bem tanto a nós quanto ao mundo. Em meu caso, entranhados hábitos científicos podem ter ajudado; pois acima de tudo, o espanto e a sensação de ameaça que ali senti deram azo a uma intensa curiosidade no sentido de descobrir mais a respeito daquele segredo do passado — saber que espécie de seres havia construído e habitado aquele lugar inestimavelmente gigantesco, determinar qual relação poderia ter tido tal singular concentração de vida com o mundo geral de seu tempo ou de outros tempos.

Isso porque aquele lugar não podia ser uma cidade comum. Devia ter constituído o núcleo e o centro primordiais de algum capítulo arcaico e inacreditável da história do mundo, cujas ramificações externas, só baçamente lembrado nos mais obscuros e distorcidos mitos, haviam-se desvanecido inteiramente em meio ao caos de convulsões terráqueas, muito antes que qualquer raça humana que conhecemos houvesse ascendido um grau acima dos símios. O que se esparramava ali era uma megalópole paleoarcaica em comparação à qual sítios legendários como a Atlântida e a Lemúria, Commoriom e Uzuldaroum, ou Olathoë, na Terra de Lomar, são coisas recentes, de hoje —nem mesmo de ontem; uma megalópole parelha com blasfêmias pré-humanas, das quais só se fala em sussurros, como Valusia, R'lyeh, Ib da Terra de Mnar e a Cidade Inominada da Arábia Deserta. Enquanto voávamos sobre aquele labirinto de torres titânicas, minha imaginação por vezes tomava os freios nos dentes e per vagava sem rumo por reinos de fantásticas associações — chegando mesmo a tecer vínculos entre aqueles mundos perdidos e alguns de meus próprios sonhos mais delirantes concernentes ao horror encontrado no acampamento.

No interesse de decolarmos com menos peso, o tanque de combustível do avião tinha sido enchido só parcialmente; daí termos de levar a cabo nossa exploração com cautela. Ainda assim, no entanto, cobrimos uma extensão de terreno — ou antes, de ar — verdadeiramente desprezível. Parecia não haver limites para a cordilheira ou para a extensão da hedionda cidade pétreia que perlongava seus contrafortes. Oitenta quilômetros em ambas as direções não revelaram qualquer modificação de monta no labirinto de rochas e cantaria que se agarrava como um cadáver nos gelos eternos. Havia, não obstante, certas diversificações altamente interessantes; assim eram, por exemplo, os entalhes no canhão pelo qual aquele rio caudaloso havia outrora despenhado pelos contrafortes e se escoado por seu sumidouro na grande cordilheira. Os promontórios nas entradas da corrente tinham sido esculpido em escarpas, formando colunas ciclopicas; e havia alguma coisa nos desenhos rugosos e e em forma de barril que incitava em Danforth e em mim vagas, odiosas e confusas associações.

Demos também com diversos espaços abertos, em forma de estrela, evidentemente praças públicas, e notamos várias ondulações no terreno. Onde se elevava um monte íngreme, este geralmente se apresentava oco, formando alguma espécie de edificação escarrapachada; havia, porém, pelo menos duas exceções. Dentre elas, uma estava demasiado carcomida para se saber o que existira na crista saliente, ao passo que a outra ainda exibia um fantástico monumento cônico, esculpido na rocha viva e que semelhava grosseiramente coisas como o conhecido Túmulo daCobra, no antigo vale de Petra.

Saindo das montanhas em direção ao interior do continente, pudemos constatar que a cidade não era de largura infinita, muito embora sua extensão, ao longo dos contrafortes, parecesse infindável.

Depois de aproximadamente 50 quilômetros os grotescos edifícios de pedra começavam a rarear, e com mais 15 quilômetros chegamos a um ermo ininterrupto, praticamente sem sinais de artifícios conscientes. Além da cidade, o curso do rio parecia marcado por uma linha larga e deprimida, ao passo que o terreno adquiria um caráter acidentado um tanto mais acentuado, dando mostras de tornar-se um pouco mais elevado à medida que se estendia rumo ao oeste brumoso

Até então não havíamos feito nenhum pouso; no entanto, abandonar o planalto sem sequer uma tentativa de examinar de perto algumas daquelas estruturas monstruosas teria sido inconcebível. Por conseguinte, decidimos encontrar uma área plana nos contrafortes, próxima a nossa garganta navegável, para ali aterrissarmos e nos prepararmos para uma breve exploração a pé. Embora essas suaves encostas estivessem em parte cobertas por escombros, voando a baixa altitude logo descobrimos vários pontos onde seria possível pousar. Escolhendo o mais próximo ao desfiladeiro, uma vez que depois teríamos de alçar vôo para transpor a cordilheira e voltar ao acampamento, por volta das 12h30min logramos aterrissar numa área plana e de neve endurecida, totalmente destruída de obstáculos e bem adaptada a uma posterior decolagem.

Não nos pareceu necessário proteger o avião com uma barragem de neve, por tempo tão curto e visto que não havia ventos fortes. Assim, verificamos apenas se os patins de pouso estavam escorados com segurança e se as partes vitais do motor achavam-se protegidas contra o frio. Para nossa jornada a pé, deixamos no avião os agasalhos de pele mais pesados e levamos conosco pouca coisa: uma bússola de bolso, a câmara manual, provisões, leves, uma boa quantidade de blocos de anotações e de papel, martelo e cinzel de geólogo, bolsas de coleta de amostras, um rolo de corda de alpinismo e possantes lanternas elétricas, com pilhas extras. Tal equipamento fora trazido no avião na expectativa de que pudéssemos efetuar um pouso, tirar fotografias no chão, fazer desenhos e esboços topográficos, assim como coletar amostras de rochas em alguma encosta nua, afloramento ou caverna na montanha. Por sorte, tínhamos um suprimento extra de papel que podíamos rasgar, colocar numa bolsa sobressalente e utilizar para assinalar nosso percurso em qualquer labirinto em que pudéssemos entrar. Esse suprimento de papel tinha sido trazido para o caso de localizarmos algum sistema de cavernas em que o ar estivesse suficientemente calmo para permitir esse método rápido e fácil de marcar caminho, ao invés do método usual de gravar marcas em rochas.

Descendo cuidadosamente a encosta pela neve encrostada em direção ao estupendo labirinto de pedra que se agigantava contra o opalescente céu ocidental, éramos empolgados por uma sensação de prodígios iminentes quase tão intensa quanto a que havíamos sentido ao nos aproximarmos do inexplorado passo nas montanhas, quatro horas antes. Na verdade, por força de ver aquelas edificações, já estávamos familiarizados com o incrível segredo oculto pelos picos; no entanto, a perspectiva de verdadeiramente penetrar naquela cidade, edificada por seres conscientes havia talvez milhões de anos — antes que qualquer raça conhecida de homens pudesse ter existido —, era aterradora por suas implicações de anormalidade cósmica. Embora a rarefação do ar naquela altitude assombrosa tornasse a movimentação mais difícil que de costume, tanto Danforth quanto eu senti amo-nos muito bem, à altura de quase qualquer tarefa que se nos deparasse. Foi preciso apenas alguns passos para nos levar a uma ruína informe, arrasada ao nível da neve, ao passo que cerca de cinquenta ou setenta metros adiante havia uma muralha imensa, sem teto, ainda intacta em seu delineamento gigantesco de cinco pontas e que se erguia a uma altura irregular de pouco mais de três metros em média. Caminhamos em sua direção; e quando por fim pudemos tocar-lhe os desgastados blocos ciclópicos, sentimos haveremos estabelecido uma ligação sem precedentes e quase blasfema com eras esquecidas, normalmente vedados à nossa espécie.

Esse baluarte, em forma de estrela e com aproximadamente 90 metros de ponta a ponta, fora construído com blocos de arenito jurássico de dimensões irregulares — média 1,80m por 2,50m. Havia uma fileira de seteiras ou janelas com cerca de 1,20m de largura e 1,50m de altura, espacejadas com grande simetria ao longo das pontas da estrela e em seus ângulos interiores, e

com a parte inferior a cerca de 1,20m da superfície de gelo. Olhando por essas aberturas, pudemos ver que a parede não teria menos de 1,50m de espessura, que no interior não subsistiam quaisquer divisões e que restavam vestígios de entalhes ou baixos-relevos em frisas nas paredes interiores — fatos que, na realidade, já tínhamos quase percebido anteriormente, ao passarmos em baixa altitude por aquela bastida e outras semelhantes. Ainda que originariamente devessem existir partes mais baixa, todos os traços delas estavam agora inteiramente escondidas pela profunda camada de gelo e de neve naquele local.

Entramos de gatinhas por uma das janelas e em vão tentamos decifrar os desenhos murais quase apagados, porém não tentamos perturbar o piso de gelo. Nossos vãos de reconhecimento haviam mostrado que muitos edifícios na cidade propriamente dita estavam .menos entulhados de gelo e talvez pudéssemos encontrar interiores inteiramente limpos, pelos quais poderíamos chegar aos verdadeiros pavimentos térreos, se entrássemos em edificações que ainda conservassem teto. Antes de deixarmos o baluarte fotografamo-lo cuidadosamente e estudamos sua obra de cantaria, não revestida, com total desnorteamento. Manifestamos desejo de que Pabodie estivesse conosco, pois seus conhecimentos de engenharia poderiam ter-nos ajudado a imaginar como aqueles blocos titânicos tinham sido manejados na época inacreditavelmente remota em que a cidade e suas cercanias haviam sido edificadas.

A caminhada de quase um quilômetro encosta abaixo, até a cidade propriamente dita, com o vento uivando selvaticamente nos picos às nossas costas, foi algo cujos pormenores, mesmo os mais ínfimos, não de ficar para todo sempre gravados em minha memória. Somente em pesadelos fantásticos poderiam quaisquer seres humanos, salvo Danforth e eu, conceber tais efeitos ópticos. Entre nós e os vapores em revolução a oeste jazia aquele entrelaçamento monstruoso de escuras torres de pedra, cujas formas *outrées e* incríveis voltavam a nos aturdir a cada novo ângulo de visão. Era uma miragem em pedra sólida, e não fossem as fotografias ainda hoje eu duvidaria que tal coisa pudesse existir. O tipo geral de cantaria era idêntico ao do baluarte que tínhamos examinado pouco antes, mas as configurações urbanas superavam qualquer descrição.

Mesmo as fotografias ilustram apenas uma ou duas fases de sua variedade infinda, sua solidez sobrenatural, seu exotismo radialmente alienígena. Havia formas geométricas para as quais um Euclides dificilmente encontraria nome — cones de todos graus de irregularidade e truncamento, plataformas de toda espécie de desproporção, hastes com estranhos alargamentos bulbosos, colunas quebradas em grupos curiosos, arranjos em cinco pontas ou cinco rugas de louca grotesqueria. Ao nos aproximarmos conseguimos enxergar através de certas partes transparentes do lençol de gelo e detectar algumas das pontes tubulares de pedra que interligavam as estruturas dementes a várias alturas. Quanto a arruamentos, parecia-nos não existirem, e o único espaço aberto situava-se a aproximadamente 1,5 quilômetro à esquerda, onde o antigo rio sem dúvida havia atravessado a cidade, em direção às montanhas.

Com auxílio dos binóculos, constatamos que as faixas externas e horizontais de esculturas quase obliteradas e os agrupamentos de pontos eram comuníssimos e quase podíamos visualizar que aspecto teria tido outrora a cidade — muito embora a maioria dos telhados e as coroas das torres tivessem necessariamente desabado. De geral, a cidade fora um emaranhado complexo de aléias e caminhos tortuosos, sempre como canhões profundos, sendo alguns pouco mais que túneis, à conta das obras de cantaria em balanço e das pontes em arco. Agora, esparramada sob nós, ela avultava como uma fantasia de sonho que tinha como fundo a névoa a oeste, através de cuja extremidade setentrional o baixo e avermelhado sol antártico do começo da tarde se esforçava por penetrar. E quando, por um instante, esse sol encontrava uma obstrução mais densa e fazia mergulhar o cenário numa sombra efêmera, o efeito era de uma ameaça sutil que jamais poderei ter esperança de pintar com palavras. Até mesmo os uivos e sibilos suaves do vento nas gargantas profundas da cordilheira às nossas costas ganhavam um tom mais desvairado de deliberada malignidade. A última etapa de nossa descida até a cidade foi invulgarmente íngreme e abrupta; um afloramento rochoso no ponto em que o declive se alterava levou-nos a pensar que no passado existira ali uma esplanada artificial. Sob o gelo, acreditávamos, deveria haver um lance de

degraus ou coisa equivalente.

Quando finalmente mergulhamos na cidade propriamente dita, tropeçando em escombros e nos sobressaltando por causa da proximidade opressiva e da altura acachapante dos onipresentes destroços e das paredes esburacadas, nossas sensações mais uma vez chegaram a tal intensidade que assombra-me o grau de autocontrole que conservamos. Danforth estava francamente com os nervos à flor da pele e pôs-se a tecer algumas especulações ofensivamente irrelevantes a respeito do horror que havíamos encontrado no acampamento — especulações contra as quais eu mais me ressentia por não poder deixar de compartilhar, certas conclusões a que éramos forçados por muitos aspectos daquela sobrevivência mórbida da antiguidade de pesadelo. Tais especulações atuaram também sobre a imaginação de Danforth. Digo isto porque em certo ponto — onde uma aléia cheia de escombros inflétia numa esquina — ele insistiu em que via no chão leves vestígios de marcas de que não gostava; por outro lado, em outros locais ele se detinha para escutar um som sutil e imaginário, proveniente de algum ponto indefinido — um abafado sibilo musical, dizia ele, em nada diferente daquele que o vento arrancava às cavernas, mas de alguma forma perturbadoramente distinto. O incessante motivo de cinco pontas da arquitetura circundante e dos poucos arabescos murais discerníveis tinham um efeito vagamente sinistro a que não nos podíamos furtar e nos propiciava algo como que uma terrível certeza subconsciente com relação às entidades primais que haviam erguido aquele lugar sacrílego e nele habitado.

Não obstante, nossas almas científicas e aventureiras não estavam inteiramente mortas e mecanicamente levávamos avante nosso programa de obter amostras de todos os diferentes tipos de rochas representados na cantaria. Desejávamos colher um conjunto bastante completo deles, a fim de melhor inferir a idade do lugar. Nada nas grandes paredes externas parecia datar de depois dos períodos Jurássico e Comancheano, nem qualquer pedaço de pedra de todo aquele local era mais recente que a era Pliocênica. Tínhamos cabal certeza de estarmos a caminhar em meio a uma morte que já reinava havia pelo menos quinhentos mil anos e, com toda probabilidade, ainda mais tempo.

A medida que avançávamos por aquele dédalo de crepúsculo penumbroso, parávamos diante de todas as aberturas para estudar interiores e investigar possibilidades de acesso. Algumas estavam além de nosso alcance, ao passo que outras levavam apenas a ruínas obstruídas pelo gelo, tão vazias quanto o baluarte da montanha. Uma delas, ainda que espaçosa e promissora, dava para um abismo aparentemente sem fundo, sem qualquer meio visível de descida. Vez por outra tínhamos oportunidade de estudar a madeira petrificada de um postigo ainda meio intacto, e impressionava-nos a fabulosa antiguidade implícita nas fibras ainda perceptíveis. Aquelas janelas tinham vindo de gimnospermas e coníferas mesozóicas — principalmente cicadáceas cretáceas — e de palmáceas e angiospermas antigos de clara origem Terciária. Nada categoricamente posterior ao Plioceno podia ser visto. Aqueles postigos — cujas arestas revelavam a presença antiga de dobradiças estranhas e desde muito desaparecidas — haviam sido instalados das maneiras mais variadas; alguns ficavam do lado externo, outros do lado interno dos largos vãos. Pareciam ter ficado presos em seus lugares, sobrevivendo assim à oxidação de suas dobras antigas, provavelmente metálicas.

Após algum tempo chegamos diante de uma fileira de janelas — nas saliências de um colossal cone de cinco cantos, com ápice intacto — que conduziam a um salão vasto e bem conservado, com piso de pedra; no entanto, eram altas demais para que descêssemos sem ajuda de corda. Tínhamos efetivamente um rolo de corda conosco, mas não queríamos ter o trabalho de realizar aquela descida de seis metros a menos que fôssemos obrigados a tal — principalmente naquela atmosfera rarefeita onde o músculo cardíaco era forçado a grande trabalho. Aquela sala enorme seria decerto um salão de reunião, e nossas lanternas revelavam esculturas majestosas dispostas em torno das paredes, em largas faixas horizontais, separadas por frisas igualmente largas de arabescos convencionais. Tomamos nota cuidadosamente daquele lugar, tencionando entrar ali, a menos que encontrássemos um interior de acesso mais fácil.

Por fim, entretanto, encontramos exatamente a abertura que desejávamos, uma arcada com cerca de

1,80m de largura e três metros de altura, que marcava a antiga extremidade de uma ponte suspensa que havia passado por cima de uma aléia, a cerca de 1,50m sobre o atual nível do gelo. Essas arcadas, naturalmente, ficavam em linhas com pavimentos superiores, e neste caso ainda subsistia um dos pavimentos. O edifício a que assim se tinha acesso era uma série de plataformas retangulares à nossa esquerda, dando para oeste. O que ficava do outro lado da aléia, e na qual seabria a outra arcada, era um cilindro decrépito, sem janelas e com uma curiosa protuberância a cerca de três metros acima da abertura. O interior estava escuro e a arcada parecia abrir-se para um bártro de vazio ilimitado.

Uma pilha de escombros fazia com que o acesso ao vasto edifício da esquadra fosse ainda mais facilitado; ainda assim, por um momento hesitamos antes de tirarmos proveito da oportunidade por que tanto havíamos ansiado. Muito embora nos nos houvéssemos aventurado a entrar naquele labirinto de arcaico mistério, era preciso renovada força de vontade para nos dispormos a realmente penetrar no interior de um edifício completo e supérstite de um fabuloso mundo antigo cuja natureza a cada instante tornava-se-nos mais horrendamente clara. Por fim, entretanto, decidimo-nos e subimos pelo monte de escombros e chegamos ao vão hiante. O chão adiante era feito de grandes lajes de ardósia e parecia formar o desaguadouro de um longo e alto corredor de paredes esculpidas.

Observando as muitas arcadas que partiam daquele salão e percebendo a provável complexidade do ninho de aposentos que haveria ali, resolvemos dar início a nosso sistema de marcação de caminho. Até ali nossa bússola, juntamente com olhares freqüentes para a vasta cordilheira, entrevista em meio às torres, tinha sido suficiente para impedir que nos perdêssemos; de agora em diante, contudo, era preciso um adjutório artificial. Por conseguinte, rasgamos nossos papéis extras em tiras de tamanho adequado, que colocamos numa bolsa a ser transportada por Danforth, e nos preparamos para usá-las com tanta economia quanto permitisse a segurança. Tal método provavelmente evitaria que nos perdêssemos, porquanto não parecia haver fortes correntes de ar no interior da edificação. No caso de soprarem ventos, ou se nosso suprimento de papel chegasse ao fim, podíamos, naturalmente, recorrer ao método mais seguro, ainda que mais trabalhoso e lento, de tirar lascas na cantaria.

Era impossível conjecturar, sem tentativa real, qual a extensão do território que havíamos aberto. As freqüentes conexões entre os diferentes edifícios tornava provável que passássemos de um para outro, por pontes sob o gelo, exceto se isso fosse impedido por desabamentos locais e desastres geológicos, uma vez que parecia haver no interior das construções pouquíssima formação glacial. Quase todas as áreas de gelo transparente haviam mostrado que as janelas soterradas estavam fortemente fechadas, como se a cidade tivesse permanecido naquele estado uniforme atéter-se criado o lençol glacial que viria cristalizar a parte inferior da urbe para todo sempre. Com efeito, tinha-se a curiosa impressão de que o lugar fora voluntariamente fechado e evacuado em alguma era vaga e antiga, ao invés de sacudido por qualquer calamidade súbita ou mesmo por uma gradual decadência. Porventura o advento do gelo fora previsto e uma população desconhecida abandonara em massa o lugar para buscar um abrigo menos condenado. As precisas condições fisiográficas que cercaram a formação do lençol glacial naquele ponto teriam de esperar solução posterior. Não havia ocorrido, com toda certeza, uma hecatombe repentina. Talvez a pressão de neves acumuladas tivesse sido seu causador, ou, quem sabe, uma cheia do rio ou o estouro de alguma antiga represa glacial na cordilheira houvessem contribuído para criar a situação especial que agora se observava. A imaginação era capaz de conceber quase tudo com àquele lugar.

VI

Seria enfadonho um relato minucioso e consecutivo de nossas deambulações no interior daquele favo cavernoso e arcaico de cantaria primal — aquela cova monstruosa de segredos antigos onde agora, pela primeira vez depois de milênios sem conta, ecoavam passos humanos. E sobretudo porque grande parte da angústia e da revelação hediondas provieram de um mero estudo das onipresentes entalhaduras

murais. As fotografias que tiramos dessas obras de talhas, à luz de lanternas, em muito corroborarão a verdade do que estamos agora desvelando, e é lamentável que não tivéssemos conosco maior quantidade de filme. Depois que todos nossos filmes foram consumidos, passamos a fazer grosseiros esboços de certos elementos mais destacados.

O edifício em que entramos era de grande dimensão e apuro, proporcionando-nos uma idéia sugestiva da arquitetura daquele nefando passado geológico. As divisões internas eram menos imponentes que as paredes externas, mas nos pavimentos inferiores estavam preservadas com perfeição. Uma complexidade labiríntica, envolvendo diferenças de nível entre os pisos de curiosa irregularidade, caracterizava a planta; e decerto nos teríamos perdido de imediato não fosse a trilha de papéis rasgados que íamos deixando. Decidimos explorar antes de mais nada as decrepitas partes superiores, pelo que subimos por aquele dédalo, percorrendo uma distância de aproximadamente 30 metros, até o ponto em que a camada mais alta de câmaras se abria, nevosa e ruinosamente, para o céu polar. A ascensão se fez pelas rampas ou planos inclinados de pedra, íngremes e raiadas transversalmente, que por toda parte faziam as vezes de escadas. Os cômodos que encontramos eram de todas as formas e proporções imagináveis, variando de estrelas de cinco pontas a triângulos e cubos perfeitos. Poderíamos asseverar com certa segurança que as dimensões médias de tais cômodos eram em geral de nove metros de lado, com cerca de seis metros de altura, embora existissem muitos aposentos maiores. Após examinarmos com todo rigor as áreas superiores e o nível glacial, descemos, andar por andar, para a parte soterrada. Ali vimos, com efeito, que estávamos num contínuo labirinto de câmaras interligadas e de passagens, as quais provavelmente levavam a áreas ilimitadas fora daquele edifício específico. A imponência e o gigantismo ciclópico de tudo quanto nos rodeava tornaram-se curiosamente opressivos; e havia algo como que uma inumanidade vaga mas profunda em todos os contornos, dimensões, decorações e nuances daquela arquitetura blasfemamente arcaica. Logo percebemos, pelo que os entalhes revelavam, que aquela cidade monstruosa tinha milhões de anos.

Não sabemos ainda explicar os princípios de engenharia empregados no balanceamento e no ajuste anômalos das vastas massas rochosas, embora fosse claro o constante recurso ao princípio do arco. Os cômodos que visitamos achavam-se inteiramente despidos de qualquer coisa como mobília ou pertences móveis, uma circunstância que reforçou nossa convicção de que a cidade tinha sido abandonada deliberadamente. O principal elemento decorativo era o sistema quase universal de esculturas murais, que tendiam a correr em contínuas faixas horizontais de quase um metro de largura, dispostas do piso ao teto e em alternância com faixas, de igual largura, de arabescos geométricos. Havia exceções a essa regra, porém sua predominância era esmagadora. Com freqüência, todavia, uma série de cártulas lisas, com grupos de pontos em configurações singulares, era embutida numa das faixas de arabescos.

A técnica, logo verificamos, era amadurecida, requintada; e evoluíra, do ponto de vista estético, ao mais alto grau de apuro civilizado, embora permanecesse de todo estranha, em qualquer pormenor, a qualquer tradição artística conhecida da raça humana. Em delicadeza de labor, nenhuma escultura que eu já tenha visto poderia fazer-lhe sombra. Os mais insignificantes detalhes de uma flora rica ou da vida animal eram traduzidos com atordoante vivacidade, a despeito da escala majestosa das entalhaduras; de outra parte, os desenhos convencionais eram primores de esmerado entrelaçamento. Os arabescos faziam uso sapiente de princípio matemáticos e compunham-se de curvas e ângulos obscuramente simétricos, de base cinco. As faixas pictóricas seguiam uma tradição altamente formalizada e envolvia um tratamento peculiar da perspectiva, mas possuíam uma força artística que nos causava emoção profunda, não obstante o abismo interveniente de imensos períodos geológicos. O método construtivo baseava-se numa singular justaposição da seção transversal com a silhueta bidimensional e incorporava uma psicologia analítica mais avançada que a de todas as raças conhecidas da antiguidade. Será inútil tentar comparar essa arte com qualquer uma das representadas em nossos museus. Quem examinar nossas fotografias

provavelmente há de encontrar analogias com certas concepções grotescas dos mais extremados futuristas.

O risco dos arabescos consistia sempre em linhas deprimidas, cuja profundidade em paredes intactas variava de dois a quatro dedos. Quando surgiam cártulas com agrupamentos de pontos — evidentemente inscrições numa língua e num alfabeto primordiais e desconhecidos — a depressão na superfície lisa teria, talvez, três dedos de fundo; a dos pontos, talvez um dedo mais. As faixas pictóricas eram em alto-relevo, ficando o fundo deprimido cerca de 5 centímetros em relação à superfície da parede. Em uma que outra amostra, podia-se detectar resíduos de pintura, se bem que, na maioria das frisas, eras e eras sem conta haviam desintegrado e feito desaparecer quaisquer pigmentos que lhe pudessem ter sido aplicados. Quanto mais se estudava a técnica magnífica, mais se admirava as obras. Sob o rígido convencionalismo, percebia-se a observação minuciosa e precisa, bem como a perícia gráfica dos artistas; e, na verdade, as próprias convenções atendiam à simbolização e à acentuação da essência real ou da diferenciação vital de todo objeto representado. Sentíamos, ademais, que a par dessas excelências perceptíveis havia outras que se situavam além do alcance de nossa percepção. Aqui e ali, certos toques faziam vagas alusões a símbolos e estímulos latentes que um outro lastro mental e emocional, bem como um aparelho sensório mais completo ou diferente, poderia ter tornado de profundo e pungente significado para nós.

A temática das esculturas provinha obviamente da vida da época desaparecida de sua criação e continha grande proporção de relatos históricos. Foi essa extrema preocupação da raça primal em registrar sua história — uma circunstância casual que, por coincidência, atuou miraculosamente em nosso favor — que deu às entalhaduras uma tão formidável carga informativa e que nos levou a atribuir prioridade máxima a fotografá-las e transcrevê-las. Em certas salas, o arranjo dominante era diversificado pela presença de mapas, cartas celestes e outros desenhos científicos em grande escala — sendo que tais coisas davam uma ingênua e significativa corroboração ao que já havíamos inferido das frisas pictóricas. Ao me referir por alto ao que o todo revelava, só me resta esperar que minha narrativa não venha a suscitar, por parte dos que crêem em mim, uma curiosidade maior do que a justificada pela sã cautela. Seria trágico que alguém fosse atraído àquele reino de morte e horror pela própria advertência destinada a desencorajar novas visitas.

Essas paredes esculpidas eram interrompidas por janelas altas e imponentes portais de quase quatro metros, que vez por outra retinham as bandeiras de madeira petrificada, elaboradamente entalhadas. Todas as ferragens metálicas haviam desaparecido desde muito, mas algumas portas permaneciam no lugar e tinham de ser abertas à força enquanto progredíamos de câmara em câmara. Caixilhos de janelas, com curiosas vidraças transparentes — na maioria elípticas — subsistiam aqui e ali, ainda que em quantidade pouco considerável. Havia ainda, com freqüência, nichos de alentadas dimensões, em geral vazios, mas ocasionalmente exibindo algum objeto fantástico, esculpido em esteatita verde. Tais objetos ou estavam quebrados ou haviam sido considerados demasiado inferiores para serem removidos. Outras aberturas estavam indubitavelmente ligadas a desaparecidas instalações mecânicas — para aquecimento, iluminação ou quejandos — de uma natureza indicada em vários dos entalhes. Os tetos em geral eram planos, mas às vezes tinham sido decorados com a esteatita verde ou outros tipos de azulejos, agora quase todos soltos. Os pisos eram também revestidos com tais azulejos, posto que predominassem pedras lisas.

Como já ficou dito, todo mobiliário e outros pertences haviam sido removidos. No entanto, as esculturas davam idéia clara dos objetos estranhos que outrora haviam guarnecido aqueles aposentos tumulares e ressonantes. Acima do lençol glacial, os pisos estavam em geral atulhados de detritos, destroços e escombros, porém mais embaixo essa situação se agravava. Em alguns dos aposentos e corredores inferiores havia pouco mais que poeira areenta ou incrustações antigas, ao passo que algumas poucas áreas ofereciam uma impressão sinistra de varredura recente. Naturalmente, onde haviam ocorrido

fraturas ou desabamentos, os pavimentos inferiores estavam tão atulhados de destroços quanto os superiores. Um pátio central — como as que víamos do ar em outras estruturas — impedia que as regiões inferiores mergulhassem em trevas totais. Por isso, raramente tivemos de utilizar as lanternas elétricas nas salas superiores, salvo quando examinando pormenores de esculturas. Sob a calota glacial, no entanto, a penumbra aumentava e em muitos pontos do emaranhado andar térreo quase reinava o negrume absoluto.

Para que se forme uma idéia ao menos rudimentar de nossos pensamentos e sensações enquanto invadíamos aquele dédalo silencioso de cantaria inumana, é mister correlacionar um caos inapelavelmente atordoante de humores, lembranças e impressões fugitivas. Bastavam a estupefaciente antiguidade e a desolação letal do lugar para esmagar quase qualquer pessoa sensível, mas a esses elementos somava-se o recente e inexplicado horror que se nos deparara no acampamento, assim como as revelações logo impostas pelas portentosas esculturas murais que nos cercavam. No momento em que nos vimos diante de um trecho intacto do alto-relevo, que não permitia qualquer ambigüidade de interpretação, foi bastante um exame breve para que nos inteirássemos da hedionda verdade — uma verdade que só com ingenuidade Danforth e eu poderíamos alegar não haveremos suspeitado independentemente antes, muito embora tivéssemos tomado todo cuidado para nem sequer aludir a ela. Daquele momento em diante já não podíamos nutrir qualquer dúvida clemente quanto à natureza dos seres que haviam edificado e habitado aquela tétrica cidade, morta havia milhões de anos, quando os ancestrais do homem eram primitivos mamíferos arcaicos e enormes dinossauros vagueavam pelas estepes tropicais da Europa e da Ásia.

Havíamos até então nos apegado a uma alternativa desesperada e insistido — cada qual consigo mesmo — que a onipresença do motivo de cinco pontas representava tão-somente alguma exaltação cultural ou religiosa do objeto natural arqueano que tão patentemente incorporava a idéia das cinco pontas — da mesma forma como os motivos decorativos da Creta minoana exaltavam o touro sagrado, os do Egito o escaravelho, os de Roma o lobo e a águia, e os de várias tribos selvagens algum animal totêmico. No entanto, esse único refúgio era-nos agora roubado e nos víamos forçados a encarar definitivamente a percepção enlouquecedora que o leitor destas páginas sem dúvida há de ter adivinhado há muito. Mal consigo me persuadir a registrar com todas letras essa verdade, ainda agora; mas talvez isso não seja necessário.

Os seres que haviam habitado aquela arquitetura assustadora ao tempo dos dinossauros não eram, com efeito, dinossauros, mas algo muito pior. Os dinossauros eram criaturas novas e quase destituídas de cérebro... mas os construtores da cidade eram sábios e antigos e haviam deixado certos sinais em rochas já então assentadas havia perto de um bilhão de anos. . . rochas assentadas antes que a verdadeira vida na Terra tivesse avançado além do estágio de grupos plásticos de células... rochas assentadas antes que a verdadeira vida da Terra sequer existisse, em qualquer forma. Eram eles os criadores é, os escravizadores daquela vida e, acima de toda duvidados fundamentos dos demoníacos mitos antigos aos quais coisas como os Manuscritos Pnakóticos e o *Necronomicon* fazem veladas alusões. Eram os "Antigos" que haviam descido das estrelas quando a Terra era Jovem — os seres cuja substância uma evolução desnaturada moldara e cujos poderes não haviam sido gerados neste planeta. E pensar que ainda na véspera Danforth e eu havíamos verdadeiramente contemplado fragmentos de sua substância milenariamente fossilizada... e que o pobre Lake e seu grupo haviam visto seus contornos completos...

É-me impossível, naturalmente, relatar na ordem adequada os estádios mediante os quais concatenamos aquilo que sabemos daquele monstruoso capítulo da vida pré-humana. Passado o choque inicial da revelação inescapável, tivemos de fazer uma pausa para nos recompormos e já eram três da tarde quando começamos o programa de pesquisa sistemática. As esculturas do edifício em que entramos datavam de uma época relativamente tardia — talvez dois milhões de anos passados, segundo indicavam características geológicas, biológicas e astronômicas, e representavam uma arte que poderia

ser dita decadente em comparação à dos exemplos que encontramos em edifícios mais antigos, depois de atravessarmos pontes sob o lençol glacial. Um desses edifícios, talhado na rocha viva, parecia remontar a quarenta ou, possivelmente, até cinquenta milhões de anos — ao Eoceno inferior ou ao Cretáceo superior — e continha alto-relevos de uma mestria inigualada por qualquer outra, com uma única exceção, que tenhamos encontrado. Aquela era, concordamos mais tarde, o mais antigo exemplo de arquitetura habitacional por que passamos.

Não fora a corroboração daquelas fotografias que logo serão divulgadas, eu me absteria de dizer o que encontrei e inferi, para não ser confinado como demente. Naturalmente, as partes infinitamente antigas da narrativa em retalhos — representando a vida pré-terrestre dos seres estrelicéfalos em outros planetas, em outras galáxias e em outros universos — podem ser prontamente interpretadas como a mitologia fantástica daqueles próprios seres. No entanto, tais partes por vezes envolviam desenhos e diagramas tão fantásticamente aproximados das mais recentes descobertas da matemática e da astrofísica que quase não sei o que pensar. Que outros avaliem quando virem as fotografias que publicarei.

Decerto, isoladamente nenhum dos conjuntos de entalhaduras que encontramos narrava mais que uma fração de qualquer história conexa, nem tampouco começamos, naqueles momentos, a tomar ciência das diversas etapas da história em sua ordem certa. Algumas daquelas salas colossais constituíam unidades independentes no que se referia à sua decoração, ao passo que, em outros casos, uma crônica contínua se desenrolava por uma série de câmaras e corredores. Os melhores mapas e diagramas situavam-se nas paredes de um abismo horripilante que ficava abaixo até mesmo do antigo nível do solo — uma caverna com, talvez, 60 metros de lado e 18 metros de altura, e que quase indubitavelmente fora alguma espécie de centro educacional. Havia muitas repetições exasperantes do mesmo material em salas e edifícios diferentes, dado que certos capítulos da experiência e certos sumários ou fases da história rática evidentemente tinham gozado do favor de diferentes decoradores ou moradores. Às vezes, no entanto, variantes do mesmo tema mostravam-se úteis para dirimir dúvidas e preencher lacunas.

Admira-me ainda que tenhamos deduzido tanto no pouco tempo à nossa disposição. Naturalmente, mesmo agora só conhecemos os delineamentos mais gerais — e grande parte deles foi obtido posteriormente, pelo estudo das fotografias e esboços que fizemos. É possível que a causa imediata do atual colapso de Danforth tenha sido esses estudos posteriores — o reviver de memórias e vagas impressões, que se somou à sensibilidade geral do moço e àquele vislumbre final de horror indizível, cuja essência ele não revela sequer a mim. Contudo, assim tinha de ser, porquanto não poderíamos lançar nossa admoestação, de maneira eficaz, sem as informações mais plenas possíveis — e lançar essa admoestação é uma necessidade inelutável. Certas influências remanescentes naquele desconhecido mundo antártico de tempo desordenado e de leis naturais invertidas tornam imperativo que novas explorações sejam desestimuladas.

CAPÍTULO VII

A história completa, tal como decifrada até o presente, aparecerá mais adiante num boletim oficial da Universidade Miskatonic. Limitar-me-ei aqui a esboçar somente os aspectos mais notáveis de modo informe e divagante. Mito ou não, as esculturas falavam do advento daqueles seres estrelicéfalos, caídos do espaço cósmico, à Terra nascente e sem vida — o advento deles e de muitas outras entidades alienígenas que, em certas épocas, empenham-se em explorações espaciais.

Pareciam capazes de transpor o éter interestelar com suas vastas asas membranosas — confirmando assim, singularmente, alguns curiosos relatos folclóricos que há muito tempo me foram contados por um colega dado a antigalhas. Tinham vivido sob o mar por longo tempo, construindo cidades fantásticas e travando lutas formidáveis com adversários inomináveis, batalhas nas quais faziam emprego de artifícios complicados, baseados em desconhecidos princípios de

energia. Evidentemente, o conhecimento científico e mecânico de que dispunham ultrapassava de longe o do homem moderno, muito embora só recorressem às suas formas mais difundidas e elaboradas quando obrigados a tanto. Algumas esculturas davam a entender que haviam passado, por um etapa de vida mecanizada em outros planetas, mas que tinham retrocedido por julgarem seus efeitos emocionalmente insatisfatórios. A dureza sobrenatural de seus corpos e a simplicidade de suas necessidades naturais tornavam-nos peculiarmente aptos a levarem uma vida de excelente qualidade sem os frutos mais especializados da manufatura artificial e até mesmo sem vestuário, salvo para proteção ocasional contra os elementos.

Foi sob o mar, primeiramente em busca de alimento e mais tarde com outros propósitos, que haviam criado a vida terrestre, utilizando as substâncias disponíveis segundo métodos desde muito conhecidos. As experiências mais elaboradas sucederam-se ao aniquilamento de vários inimigos cósmicos. Havia feito o mesmo em outros planetas, produzindo não só os alimentos necessários como também certas massas protoplásmicas multicelulares capazes de transformar seus tecidos em toda espécie de órgãos temporários, sob efeito de hipnose, com o que eles produziam os escravos ideais para executarem o trabalho pesado da comunidade. Eram a essas massas viscosas que sem dúvida aludia Abdul al-Hazred no nefando *Necronomicon* — aquilo a que ele chamava "Shoggoths" —, ainda que nem mesmo aquele árabe louco dissesse que existiam na Terra, salvo nos sonhos daqueles que mascavam uma determinada erva alcalóide. Depois que, aqui neste planeta, os Antigos estrelicéfalos sintetizaram seus alimentos simples e produziram uma boa quantidade de Shoggoths, permitiram que outros grupos celulares se transformassem em outras formas de vida animal e vegetal, para diversos propósitos, extirpando todas aquelas cuja presença se tornasse incômoda.

Com ajuda dos Shoggoths, cujas expansões podiam ser levadas a erguer pesos prodigiosos, as pequenas e baixas cidades submarinas transformaram-se em vastos e imponentes labirintos de pedra, análogos aos que ulteriormente desenvolveram-se em terra. Na verdade, os Antigos, altamente adaptáveis, tinham vivido em terra em outras partes do universo e provavelmente conservavam muitas tradições de construção terrestre. Enquanto estudávamos a arquitetura de todas aquelas arcaicas, cidades esculpidas, inclusive daquela cujos corredores imemoriais percorríamos naquele momento, impressionava-nos uma curiosa coincidência que ainda não tentamos explicar nem a nós próprios. Os topos dos edifícios, que na cidade real em que nos encontrávamos haviam-se convertido, naturalmente, em ruínas havia muitas eras, eram mostrados claramente nos alto-relevos, onde se viam vastas aglomerações de flechas finas como agulhas, delicados remates em certos ápices cônicos e piramidais, assim como fileiras de finos discos horizontais, superpostos, coroando fustes cilíndricos. Era exatamente isso que havíamos visto naquela miragem monstruosa e portentosa, projetada por uma cidade morta na qual tais elementos estavam ausentes havia milhares e dezenas de milhares de anos, e que se agigantara diante de nossos olhos ignaros do outro lado das desconhecidas montanhas da loucura enquanto nos aproximávamos do fatídico acampamento do pobre Lake.

Sobre a vida dos Antigos, tanto sob o mar quanto depois que parte deles migraram para terra, poder-se-ia escrever volumes inteiros. Os que habitavam águas rasas haviam mantido o uso pleno dos olhos, nas extremidades de seus cinco principais tentáculos cefálicos, e haviam praticado as artes da escultura e da escrita de maneira bastante convencional, sendo a escrita realizada com um estilo, sobre superfícies de cera à prova d'água. Os que viviam nas regiões pelágicas, ainda que utilizassem um curioso organismo fosforescente para fornecer luz, logravam visão por intermédio de obscuros sentidos especiais que atuavam através dos cílios prismáticos das cabeças — sentidos esses que, em emergências tornavam todos os Antigos em parte independentes de luz. As formas de escultura e escrita haviam-se modificado curiosamente com a descida, incorporando certos processos de revestimento, aparentemente químicos — sem dúvida para garantir a fosforescência —, que os altos-relevos não elucidavam para nós. Os seres moviam-se no mar, em parte nadando (com ajuda dos braços crinóides laterais) e em parte

contorcendo-se com a fileira inferior de tentáculos, que continham os pseudópodos. Por vezes logravam saltos bem longos, fazendo uso de dois ou mais conjuntos auxiliar de asas dobráveis. Em terra, usavam os pseudópodos, mas ocasionalmente voavam a grandes altitudes ou cobriam enormes distâncias com as asas. Os muitos tentáculos finos em que os braços crinóides se subdividiam eram infinitamente delicados, flexíveis, robustos e possuíam precisa coordenação neuromuscular, o que assegurava perfeita habilidade e destreza em todas as operações manuais, inclusive as artísticas.

A dureza daqueles seres era quase inacreditável. Até mesmo a tremenda pressão dos abismos oceânicos parecia impotente para vulnerá-los. Parecia que pouquíssimos chegavam a morrer, exceto por violência, e seus locais fúnebres eram muito reduzidos. O fato de cobrirem seus mortos, que sepultavam em posição vertical, com montículos de cinco pontas, com inscrições, provocou em Danforth e em mim pensamentos que obrigaram a uma nova pausa para recuperação, depois que as esculturas o revelaram. Os seres multiplicavam-se por meio de espórios — como pteridófitos vegetais, tal como suspeitara Lake — mas, devido à sua prodigiosa dureza e sua longevidade, e à conseqüente falta de necessidade de reposição, não incentivavam o desenvolvimento em grande escala de progênie, exceto quando tinham novas regiões a colonizar. Os jovens amadureciam rapidamente e recebiam uma educação evidentemente além de qualquer padrão que possamos imaginar. A vida intelectual e estética era altamente desenvolvida, tendo produzido um conjunto extremamente duradouro de costumes e instituições que descreverei com mais vagar na monografia que está para sair. Variavam ligeiramente do mar para a terra, mas seus fundamentos e aspectos essenciais eram os mesmos.

Conquanto fossem capazes, como os vegetais, de se nutrirem de substâncias inorgânicas, davam clara preferência à alimentação orgânica, principalmente animal. No mar, comiam organismos marinhos sem cozer, porém em terra coziavam suas vitualhas. Praticavam a caça e criavam rebanhos, abatendo os animais com armas aguçadas — e era essa a origem das curiosas marcas em ossos fósseis que nossa expedição havia observado. Resistiam notavelmente a todas as temperaturas ordinárias, e em seu estado natural, sem vestimentas, eram capazes de viver em águas cujas temperaturas chegavam à do congelamento. Não obstante, ao aproximar-se a grande glaciação do Pleistoceno — há quase um milhão de anos —, os habitantes da terra tiveram de recorrer a medidas especiais, inclusive aquecimento artificial, até que, finalmente, o frio mortal parece tê-los empurrado de volta ao mar. Para seus vãos pré-históricos pelo espaço cósmico, dizia a lenda, absorviam certas substâncias químicas e tornavam-se quase independentes de alimentação, respiração ou condições de temperatura. No entanto, à época do grande frio haviam perdido o conhecimento do método. De qualquer forma, não poderiam ter prolongado o estado artificial indefinidamente, sem dano.

Por não se acasalarem e por serem de estrutura semivegetal, os Antigos careciam de qualquer base biológica para a fase familiar de vida mamífera, mas, ao que parece, organizavam grandes comunidades "familiares", segundo o princípio de utilização ideal do espaço e — como deduzimos pelas ocupações representadas nas frisas e nas diversões dos co-habitantes — de associação mental compatível. Ao mobiliarem seus aposentos, colocavam tudo no centro dos cômodos imensos, deixando as paredes livres para tratamento decorativo. A iluminação, no caso dos terrícolas, era realizada por um dispositivo de natureza provavelmente eletroquímica. Tanto em terra quanto sob as águas, usavam mesas curiosas, cadeiras e sofás semelhantes a bastidores cilíndricos — pois repousavam e dormiam em posição ereta, com os tentáculos dobrados —, além de armações para as tábuas de superfícies pontilhadas que constituíam seus livros.

A estrutura de governo era evidentemente complexa e provavelmente socialista, embora as esculturas que vimos não permitissem certeza quanto a essas questões. Havia um amplo comércio, local e entre diferentes cidades, e certas fichas pequenas e chatas, de cinco pontas e com inscrições, cumpriam a função de moeda. E provável que as menores das várias esteatitas esverdeadas encontradas por nossa expedição constituíssem peças dessa moeda. Embora a cultura fosse sobretudo urbana, havia alguma

agricultura e era disseminada a atividade criatória. Praticavam também a mineração e um certo volume de manufatura. As viagens eram freqüentíssimas, mas a migração permanente parecia relativamente rara, exceto quando dos vastos movimentos colonizadores através dos quais a raça se expandia. Para transporte pessoal não usavam nenhum artifício mecânico, uma vez que, na terra, no ar ou na água, os Antigos pareciam ser capazes de lograr extraordinárias velocidades. As cargas, entretanto, eram puxadas por bestas de tiro —Shoggoths sob o mar e uma curiosa variedade de vertebrados primitivo no período posterior de vida terrestre.

Tais vertebrados, assim como uma infinidade de outras formas de vida — animais e vegetais, marinhos, terrestres e aéreas — eram produtos de evolução fortuita que atuava sobre células fabricadas pelos Antigos, mas às quais não davam eles maior atenção. Tinham-lhes sido permitido desenvolver-se à vontade, pois não haviam entrado em conflito com os seres dominantes. As formas incômodas, naturalmente, eram exterminadas por via mecânica. Interessou-nos ver, em algumas das últimas e mais decadentes esculturas, um trôpego e primitivo mamífero, usado às vezes como alimento e às vezes como bufão divertido pelos terrícolas, e cujas prefigurações simiescas e humanas eram inconfundíveis. Na construção das cidades terrestres, os colossais blocos de pedra eram geralmente erguidos por pterodáctilos de asas imensas, criaturas de uma espécie até aqui desconhecida para a paleontologia.

A persistência com que os Antigos sobreviveram a várias alterações geológicas e a convulsões da crosta terrestre raiava o milagre. Conquanto poucas (ou nenhuma) de suas primeiras cidades não houvessem, ao que entendemos, sobrevivendo além da era arqueana, não houve qualquer solução de continuidade na civilização daqueles seres ou na transmissão de seus anais. O local onde tinham chegado originariamente ao planeta era o oceano Antártico, e não é provável que esse advento se tenha dado muito depois que a matéria formadora da Lua foi arrancada ao vizinho Pacífico Sul. Segundo um dos mapas escultóricos, todo o globo estava então submergido pelas águas, e à medida que transcorriam os éons, as cidades de pedra se dispersavam, afastando-se cada vez mais da Antártida. Outro mapa mostra uma grande porção de terra seca em torno do pólo sul, onde é evidente que alguns daqueles seres fundaram núcleos experimentais, ainda que seus centros principais fossem transferidos para o mais próximo leito marinho. Mapas posteriores, que mostram a massa terrestre com fissuras e em translação, lançando certas partes separadas em direção ao norte, coonestam de modo notável as teorias de translação dos continentes, propostas em dará recente por Taylor, Wegener e Joly.

Com o soerguimento de novas terras no Pacífico Sul, tiveram início episódios de tremendo significado. Algumas cidades marinhas foram irremediavelmente despedaçadas, mas no entanto não foi essa sua pior desdita. Uma outra raça — uma raça terrestre de seres em forma de polvo e que provavelmente corresponde à fabulosa raça pré-humana de Cthulhu — logo começou a se insinuar na Terra, vindo do infinito cósmico, e precipitou uma guerra monstruosa que por algum tempo impeliu totalmente os Antigos de volta ao mar, o que representou golpe terrível, em vista dos crescentes núcleos terrestres. Posteriormente fez-se a paz e as novas terras foram dadas à raça de Cthulhu, ao passo que os Antigos comandavam o mar e as terras mais velhas. Fundaram-se novas cidades em terra, as maiores na Antártica, pois aquela região, a primeira que haviam pisado, era sagrada. A partir de então, tal como antes, a Antártida permaneceu como centro da civilização dos Antigos e todas as cidades ali erigidas pela geração de Cthulhu foram aniquiladas. De repente, então, as terras do Pacífico imergiram novamente, levando consigo, para o fundo do mar, a horrí fica cidade pétrea de R'lyeh e todos os polvos cósmicos, de modo que os Antigos voltaram a reinar, soberanos, no planeta. Restou-lhes único temor nebuloso, com relação ao qual não gostavam de falar. Numa era mais tardia suas cidades pontilharam todas as terras e as águas do globo, donde a recomendação, em minha monografia vindoura, de que algum arqueólogo realize perfurações sistemáticas, com o equipamento projetado por Pabodie, em certas regiões vastamente separadas.

No decurso das eras, persistiu a tendência de trocarem as águas pelas terras, movimento encorajado pelo surgimento de nossas massas terrestres, embora o oceano nunca tivesse ficado inteiramente abandonado. Outra causa para o fluxo em direção à terra foi a nova dificuldade para geração e controle dos Shoggoths, de que dependia a vida normal no mar. Com o passar do tempo, como confessavam tristemente as esculturas, a arte de produzir vida nova a partir da matéria inorgânica se perdera, de modo que os Antigos tinham de depender do modelamento de formas já existentes. Em terra os grandes répteis tinham-se mostrado bastante maleáveis; mas os Shoggoths do mar, que se reproduziam por fissão e haviam adquirido um perigoso grau de inteligência acidental, representaram durante algum tempo um problema grave.

Sempre haviam sido controlados através das sugestões hipnóticas dos Antigos, moldando sua dura plasticidade, de forma a criar vários membros e órgãos temporários de grande utilidade. Agora, porém, seus poderes metamorfoseantes às vezes eram exercidos de maneira independente e segundo diversas fórmulas imitativas implantadas por sugestão passada. Havia, ao que parece, desenvolvido um cérebro semi-estável cuja volição separada e ocasionalmente obstinada ecoava a vontade dos Antigos sem obedecê-la sempre. As imagens esculpidas desses Shoggoths encheram-nos, a Denforth e a mim, de horror e asco. Eram entidades normalmente amorfas, compostas de uma geléia gosmenta que se assemelhava a uma aglutinação de bolhas, e cada um deles tinha em média, quando em forma esférica, cerca de quatro metros e meio de diâmetro. Possuíam, contudo, forma e volume em constante transformação — arrojando apêndices temporários ou formando órgãos para visão, audição e fala, numa imitação de seus senhores, quer espontaneamente, quer seguindo sugestões.

Parecem ter-se tornado peculiarmente intratáveis por volta de meados da era Permiana, há talvez 150 milhões de anos, quando uma verdadeira guerra lhes foi movida pelos Antigos marinhos, com o fito de novamente subjugar-los. As imagens dessa guerra, bem como das vítimas dos Shoggoths — caracteristicamente decapitavam-nas e deixavam seus corpos recobertos de limo —, revelavam uma qualidade maravilhosamente alarmante, a despeito do abismo interveniente de eras sem conta. Os Antigos empregavam contra as entidades rebeldes curiosas armas de desagregação molecular e atômica, e por fim haviam logrado um triunfo cabal. A partir de então as esculturas mostravam um período em que os Shoggoths foram amansados e dominados por Antigos armados, tal como os cavalos selvagens do oeste americano eram amansados por *cowboys*. Ainda que, durante a revolta, os Shoggoths houvessem demonstrado capacidade de viverem fora da água, essa transição não foi estimulada, uma vez que sua utilidade em terra dificilmente compensaria a dificuldade de controlá-los.

Durante a Era Jurássica, os Antigos haviam enfrentado uma nova adversidade, na forma de uma outra invasão do espaço galáctico, dessa vez de criaturas semifundosas, semicrustáceas — sem dúvida as mesmas que figuravam em certas lendas do norte, contadas aos sussurros, e retidas na região do Himalaia como os Mi-Go ou Abomináveis Homens das Neves. Para combater esses seres, os Antigos tentaram, pela primeira vez desde sua chegada à Terra, retornar ao éter planetário; no entanto, apesar de todos os preparativos preliminares, verificaram que já não lhes era possível deixar a atmosfera terrena. Qualquer que fosse o antigo segredo da viagem interestelar, a raça havia perdido inteiramente. Por fim os Mi-Go expulsaram os Antigos de todas as terras setentrionais, embora fossem impotentes para perturbar os que habitavam o mar. Pouco a pouco, começava o lento recuo da raça para seu original habitat antártico.

Foi curioso observar nas cenas de batalha que tanto a progênie de Cthulhu quanto os Mi-Go parecem ter-se constituído de uma matéria bem mais diferente da que conhecemos do que a substância que compunha os Antigos. Eram capazes de passar por transformações e reintegrações impossíveis para seus adversários, pelo que parecem ter provindo de bátracos ainda mais remotos do espaço cósmico. Apesar de sua dureza anormal e das peculiares propriedades vitais, os Antigos eram rigorosamente materiais, e sua origem primeira deveria situar-se no continuum conhecido de espaço-tempo, ao passo que as fontes primordiais dos outros seres só podem ser objeto de conjecturas, com o fôlego suspenso.

Tudo isso, naturalmente, supondo-se que os prediados não-terrestres e as anomalias atribuídos aos inimigos invasores não sejam pura mitologia. É concebível que os Antigos inventassem todo um referenciamento cósmico para explicarem suas derrotas ocasionais, uma vez que o interesse histórico e o orgulho constituíam, obviamente, o principal elemento psicológico da raça. É significativo que suas crônicas deixassem de fazer menção a muitas raças avançadas e poderosas cujas culturas requintadas e cujas cidades majestosas figuram persistentemente em certas lendas obscuras.

A transformação do planeta no decorrer de longas eras geológicas aparecia com notável vivacidade em muitos dos mapas e cenas esculpidos. Em alguns casos, a ciência corrente terá de passar por uma revisão, ao passo que em outros suas audazes conclusões estão magnificamente confirmadas. Como já observei, a hipótese de Taylor, Wegener e Toly de que todos os continentes são fragmentos de uma original massa terrestre antártica, fendida pela força centrífuga, após o que as várias porções deslizaram sobre uma superfície inferior tecnicamente viscosa — uma hipótese sugerida, entre outras coisas, pelos contornos complementares da África e da América do Sul e pela maneira como as grandes cadeias de montanhas se apresentam com fortes dobramentos — recebe notável apoio dessa fonte fantástica.

Mapas que representavam patentemente o mundo do Carbonífero, há cem milhões de anos ou mais, exibiam acentuadas fissuras e fossas destinadas a mais tarde separar a África dos reinos outrora contínuos da Europa (então a Valúsia das lendas remotas), Ásia, Américas e Antártida. Outras cartas — e sobretudo uma relacionada com a fundação, há 50 milhões de anos, da vasta cidade morta que nos rodeava — mostravam todos os atuais continentes bem diferenciados. E no mais recente que pudemos analisar, que dataria da Era Pliocênica, via-se com toda clareza o mundo quase em seu estado atual, apesar da ligação do Alasca com a Sibéria, da América do Norte com a Europa, através da Groenlândia, e da América do Sul com o continente antártico através da Terra de Graham. No mapa do Carbonífero, todo o globo — tanto os leitos oceânicos quanto as massas terrestres — mostravam símbolos das vastas cidades de pedra dos Antigos; nas cartas posteriores, entretanto, a recessão gradual em direção à Antártica tornava-se manifesta. O mapa final do Plioceno não mostrava quaisquer cidades terrestres, salvo no continente antártico e na extremidade da América do Sul, nem quaisquer cidades oceânicas ao norte do paralelo 50 de latitude sul. O interesse pelo mundo setentrional, excetuado um estudo das linhas de costa realizado provavelmente durante longos vôos de exploração utilizando aquelas asas membranosas, havia evidentemente caído a zero entre os Antigos.

A destruição das cidades, causada pelo sublevamento orográfico, pelo despedaçamento centrífugo dos continentes, pelas convulsões sísmicas na terra e no leito marinho, e por outras causas naturais, era objeto de constante registro; e era curioso observar como as reposições se faziam cada vez mais raras com a passagem das eras. A vasta megalópole morta que se esparramava em torno de nós parecia ser o último centro geral da raça, tendo sido construída no princípio do Cretáceo, depois que uma titânica deformação terrestre obliterou uma predecessora ainda mais vasta, não muito distante. Era de crer que aquela região geral fosse, dentre todos, o local mais sagrado, onde os primeiros Antigos se teriam instalado no leito de um mar primevo. Na nova cidade — muitos aspectos da qual podíamos reconhecer nas esculturas, mas que se espraiava por nada menos de 160 quilômetros, junto da cordilheira, em ambas as direções, estendendo-se além dos limites mais distantes de nosso levantamento aéreo — eram conservadas, ao que constava, certas pedras sagradas que tinham feito parte da primeira cidade marinha, e que emergiu à luz do dia passadas longas épocas, no curso do desmoronamento geral das camadas geológicas.

VIII

Era natural que Danforth e eu estudássemos com interesse especial e uma sensação de reverência

particularmente pessoal tudo quanto dizia respeito à área imediata em que nos encontrávamos. Havia, naturalmente, rica abundância daquele material local. E no emaranhado nível térreo da cidade tivemos a sorte de encontrar uma casa de data muito tardia, cujas paredes, conquanto um pouco danificadas por uma fratura próxima, continham esculturas de decadentes que levavam a história da região muito além do período do mapa Plioceno do qual derivamos nosso último vislumbre geral do mundo pré-humano. Aquele foi o último lugar que examinamos em minúcia, pois o que descobrimos deu-nos um novo objetivo imediato.

Decerto estávamos em um dos mais estranhos, sobrenaturais e lúgubres dentre todos os recantos do planeta. Das terras existentes, era ela, infinitamente, a mais antiga. Cresceu em nós a convicção de que aquele sítio horrído devia ser, com efeito, o legendário planalto de Leng, que até mesmo o louco autor do *Necronomicon* relutava em descrever. A grande cordilheira era tremendamente longa — começava como uma serra modesta na Terra de Luitpold, na costa do mar de Weddell, e atravessava praticamente todo o continente. Sua parte realmente alta estendia-se num arco pujante desde 82° S, 60° E até 70° S, 115° E, com o lado côncavo voltado para nosso acampamento e sua extremidade mais próxima do mar na região daquela longa costa congelada cujos montes foram entrevistados por Wilkes e Mawson no círculo antártico.

No entanto, exageros da natureza ainda mais monstruosos pareciam inquietantemente próximos. Já disse que esses picos são mais altos que os do Himalaia, mas as esculturas me impedem dizer que sejam os mais elevados do globo. Essa honra lúgubre está sem dúvida reservada a uma coisa que metade das esculturas hesitava em sequer registrar, ao passo que outras lhe faziam alusão com óbvia repugnância e trepidação. Ao que parece, havia uma parte da terra antiga — a primeira parte que emergiu das águas depois que a Terra projetou de si a Lua e os Antigos chegaram das estrelas — que passara a ser evitada, por ser considerada vaga e inominavelmente maléfica. As cidades ali construídas haviam ruído prematuramente e tinham-se visto abandonadas de repente. Depois, quando a primeira grande deformação da Terra havia convulsionado a região, na era comancheana, uma assustadora linha de picos se lançara subitamente em direção ao céu, em meio aos mais horrído fragor e caos — e a Terra ganhou suas mais grandiosas e mais terríveis montanhas.

A estar correta a escala das entalhaduras, essas coisas nefandas deveriam ter muito mais de 12.000 metros de altitude — dimensões radicalmente mais vastas que as das chocantes montanhas de loucura que havíamos transposto. Estendem-se, era de crer, desde 77° S 70° E até 70° S 100° E — a menos de 500 quilômetros da cidade morta, de modo que, em não havendo aquela bruma vaga e opalescente, teríamos entrevistado seus terríveis cumes a oeste. A extremidade norte dessa cadeia portentosa devia ser igualmente visível da longa costa do círculo antártico, na Terra da Rainha Mary.

Alguns dos Antigos, nos tempos da decadência, haviam dirigido estranhas preces àquelas montanhas — mas jamais algum deles se aproximou delas ou se atreveu a descobrir o que havia do outro lado. Olhos mortais jamais as tinham contemplado, e enquanto eu estudava as emoções traduzidas nos entalhes, rezava para que isso nunca acontecesse. Há montes protetores ao longo da costa além delas — a Terra da Rainha Mary e a do Imperador Guilherme — e dou graças aos céus por homem algum ter sido capaz de ali desembarcar e escalar tais montes. Já não sou tão cético com relação aos velhos contos e lendas como antes, nem me rio mais da idéia do escultor pré-humano de que o raio fazia uma pausa significativa, de vez em quando, em cada um dos cumes silenciosos e de que um brilho inexplicado fulgia em um daqueles pináculos horrorosos durante todo o transcurso da longa noite polar. Talvez haja um significado muito real e muito monstruoso nos velhos murmúrios Pnakóticos sobre Kadath, o habitante do Ermo Gélido.

Entretanto, as áreas mais adjacentes não eram de modo algum menos estranhas, ainda que menos impronunciavelmente amaldiçoadas. Logo depois da fundação da cidade, a grande cordilheira transformou-se em sede dos principais templos e muitas esculturas mostravam quantas torres grotescas e

fantásticas se elevavam aos céus nos pontos onde agora só víamos os cubos e baluartes, curiosamente suspensos. No decorrer das eras, as cavernas haviam sido trabalhadas e anexadas aos templos. Com o avanço de épocas ainda mais tardias, todos os veios calcários foram escavados por águas superficiais, de modo que as montanhas, os contrafortes e as planícies abaixo deles eram uma verdadeira rede de cavernas e galerias interligadas. Muitas esculturas expressivas referiam-se a explorações a grandes profundidades e à descoberta final do trevoso mar Estúgio que se ocultava nas entranhas da Terra.

Esse vasto abismo tenebroso fora indubitavelmente escavado pelo grande rio que descia das horríveis e exiciais montanhas de oeste e que outrora descrevera uma curva na base da cordilheira dos Antigos, seguindo depois por ela, indo desaguar no oceano Índico, entre a Terra de Budd e a de Totten, no litoral descrito por Wilkes. Palmo a palmo, o rio erodira a base calcária da montanha na curva, até que, por fim, suas correntes alcançaram as cavernas das águas superficiais e somaram forças com elas, escavando um abismo ainda mais profundo. Finalmente toda a caudal despejou-se nos montes vazios, deixando seco o velho leito, por onde ela seguia rumo à foz. Grande parte da cidade morta, como a víamos agora, havia sido construída sobre aquele antigo leito fluvial. Compreendendo o que tinha acontecido, e exercendo seu senso artístico sempre extremado, os Antigos haviam esculpido e transformado em colunas de rica ornamentação os promontórios dos contrafortes onde a grande caudal começava sua descida para o negrume eterno.

Esse rio, outrora atravessado por vintenas de nobres pontes de pedra era, seguramente, aquele cujo curso extinto tínhamos visto em nosso levantamento aéreo. Sua posição em diversas esculturas da cidade nos orientou em relação ao cenário, tal como se apresentara em vários estágios da história imemorial e desde muito cessada da região, de modo que pudemos esboçar um mapa apressado mas cuidadoso dos elementos mais importantes — praças, edifícios notáveis e coisas semelhantes — que norteasse futuras explorações. Logo podíamos reconstruir na fantasia toda aquela cidade estupenda, tal como era há um milhão, dez milhões ou cinqüenta milhões de anos atrás, pois as esculturas nos informavam com exatidão qual fora o aspecto dos edifícios, montanhas, praças, subúrbios, da paisagem e da luxuriante vegetação Terciária. Certamente teria sido de uma beleza maravilhosa e mística, e ao pensar nela eu quase me esquecia da pegajosa sensação de opressão sinistra que a idade sobrenatural, a imponência, o silêncio, o vazio e o crepúsculo glacial daquela cidade haviam infundido em meu espírito. No entanto, de acordo com certas esculturas, os próprios habitantes da cidade haviam conhecido o poder do terror opressivo, pois havia uma cena recorrente, soturna, em que os Antigos mostravam clara repugnância por um certo objeto — que nunca aparecia na cena — encontrado no grande rio; percebia-se que ele fora trazido pelas águas, através de florestas de cicadáceas, cheias de lianas e cipós, desde aquelas macabras montanhas do oeste.

Não foi senão natural casa de construção serôdia a que já me referi, onde havia as esculturas decadentes, que obtivemos uma indicação da calamidade final que levara à evacuação da cidade. Sem dúvida devia haver muitas esculturas da mesma época alhures, mesmo considerando-se o afrouxamento das energias e aspirações em um período tenso e incerto; na verdade, logo depois chegamos mesmo a encontrar certos indícios da existência de outras. Pretendíamos procurá-las mais tarde; no entanto, como já disse, as condições imediatas ditaram outro objetivo para o momento. Haveria, por certo, um limite — pois depois de toda esperança de uma longa ocupação futura do lugar ter parecido entre os Antigos, não poderia deixar de ter ocorrido uma completa cessação de decoração mural. O golpe final, naturalmente, foi o advento do grande frio que em certo instante assolou a maior parte do mundo, e que jamais abandonou os fatídicos pólos — o grande frio que, na outra extremidade do planeta, deu cabo das legendárias terras de Lomar e Hiperbórea.

Seria difícil dizer, em termos de data exata, quando começou essa tendência na Antártica. Atualmente situamos o início dos períodos glaciais gerais a aproximadamente quinhentos mil anos do presente, mas nos pólos o flagelo terrível deve ter principiado muito mais cedo. Todas as estimativas

quantitativas são em parte conjecturais, mas é de todo provável que as esculturas decadentes tenham sido feitas há bastante menos de um milhão de anos, e que o abandono final da cidade estivesse terminado bem antes da instalação convencional do Pleistoceno — há quinhentos mil anos — tal como se calcula em termos da superfície total da Terra.

Nas esculturas decadentes havia sinais de uma vegetação mais rala em outros lugares e de uma redução da vida na parte que cabia aos Antigos. Apareciam equipamentos de aquecimento nas casas e viajantes eram representados com agasalhos protetores no inverno. Vimos então uma série de cártulas — a disposição em faixas contínuas era freqüentemente interrompida nessas entalhaduras mais tardias — que mostravam uma migração crescente para os refúgios mais próximos de mais calor. Alguns fugiam para cidades submarinas, ao largo da costa distante, outros se metiam pelas redes de cavernas calcárias nos montes ocos, descendo até o vizinho abismo negro de águas subterrâneas.

Por fim, parece que foi o abismo vizinho que se tornou alvo do principal movimento colonizador. Em parte isso se deveu, sem dúvida, ao tradicional caráter sagrado daquela região especial, mas o fato pode ter sido determinado de forma mais categórica pela possibilidade de manterem em uso os grandes templos escavados nas montanhas e de reterem a vasta cidade terrestre como local de veraneio e como base de comunicação com várias minas. A ligação entre o velho e o novo local de residência foi facilitada por vários declives e por melhorias nas rotas de comunicação, entre as quais cabe citar a abertura de numerosos túneis diretos desde a antiga metrópole até o abismo negro — túneis muito íngremes, cujas bocas desenhamos cuidadosamente, obedecendo a nossas estimativas mais judiciosas, no mapa-guia que estávamos compilando. Era óbvio que pelo menos dois desses túneis ficavam a uma distância viável do ponto onde estávamos — ambos na borda montanhosa da cidade, o primeiro a cerca de 400 metros dali, na direção do antigo leito fluvial, o segundo a talvez o dobro dessa distância, na direção oposta.

O abismo, parecia, apresentava áreas de terra seca em certos lugares, mas os Antigos construíram sua cidade sob a água, sem dúvida em virtude da maior garantia oferecida de calor uniforme. A profundidade do mar oculto parecia ter sido muito grande, de modo que o calor interno da Terra podia assegurar sua habitabilidade por um período indefinido. Os seres parecem não ter tido qualquer dificuldade em se adaptarem à vida em tempo parcial (e, mais tarde, naturalmente, todo o tempo) sob a água, porquanto jamais haviam deixado que seus sistemas de guelras se atrofiassem. Muitas esculturas mostravam que sempre tinham visitado, com freqüência, seus parentes submarinos alhures e que habitualmente se banhavam no fundo do grande rio. A escuridão do interior da Terra poderia, da mesma forma, não representar empecilho a uma raça acostumada às longas noites antárticas.

Por decadente que, sem dúvida, fosse seu estilo, essas esculturas tardias tornavam-se verdadeiramente épicas ao narrarem a construção da nova cidade no mar subterrâneo. Os Antigos haviam-se lançado à tarefa cientificamente — extraindo rochas insolúveis do seio das montanhas esburacadas e empregando especialistas da cidade submarina mais próxima para executarem a construção segundo os melhores métodos. Tais trabalhadores haviam trazido tudo quando era necessário para o novo empreendimento — tecidos de Shoggoths a partir dos quais gerar levantadores de pedras e, depois, bestas de carga para a cidade subterrânea, bem como outras matérias protoplásmicas a serem metamorfoseadas em organismos fosforescentes para fins de iluminação.

Por fim, ergueu-se uma majestosa metrópole no fundo daquele mar estígio, com arquitetura muito semelhante à da cidade que ficava acima dela, e o trabalho mostrava relativamente pouca decadência devido à previsão matemática inerente às operações de construção. Os Shoggoths recém-gerados vieram a adquirir dimensões enormes e singular inteligência; e, segundo as representações escultóricas, recebiam e executavam ordens com maravilhosa rapidez. Pareciam conversar com os Antigos arremedando-lhes a voz — uma espécie de silvo musical que cobria várias oitavas, a crer na correção da

dissecação feita pelo pobre Lake —, e trabalhar agora mais obedecendo a ordens faladas do que a sugestões hipnóticas como no passado. Eram, no entanto, mantidos sob admirável controle. Os organismos fosforescentes forneciam luz com grande eficiência, e sem dúvida compensavam a perda das familiares auroras polares da noite terrestre.

Mantinha-se a prática da arte e da decoração, ainda que, naturalmente, com certa decadência. Ao que parece os próprios Antigos se davam conta dessa degeneração, e em muitos casos anteciparam a política de Constantino, o Grande, transplantando excelentes esculturas antigas da cidade terrestre, da mesma forma que o imperador, numa fase semelhante de declínio, privou a Grécia e a Ásia de suas melhores obras de arte para dar à nova capital bizantina esplendor maior do que seu próprio povo podia criar. Se a transferência de blocos esculpidos não foi mais ampla isso se deveu sem dúvida ao fato de que, no início, a cidade não foi inteiramente abandonada. Quando se deu finalmente o abandono total — o que decerto deve ter ocorrido antes que o Pleistoceno polar avançasse muito —, os Antigos talvez já se contentassem com sua arte decadente ou haviam deixado de reconhecer o mérito superior das esculturas mais velhas. Fosse como fosse, as ruínas silentes que nos rodeavam não haviam sofrido decerto qualquer desnudamento escultóricos em grande escala, muito embora todas as melhores estátuas em redondo, como outros objetos móveis, tivessem sido removidas.

As cártulas decadentes que relatavam essa história eram, como já disse, as mais recentes que pudemos encontrar em nossa limitada exploração. Deixaram-nos uma imagem dos Antigos em constantes idas e vindas, entre a cidade terrestre no verão e a cidade do mar subterrâneo no inverno, e às vezes mercadejando com as cidades marinhas da costa antártica. A essa altura, já deviam ter reconhecido a condenação inevitável da cidade terrestre, pois as esculturas exibiam muitos sinais dos avanços malignos do frio. A vegetação estava em declínio e as terríveis neves do inverno já não se derretiam completamente, mesmo em pleno verão. Quase todos os sáurios já tinham morrido, e tampouco os mamíferos suportavam bem as novas condições. Para manterem a atividade a céu aberto os Antigos tinham sido forçados a adaptar alguns dos Shoggoths, amorfos e curiosamente resistentes ao frio, à vida terrestre, coisa que no passado tinham relutado em fazer. O grande rio já não abrigava qualquer vida e as camadas superiores do mar tinham perdido quase todos seus habitantes, exceto as focas e baleias. Todas as aves tinham emigrado, sendo a única exceção os grandes e grotescos pingüins.

Quanto ao que acontecera mais tarde, só podíamos conjecturar. Por quanto tempo sobrevivera a nova cidade subterrânea? Ainda estaria lá, um cadáver de pedra mergulhado em trevas perpétuas? Teriam as águas subterrâneas congelado enfim? Qual teria sido o destino das cidades oceânicas? Teriam alguns dos Antigos se transferido para o norte, antes do avanço da calota glacial? A geologia atual não revela qualquer vestígio de sua presença. Porventura àquela época os abomináveis Mi-Go ainda representavam ameaça no mundo da superfície? Podia-se ter certeza quanto ao que podia ou não subsistir, mesmo hoje, nos abismos escuros e insondáveis das águas mais profundas da Terra? Aquelas cidades tinham sido capazes, aparentemente, de suportar qualquer pressão... e vez por outra marujos haviam tirado do mar objetos curiosíssimos. E por acaso a teoria das orcas explicou realmente as selvagens e misteriosas cicatrizes observadas em focas antárticas, há uma geração, por Borchgrevink?

Os espécimes localizados pelo pobre Lake não entravam nessas cogitações, pois o sítio geológico em que haviam sido encontrados mostrava que tinham vivido numa época muito recuada da história da cidade terrestre. A julgar por esse sítio, certamente não teriam menos de trinta milhões de anos, e concluímos que ao tempo de sua vida nem a cidade subterrânea, nem a própria caverna em que ela fora construída, ainda existiam. Eles teriam recordado um cenário mais antigo, com a virente vegetação Terciária por toda parte, uma cidade terrestre mais jovem, empenhada na produção artística, e um imenso rio que corria para o norte, margeando a base da pujante cordilheira, em direção a um longínquo oceano tropical.

No entanto, não conseguíamos deixar de pensar nesses espécimes — principalmente nos

oito, intactos, que haviam desaparecido do acampamento de Lake, medonhamente devastado. Havia algo de anormal em tudo aquilo — as coesas estranhas que havíamos tentado tão arduamente atribuir à demência de alguém... aqueles túmulos horripilantes... a quantidade e a natureza do material sumido ... Gedney... a dureza fantástica daquelas monstruosidades arcaicas e as estranhas características biológicas que as esculturas mostravam que a raça possuía... Danforth e eu tínhamos visto muitas coisas nas últimas horas e estávamos dispostos a acreditar em vários segredos espantosos e inacreditáveis de natureza primal, sobre os quais nos calaríamos para sempre.

IX

Já ficou dito que nosso estudo das esculturas decadentes acarretou uma modificação em nosso objetivo imediato. Tal objetivo, naturalmente, tinha relação com as avenidas escavadas na rocha e que demandavam o negro mundo subterrâneo, cuja existência ignorávamos antes, mas que agora estávamos ansiosos por descobrir e visitar. Pela escala das entalhaduras deduzimos que uma caminhada íngreme de aproximadamente 1,5 quilômetros por qualquer um dos túneis nos levaria à beira dos penhascos estonteantes e trevosos sobre o grande abismo, cujas veredas laterais, melhoradas pelos Antigos, conduziam a praia rochosa do oculto e tenebroso oceano. Parecia impossível resistir à tentação de contemplar esse golfão fabuloso, em sua crua realidade, depois de termos tomado conhecimento dele; no entanto, compreendíamos que teríamos de começar a pesquisa imediatamente, se desejávamos realmente incluí-la em nossa exploração presente.

Eram agora 20 horas e não dispúnhamos de pilhas sobressalentes em quantidade que permitisse deixarmos as lanternas acesas indefinidamente. Tínhamos feito tantos exames e cópias sob o nível glacial que as lanternas tinham sido usadas quase continuamente durante pelo menos cinco horas. Obviamente o suprimento só daria para mais quatro horas, ainda que, mantendo uma lanterna apagada, exceto quando fosse preciso iluminar locais difíceis ou de especial interesse, talvez pudéssemos conseguir uma margem segura além desse tempo. De nada valeria descermos, sem luz, aquelas catacumbas ciclópicas, de modo que para podermos ir até o abismo tínhamos de renunciar a todo o trabalho de deciframento dos murais. Pretendíamos, naturalmente, visitar novamente aquele lugar durante dias ou mesmo semanas, para realizar estudos intensivos e levantamento fotográfico. A curiosidade já suplantara o horror, porém no momento era forçoso apressarmo-nos.

Nosso suprimento de papéis para marcar o caminho estava longe de ser ilimitado e relutávamos a sacrificar blocos de reserva ou as cadernetas de esboços a fim de aumentá-lo, mas terminamos por abrir mão de um grande bloco. Se acontecesse o pior, sempre poderíamos recorrer ao método das lascas nas pedras, e naturalmente seria possível, mesmo no caso de realmente nos perdermos, voltarmos à luz do dia por um ou outro caminho, desde que tivéssemos tempo suficiente para experiências e tentativas. Assim, pois, finalmente seguimos, ansiosos, na direção do túnel mais próximo.

Segundo os entalhes com base nos quais havíamos feito nosso mapa, a procurada boca do túnel não podia estar muito além de 400 metros do local onde nos encontrávamos. O espaço de permeio mostrava edifícios de aspecto sólido que com toda certeza ainda poderiam ser atravessados no nível subglacial. A abertura propriamente dita ficaria no subsolo — no ângulo mais próximo dos contrafortes — de uma vasta estrutura com cinco pontas, de natureza evidentemente pública e talvez cerimonial.

Recapitulando o vôo de reconhecimento das ruínas, não nos lembrávamos de ter visto nenhuma estrutura semelhante a essa, pelo que concluímos que suas partes mais altas tinham sido severamente danificadas, ou que o edifício fora completamente destruído numa fratura glacial que havíamos observado. Dado esse caso, provavelmente constataríamos que o túnel estava obstruído, de modo que teríamos de tentar o outro — o que ficava a cerca de 1,5 quilômetro dali, mais para norte. O leito fluvial intermediário impedia que tentássemos qualquer outro dos túneis do sul naquela excursão. Na verdade, se

ambos estivessem obstruídos, era de duvidar que nossas pilhas justificassem uma tentativa com relação a um terceiro, do lado norte — a cerca de 1,5 km de nossa segunda opção.

Enquanto avançávamos pelo escuro labirinto, com a ajuda do mapa e da bússola — atravessando aposentos e corredores em todos os estádios de ruína e de preservação, subindo por rampas que atravessavam andares superiores e pontes e depois voltando a descer, encontrando portais obstruídos e pilhas de escombros, correndo de vez em quando ao longo de trechos magnificamente reservados e fantásticamente imaculados, seguindo por caminhos falsos e refazendo o percurso (em tais casos retirando os marcadores de papel que tínhamos deixado), e vez por outra dando com um poço de ventilação, pelo qual a luz do dia se derramava ou se filtrava — enquanto avançávamos éramos repetidamente tantalizados pelas paredes decoradas que encontrávamos. Muitas deveriam conter relatos de imensa importância histórica, e somente a perspectiva de visitas posteriores fez com que nos conformássemos com a necessidade de não nos determos para examiná-las. Na verdade, já éramos obrigados, de vez em quando, a nos retardar a acender a segunda lanterna. Se dispuséssemos de mais filme, na certa faríamos breves pausas para fotografar alguns baixos-relevos, mas a lenta cópia a mão estava claramente fora de cogitação.

Mais uma vez chego a um ponto em que se faz muito forte a tentação de hesitar, ou de insinuar antes que afirmar. É necessário, entretanto, revelar o restante a fim, de justificar minha atitude, a de procurar desestimular novas explorações. Havíamos seguido o caminho tortuoso até bem perto do local onde deveria situar-se a abertura do túnel — tendo atravessado uma ponte, na altura do segundo pavimento, que nos levou ao que parecia ser claramente a extremidade de uma parede em ponta, e descido a um corredor em ruínas onde abundavam esculturas tardias, de ornamentação decadente e com fins aparentemente ritualísticos —, quando, pouco antes das 20h30min, as narinas jovens e alertas de Danforth nos proporcionaram o primeiro sinal de alguma coisa anormal. Se tivéssemos um cão conosco, imagino que ele nos teria advertido primeiro. De começo não saberíamos dizer ao certo o que havia de errado com o ar, antes cristalino, mas depois de alguns segundos, nossa memória reagiu com bastante nitidez. Tentarei dizer o que era claramente, seu titubear. Havia um odor... e aquele odor era vago, sutil e inequivocamente afim do que nos nauseara ao abrirmos o túmulo demente daquele horror que o pobre Lake havia dessecado.

A revelação, naturalmente, não foi tão nítida naquele momento como parece agora, expressada em palavras. Havia várias explicações concebíveis, e trocamos uma longa série de sussurros indecisos. O mais importante foi que não batemos em retirada sem levar avante a investigação. Tendo chegado tão longe, não haveríamos de desistir, salvo diante de desastre iminente. De qualquer forma, aquilo de que devíamos ter suspeitado era absolutamente fantásticodemais para que acreditássemos. Tais coisas não aconteciam em qualquer mundo normal. Provavelmente foi o puro instinto irracional que nos levou a reduzir a luz de nossa única lanterna — já não nos tentava mais esculturas decadentes e sinistras que nos olhavam de esguelha, ameaçadoramente, das paredes opressivas —, com o que reduzimos nosso avanço a um caminhar cauteloso na ponta dos pés, pelo chão cada vez mais atulhado de escombros e pelas pilhas de destroços.

Os olhos de Danforth, tanto quanto seu nariz, eram melhores que os meus, pois foi também ele quem primeiro notou o aspecto singular dos escombros depois de havermos passado por muitos arcos semi-obstruídos que levava a câmaras e corredores no andar térreo. O aspecto não era de modo algum o que deveria ser após incontáveis milênios de abandono, e quando, cuidadosamente, aumentamos a luz, percebemos que uma espécie de espaço aberto parecia revelar pegadas recentes. A natureza irregular dos escombros impedia quaisquer marcas claras, porém nos lugares mais limpos havia sutis indícios de que objetos pesados tivessem sido arrastados. Num dado momento, julgamos perceber um leve sinal de raias paralelas, como as deixadas por trenós. Isso nos fez fazer nova pausa.

Foi durante essa pausa que captamos — simultaneamente, dessa vez — o outro odor à frente.

Paradoxalmente, era um odor a um só tempo menos e mais assustador. Menos assustador, de um ponto de vista intrínseco, porém infinitamente espantoso naquele local e nas circunstâncias conhecidas... a menos, naturalmente, que Gedney... pois era o cheiro familiaríssimo de petróleo... de gasolina.

Qual terá sido, depois disso, a motivação que nos levou a prosseguir a investigação é coisa que deixarei aos psicólogos. Sabíamos agora que alguma extensão terrível dos horrores do acampamento teria chegado até aquele tenebroso cemitério das eras, e assim não podíamos duvidar mais da existência de condições abomináveis — presentes ou pelo menos recentes — logo adiante. Por fim, no entanto, permitimos que a pura curiosidade... ou a ansiedade... ou o auto-hipnotismo... ou vagas idéias de responsabilidade por Gedney... ou o que fosse... nos impelisse para a frente. Danforth voltou a se referir, num murmúrio, à pegada que ele julgava ter visto na esquina do beco, nas ruínas lá em cima, e aos suaves silvos musicais... potencialmente de significado atroz, em vista do relatório feito por Lake quando da dissecação, apesar de sua clara semelhança com os ecos nas bocas das cavernas dos picos ventosos... silvos esses que Danforth acreditava ter escutado pouco depois, e que viriam dos abismos subterrâneos. Eu, por minha vez, murmurei frases sobre o estado em que ficara o acampamento... sobre o que havia desaparecido e como a loucura de um sobrevivente solitário poderia ter concebido o inconcebível... um percurso desabalado pelas montanhas monstruosas e uma descida pelas estranhas daquela arquitetura desconhecida, primeva...

Contudo, não tínhamos como persuadir um ao outro, ou mesmo a nós próprios, de qualquer coisa de definido. Havíamos apagado todas as luzes enquanto nos detivemos ali, imóveis, e notamos vagamente que um vestígio da luz externa, que chegava de uma longa distância, impedia que o negror fosse absoluto. Havendo começado a nos mover para diante, automaticamente, guiávamo-nos por clarões ocasionais de nossa lanterna. Os escombros mexidos engendravam uma impressão que não conseguíamos afastar, e o cheiro de gasolina se tornava mais forte. Uma quantidade de ruínas cada vez maior obstava o caminho, até que logo depois percebemos que em breve não seria mais possível qualquer avanço. Tivéramos toda razão quanto à nossa conjectura pessimista sobre aquela fratura, quando vista do ar. Nossa procura do túnel estava fadada à inutilidade, e não poderíamos sequer chegar ao subsolo em que se abria a boca do abismo.

Iluminando as paredes grotescamente esculpidas do corredor em que nos achávamos, vimos várias portas em diversos estados de obstrução; e de uma delas chegava com especial intensidade — submergindo de todo a outra insinuação de odor — o cheiro de gasolina. Prestando maior atenção, constatamos que os escombros naquela abertura específica tinham sido, sem dúvida alguma, remexidos recentemente. Qualquer que fosse o horror que ocultavam, passamos a crer que a explicação era agora patente. Não acredito que alguém se admire de havermos esperado um tempo apreciável antes de nos atrevermos a qualquer outro movimento.

No entanto, quando nos ousamos a transpor aquele arco negro, nossa primeira sensação foi de desapontamento. Naquela cripta esculpida — um cubo perfeito, com lados de aproximadamente seis metros — não havia nenhum objeto de dimensões instantaneamente discerníveis; assim sendo, procuramos por instinto, porém, os olhos de lince de Danforth lobrigaram um ponto em que os detritos do chão haviam sido afastados e acendemos nossas duas lanternas, de modo a que produzissem máxima iluminação. Muito embora o que vimos fosse na verdade simples edesimportante, ainda assim reluto em declarar o que foi, por causa do que aquilo implicava. Aos escombros tinha sido dada uma certa arrumação e sobre eles jaziam vários objetos, espalhados descuidadamente; fora derramada uma considerável quantidade de gasolina e isso acontecera há pouco tempo, pois o cheiro ainda era forte, mesmo naquela altitude do planalto. Em outras palavras, aquilo não era senão uma espécie de acampamento — um acampamento feito por seres inquisitivos e que, tal como nós, tinham sido obrigados a recua ao encontrarem, inesperadamente, bloqueado o caminho para o abismo.

Vou ser claro. Todos os objetos dispersos provinham, no que dizia respeito à sua substância, do acampamento de Lake; e consistiam em latas, abertas de um modo tão singular quanto as que tínhamos visto naquele lugar devastado, muitos fósforos usados, três livros ilustrados, manchados com nódoas curiosas, uma garrafa vazia de tinta ainda na embalagem de papelão, uma caneta-tinteiro quebrada, fragmentos singularmente picotados de peles e de lonas de barraca, uma bateria elétrica usada, com o folheto de instruções, um livreto que acompanhava o tipo de aquecedor de barracas que usávamos, e um punhado de papéis amassados. Tudo isso já era bastante desagradável, mas quando endireitamos os papéis e olhamos o que lia via neles, sentimos que havíamos dado com o pior. Havíamos encontrado no acampamento certas folhas com manchas inexplicáveis, que poderiam ter preparado nosso espírito; no entanto, o efeito daquilo que víamos nas abóbadas pré-humanas de uma cidade de pesadelo era quase insuportável.

No caso de ter perdido a razão, Gedney poderia ter traçado os grupos de pontos, imitando os encontrados nas esteatitas esverdeadas, da mesma forma como podia ter feito também os pontos naqueles dementes túmulos de cinco pontas; e era de imaginar que ele tivesse confeccionado esboços grosseiros e apressados — de variada exatidão ou falta de exatidão — que delineavam as cercanias da cidade e traçavam o caminho desde um lugar representado como um círculo, fora de nossa rota anterior (um lugar que identificamos com uma grande torre cilíndrica nos relevos e com um enorme buraco circular entrevisto em nosso levantamento aéreo), até a presente estrutura em cinco pontas e a boca de túnel que ali ficava.

Ele poderia, repito, ter preparado esses esboços, que víamos à nossa frente, pois obviamente tinham sido compilados, tal como o nosso, com base em esculturas tardias situadas em alguma parte do labirinto glacial, embora não fossem as mesmas que tínhamos visto e utilizado. Entretanto, uma coisa aquele jovem sem qualquer formação artística jamais poderia ter feito: executar aqueles esboços com uma técnica estranha e segura, talvez superior, apesar da pressa e da desatenção, a qualquer um dos relevos decadentes dos quais tinham sido copiados — a técnica característica e inequívoca dos próprios Antigos no apogeu da cidade morta.

Haverá quem diga que Danforth e eu estávamos inteiramente loucos se não saímos dali correndo depois disso, uma vez que nossas conclusões eram agora, apesar de absurdas, inabaláveis e de uma natureza que não preciso sequer mencionar aos que leram meu relato até aqui. Talvez estivéssemos mesmo loucos... Já não disse que aqueles picos horríveis eram as montanhas da loucura? Todavia, creio poder detectar algo da mesma ordem — posto que em forma menos extrema — nos homens que perseguem feras mortíferas nas selvas da África, para fotografá-las ou estudar-lhes os hábitos. Conquanto semi-paralisados de terror, crepitava dentro de nós uma chamazinha de pasmo e curiosidade que por fim veio a triunfar.

Naturalmente não pretendíamos defrontar-nos com aquilo — ou aqueles — que havia estado ali, mas percebíamos que já deviam ter ido embora. Àquela altura já teriam encontrado a entrada vizinha para o abismo e nela teriam entrado. . . teriam chegado aos fragmentos trevosos do passado que os esperavam no precipício máximo... o precipício supremo que nunca tinham visto. Ou, se também aquela entrada estivesse bloqueada, teriam seguido para norte, em busca de outra. Eram, lembrávamos, em parte independentes de luz.

Recordando aquele momento, não sei dizer ao certo qual a forma precisa que tomaram nossas novas emoções... qual terá sido exatamente a mudança de objetivo imediato que tanto aguçou nossa sensação de expectativa. Decerto não tínhamos intenção de nos defrontarmos com o que temíamos... e, no entanto, não nego que talvez tivéssemos uma vontade secreta e inconsciente de espreitar certas coisas, de algum seguro ponto de observação. Provavelmente não tínhamos renunciado à ânsia de vislumbrar o abismo em si, embora entre nós e essa meta se interpusesse agora um novo objetivo, na forma do grande local circular representado nos esboços amassados que tínhamos encontrado. Nós o havíamos

reconhecido incontinenti como uma monstruosa torre cilíndrica que aparecia nas esculturas mais antigas, mas que do alto se mostrava apenas como uma prodigiosa abertura redonda. Alguma coisa na imponência de sua representação, mesmo naqueles diagramas apressados, nos fez pensar que seus níveis subglaciais deviam ainda constituir algo de transcendental importância. Talvez abrigasse maravilhas arquitetônicas que ainda não tivermos encontrado. Era, por certo, de idade inacreditável, a julgar pelas esculturas em que aparecia — contava-se, na verdade, entre as primeiras coisas construídas na cidade. Seus relevos, se ainda subsistiam, não podiam deixar de ter suprema significação. Ademais, aquele local talvez constituísse uma boa ligação com o ar livre — um caminho mais curto do que aquele que tínhamos cuidadosamente marcado; e seria, provavelmente, a rota pela qual aqueles outros tinham descido.

De qualquer forma, o que fizemos foi estudar os espantosos esboços — que confirmavam à perfeição o nosso — e retroceder, pelo caminho indicado, até o local circular: o caminho que nossos inomináveis predecessores tinham percorrido duas vezes antes de nós. A outra entrada próxima para o abismo estaria além daquele local. É escusado descrever nossa jornada, no decurso da qual continuamos a deixar parcimoniosas marcas de papel, pois sua natureza foi em tudo semelhante à daquela pela qual havíamos chegado ao beco sem saída. A única diferença era que aquele caminho tendia a seguir mais pelo andar térreo e até descer a corredores subterrâneos. De vez em quando divisávamos certas marcas inquietadoras nos escombros e no pó; e depois de havermos deixado para trás o cheiro de gasolina, mais uma vez tomamos ligeira consciência, intermitentemente, daquele odor mais hediondo e mais persistente. Depois que o caminho se afastou de nossa rota prévia, vez por outra iluminávamos rapidamente as paredes, observando as esculturas quase onipresentes; com efeito, pareciam ter sido um importante meio expressivo para os Antigos.

Mais ou menos às 21h30min, atravessando um corredor longo e abobadado, cujo piso cada vez mais gelado parecia um pouco abaixo do nível do solo e cujo teto tornava-se cada vez mais baixo à medida que avançávamos, começamos a ver luz forte adiante e pudemos desligar a lanterna. Parecia que estávamos chegando ao vasto local circular e que a distância que nos separava do ar livre não podia ser muito grande. O corredor terminava num arco surpreendentemente baixo para aquelas ruínas megalíticas, mas através dele, mesmo antes de sairmos do corredor, podíamos ver muita coisa. Depois do arco estendia-se um prodigioso espaço circular — não teria menos de 60 metros de diâmetro — atulhado de destroços e contendo muitos arcos obstruídos, alinhados com o que estávamos para atravessar. Os espaços disponíveis das paredes apresentavam esculturas que formavam uma faixa espiralada de proporções grandiosas; e exibiam, apesar do desgaste motivado pelas intempéries, um esplendor artístico muito além de tudo quanto já havíamos encontrado. O piso estava muito coberto de gelo, e calculamos que o solo verdadeiro situava-se a uma profundidade consideravelmente maior.

Entretanto, o que mais se destacava ali era a titânica rampa de pedra que, esquivando-se às arcadas através de uma curva pronunciada, subia em espiral pela estupenda parede cilíndrica como uma contrapartida interior daquelas que outrora subiam pelo lado de fora das monstruosas torres ou zigurates da antiga Babilônia. O que nos impedira de perceber do ar aquela passagem, fazendo-nos procurar outro caminho para o nível subglacial, fora a velocidade do vôo e a perspectiva, que confundira a descida com a parede interna da torre. Talvez Pabodie pudesse-nos dizer que espécie de artifício de engenharia a mantinha no lugar, mas a Danforth e a mim só era dado maravilhar-nos. Avistávamos colossais modifhões e pilares de pedra aqui e ali, mas o que víamos nos parecia inadequado à função cumprida. A coisa mostrava um excelente estado de conservação até o atual topo da torre, fato notável em vista da exposição às intempéries, e seu abrigo contribuíra em muito para proteger as fantásticas e perturbadoras esculturas cósmicas nas paredes.

Ao sairmos para a aterradora semicircularidade daquele monstruoso fundo cilíndrico — com 50 milhões de anos, sem dúvida a estrutura mais antiga dentre todas aquelas antigualhas primais — percebemos que os lados, cortados por rampas, alteavam-se a uma altura vertiginosa, não inferior a vinte

metros. Isto, nossa exploração aérea revelava, significava uma glaciação externa de aproximadamente doze metros, já que o buraco escancarado que tínhamos visto ao avião ficava no topo de uma pilha de escombros de aproximadamente seis metros, um tanto protegida até três quartos de sua circunferência pelas imponentes muralhas curvas de uma linha de ruínas mais altas. De acordo com os relevos, a torre original se ergueram centro de uma imensa praça circular e tinha, talvez, 150 ou 180 metros de altura, com camadas de discos horizontais perto do topo e uma fileira de cúspides finas como agulhas ao longo da borda superior. A maior parte da alvenaria ruína obviamente para o lado de fora, e não para dentro; caso tivesse acontecido o contrário, a rampa poderia ter sido destruída e todo o interior ficaria obstruído. Ainda assim, a rampa revelava um desgaste lamentável, ao passo que a quantidade de escombros era tal que todas as arcadas no fundo pareciam cobertas.

Foi preciso apenas um instante para concluirmos que era aquele, de fato, o caminho pelo qual aqueles outros haviam descido e que seria, outrossim, o caminho lógico para nossa própria subida, apesar da longa trilha de papel que havíamos deixado alhures. A boca da torre não ficava mais distante dos contrafortes e de nosso avião do que o grande edifício escalonado em que havíamos entrado, e qualquer exploração subglacial adicional que realizássemos naquela excursão se daria naquela região geral. Estranhamente, ainda estávamos pensando em possíveis excursões futuras — mesmo depois de tudo quanto havíamos visto e adivinhado. Foi então que, enquanto seguíamos cautelosamente sobre os destroços que recobriam o largo espaço, vimos algo que por algum tempo afastou de nossas mentes tudo mais.

O que vimos foram os três trenós desaparecidos do acampamento de Lake, bem arrumados naquele ângulo mais distante do curso mais baixo da rampa, que até agora nos estivera oculto à visão. Lá estavam eles, um tanto danificados por terem sido arrastados por longos trechos de cantaria, sem neve e escombros, ou transportados por espaços simplesmente intransponíveis. Estavam carregados e amarrados com cuidado, e continham coisas bastante familiares: o aquecedor a gasolina, latas de combustível, caixas de instrumentos, latas de mantimentos, oleados que obviamente envolviam livros e outros que ocultavam conteúdos menos óbvios — tudo aquilo integrante do equipamento de Lake.

Depois do que havíamos encontrado naquela outra câmara, estávamos de certa forma preparados para aquilo. O choque verdadeiramente grande se deu quando nos aproximamos e desfizemos as amarras de uma trouxinha de oleado cujos contornos haviam excitado nossa curiosidade. Ao que parece, outros, além de Lake, tinham-se interessado em coletar espécimes típicos; havia dois ali, congelados, muito bem preservados, com algumas contusões em torno dos pescoços suturadas com esparadrapo, e embrulhados com cuidado para evitar maiores danos. Eram os corpos do jovem Gedney e do cão desaparecido.

X

Muitas pessoas provavelmente nos julgarão insensíveis, além de loucos, por pensarmos sobre o túnel do lado norte e sobre o abismo tão pouco tempo depois de nossa horrenda descoberta, e não estou disposto a dizer que teríamos revivido imediatamente tais idéias se não fosse uma circunstância específica com a qual nos confrontamos reposto o oleado sobre o pobre Gedney e estávamos imóveis, numa espécie de mudo aturdimento, quando os sons finalmente atingiram nossa consciência — os primeiros sons que ouvíamos desde que havíamos saído do ar livre, onde o vento da montanha gemia baixinho, precipitando-se de altitudes demoníacas. Por mais conhecidos que fossem, a presença deles naquele mundo de morte era mais inesperada e enervante do que quaisquer sons grotescos ou fabulosos poderiam ter sido, uma vez que novamente perturbavam todas nossas concepções de harmonia cósmica.

Tivessem aqueles sons qualquer vestígio dos estranhos silvos musicais que o laudo da dissecação de Lake nos havia levado a esperar naqueles seres — e que, na verdade, nossa imaginação exausta vinha escutando em todos os uivos de ventos que ouvíamos desde a visão horrífica do acampamento —, eles

teriam como que uma congruência infernal com a região silente que nos rodeava. Uma voz de outras eras fica bem num cemitério de outras eras. Sucedeu, porém, que o ruído fez em pedaços toda nossa aceitação tácita do centro da Antártida como um ermo completa e inapelavelmente destituído de qualquer resíduo de vida normal. O que escutamos não foi a nota fantasiosa de qualquer blasfêmia sepulta da terra prístina, de cuja dureza superna um sol polar, quase extinto, houvesse extraído uma resposta monstruosa. Na realidade, foi algo tão zombeteiramente normal e com o qual estávamos de tal forma familiarizados, desde a travessia marítima ao largo da Terra de Vitória e desde os dias em que havíamos acampado no estreito McMurdo, que nos sobressaltamos ao imaginá-lo ali, onde tais coisas não podiam existir. Para ser sucinto, foi simplesmente o guincho gutural de um pingüim.

O som abafado vinha de desvãos subglaciais quase postos ao corredor pelo qual tínhamos chegado ali — regiões manifestamente na direção daquele outro túnel que levava ao vasto abismo. A presença de uma ave aquática viva naquela direção — num mundo cuja superfície não conhecia qualquer vida desde eras sem fim — só justificava uma conclusão. Por conseguinte, nosso primeiro pensamento foi o de verificar a realidade objetiva do som. Na verdade, ele se repetia e, de vez em quando, parecia provir de mais de uma garganta. Buscando-lhe a fonte, entramos por uma arcada da qual muitos escombros tinham sido afastados, e recomeçamos a marcar o caminho com papéis — tirados, com curiosa repugnância, de uma das trouxas de oleado que estavam nos trenós — quando deixamos para trás a luz do dia.

À proporção que o piso coberto de gelo cedia lugar a uma confusão de detritos, pudemos observar claramente curiosas marcas de objetos arrastados; e num dado momento Danforth descobriu uma pegada nítida cuja descrição seria de todo supérflua. O rumo indicado pelos gritos dos pingüins era bem aquele que nosso mapa e a bússola prescreviam como sendo, aproximadamente, o da boca do túnel mais a norte, e alegramo-nos ao constatar que parecia estar aberta uma passagem, sem ponte, no andar térreo e no pavimento subterrâneo. Segundo o mapa, o túnel deveria começar na parte inferior de uma grande estrutura piramidal que achávamos estar em excelente estado de conservação, a julgar por vagas lembranças de nossa exploração aérea. A lanterna mostrava a habitual profusão de relevos ao longo do caminho, mas não nos detivemos para examiná-los.

De súbito, uma volumosa forma branca alteou-se diante de nós, e acendemos a segunda lanterna. É estranho pensar até que ponto aquela nova investigação havia desviado nossa atenção dos primeiros medos do que pudesse estar oculto nas proximidades. Aqueles outros seres, depois de deixarem seus despojos no grande espaço circular, deviam ter planejado voltar, após sua expedição exploratória na direção do abismo ou em seu interior. No entanto, havíamos posto de lado toda cautela com relação a eles, como se não existissem. Aquele objeto branco, gigante, teria nada menos de 1,80m de altura, mas, ao que parece, percebemos de imediato que não se tratava de um daqueles seres. Estes eram maiores e mais escuros; e, segundo as esculturas, moviam-se em terra com rapidez e segurança, a despeito da estranheza de seu aparelho tentacular, de origem marinha. Todavia, seria falso dizer que aquela coisa branca não nos fez gelar o sangue nas veias. Na verdade, por um instante fomos tomados de um temor primitivo quase mais intenso que o pior de nossos fundados medos com relação àqueles outros seres. Seguiu-se então um instante de anticlímax, quando o vulto branco entrou por uma arcada lateral, à nossa esquerda, para se unir a outros dois, de sua espécie, que o haviam chamado com guinchos guturais. Pois tratava-se tão-somente de um pingüim, ainda que de uma espécie gigantesca e desconhecida, maior que o mais desenvolvido dentre os chamados pingüins-reais, e que combinava, de maneira monstruosa, albinismo e quase total ausência de olhos.

Depois de seguirmos o avejão pela arcada e dirigirmos os fochos das duas lanternas para o trio indiferente, vimos que eram todos albinos cegos, da mesma espécie desconhecida e gigantesca. Pelo tamanho, lembravam-nos alguns dos pingüins arcaicos representados nas esculturas dos Antigos, e não foi preciso muito tempo para concluirmos que descendiam da mesma cepa e que tinham sobrevivido, sem dúvida, por se retirarem para alguma região subterrânea mais quente cujo negrume eterno havia-lhe

destruído a pigmentação e lhes atrofiado os olhos, que se reduziam a meras fendas inúteis. Nem por um momento duvidamos que vivam atualmente no vasto abismo que procurávamos; e essa comprovação de que o golfão permanecia quente e habitável encheu-nos das mais curiosas fantasias, sutilmente perturbadoras.

Imaginamos, também, o que teria levado aquelas três aves a abandonarem seu habitat habitual. O estado e o silêncio da grande cidade morta deixavam claro que em nenhum tempo ela fora uma colônia sazonal costumeira, ao passo que a patente indiferença do trio à nossa presença fazia parecer estranho que a passagem de um grupo dos outros seres os tivesse assustado. Seria possível que os tais outros houvessem assumido alguma atitude agressiva ou tentado aumentar seu suprimento de carne? Duvidávamos de que o odor picante a que os cães haviam demonstrado aversão pudesse provocar igual antipatia naqueles pingüins, uma vez que seus ancestrais haviam obviamente coexistido em perfeita harmonia com os Antigos — um relacionamento amistoso que deveria ter sobrevivido no abismo, enquanto restassem quaisquer representantes dos Antigos. Lamentando, num novo assomo daquele velho espírito da ciência pura, não poderemos fotografar aquelas criaturas anômalas, logo as deixamos com seus guinchos e seguimos rumo ao abismo, que agora sabíamos com certeza estar aberto, e cuja direção exata as pegadas dos pingüins indicavam.

Logo depois, uma descida íngreme por um corredor longo, baixo, sem portas e peculiarmente destituído de esculturas levou-nos a crer que estávamos por fim chegando à abertura do túnel. Tínhamos passado por mais dois pingüins e ouvíamos outros um pouco adiante. O corredor terminou então num prodigioso espaço aberto, que nos fez arfar involuntariamente. Era um hemisfério invertido perfeito, obviamente escavado muito a fundo na terra; teria nada menos de 30 metros de diâmetro e 15 metros de altura, com arcadas baixas que se abriam por toda a circunferência, menos em um ponto. E esse ponto escancarava-se cavernosamente, com uma abertura negra e arqueada que quebrava a simetria da abóbada, elevando-se a uma altura de quase 15 metros. Era aquela a boca do grande abismo.

Naquele imenso hemisfério, cujo teto côncavo exibia esculturas expressivas, mas decadentes, figurando o céu primordial, gingavam alguns pingüins albinos — estranhos àquele lugar, mas indiferentes e cegos. O túnel negro abria-se para o infinito num declive acentuado, com a abertura ornamentada com jambas e lintéis de grotesco lavor. Tivemos a impressão de que daquela caverna provinha uma lufada de ar um pouco mais quente e até mesmo uma suspeita de vapor. Que espécie de entidades vivas, além de pingüins, poderiam ocultar aquele vazio infinito e os favos contíguos, na terra e nas montanhas? E conjecturamos também se o vestígio de fumarolas nos copos das montanhas, que de início o pobre Late havia suspeitado, bem como a bruma singular que nós próprios havíamos percebido em torno do pico encimado por baluartes, não poderiam ser causados pela emissão de algum vapor como aquele, um vapor que brotasse das regiões ignotas do seio da terra e percorresse canais tortuosos.

Entrando no túnel, notamos que, pelo menos de começo, ele teria cerca de 4,5 metros de cada lado, e que as paredes, o piso e o teto compunham-se da habitual cantaria megalítica. As paredes eram decoradas com cártulas esparsas de desenho convencional, em estilo tardio e decadente; e toda a obra de engenharia e as entalhaduras achavam-se em maravilhoso estado de conservação. O chão estava muito limpo e havia apenas uma leve camada de pó, com pegadas de pingüins, que saíam, e dos outros seres, que entravam. Quanto mais avançávamos, mais aumentava a temperatura; daí a pouco vimo-nos desabotoando os pesados agasalhos. Ficamos a imaginar se não haveria verdadeiramente manifestações ígneas lá embaixo e se as águas do mar trevoso não seriam quentes. Percorrida uma pequena distância, a cantaria cedeu lugar à rocha viva, embora o túnel mantivesse as mesmas proporções e apresentasse o mesmo aspecto de regularidade. De vez em quando, o declive tornava-se tão forte que tinham sido abertos sulcos transversais no piso. Por várias vezes observamos as bocas de pequenas galerias laterais, não registradas em nossos diagramas; nenhuma delas oferecia perigo de complicar nosso retorno e todas

nos pareciam possíveis refúgios para o caso de encontrarmos indesejadas entidades de regresso do abismo. O cheiro abominável daquelas criaturas era agora bastante nítido. Sem dúvida, embrenharmo-nos por aquele túnel nas condições conhecidas era de uma tolice suicida, mas a atração do desconhecido é mais acentuada em certas pessoas do que se imagina. Na verdade, fora essa espécie de atração que nos levara, de início, àqueles inóspitos paramos antárticos. Enquanto caminhávamos, víamos vários pingüins e imaginávamos a distância que ainda restava a percorrer. As esculturas nos haviam levado a esperar uma descida de aproximadamente 1,5 quilômetro até o abismo, porém nossas deambulações anteriores haviam mostrado que não podíamos confiar nelas às cegas em questões de escala.

Passados cerca de quinhentos metros, aquele cheiro nauseabundo ganhou muita força e passamos a vigiar com todo cuidado as várias aberturas laterais por que passávamos. Não havia nenhum vapor visível, como na entrada, mas sem dúvida isso se devia à ausência, ali, de um ar mais fresco e contrastante. A temperatura estava aumentando depressa e não ficamos surpresos ao darmos com uma pilha de materiais que nos eram horrorosamente familiares. Compunha-se de peles e lonas de barracas tiradas do acampamento de Lake, mas não paramos para analisar os rasgões estranhíssimos que tinham sido feitos no tecido. Pouco além desse ponto, observamos um positivo aumento no tamanho e no número das galerias laterais e concluímos que havíamos chegado à região densamente esburacada sob os contrafortes mais altos. O odor nauseante mesclava-se agora, curiosamente, com um outro cheiro, em nada menos repulsivo, mas cuja natureza não sabíamos identificar, embora pensássemos em organismos em putrefação e, talvez, desconhecidos fungos subterrâneos. Seguiu-se então um surpreendente alargamento do túnel, para o qual os relevos não nos haviam preparado — uma caverna elíptica, de aspecto natural, mais larga e mais alta, com piso plano, com cerca de 25 metros de comprimento e 15 de largura, e com muitas passagens laterais, imensas, que conduziam aos secretos negrumes.

Ainda que aquela caverna tivesse aspecto natural, uma inspeção com as duas lanternas indicou que fora formada pela destruição artificial de várias paredes entre favos adjacentes. Tinha os lados ásperos e o teto, abobadado, mostrava-se tomado de estalactites. No entanto, o piso, em rocha viva, havia sido alisado e estava livre de quaisquer escombros, detritos ou, possivelmente, até poeira, num grau positivamente anormal. Com exceção do caminho pelo qual viéramos, o mesmo se podia dizer dos pisos de todas as grandes galerias que dele saíam; e essa circunstância era de tal modo singular que causava perplexidade. O estranho fodor que se havia somado ao odor repugnante era ali tremendamente cáustico, a ponto de obliterar qualquer vestígio do outro. Havia alguma coisa naquele lugar, com seu chão polido e quase reluzente, que se nos afigurava mais enigmático e horrível, ainda que indefinidamente, que qualquer outra das circunstâncias monstruosas que já tínhamos encontrado.

A regularidade do caminho que ficava imediatamente à frente, assim como a maior proporção dos detritos de pingüins ali depositados, impediam qualquer confusão quanto ao rumo correto em meio àquela pletora de bocas de caverna, todas igualmente grandes. Mesmo assim, decidamos retomar a marcação com papéis, para o caso de surgir alguma dificuldade, pois, naturalmente, não podíamos esperar que dali em diante houvesse pegadas na poeira. Ao recomeçarmos a caminhada, jogamos um facho de luz sobre as paredes do túnel... e nos detivemos, assombrados, diante da modificação radicalíssima sofrida pelos relevos naquela porção do caminho. Percebíamos, é claro, a grande decadência da escultura dos Antigos à época da abertura do túnel e havíamos, de fato, observado a qualidade inferior dos arabescos nos trechos por que havíamos passado. Agora, porém, naquele trecho mais profundo, além da caverna, notava-se uma diferença repentina que se furtava a qualquer explicação — tanto quanto em natureza básica, havia também uma diferença de qualidade, e que envolvia tão profunda e calamitosa degradação artística que nada no ritmo de declínio até então observado levaria alguém a esperá-la.

Aquela obra degenerada era grosseira, bruta e inteiramente sem esmero quanto aos pormenores. A depressão dos altos-relevos era de uma profundidade exagerada e as faixas seguiam a mesma linha geral

das cártulas esparsas dos trechos anteriores; no entanto, a altura dos relevos não chegava ao nível da superfície geral. Danforth aventou a hipótese de tratar-se de um segundo entalhamento — uma espécie de palimpsesto executado após a obliteração de um desenho anterior. Era de natureza inteiramente decorativa e convencional e consistia em espirais e ângulos grosseiros que obedeciam, aproximadamente, à tradição matemática de base cinco dos Antigos; no entanto, mais lembrava uma paródia do que a perpetuação de tal tradição. Não conseguíamos afastar da mente a idéia de que algum elemento, sutil mas profundamente alienígena, havia sido acrescentado ao senso estético subjacente à técnica — um elemento exótico, conjecturava Danforth, que era responsável pela penosa substituição. Aquela arte era semelhante, e ao mesmo tempo incomodamente dessemelhante, à que tínhamos passado a reconhecer como sendo a dos Antigos; e me acorriam ao espírito, com persistência, coisas híbridas como as deselegantes esculturas de Palmira, talhadas à romana. Outros haviam recentemente observado aquela faixa de esculturas; isso era indicado pela presença de uma pilha usada de lanterna, no chão, diante de uma das cártulas mais características.

Como não podíamos perder tempo, retomamos o caminho após um exame superficial, embora lançássemos com freqüência fachos de luz pelas paredes, para ver se surgiam novas alterações decorativas. Não constatamos nada nesse sentido, ainda que em certos pontos as esculturas se mostrassem esparsas, devido às numerosas entradas de túneis laterais, que tinham os pisos limpos. Víamos e ouvíamos cada vez menos pingüins, mas Julgamos ter captado uma vaga suspeita de um coro deles, infinitamente distante, nas profundezas da terra. O novo e inexplicável odor era abominavelmente intenso e mal conseguíamos detectar qualquer resquício daquele outro cheiro inominável. Baforadas de vapor visível, à nossa frente, anunciavam crescentes contrastes de temperatura e a relativa proximidade dos tenebrosos penhascos marinhos do grande abismo. Então, inesperadamente, avistamos certas obstruções no pavimento polido — obstruções que, decididamente, não eram pingüins — e acendemos a segunda lanterna, depois de nos certificarmos que os objetos estavam imóveis.

XI

Mais uma vez chego a um ponto em que me é difícil prosseguir. Seria de esperar que neste ponto eu já estivesse empedernido. No entanto, há experiências e contingências que ferem fundo demais para que se curem as cicatrizes e que deixam tamanha sensibilidade que a memória reacende todo o horror original. Como eu disse, vimos à nossa frente certas obstruções no chão luzidio; e talvez convenha aduzir que nossas narinas foram quase simultaneamente assaltadas por uma curiosíssima intensificação do estranho fedor geral, agora claramente mesclado com o rançoinominável daqueles outros seres que por ali tinham passado antes. A luz da segunda lanterna não deixava dúvida quanto à natureza das obstruções e só nos atrevemos a continuar porque podíamos ver, mesmo a distância, que estavam tão incapacitados a nos fazer mal quanto os seis espécimes similares que haviam sido desenterrados dos monstruosos túmulos decorados com pentáculos no acampamento do pobre Lake.

Com efeito, estavam tão incompletos quanto a maioria daqueles que havíamos exumado — ainda que fosse claro, a julgar pela poça densa e verde-escura que se juntava em torno deles, que sua desintezira era infinitamente mais recente. Parecia haver apenas quatro deles, ao passo que os boletins de Lake levavam a crer que pelo menos oito formavam o grupo que nos haviam precedido. Encontrá-los naquele estado era algo de todo inesperado, e ficamos a imaginar que espécie de conflitos monstruosos ocorrera ali embaixo, nas trevas.

Quando atacados em conjunto, os pingüins revidam selvagememente com os bicos e nossos ouvidos garantiam agora a existência de uma colônia deles, mais adiante. Teriam aqueles seres perturbado o lugar e provocado mortífera represália? As obstruções não corroboravam essa idéia, pois o ataque de bicos de pingüins contra os tecidos tenazes que Lake havia dissecado de forma alguma podia explicar as lesões

generalizadas que começávamos a perceber enquanto caminhávamos. Além disso, as gigantescas aves cegas tinham dado sinais de serem singularmente pacíficas.

Houvera, então, uma luta entre aqueles seres, e seriam os quatro ausentes os responsáveis? Nesse caso, onde estavam? Estariam porventura próximos, podendo constituir uma ameaça iminente a nós? Vigiávamos ansiosamente as passagens laterais, com seus pisos lisos, enquanto prosseguíamos com vagar e franca relutância. Qualquer que tivesse sido o conflito, fora ele evidentemente que assustara os pingüins, levando-os a se afastarem dali, o que não lhes era típico. Portanto, a luta devia ter-se iniciado perto daquela colônia cujos sons ouvíamos debilmente e que se situava no abismo incalculável à frente, porquanto não havia sinal de que as aves normalmente vivessem ali. Talvez, refletimos, tivesse ocorrido uma medonha luta, acompanhada de fuga, com os contendores mais fracos procurando retroceder para as galerias ocultas, onde os perseguidores acabaram com eles. Podíamos visualizar a peleja demoníaca, entre entidades indizivelmente monstruosas, rebentando no abismo negro, com grandes bandos de pingüins fonéticos guinchando e correndo em debandada.

Digo que nos aproximamos daquelas obstruções esparramadas e incompletas com vagar e relutância. Quisera Deus que não houvéssemos nos aproximado em absoluto, que houvéssemos dado às de vila-diogo, fugindo daquele túnel tétrico de pisos lisos e gosmentos, no qual os murais degenerados arremedavam e ironizavam aquilo que haviam suplantado... Oxalá houvéssemos batido em retirada antes de vermos o que vimos e antes que nosso espírito fosse cauterizado por algo que jamais há de nos permitir respirar com tranqüilidade novamente!

Nossas duas lanternas estavam voltadas para os objetos prostrados, de sorte que logo percebemos o fator dominante em sua desinteireza. Mutilados, comprimidos, torcidos e vazados como estivessem, todos tinham em comum a decapitação radical. De cada um deles havia sido arrancada a cabeça estreliforme e tentaculada; e ao nos aproximarmos verificamos que o processo de remoção mais lembrava alguma sucção infernal do que qualquer forma ordinária de mutilação. O fétido icor verde-escuro formava uma poça crescente; mas seu mau-cheiro era semi-eclipsado pelo fedor mais novo e mais estranho, ali mais pungente que em qualquer outro lugar de nossa rota. Só quando chegamos bastante perto das obstruções esparramadas foi que pudemos relacionar aquele segundo e inexplicável fedor a uma fonte imediata — e no instante em que isso aconteceu, Danforth, recordando certas esculturas muito vívidas da história dos Antigos na Era Permiana, há 150 milhões de anos, emitiu um grito torturado que ecoou histericamente por aquele corredor abo-badado e arcaico, de relevos repulsivos.

Por pouco eu próprio não lhe fiz coro, pois também vira aquelas esculturas primais e havia admirado, com calafrios, o modo como o artista desconhecido havia sugerido aquela camada medonha de limo encontrada em certos Antigos mutilados e prostrados — aqueles que os horripilantes Shoggoths haviam, caracteristicamente, sugado e decapitado hediondamente na grande guerra de ressubjugação. Eram esculturas infames, de pesadelo, mesmo quando narravam atos passados havia éons e éons; pois os Shoggoths e suas obras não deveriam ser vistos por seres humanos ou representados por quaisquer criaturas. O louco autor do *Necronomicon* havia nervosamente tentado jurar que jamais um deles era gerado neste planeta e que somente em sonhos induzidos por estupefacientes alguns insanos haviam-nos concebido. Protoplasmas amorfos, capazes de imitar e refletir todas as formas de órgãos e processos... aglutinações pegajentas de células borbu-lhantes... elásticos esferóides de cinco metros, infinitamente plásticos e dúcteis... escravos da sugestão, construtores de cidades... cada vez mais arrogantes, cada vez mais inteligentes, mais e mais ambiciosos, mais e mais miméticos! Deus Todo-Poderoso! Que loucura fizera com que mesmo aqueles blasfemos Antigos ousassem utilizar e engendrar tais coisas?

E agora, no momento em que Danforth e eu vimos o lodo negro, de uma cintilação recente e espelhante iridescência, que se aderiu densamente aos corpos degolados e exalava aquele horrendo fedor, novo e desconhecido, cuja causa só uma imaginação desvairada poderia fantasiar...

aquele limo que aderira aos corpos e brilhava com menos intensidade numa parte lisa da parede execravelmente esculpida numa série de pontos agrupados... naquele momento compreendemos de maneira suprema o que é um terror cósmico. Não era medo daqueles quatro seres desaparecidos. . . pois tínhamos bons motivos para suspeitar que não voltariam a fazer qualquer mal. Infelizes! Afinal, não eram representantes de uma raça intrinsecamente torpe e perversa. Eram os homens de outra era e de outra ordem de existência. A natureza havia-lhes pregado uma peça diabólica — como fará a outros que a loucura, a insensibilidade ou a crueldade humana venham ao futuro exumar naquele ermo polar horridamente morto ou adormecido — e assim terminaria para eles a trágica volta ao lar. Não tinham sido sequer selvagens... pois, na verdade, o que tinham feito? Aquela horrível despertar no frio de uma época desconhecida... talvez um ataque dos quadrúpedes peludos, que latiam com frenesi, e uma defesa atônita contra eles e contra os igualmente frenéticos símios brancos com estranhos envoltórios e equipamentos... Pobre Lake, pobre Gedney... e pobres Antigos! Cientistas até o fim.. o que haviam feito que não faríamos em seu lugar? Deus, que inteligência, que persistência! Com que denodo haviam enfrentado o inacreditável, da mesma forma como aqueles parentes e ancestrais esculpidos haviam enfrentado coisas só um pouco menos inacreditáveis! Radiados, vegetais, monstruosidades, progênie das estrelas... não importa o que tivessem sido, eram homens!

Haviam atravessado os cumes nevados, em cujas encostas pontilhadas de templos tinham outrora prestado culto, e vagueado entre os fetos arbóreos. Haviam encontrado a cidade morta entregue à sua maldição e, tal como nós, haviam lido a história esculpida de seus últimos dias. Haviam tentado alcançar seus irmãos vivos em profundezas de terrível negrume, que jamais haviam contemplado... e o que tinham achado? Tudo isso passou como um relâmpago por nossos pensamentos enquanto desviávamos o olhar daqueles vultos decapitados e cobertos de lodo e o dirigíamos para as horríveis esculturas em palimpsesto e para os infernais grupos de pontos, feitos com limo fresco, na parede ao lado delas... enquanto olhávamos e entendíamos o que devia ter triunfado e sobrevivido lá embaixo, na ciclópica cidade aquática daquele abismo trevoso e orlado de pingüins, de onde naquele instante mesmo uma sinistra névoa ondulante havia começado a eructar palidamente, como que em resposta ao grito histérico de Danforth.

O choque causado pela compreensão do que significavam aquele limo monstruoso e a decapitação havia-nos petrificado, transformando-nos em estátuas mudas e imóveis, e só por conversas posteriores foi que pudemos definir cabalmente nossos pensamentos naquele momento. Nossa impressão foi de que nos detivemos ali por milênios, mas na verdade não pode ter sido por mais de dez ou quinze segundos. Aquela névoa odienta e pálida ondulava-se em nossa direção como que verdadeiramente impulsionada por algum vulto, mais remoto, que avançasse... e escutamos então um som que abalou grande parte do que tínhamos acabado de decidir e, ao assim fazer, rompeu o encantamento e nos possibilitou sair em louca disparada, entre pingüins confusos e guinchantes, retrocedendo por nossa trilha de volta à cidade, passando por megalíticos corredores enterrados no gelo até o grande círculo aberto, subindo aquela arcaica rampa espiralada numa arremetida frenética e automática em busca do sadio ar livre e da luz do dia.

O novo som, como declarei, abalou muito do que havíamos decidido, pois era aquilo que a dissecação feita pelo pobre Lake nos levava a atribuir aos que tínhamos julgado mortos. Era, disse-me Danforth mais tarde, exatamente o que ele havia captado em forma infinitamente abafada quando estávamos naquele ponto além da esquina do beco acima do nível glacial. E por certo mostrava uma malsã semelhança com as sibilações que ambos tínhamos escutado em torno das altas cavernas das montanhas. Ainda que ao risco de parecer pueril, acrescentarei uma coisa mais, aomenos por causa da maneira surpreendente como as impressões de Danforth coincidiram com as minhas. Foram, naturalmente, as mesmas leituras que nos predisuseram à mesma interpretação, ainda que Danforth tenha aludido a idéias estranhas relativas a fontes insuspeitadas e interditas a que Poe talvez tenha tido acesso ao redigir

seu *Artuir Gordon Pym*, há um século. Todos hão de lembrar que naquele conto fantástico lia uma palavra de significado desconhecido, porém terrível e prodigioso, ligada à Antártida e gritada eternamente pelas gigantescas aves, espectralmente nevosas, do interior daquela maligna região. "*Tekeli-li! Tekeli-li!*" Isso, admito, foi precisamente o quejulgamos escutar naquele súbito som que precedia a bruma branca que avançava — aquele insidioso silvo musical, que cobria várias oitavas.

Já corríamos à toda antes que as três notas ou sílabas tivessem sido emitidas, embora soubéssemos que a rapidez dos Antigos possibilitaria a qualquer sobrevivente do massacre, despertado pelo grito de Danforth, a nos capturar instantaneamente, se realmente quisesse fazê-lo. Nutríamos, todavia, vaga esperança de que uma conduta plácida e uma demonstração de razão levassem tal ser a. nos poupar, ao menos por curiosidade científica, se fôssemos apanhados. Afinal de contas, se tal criatura nada tinha a temer, não teria qualquer motivo para nos fazer mal. Sendoinútil, nas circunstâncias, procurarmos nos esconder, usamos a lanterna para ver o que se passava às nossas costas, ainda correndo, e constatamos que a névoa estava minguando. Haveríamos de ver, finalmente, um espécime vivo e intacto daqueles seres? Mais uma vez escutamos aquele insidioso sibilo musical — "*Tekeli-li! Tekeli-li!*"

Então, notando que na verdade estávamos aumentando a distância que nos separava de nosso perseguidor, ocorreu-nos que talvez a entidade estivesse ferida. Contudo, não iríamos correr nenhum risco, pois era óbvio que ela estava-se aproximando em resposta ao grito de Danforth, e não por fugir de qualquer outra entidade. A reação tinha sido por demais imediata para permitir dúvida. Quanto ao paradeiro daquele pesadelo menos concebível e menos mencionável — aquela montanha fétida de protoplasma que emitia lodo, cuja raça havia conquistado o abismo e enviado pioneiros terrestres para re-esculpir os caminhos pelos quais se contorcia —, não podíamos formar nenhuma conjectura; e só ao custo de uma dor genuína abandonamos aquele Antigo provavelmente mutilado — talvez um sobrevivente solitário — ao perigo de recaptura e de um destino impronunciável.

Graças a Deus não diminuimos nossa corrida. A névoa ondulante havia-se adensado de novo e era impelida com crescente velocidade, enquanto os pingüins desgarrados às nossas costas guinchavam, gritavam e mostravam sinais de um pânico realmente surpreendente em vista de sua perplexidade relativamente pequena ao passarmos por eles. Mais uma vez sobreveio aquele silvo sinistro e em várias oitavas — "*Tekeli-li! Tekeli-li!*" Havíamos incorrido em erro. A coisa não estava ferida, mas havia simplesmente feito uma pausa ao dar com os corpos dos camaradas abatidos e a informal inscrição feita a lodo sobre eles. Jamais poderíamos saber o que dizia a mensagem demoníaca... mas aquelas tumbas no acampamento de Lake haviam mostrado quanta importância os seres atribuíam a seus mortos. Nossa lanterna, prodigamente usada, revelava à frente a imensa caverna aberta, para a qual convergiam vários caminhos, e agradou-nos deixar para trás aquelas mórbidas esculturas em palimpsesto, quase sentidas mesmo quando praticamente não eram vistas.

Outro pensamento inspirado pelo aparecimento da caverna foi a possibilidade de despistarmos nosso perseguidor naquele assombroso foco de grandes galerias. Havia vários dos pingüins albinos e cegos no espaço aberto e parecia claro que o medo que sentiam diante da aproximação da entidade era extremo, levando-os ao desvario. Se naquele ponto diminuíssemos a luz da lanterna ao mínimo indispensável para prosseguirmos na fuga, mantendo-a apontada rigorosamente à frente, era possível que os assustados movimentos gigantes das aves imensas, em meio à névoa, abafasse nossos passos, encobrisse nosso verdadeiro rumo e de alguma forma criasse uma pista falsa. Em meio ao nevoeiro espiralante e em revolução, daquele ponto em diante, o piso cheio de escombros do túnel principal, tão diferente dos demais caminhos morbidamente polidos, dificilmente apareceria com grande clareza; nem mesmo, até onde podíamos imaginar, para aqueles sentidos especiais que, em emergências, tornavam os Antigos em parte, ainda que imperfeitamente, independentes da luz. Na verdade, nós próprios de certa forma temíamos que, na pressa, nos perdêssemos. Havíamos, naturalmente, decidido seguir em linha reta, na direção da cidade morta, uma vez que as conseqüências de nos perdermos naquele meandro de

passagens desconhecidas dos contrafortes seriam inimagináveis.

O fato de haveremos sobrevivido e chegado ao ar livre é prova bastante de que a coisa realmente enveredou por uma galeria errada, ao passo que, providencialmente, seguimos pela correta. Sozinhos, os pingüins não nos poderiam ter salvo, mas em combinação com a névoa parecem tê-lo conseguido. Somente um destino benigno mantiveram os vapores ondulantes suficientemente densos no momento certo, pois estavam sempre virando de um lado para outro e ameaçando desaparecerem. Com efeito, dissiparam-se por um segundo, pouco antes de emergirmos do túnel nauseantemente reesculpido e entrarmos na caverna; com isso, na verdade tivemos um primeiro e único vislumbre da entidade que se aproximava, quando lançamos para trás um último e desesperado olhar, repleto de temor, antes de reduzirmos a luz e nos misturarmos aos pingüins, na esperança de nos esquivarmos à perseguição. Se o destino que nos protegeu foi benigno, aquele que nos proporcionou entrever a entidade foi infinitamente oposto — pois àquele relâmpago de semivisão podemos atribuir pelo menos metade do horror que desde então ronda nossas vidas.

A motivação precisa de novamente olharmos para trás terá sido, talvez, o mero instinto imemorial que leva o perseguido a avaliar a natureza e o rumo do perseguidor; ou quiçá foi uma tentativa automática de responder a uma pergunta subconsciente levantada por um de nossos sentidos. No meio de nossa fuga, com todas as faculdades concentradas no problema de escapar, não estávamos em condições de observar e analisar pormenores; no entanto, mesmo assim nossas latentes células cerebrais devem ter-se surpreendido com a mensagem que lhes era levada por nossas narinas. Mais tarde compreendemos o que era — que o afastamento do fétido revestimento de limo daquelas obstruções decapitadas e a simultânea aproximação da entidade perseguidora não haviam trazido a troca de fedores que a lógica determinava. Na vizinhança dos seres prostrados, aquele novo fedor, inexplicável, predominara com força; mas àquela altura ele já deveria ter dado lugar ao abominável mau-cheiro associado com aqueles seres. Isso não acontecera... pois, ao contrário, o odor mais novo e menos tolerável mantinha-se praticamente o mesmo, ganhado até uma peçonhenta insistência a cada segundo.

Por isso olhamos para trás ao mesmo tempo, por assim dizer, muito embora, sem dúvida, o movimento inicial de um de nós tenha provocado o mesmo ato por parte do outro. Ao fazê-lo, dirigimos as duas lanternas, com toda sua intensidade luminosa, para a névoa momentaneamente rala, fosse por pura ansiedade primitiva de vermos tudo que pudéssemos ou, num esforço menos primitivo, mas igualmente inconsciente, de ofuscar a entidade antes de quase apagarmos as luzes e nos metermos entre os pingüins no centro labiríntico à frente. Ato infeliz! Nem o próprio Orfeu, nem a mulher de Lot pagaram mais caro por um olhar sobre o ombro. E mais uma vez sobreveio aquele silvo chocante, enregelante... "*Tekeli-li! Tekeli-li!*"

Convém ser franco, mesmo que eu não ouse ser de todo direto, e dizer o que vimos, muito embora no momento achássemos que não era uma coisa que pudéssemos admitir, mesmo um para o outro. As palavras que chegam ao leitor não logram sequer sugerir a bestialidade da visão. Ela paralisou nossa consciência tão completamente que admiro nos haver restado bom senso para reduzirmos a luz das lanternas, tal como planejado, e entrarmos pelo túnel certo, rumo à cidade morta. Só o instinto nos deve ter levado adiante... talvez melhor do que a razão poderia fazer. No entanto, se foi isso que nos salvou, pagamos alto preço; decerto sobrou-nos muito pouca razão.

Danforth estava totalmente fora de si e a primeira coisa que me recorde do resto do percurso foi ouvi-lo entoar, como se houvera perdido o juízo, uma fórmula histérica na qual apenas eu, em toda a humanidade, poderia encontrar alguma coisa além de insana irrelevância. Ela reverberava, em ecos esganiçados, entre os guinchos dos pingüins; reverberava entre as abóbadas à nossa frente e

— graças a Deus — pelas abóbadas agora vazias atrás. Ele não pode tê-la começado imediatamente, pois dessarte não estaríamos vivos e correndo cegamente. Estremeço ao pensar o que uma mínima diferença em suas reações nervosas poderia ter acarretado.

"South Station Under... Washington Under... Park Street Under... Kendall... Central... Harvard..." O infeliz estava a enunciar as conhecidas estações do túnel Boston-Cambridge, que corria sob nosso pacífico solo nativo, a milhares de milhas dali, na Nova Inglaterra, mas para mim o ritual não tinha irrelevância nem traduzia saudades do lar. Transmitia apenas horror, porque eu sabia, com absoluta certeza, qual nefanda analogia o havia sugerido. Havíamos esperado, ao olharmos para trás, avistar uma terrível e inacreditável entidade semovente, se as névoas estivessem bastante ralas; daquela entidade tínhamos formado uma idéia clara. O que realmente vimos — pois as névoas estavam malignamente ralas — foi algo inteiramente diferente e incomensuravelmente mais hediondo e repulsivo. Era a encarnação completa e objetiva da "coisa que não devia existir" do romancista fantástico; e sua mais próxima analogia compreensível é um vasto e veloz trem de metro, tal como é visto de uma plataforma de estação — a grande frente negra avultando colossalmente a uma infinita distância subterrânea, constelada de estranhas luzes coloridas e preenchendo um túnel prodigioso tal como um pistão enche um cilindro.

Entretanto, não estávamos numa plataforma de estação. Estávamos nos trilhos à sua frente, enquanto a coluna plástica de pesadelo, feita de uma iridescência negra e fétida escorria para a frente, através de seu sínus de 4,5 metros, ganhando uma ímpia velocidade e impelindo uma nuvem espiralante e novamente espessa do pálido vapor do abismo. Era uma coisa terrível, inacreditável, mais vasta do que qualquer trem subterrâneo — um montão informe de bolhas protoplásmicas, ligeiramente luminosa e com miríades de olhos temporários, que se formavam e se desfaziam comopústulas de luz esverdeada em sua fachada que enchia o túnel e investia contra nós, esmagando os frenéticos pingüins e deslizando sobre o piso reluzente que ele e os de sua espécie haviam deixado horrendamente livre de qualquer grão de pó. E ao mesmo tempo emitia aquele brado medonho, zombeteiro — "*Tekeli-li! Tekeli-li!*" — e por fim nos lembramos de que os demoníacos Shoggoths

— aos quais os Antigos, exclusivamente, haviam dado vida, pensamentos e configurações físicas plásticas, e que não tinham outra linguagem senão aquela que os grupos de pontos expressavam — não tinham igualmente outra voz senão os sons de seus desaparecidos senhores, que imitavam.

XII

Danforth e eu temos lembranças de sairmos para o grande hemisfério esculpido e de refazermos o caminho que havíamos percorrido através dos ciclópicos aposentos e corredores da cidade morta; no entanto, são puramente fragmentos de sonhos, não compreendem nenhuma memória de volição, pormenores ou esforço físico. Era como se boiássemos em um mundo ou dimensão nebulosa, sem tempo, causação ou orientação. A luz acinzentada do vasto espaço circular nos acalmou um pouco; entretanto, não nos aproximamos daqueles trenós escondidos nem olhamos de novo para o pobre Gedney e para o cão. Descansam num estranho e titânico mausoléu, e rezo para que o fim deste planeta os encontre ainda em paz.

Foi enquanto nos esfalfávamos pela colossal rampa em espiral que sentimos pela primeira vez a fadiga terrível e a falta de fôlego que nossa corrida, no ar rarefeito do planalto, havia produzido. No entanto, nem mesmo o medo do colapso nos faria parar antes de chegarmos ao reino exterior, normal, de sol e céu. Houve algo de vagamente apropriado em nossa despedida daquelas eras soterradas; enquanto dávamos voltas, ofegantes, subindo o cilindro de 20 metros de cantaria primeva, vislumbramos a nosso lado um contínuo cortejo de esculturas heróicas, na técnicaprimitiva e ainda não decadente da raça extinta — um adeus dos Antigos, gravados havia 50 milhões de anos.

Saindo finalmente da rampa, aos trambolhões, encontramos-nos sobre uma enorme pilha de rochas caídas, com as paredes curvas de uma edificação mais alta erguendo-se na direção de oeste e os picos altaneiros das grandes montanhas surgindo além das estruturas mais danificadas, no lado leste. O baixo sol antártico da meia-noite assomava, avermelhado, no horizonte meridional, através de aberturas nas

ruínas denteadas, e a idade e o silêncio terríveis da cidade de pesadelo pareciam ainda mais gritantes em contraste com coisas relativamente conhecidas e habituais como os elementos da paisagem polar. O céu era uma massa agitada e opalescente de tênues vapores glaciais e o frio gelava-nos as estranhas. Descansando no chão as sacolas a que nos havíamos agarrado por instinto durante a fuga desesperada, tornamos a abotoar nossos agasalhos pesados para a descida dificultosa pela pilha de escombros e a caminhada pelo imemorial labirinto de pedra até os contrafortes, onde esperava nosso avião. Sobre aquilo que nos havia posto em fuga desabalada da escuridão dos abismos secretos e arcaicos da terra, nem uma palavra dissemos.

Em menos de um quarto de hora havíamos localizado o aclive íngreme para os contrafortes — a provável esplanada antiga — e podíamos ver o vulto escuro do grande aeroplano entre as ruínas esparsas da encosta. Ao transpormos a metade do caminho, paramos para um breve repouso e nos voltamos para ver de novo o emaranhado fantástico de inacreditáveis formas de pedra, mais uma vez silhuetadas misticamente contra o céu do oeste desconhecido. Percebemos então que o céu daquele lado havia perdido a nebulosidade da manhã; os inquietos vapores glaciais haviam-se transferido para o zênite, onde seus contornos zombeteiros pareciam prestes a assumir algum desenho extravagante, que temiam tornar inteiramente definido ou concludente.

Revela-se agora no horizonte branquíssimo, por trás da cidade grotesca, uma linha fosca e misteriosa de pináculos violetas, cujas alturas aguçadas agigantavam-se, como em sonho, contra o róseo do céu ocidental. Na direção dessa orla tremeluzente subia o planalto antigo, que o curso deprimido do rio desaparecido atravessava como uma fita irregular de sombra. Por um instante admiramos, boquiabertos, a beleza cósmica e sobrenatural da cena, mas a seguir um vago horror começou a se instalar em nossas almas. Pois aquela longínqua linha violácea não podia ser senão asterríveis montanhas da terra interdita — os mais altos picos terrestres, o foco do mal na Terra; refúgios de horrores inomináveis e segredos arqueanos; evitadas e cultuadas por aqueles que temiam esculpir na pedra o que elas significavam; não conhecidas por qualquer criatura viva da terra, mas visitadas pelos raios sinistros e origem de fachos estranhos que brincavam nas planícies na noite polar — indubitavelmente o arquétipo desconhecido daquele temido Kadath do Ermo Gélido, além da execrável Terra de Leng, a que as lendas primais fazem alusões evasivas.

A crermos na exatidão dos mapas e desenhos esculpidos da cidade pré-humana, aquelas crípticas montanhas violetas não podiam estar a muito menos de 500 quilômetros de distância; no entanto, seus delineamentos foscos e misteriosos apareciam nitidamente acima daquela borda remota e nevosa, como o contorno serrilhado de um monstruoso planeta alienígena na iminência de nascer num céu pouco habitual. A altitude daquelas montanhas, portanto, deveriam evadir-se a qualquer comparação — levava-as a tênues camadas atmosféricas povoadas apenas por fantasmas gasosos, sobre os quais intemoratos aeronautas mal conseguiram emitir uma referência em sussurro, após quedas inexplicáveis. Olhando-as, eu pensava nervosamente em certas alusões, esculpidas, a coisas que o grande rio desaparecido havia transportado para a cidade, depois de arrastá-las de suas encostas malditas — e imaginava o quanto de bom senso e o quanto de loucura teriam formado os medos daqueles Antigos, que as haviam esculpido com tamanha reticência. Lembrei que a extremidade setentrional daqueles colossos deviam chegar perto da costa na Terra da Rainha Mary, onde naquele exato momento a expedição de Sir Douglas Mawson estava trabalhando, a cerca de 1.600 quilômetros de onde nos encontrávamos. E orei para que os fados aziagos não propiciassem a Sir Douglas e a seus homens um vislumbre do que talvez se escondesse por trás da protetora cordilheira litorânea. Tais idéias davam uma medida de meu estado de fadiga no momento — e Danforth parecia estar em situação ainda pior.

Entretanto, bem antes de passarmos pela grande ruína em forma de estrela e chegarmos a nosso avião, nossos temores haviam-se transferido para a cordilheira menor, mas também desconunal, que voltaríamos logo a transpor. A partir daqueles contrafortes, as encostas negras e pontilhadas de ruínas se

erguiam nítida e hediondamente contra o leste, mais uma vez nos recordando aquelas estranhas pinturas asiáticas de Nicholas Roerich. E quando pensávamos nas assustadoras entidades informes que poderiam ter levado sua substância fétida e contorcendo até mesmo aos mais elevados pináculos ocios, não podíamos encarar sem pânico a perspectiva de mais uma vez passar por perto daquelas sugestivas bocas de cavernas, voltadas para o céu, onde o vento arrancava sons semelhantes a um horrível silvo musical. Para agravar as coisas, avistamos sinais claros de névoa em torno de diversos cumes — os mesmos que o pobre Lake devia ter visto quando cometeu o erro inicial, pensando em vulcanismo — e lembramos, com calafrios, daquela névoa aparentada de que tínhamos acabado de escapar; dela e do abismo blasfemo, horrorífico, de onde provinham tais vapores.

Tudo estava bem no avião e desajeitadamente vestimos os pesados casacos de vôo. Danforth ligou o motor sem problemas e fizemos uma decolagem tranqüila sobre a cidade de pesadelo. Abaixo de nós, a ciclópica arquitetura primal se esparramava tal como da primeira vez que a tínhamos visto, e começamos a ganhar altura e dar voltas, experimentando o vento para atravessarmos o passo. A um nível muito alto devia estar ocorrendo grande turbulência, pois as nuvens de poeira glacial no zênite faziam toda sorte de coisas fantásticas; mas a 7.200 metros, a altitude de que necessitávamos para atravessar a garganta, a navegação não apresentava grandes óbices. Ao chegarmos perto dos picos, o estranho sibilo do vento tornou-se manifesto e pude ver as mãos de Danforth tremendo nos controles. Embora eu não passasse de amador, pensei naquele momento que talvez eu estivesse em melhores condições que ele para efetuar a perigosa passagem entre os pináculos; e quando fiz menção de mudar de lugar e assumir suas tarefas, ele não protestou. Tentei mobilizar toda minha perícia e fitei o setor de céu avermelhado entre as paredes do desfiladeiro — recusando-me resolutamente a atentar para as rajadas de vapor que vinham dos cumes e desejando haver selado os ouvidos com cera, tal como os marujos de Ulisses na costa da Sereia, a fim de afastar da consciência aqueles silvos inquietantes.

Danforth, no entanto, liberado da função de piloto e tomado de uma crise nervosa, não conseguia acalmar-se. Eu o sentia virando-se de um lado para outro, enquanto ele olhava para a cidade terrível, que ia ficando para trás; procurava com o olhar os picos cheios de cavernas e cubos, à frente; contemplava o mar pálido de contrafortes nevados e pontilhados de baluartes, dos lados; e se detinha no céu fervilhante, grotescamente nublado, no alto. Foi nesse momento, enquanto eu tentava transpor o desfiladeiro em segurança, que seu berro enlouquecido nos levou à beira do desastre, ao destruir o precário auto controle que eu exercia sobre mim, e fazendo-me por um instante tatear sem objetivo certo nas manieiras. Um segundo depois, minha resolução levou a melhor e concluímos a travessia com segurança. Entretanto, temo que Danforth nunca mais volte a ser o mesmo.

Já disse que Danforth recusou-se a me dizer qual foi o horror final que o fez gritar como demente — um horror que, infelizmente tenho certeza, está na origem de seu atual colapso nervoso. Conversamos por instantes, aos gritos, vencendo o silvo do vento e o ronco do motor, ao chegarmos ao lado seguro da cordilheira e começarmos a descer lentamente na direção do acampamento, mas essas frases tinham mais a ver com as promessas de segredo que tínhamos feito ao nos prepararmos para deixar a cidade de pesadelo. Certas coisas, havíamos concordado, não cabiam ser discutidas levemente pelas pessoas — e eu não falaria delas agora não fora a necessidade de impedir a partida da expedição Starkweather-Moore, e de outras, a todo transe. É absolutamente necessário, para a paz e a segurança da humanidade, que alguns dos confins escuros e mortos da Terra e alguns de seus desvãos desconhecidos sejam deixados em paz — para que anormalidades adormecidas não despertem, para que pesadelos blasfemamente sobreviventes não deixem seus covis negros e busquem novas e maiores conquistas.

Tudo quanto Danforth algum dia insinuou foi que o horror final era uma miragem. Não era, diz ele, alguma coisa relacionada com os cubos e as cavernas daquelas ressoantes, vaporosas e esburacadas montanhas de loucura que transpusemos; mas um único vislumbre fantástico, demoníaco, entre as agitadas nuvens do zênite, do que jazia por trás daquelas outras montanhas, violáceas que os Antigos haviam

evitado e temido. É bastante provável que a coisa não passasse de pura ilusão, nascida das tensões a que havíamos sido submetidos, e da miragem real, embora não reconhecida, da morta cidade transmontana, experimentada perto do acampamento de Late na véspera. No entanto, foi tão real que ela ainda persegue Danforth.

Em algumas raras ocasiões, ele já murmurou coisas desconexas e irresponsáveis sobre "o poço negro", "a borda esculpida", "os proto-Soggoths", "os sólidos compactos com cinco dimensões", "o cilindro inominável", "o Pharos antigo", "Yog-Sothoth", "a geléia branca primal", "a cor que caiu do espaço", "as asas", "os olhos na escuridão", "a escada para a Lua", "o original, o eterno, o imorredouro" e outras extravagâncias; mas quando ele está em pleno domínio de si repudia tudo isso, que imputa ao fato de haver feito leituras curiosas e macabras em seus anos de formação. Sabe-se, com efeito, que Danforth é um dos poucos que se atreveram a ler de fio a pavio o exemplar, meio comido por bichos, do *Necronomicon*, guardado a sete chaves na biblioteca da universidade.

Ao atravessarmos a cordilheira, o céu estava decerto vaporoso e muito agitado; e embora eu não tenha visto o zênite, bem posso imaginar que os torvelinhos de poeira de gelo possam ter assumido formas estranhas. Sabendo até que pontos distantes podem ser vividamente refletidos, refratados e ampliados por tais camadas de nuvens inquietas, digo que a imaginação poderia ter facilmente proporcionando o resto... e, naturalmente, Danforth não fez alusão a esses horrores específicos senão depois que sua memória teve tempo de buscá-los em leituras antigas. Ele jamais poderia ter visto tanto em um único olhar instantâneo.

Naquele momento, seus gritos se limitaram à repetição de uma palavra única, louca, cuja fonte era óbvia: "*Tekeli-li! Tekeli-li!*"

EDGAR ALLAN POE

*A Narrativa de
Artur Gordon Pym*

Tradução de
Oscar Mendes

Com a colaboração de
Milton Amado

Título original:
*The narrative of
Arthur Gordon Pym
of Nantucket*

*EDITORA NOVA AGUILAR
RIO DE JANEIRO
1997*

NOTA INTRODUTÓRIA

QUANDO regresssei aos Estados Unidos, faz alguns meses, depois de extraordinária série de aventuras nos mares do sul e outros lugares, do que se dá um relato nas páginas seguintes, introduziu-me o acaso na companhia de vários cavalheiros de Richmond (Virgínia), que se sentiram profundamente interessados por todos os assuntos relativos às regiões que visitei e constantemente me instavam a publicar minha narrativa, dizendo ser um dever. Numerosas razões tinha eu, contudo, para declinar de fazê-lo, muitas das quais eram de natureza inteiramente particular e só a mim diziam respeito; outras, não tanto. Uma das considerações que me dissuadiam era a de que não havendo feito anotação durante a maior parte do tempo em que estive ausente, temia não ser capaz de escrever, valendo-me só da memória, uma narração bastante minuciosa e concatenada como para ter a *aparência* daquela verdade que realmente possuía, excetuados apenas os naturais e inevitáveis exageros a que todos nos inclinamos quando pormenorizamos acontecimentos cuja poderosa influência excita as faculdades imaginativas. Outra razão estava em que os incidentes a narrar eram de natureza tão positivamente maravilhosa que minhas asserções, sem o apoio que deviam necessariamente ter (a não ser o testemunho de um só indivíduo, e esse mesmo mestiço de índio), só me davam direito a esperar crédito entre minha família e aqueles meus amigos que, através da vida, haviam tido motivo para confiar em minha veracidade. O mais provável era que o público, em geral, encarasse o que eu lhe expusesse como tão só impudente e engenhosa ficção. Na desconfiança de minhas próprias habilidades como escritor residia, além disso, uma das principais causas que me impediam de aceder às sugestões de meus conselheiros.

Entre esses cavalheiros, em Virgínia, que expressaram o maior interesse pela minha narrativa, mais particularmente com referência à parte que se relacionava com o oceano Antártico, achava-se o Sr. Poe, ultimamente diretor do *Southern Literary Messenger*, magazine mensal publicado pelo Sr. Tomas W. White, na cidade de Richmond. Ele vivamente me aconselhou, entre outras coisas, a preparar logo um relato completo do que vira e experimentara, confiando na sagacidade e no bom senso comum do público. E insistia, com grande plausibilidade, em que, por mais toscamente que, no referente a simples autoria, meu livro devesse estar adornado, sua verdadeira singularidade, caso a houvesse, dar-lhe-ia a melhor oportunidade de ser recebido como verídico.

Não obstante tal explicação, não me encorajei a fazer o que me sugeria. Mais tarde, ele me propôs (achando que eu não trataria do assunto) que lhe fosse permitido extrair uma narrativa, com suas próprias palavras, da primeira parte de minhas aventuras, com fatos que eu mesmo forneceria, a fim de publicá-la no *Southern Messenger* "sob o aspecto de ficção". Não tendo que objetar, consenti, estipulando apenas que meu nome real se mantivesse oculto. Em consequência, dois capítulos da suposta ficção apareceram no *Messenger* — janeiro e fevereiro de 1837 —, e, para que pudessem ser sem dúvida, encarados como ficção, o nome do Sr. Poe acompanhava esses artigos no índice do magazine.

A maneira pela qual o artifício foi recebido induziu-me, por fim, a empreender uma compilação regular das aventuras referidas, publicando-a; pois achei que, a despeito do aspecto de fábula que tão engenhosamente cercava a parte de minha narrativa, estampada no *Messenger* (sem alterar ou torcer um só fato), o público, em absoluto, não se achava disposto a recebê-la como fábula, e muitas cartas foram endereçadas ao Sr. Poe expressando precisamente a convicção do contrário. Concluí, assim, que os fatos de minha narração eram de molde a levar consigo suficiente evidência de sua própria autenticidade; por conseguinte, pouco havia a temer com respeito à incredulidade popular.

Isto exposto, ver-se-á logo que reivindico muito do que se segue como de minha própria autoria; e verificar-se-á também que nenhum fato foi falseado nas poucas primeiras páginas escritas pelo Sr. Poe. Mesmo para aqueles leitores que não viram o *Messenger* será desnecessário apontar onde termina a

parte feita por ele, e onde a minha começa; a diferença de estilo será percebida prontamente.

A. G. Pym

Nova York, Julho de 1838

CAPÍTULO I

MEU NOME é Artur Gordon Pym. Meu pai era respeitado comerciante dum dos armazéns da marinha em Nantucket, onde nasci. Meu avô materno era advogado de muita prática. Tinha sorte em tudo e especulara, com grandes resultados, em ações do Edgarton New Bank, como o chamavam outrora. Por esses e outros meios conseguira juntar ponderável soma de dinheiro. Gostava mais de mim do que de qualquer outra pessoa no mundo, creio que eu esperava herdar a maior parte do que ele possuía, por sua morte. Mandou-me, com seis anos de idade, à escola do velho Sr. Ricketts, cavalheiro que só tinha um braço, e de modos excêntricos. É muito conhecido de quase todas as pessoas que já visitaram Nova Bedford. Permaneci em sua escola até completar dezesseis anos, quando passei para a academia do Sr. E. Ronald, na colina. Ali, fiz intimidade com o filho do Sr. Barnard, capitão que geralmente viajava nos navios de Lloyd & Vredenburgh. O Sr. Barnard é também muito conhecido em Nova Bedford e tem muitos parentes, tenho certeza, em Edgarton. Seu filho chamava-se Augusto e era cerca de dois anos mais velho do que eu. Estivera numa viagem de pesca de baleia com seu pai no *John Donaldson*, e sempre me falava de suas aventuras no sul do oceano Pacífico. Acostumei-me a ir frequentemente com ele à sua casa e lá passar todo o dia, por vezes toda a noite. Ocupávamos a mesma cama e ele queria ter a certeza de que eu ficaria acordado até quase clarear, ouvindo-lhe as estórias dos nativos da ilha de Tinian e outros lugares que visitara em suas viagens. Por fim, não pude deixar de interessar-me pelo que ele dizia e, gradualmente, senti o maior desejo de fazer-me ao mar. Eu possuía um barco a vela denominado *Ariel*, que valia cerca de sessenta e cinco dólares. Tinha uma meia ponte ou camarote de proa e era armado em chalupa. Esqueci-lhe a tonelagem, mas poderia conduzir dez pessoas sem muito aperto. Nesse barco tínhamos o costume de atirar-nos em extravagâncias das mais loucas deste mundo; e quando agora penso nelas, parece-me que o estar vivo hoje se deve a um milhar de prodígios.

Relatarei uma dessas aventuras como meio de introdução a uma maior e mais momentosa narrativa. Certa noite havia uma festa em casa do Sr. Barnard e tanto Augusto como eu estávamos não pouco embriagados lá para o fim dela. Como de costume em casos tais, partilhei de sua cama em lugar de ir para casa. Ele adormeceu, como pensei, muito calmamente (era quase uma hora quando a festa terminou) e sem dizer uma palavra acerca de seu assunto favorito. Podia haver decorrido meia hora desde que nos deitáramos e eu estava justamente a cochilar quando ele, de súbito, se ergueu e jurou, com terrível praga, que não iria dormir por causa de qualquer Artur Pym que houvesse na Cristandade quando havia tão magnífica brisa de sudoeste. Nunca eu estivera tão atônito em minha vida, sem saber que pretendia ele, a pensar que os vinhos e licores que ingerira o haviam posto inteiramente fora de si. Ele continuou a falar muito serenamente, contudo, dizendo saber que eu o supunha embriagado, mas que nunca estivera tão lúcido em sua existência. Estava apenas aborrecido, acrescentou, por ficar na cama como um cão, em noite tão bela e decidira-se a levantar-se e vestir-se para sair com o barco a divertir-se. Não posso dizer bem o que me dominou, mas mal acabara ele de falar tais coisas senti-me estremecer, na maior excitação e prazer, e considerei sua louca idéia como a mais deleitosa e razoável coisa do mundo. Ventava quase em tempestade e o tempo estava muito frio, achando-se já outubro adiantado. Saltei da cama, entretanto, numa espécie de êxtase e disse-lhe que era tão corajoso quanto ele, estando igualmente aborrecido por ficar na cama, como um cão, e inteiramente pronto para qualquer diversão ou maluquice como qualquer Augusto Barnard de Nantucket.

Não perdemos tempo em vestir as roupas e precipitamo-nos para o barco. Este repousava no velho ancoradouro fora de uso, junto ao estaleiro de construção Pankey & Co., e quase batia de lado contra os ásperos barrotes. Augusto entrou no barco e esvaziou-o, pois se achava pouco cheio de água. Isto feito, alçamos a bujarrona e a vela-mestra, que logo se fizeram pandas, e partimos audaciosamente mar afora.

O vento como já disse, soprava fresco do sudoeste. A noite era muito clara e fria. Augusto tomara o leme e eu fiquei junto ao mastro, no tombadilho do castelo de proa. Corríamos em grande velocidade e

nenhum de nós dissera uma palavra desde que tínhamos deixado o ancoradouro. Perguntei então a meu companheiro que rumo pretendia tomar e em quanto tempo achava provável que estaríamos de regresso. Ele assobiou, durante alguns minutos, e depois disse, com impertinência: "Eu vou mar afora. Você pode ir para casa, se achar melhor." Voltando os olhos para ele, percebi logo a despeito de sua propositada *nonchalance*, que estava altamente agitado. Podia vê-lo distintamente à luz da lua. Sua face estava mais pálida que mármore e sua mão estremecia tanto que mais podia manter firme o timão. Achei que algo não ia bem e fiquei seriamente alarmado. Naquele tempo eu pouco sabia acerca da direção de um barco e dependia inteiramente da habilidade náutica de meu amigo. O vento, também, subitamente aumentara de força, e estávamos quase perdendo a terra de vista. Eu ainda me envergonhava de demonstrar qualquer temor e, durante cerca de meia hora, mantive resolutamente silêncio. Não podia, contudo, conservá-lo mais tempo e falei a Augusto acerca da conveniência de voltar. Como da vez anterior, ele levou perto de um minuto para responder ou dar a entender que ouvira minha sugestão. "Não há pressa pressa — respondeu por fim. — Há tempo de sobra. Não há pressa de ir para casa." Eu esperava resposta, mas havia algo no tom dessas palavras que me encheu de indescritível sensação de medo. De novo olhei para o interlocutor, com atenção, seus lábios estavam inteiramente lívidos e seus joelhos se agitavam tão violentamente que mal pareciam capazes de sustentar-se. "Deus do céu, Augusto! — gritei, já completamente apavorado. — Que é que *está* fazendo? O quê você tem? Está sentindo alguma coisa?" "Sentindo? — gaguejou ele, na mais aparente das surpresas caindo para a frente no fundo do barco. — Sentindo? Ora, não sinto nada... estou indo... para casa... você ... nã ... nã... não... não... não vê?" A verdade completa então me siderou. Corri para ele e levantei-o. Estava embriagado, bestialmente embriagado, não podia mais pôr-se de pé, falar ou mesmo ver. Tinha os olhos completamente embaçados; e como eu o soltasse, no auge de meu desespero rolou como um simples cepo na água do fundo de onde eu o erguera. Era evidente que, durante a noite, havia bebido mais do que eu suspeitara e sua conduta, na cama, tinha sido a consequência de um estado altamente concentrado de embriaguez — um estado que, como a loucura, freqüentemente habilita sua vítima a imitar os modos exteriores de alguém, na posse perfeita dos sentidos. A frialdade do ar noturno, entretanto, exercera seu efeito habitual. A energia mental começara a ceder sob sua influência, e a confusa percepção que ele, sem dúvida, então tivera de sua perigosa situação contribuíra para apressar a catástrofe. Ele agora estava inteiramente insensível e não havia probabilidade de que recuperasse os sentidos durante muitas horas.

É pouco possível conceber a intensidade de meu terror. A tontura do vinho recentemente ingerido se evaporara, deixando-me duplamente tímido e irresoluto. Sabia que era inteiramente incapaz de dirigir o barco e que a violência do vento e a força dos vagalhões nos arrastavam à destruição. Era evidente que se armava uma tempestade por trás de nós. Não tínhamos bússola nem provisões. E tornava-se claro que, se mantivéssemos o rumo que levávamos, perderíamos a terra de vista, antes do amanhecer. Tais pensamentos, com uma multidão de outros igualmente atemorizantes, relampejavam-me na mente com selvagem rapidez, e por momentos me impediram qualquer possibilidade de esforço. O barco varara a água de modo terrível, velas infladas de vento — sem rizes a mestra e a bujarrona —, correndo com a proa completamente coberta pela espuma. Era mil vezes um milagre que ele não estivesse fazendo água. Augusto soltara o timão, como já disse, e eu estava agitado demais para pensar em segurá-lo. Felizmente, contudo, o barco manteve-se firme e pouco a pouco a pouco recobrei algum grau de presença de espírito. Ainda o vento se avolumava amedrontadoramente; e quando nos erguíamos de um mergulho à frente, o mar caía por trás rolando as ondas sobre nossa amurada e inundando-nos. Eu me achava tão extremamente entorpecido, em todos os membros, que quase não tinha consciência das sensações. Afinal, encorajei-me, numa resolução desesperada, e, correndo à vela-mestra, virei-a contra o vento. Como se podia esperar, ela voou sobre a proa e, ensopando-se de água, arrastou o mastro curto para fora de bordo. Só este último acidente me salvou de uma instantânea destruição. Tendo apenas a bujarrona, eu agora seguia violentamente, com vento de popa, navegando às vezes por ondas pesadas, mas liberto do

terror da morte imediata. Segurei o leme e respirei mais livremente achando que ainda nos restava uma última oportunidade de salvação. Augusto ainda jazia insensível no fundo do barco; e como era iminente o perigo de que se afogasse (pois já havia água da altura de trinta centímetros precisamente no lugar onde ele caíra), esforcei-me para levantá-lo parcialmente, colocando-o em posição de sentar-se e passando-lhe em torno da cintura um cabo que numa cavilha de argola no tombadilho da escuna. Tendo assim, arranjado tudo o melhor que podia em minha agitada e perturbada situação, recomendei-me a Deus e elevei o espírito, para enfrentar o que viesse a suceder com a possível fortaleza de ânimo.

Difícilmente chegara a esta resolução, e eis que, de súbito, alto e longo, um grito ou berro, como saído das gargantas de mil demônios pareceu invadir toda a atmosfera em volta e acima do barco. Jamais enquanto viver, esquecerei a intensa agonia de terror que experimentei naquele momento. Meus cabelos se puseram de pé, senti que o sangue se congelava nas veias, meu coração quase cessou de bater e, sem erguer sequer os olhos para conhecer a fonte do meu alarme, mergulhei, com a cabeça entre as mãos, paralisado corpo caído de meu companheiro.

Encontrei-me, voltando à vida, no camarote de um grande navio (*O Penguin*) sendo levado para Nantucket. Diversas pessoas se achavam junto de mim, e Augusto, mais pálido do que a morte se atarefava vivamente em esfregar-me as mãos. Ao ver-me abrir os olhos, suas exclamações de gratidão e alegria provocaram risos e lágrimas alternados nas pessoas de aspecto rude que ali se achavam. O mistério de nossa volta à existência foi explicado. Estivéramos correndo em direção ao navio baleeiro que se achava rizado abrindo caminho para Nantucket, com as poucas velas que se podia arriscar a soltar e, conseqüentemente, correndo quase em ângulo reto para nosso próprio rumo. Vários homens se encontravam na vigia de frente, mas só perceberam nosso barco quando era impossível evitar o abalroamento. Seus gritos de advertência, depois que nos viram, eis o que tão terrivelmente me alarmara. O enorme navio, contaram-me, passou imediatamente sobre nós, com facilidade igual à com que nosso barquinho passaria sobre uma pena e sem o menor empecilho perceptível à sua marcha. Nem um grito se levantou do tombadilho do barco vitimado; foi ouvido um som débil e áspero, misturado ao rugido do vento e das águas quando o frágil barco que se abismava roçou a quilha de seu destruidor. Mas foi tudo. Julgando que nosso barco (que se achava desmastreado, como lembrei) fosse penas algum casco, deixado a flutuar como inútil, o capitão (Capitão E. T. V. Block, de Nova Londres) decidiu prosseguir a viagem sem mais se incomodar com o assunto. Felizmente, houve dois dos vigilantes que juraram positivamente ter visto algumas pessoas em nosso leme e figuraram ainda salvá-las. Seguiu-se uma discussão em que rizou e, depois de algum tempo, declarou que "não lhe competia ficar eternamente cuidando de cascas de ovo; que o navio não podia ser obrigado a tais tolices; e que se havia algum homem no mar, a culpa era dele e de mais ninguém; podia afogar-se e ir para o inferno", ou linguagem semelhante. Henderson, o primeiro-piloto tomou a questão a seu cargo, justamente indignado, como aliás toda a tripulação, por essas palavras, evidenciadoras de tal grau de atrocidade, sem coração. Falou simplesmente, vendo-se apoiado pelos marinheiros, e disse ao capitão que o considerava um sujeito digno da força e que desobedeceria a suas ordens, ainda que por isso fosse enforcado quando pusesse pé em terra. Dirigiu-se para trás a passos largos, empurrando Block (que ficou palidíssimo e não deu qualquer resposta) para um lado e, tomando o leme, deu a ordem com voz firme: "Depressa a sota-vento!" Os homens voaram para seus postos e o navio, destramente, virou de bordo. Em tudo isso se gastaram mais ou menos cinco minutos e supunha-se dificilmente nos limites do possível que alguma pessoa pudesse ser salva, caso houvesse alguma a bordo do barco. Porém, como o leitor viu, Augusto e eu fomos ambos salvos: e nossa salvação parecia ter-se consumado graças a duas dessas inconcebíveis manifestações de boa sorte que os sábios e piedosos atribuem a uma interferência especial da Providência.

Enquanto o navio ainda se achava com os estais largados, o piloto fez descer o escaler e embarcou nele com os mesmos dois homens creio, que haviam dito ter-me visto ao leme. Mal acabavam eles de abandonar o sota-vento do barco (a lua ainda cintilava brilhante), quando este deu longa e pesada

guinada na direção do vento e Henderson, no mesmo instante, pulando de seu barco, gritou para a tripulação que recuasse. Nada mais dizia, repetindo impacientemente seu grito de "recuar!". Os marinheiros retrocederam tão rapidamente quanto possível; a esse tempo, o navio fizera uma reviravolta e se lançara inteiramente fora de alcance, embora todos os homens a bordo fizessem grandes tentativas para colher as velas. A despeito do perigo da tentativa, o piloto agarrou-se às correntes de escota logo que as pôde atingir. Outro grande desvio fez com que o navio se levantasse da água, nitidamente, a ponto de mostrar a quilha, quando a causa da ansiedade de Henderson bastante óbvia. O corpo de um homem foi visto agarrado do modo mais singular ao fundo brilhante e polido (o *Penguin* era coberto e cavilhado de cobre), chocando-se violentamente contra ele a cada movimento do casco. Depois de diversos esforços inúteis, feitos durante as elevações do navio, e com iminente risco de se afundar o bote, fui finalmente tirado de minha perigosa situação e levado a bordo — pois aquele corpo era o meu. Parece que uma das cavilhas de madeira se deslocara e abriu uma passagem através do cobre, detendo-me quando eu passava sob o navio e prendendo-me de modo tão extraordinário a seu fundo. A ponta da cavilha se introduzira entre a gola da jaqueta de baeta verde que eu vestia e a parte posterior de meu pescoço, comprimindo-se entre tendões, até mesmo debaixo da orelha direita. Fui imediatamente colocado numa cama, embora a vida, em mim, parecesse completamente extinta. Não havia médico a bordo. O capitão, contudo, tratou-me com todas as atenções, para desculpar-se, presumo, aos olhos da tripulação, pelo seu atroz comportamento na parte primeira desta aventura.

Por esse tempo, Henderson de novo deixara o navio, embora o vento soprasse então quase como um furacão. Não fazia muito que saíra, quando deu com vários fragmentos de nosso barco e logo depois um dos marinheiros que se achavam com ele assegurou que pudera distinguir gritos de socorro, a intervalos, em meio ao rugir da tempestade. Isto induziu os persistentes marinheiros a preservarem na busca por mais meia hora, embora o Capitão Block lhes fizesse repetidos sinais para voltarem e apesar de que cada momento passado no mar, em tão frágil escaler, fosse para eles repleto do mais iminente e mortal perigo. Na verdade, é quase impossível conceber como o barquinho em que se achavam pôde escapar um só instante à destruição. Fora construído, contudo, para serviço baleeiro e se achava provido, como tive razões para crer, com caixas de ar, à maneira de alguns barcos salva-vidas usados na costa de Gales.

Depois de procurar em vão durante o período supramencionado, determinaram regressar ao navio. Mal o haviam resolvido, porém, um fraco grito se se ergueu de um escuro objeto que flutuava rapidamente nas proximidades. Eles prosseguiram e logo o descobriram. Era o tombadilho inteiro do *Ariel*. Augusto se debatia junto dele aparentemente na última das agonias. Depois de recolhê-lo, viram que ele se achava ligado por uma corda às tábuas flutuantes. Essa corda, como se lembrarão, fora eu quem a atara em volta de sua cintura, prendendo-a a uma argola, a fim de conservá-lo numa erguida, e parece que, ao fazer isso, ultimara eu o meio de lhe preservar a vida. O *Ariel* era de fraca construção e, ao afundar, sua estrutura naturalmente se despedaçou. O tombadilho da escuna, como se podia esperar, foi inteiramente libertado das vigas pela força da água que se arremessava contra ele e flutuou (com outros fragmentos, sem dúvida) na superfície. Augusto o teve como bóia e assim escapou a uma terrível morte.

Mais de uma hora se passou desde que fora levado a bordo do *Penguin*, até que ele pudesse fazer um relato ou dar a entender a natureza do acidente em que sucumbira nosso barco, afinal ele se tornou completamente senhor de si e falou muito de suas sensações enquanto se achava dentro da água. Depois de haver algum grau de consciência, achara-se sob a superfície, revolteando e regirando com inconcebível rapidez e com uma corda enrolada apertadamente, em três ou quatro laços, em volta de seu pescoço. Um instante depois, sentiu-se rapidamente levado para o alto até que, batendo com violência a cabeça contra uma substância dura de novo recaiu na insensibilidade. Revivendo uma vez mais achou-se na mais completa posse do raciocínio; este se achava, contudo, confuso e nublado. Então, viu que se dera um acidente achava dentro da água, embora sua boca se encontrasse à superfície e pudesse respirar com

certa liberdade. Possivelmente nesse período o tombadilho era impelido com velocidade pelo vento e arrastava-o em posse de si, a flutuar de costas. Naturalmente, enquanto pudesse manter tal posição, seria quase impossível que se afogasse. Depois uma onda o atirou, diretamente, de través no tombadilho e essa posição tentou manter gritando a intervalos por socorro. Justamente antes que fosse descoberto pelo Sr. Henderson fora obrigado a relaxar os músculos com que se agarrava, pela exaustão, e caindo ao mar, dera-se por perdido. Durante todo o período de que se debatera, não tivera a menor lembrança do *Ariel* ou de qualquer assunto correlato com a origem do desastre. Um vago sentimento de terror e desespero tomara inteira posse de todas as suas faculdades. Quando, afinal, foi recolhido, falhou todo o poder do espírito. E, como disse antes, foi necessária quase uma hora, depois que o levaram para bordo do *Penguin*, para que ele ficasse consciente de sua situação. Em relação a mim, eu ressuscitara de um estado limítrofe da morte (e depois que todos os outros meios que haviam sido tentados em vão, durante três e meia horas), graças a vigorosas fricções com flanelas banhadas em azeite quente, processo sugerido por Augusto. O aperto em meu pescoço, apesar de sua feia aparência não tivera consequências reais e eu logo me recobrei de seus efeitos.

O *Penguin* entrou no porto, cerca das nove horas da manhã, depois de haver encontrado uma das mais severas tempestades já experimentadas ao largo de Nantucket. Tanto Augusto como eu nos esforçamos para aparecer ao Sr. Barnard a tempo para o almoço, que felizmente foi algo tarde, em vista da festa da véspera suponho que todos à mesa se achavam por demais fatigados para notar nossa aparência maltratada; sem dúvida, não nos teria sido poupada uma inquirição muito severa. Os estudantes, contudo, podem realizar maravilhas de dissimulação e acredito piamente que nenhum de nossos amigos de Nantucket teve a mais leve suspeita de que a terrível estória narrada por alguns marinheiros que se achavam na cidade de que haviam passado sobre um barco no mar e afogado alguns trinta ou quarenta pobres-diabos tivesse relação com o *Ariel*, meu companheiro ou mesmo comigo. Ambos, depois disso, falamos freqüentes vezes do assunto, mas nunca sem um estremecimento de horror. Numa de nossas conversações, Augusto francamente confessou-me que, em toda a sua vida, jamais experimentara tão cruciante sensação de desmaio como quando, a bordo de nosso pequeno barco, descobriu, pela primeira vez, a extensão de sua embriaguez e se sentiu abismar-se sob sua influência.

CAPÍTULO II

EM NENHUMA questão de simples preconceito *pró* ou *contra*, deduziremos inferências com inteira certeza, ainda que dos mais simples dados. Poder-se-ia supor que uma catástrofe tal como a que acabo de relatar efetivamente esfriasse a minha incipiente paixão pelo mar. Pelo contrário; nunca experimentei mais ardentes anseios pelas ásperas aventuras que se prendem à vida dos navegantes do que uma semana depois de nossa miraculosa salvação. Esse curto período mostrou-se bastante prolongado para apagar de minha memória as sombras e fazer surgirem, a uma luz viva, todos os pontos de cor agradavelmente excitantes, todo o pitoresco do último e perigoso acidente. Minhas conversações com Augusto cada dia se tornavam mais freqüentes e mais intensamente cheias de interesse. Ele tinha um modo de relatar suas estórias do oceano (mais de metade das quais suspeito agora terem sido puras invenções), bem adaptado a equilibrar-se com meu entusiástico temperamento, bastante sombrio, apesar do brilho da imaginação. É estranho que ele mais fortemente me aliciava os sentimentos em favor da vida de marujo quando me descrevia seus mais terríveis momentos de sofrimento e desespero. Pelo fato fulgurante da pintura eu tinha limitada simpatia. Minhas visões eram de naufrágio e fome, de morte ou cativo entre hordas bárbaras, de uma vida arrastada entre lágrimas e tristezas sobre qualquer rocha cinzenta e desolada, num oceano inatingível e incógnito. Tais visões ou desejos — pois se acumulavam em desejos — são comuns, como estou certo, a toda a numerosa linhagem dos melancólicos, e, no tempo de que falo, eu as encarava como proféticas perspectivas de um destino que me sentia de algum modo impellido a realizar. Augusto penetrava inteiramente em meu estado de espírito. É deveras provável que a nossa íntima comunhão tenha resultado em parcial câmbio de caráter.

Dezoito meses após a ocasião do desastre do *Ariel*, a firma Lloyd & Vredenburgh (casa ligada de algum modo, creio, com os Srs. Enderby, de Liverpool) se encarregou de reparar e preparar o brigue *Grampus* para uma viagem de pesca de baleia. Era um velho batelão que mal podia navegar, embora se lhe fizesse tudo quanto podia ser feito. Mal sei por que foi escolhido, de preferência a outros bons barcos, que pertenciam aos mesmos donos — mas o fato é que foi. O Sr. Barnard foi indicado para comandá-lo e Augusto iria com ele. Enquanto se aprontava o brigue, ele freqüentemente instava comigo acerca da excelente oportunidade que se oferecia para satisfazer meu desejo de viajar. De modo algum achou em mim um ouvinte de má-vontade, embora o negócio não pudesse ser tão facilmente arranjado. Meu pai não fez oposição; mas minha mãe dava chiliques à mera menção de tal intento; e mais do que tudo, meu avô, de quem eu muito esperava, ameaçou deixar-me sem um vintém se eu lhe expusesse de novo o assunto. Essas dificuldades, contudo, em vez de me abaterem o desejo, só acrescentavam combustível à chama. Decidi partir, apesar dos pesares; e, tendo feito Augusto conhecedor de minha intenção, conviemos em forjar um plano graças ao qual ela se pudesse realizar. Entrementes, evitei falar a qualquer dos meus parentes acerca da viagem e, como me ocupasse ostensivamente com os estudos usuais, supôs-se que eu abandonara o desígnio. Mui frequentemente examinei minha conduta nessa ocasião com sentimentos de desgosto, bem como de surpresa. A intensa hipocrisia de que usei para apoiar meu projeto — uma hipocrisia que preenchia todas as palavras e ações de minha vida, em tão longo período de tempo só me poderia ter sido tolerável em vista da ardente e selvagem expectativa com que olhava para a futura concretização de minhas longamente acariciadas visões de viagens.

Na prossecução de meus planos dissimulatórios, era eu obrigado necessariamente a deixar muito dos arranjos a Augusto, que se atarefava a maior parte do dia a bordo do *Grampus*, preparando as acomodações de seu pai no camarote e arrumando o porão. À noite, contudo, era certo que tivéssemos uma conferência e falássemos sobre nossas esperanças. Depois que cerca de um mês decorrera desse modo, sem acertar com qualquer plano que julgássemos capaz de ter êxito, ele me falou, afinal, que tinha decidido tudo quanto era necessário. Eu tinha um parente que morava em Nova Bedford, um tal Sr. Ross,

em cuja casa me acostumara a passar, ocasionalmente, três ou quatro semanas. O brigue deveria partir pelos meados de junho (junho de 1827) e fora combinado que, um dia ou dois antes de seu lançamento ao mar, meu pai receberia uma carta, como de costume, do Sr. Ross, convidando-me para passar uma quinzena com Roberto e Emmet (filhos dele) Augusto encarregou-se de escrever essa carta e enviá-la. Ora, tendo eu viajado, por suposto, para Nova Bedford, tinha então de apresentar-me a meu companheiro, que me obteria um esconderijo no *Grampus*. Esse esconderijo — assegurou-me ele — seria preparado de forma bastante confortável, para uma estada de vários dias, durante os quais eu não devia aparecer. Quando o brigue se encontrasse já tão longe, em sua viagem, que qualquer retrocesso se tornasse fora de discussão, eu poderia ser então, disse ele, solenemente, com todo o conforto, instalado num camarote; e, quanto a seu pai, ele apenas riria, de bom grado, com a peça. Bastantes navios poderiam ser encontrados e por eles mandaria uma carta explicando a aventura a meus pais.

Os meados de junho, afinal, chegaram e tudo tinha sido maduramente feito. A carta fora escrita e entregue e, numa manhã de domingo deixei minha casa, seguindo, como se supunha, para a embarcação de Nova Bedford. Contudo, fui ter com Augusto diretamente, ele me esperava, numa esquina. Nosso plano original consistia em que eu ficasse fora até o escurecer, introduzindo-me então no brigue mas, como houvesse então a nosso favor espessa névoa, concordamos em não perder tempo para esconder-me. Augusto caminhou para o cais e eu o segui, a curta distância, envolto numa grossa capa de marinheiro que ele trouxera consigo, de modo a que minha pessoa não pudesse ser facilmente reconhecida. Justamente havíamos virado a segunda esquina, depois de passar pelo chafariz do Sr. Edmundo, apareceu, olhando-me cara a cara, parado à minha frente, ninguém menos do que o velho Sr. Peterson, meu avô. "Ora, valha-me Deus, Gordon! — disse ele, depois de longa pausa — ora, ora, *de quem* é essa capa suja com que você está?". "Senhor — respondi, assumindo o melhor que podia na exigência do momento um aspecto de ofendida surpresa e falando no mais grosseiro dos tons imagináveis. — Senhor, está muito enganado! Minha nome, em primeira lugar, não ser absolutamente como Goddin, e espero que olhe melhor, sua cega, antes de chamar de suja, minha capote nova!" Palavra que eu mal podia refrear as gargalhadas ao ver a maneira estranha pela qual o velho recebeu essa hábil repulsa. Recuou dois ou três passos, ficou primeiramente pálido e depois excessivamente vermelho, levantou os óculos, tornou a baixá-los, correu para mim, com o guarda-chuva erguido. Parou logo, contudo, na carreira, como ferido por súbita lembrança; e voltando-se, desceu a rua mancando, a sacudir-se todo de raiva e a murmurar entre dentes: "Veja só... óculos novos... pensar que fosse Gordon... diabos afoguem a porcaria do Long Tom."

Depois de escapar por um triz, prosseguimos com maior cuidado e chegamos a nosso ponto de destino a salvo. Só um ou dois dos marinheiros se achavam a bordo e mesmos esses ocupados adiante, fazendo qualquer coisa, no teto do castelo de proa. O Capitão Barnard como bem sabíamos, se achava na firma Lloyd & Vredenburgh e lá ficaria pelo menos até o amanhecer, de modo que pouco tínhamos a temer da parte dele. Augusto subiu primeiro, pelo lado do navio, e eu logo o segui, sem ser notado pelos homens que trabalhavam. Dirigimo-nos imediatamente para o camarote e não encontramos ninguém lá. Estava mobiliado no mais confortável estilo, coisa sobremodo rara em navios baleeiros. Havia quatro muito excelentes cabines, com leitos vastos e confortáveis. Havia também uma grande estufa, como notei, e um tapete notavelmente espesso e valioso que cobria o soalho, tanto do camarote como das cabines. O forro se achava a dois metros e dez centímetros de altura e, em suma, tudo parecia de um aspecto mais caseiro e agradável do que eu havia previsto. Augusto, contudo, apenas me concedeu pouco tempo para observações, insistindo sobre a necessidade de ocultar-me tão depressa quanto possível. Entrou em seu próprio camarote, que se achava do lado de estibordo do brigue, próximo dos tabiques. Depois de entrar, fechou a porta a chave. Julguei nunca haver visto um quarto mais lindo do que aquele em que então me achava. Tinha um comprimento de mais ou menos três metros e só uma cama, que, como disse antes, era confortável. Na parte do aposento mais perto dos tabique havia um espaço de um metro e vinte centímetros quadrados, contendo uma mesa, uma cadeira e um grupo de estantes penduradas, cheias de

livros, principalmente livros de excursões e viagens. Havia muitas outras coisas confortáveis no quarto, entre as quais não devo esquecer uma espécie de guarda-comida ou refrigerador, pelo qual Augusto me apareceu como um anfitrião, de lauta mesa, no que toca a escolha de alimentos e bebidas.

Ele depois, com os nós dos dedos, fez pressão sobre do tapete, num canto do espaço acima mencionado, deixando-me ver que uma parte do soalho, cerca de dezesseis polegadas, tinha sido nitidamente cortada e ajustada de novo. Sob sua pressão, essa parte levantou-se a um ponto suficiente para permitir passagem de seu dedo por baixo. Desse modo levantou ele a tampa do alçapão, ao qual o tapete ainda se achava pregado por tachas, e vi que ele levava ao porão de popa. Augusto então acendeu uma velinha com um pau de fósforo e, colocando a luz numa escura lanterna, desceu com ela pela abertura, ordenando-me que o seguisse. Assim o fiz, e ele então colocou a tampa por meio de um prego enfiado no lado inferior. O tapete naturalmente, voltou à sua posição natural no soalho do camarote e todos os traços da abertura ficaram ocultos.

A vela fornecia um raio de luz tão fraco que foi com a maior dificuldade que pude apalpar caminho através das massas de trastes entre as quais então me encontrava. Gradualmente, contudo, meus olhos se foram acostumando à luz e prossegui com menos incômodo, agarrando-me às abas do paletó de meu amigo. Ele me conduziu, afinal, depois de serpear e arrastar-se por numerosos corredores apertados, a um caixote com ferros, como estes usados para conter finas louças. Tinha o caixote cerca de um metro e vinte centímetros de altura e um metro e oitenta de comprimento, mas era muito estreito. Dois garrafões vazios estavam no alto e, sobre eles, novamente, vasta quantidade de esteiras de palha empilhadas até o teto da cabine. Em todas as outras direções em torno, amontoava-se, tão apertadamente quanto possível, às vezes mesmo até o teto, um verdadeiro caos de todas as espécies de coisas de navio, bem como uma mistura heterogênea de cestos, canastras, barris e fardos, de modo simplesmente miraculoso o termos afinal descoberto qualquer passagem para o caixote. Achei depois que Augusto, propositadamente arranjara o depósito naquele porão, de modo a permitir-me um esconderijo perfeito, tendo apenas a auxiliá-lo no serviço, um homem que não viajava no brigue.

Meu companheiro mostrou-me depois que um dos lados do caixote podia ser removido à vontade. Fê-lo correr para um lado e exibiu o interior, o que muito me agradou. Um colchão de uma das camas da cabine cobria por inteiro o fundo do caixote em que se continham quase todos os artigos de simples conforto que puderam ser amontoados em tão pequeno recinto, fornecendo-me, ao mesmo tempo, espaço suficiente para acomodar-me, tanto sentado como deitado de comprido. Entre outras coisas, havia alguns livros, penas, tinta, papel, três cobertores, uma grande bilha cheia de água, um barrilzinho de biscoitos de água e sal, três ou quatro imensas salsichas bolonhesas, um enorme presunto, um pernil frio de carneiro assado, e meia dúzia de garrafas de licores e remédios. Imediatamente tomei posse de meu pequeno apartamento, com tais sentimentos de satisfação que, acredito, nenhum monarca experimentou maiores ao entrar num palácio novo. Augusto então ensinou-me a maneira de afastar o lado aberto do caixote e depois, levando a vela até perto do forro, mostrou-me um pedaço de corda trançada e escura estendendo-se nele. Ela — disse — prolongava-se do meu esconderijo através de todas as necessárias voltas por entre os trastes até um prego cravado no forro do porão, mesmo por baixo do alçapão que levava ao camarote dele. Por meio dessa eu poderia facilmente sair dali, sem que ele me guiasse, no que qualquer inesperado acidente tornasse tal passo necessário. Despediu-se, em seguida, deixando-me a lanterna, bem como suficiente provisão de velas e fósforos, e prometendo visitar-me logo que o pudesse fazer sem ser observado. Era o dia 17 de junho.

Três dias e três noites (como podia aproximadamente conjeturar) permaneci em meu esconderijo, sem absolutamente sair dele, a não ser duas vezes, com o fim de espichar os membros, ficando de pé, entre dois cestos, mesmo do lado oposto à abertura. Durante todo esse tempo nada soube de Augusto; isso, porém, pouco incômodo me causava, pois eu sabia que o brigue devia fazer-se ao largo a qualquer momento e, na conseqüente confusão, ele não encontraria facilmente oportunidades para descer, a fim de

ver-me. Afinal, ouvi o alçapão abrir-se e fechar-se, depois ele chamou em voz baixa, se tudo ia bem e se eu desejava alguma coisa. "Nada —, respondi. — Estou tão confortavelmente como é possível; quando o brigue começará a navegar?" "Levantaremos ferros dentro de meia hora — responde ele. — Vim para dizer-lhe isso e para que você não ficasse incomodado com a minha ausência. Não terei ocasião de descer de novo por algum tempo — talvez por três ou quatro dias mais. Lá em cima vai tudo bem. Depois que eu subir e fechar o alçapão, arraste-se, junto à corda, até onde está enterrado o prego. Achará lá meu relógio. Pode ser-lhe útil, pois você não tem luz do dia para calcular o tempo. Suponho que não sabe dizer quanto tempo esteve escondido aí. Foram três dias. Hoje é 20. Eu ia levar o relógio ao seu caixote, mas tive medo de perder-me." Dito isto, subiu.

Cerca de uma hora depois que ele saíra senti distintamente o movimento do brigue, e congratulei-me comigo mesmo por ter afinal começado belamente uma viagem. Satisfeito com essa idéia, decidi animar-me quanto possível e esperar o decurso dos acontecimentos até que me fosse permitido trocar o caixote por mais espaçosa, embora dificilmente mais confortáveis, acomodações. Meu primeiro cuidado foi apanhar o relógio. Deixando a vela acesa, rastejei pela escuridão, seguindo a corda, entre inumeráveis volteios em alguns dos quais descobri que, depois de palmilhar longa distância, voltara para cerca de trinta ou sessenta centímetros do primitivo ponto de partida. Afinal, alcancei o prego e, segurando o objetivo dessa excursão, com ele regressei a salvo. Procurei os livros de que tão providentemente fora provido e escolhi o da expedição de Lewis e Clark à foz do Columbia. Com ele me diverti por algum tempo e por fim, tornando-me sonolento, apaguei a luz com grande cuidado e logo caí num sono profundo.

Depois de despertar, senti-me estranhamente confuso de espírito e decorreu até que me pudesse recordar de todas as várias circunstâncias de minha situação. Gradualmente, porém, lembrei-me de tudo. Riscando um fósforo, olhei para o relógio; ele, contudo, estava sem corda e conseqüentemente não havia meio de determinar quanto tempo eu dormira. Meus membros estavam muito dormentes e eu era forçado a aliviá-los ficando de pé entre os cestos. Senti, depois um apetite quase canino e pensei no pernil frio de que comera um pedaço antes de dormir, achando-o excelente. Qual não foi meu espanto ao descobrir que ele se achava em estado de putrefação! Esse fato provocou-me grande inquietude, pois, relacionando-o com a confusão de espírito que experimentara depois de acordar, comecei a supor que devia ter dormido um tempo insolitamente longo. A atmosfera fechada do porão devia ter algo a ver com isso e podia, afinal de contas, causar os mais desastrosos resultados. Minha cabeça doía excessivamente. Imaginei que respirava com crescente dificuldade. Em suma, fiquei deprimido por uma multidão de melancólicas idéias. Não podia, ainda aventurar-me a causar qualquer perturbação, abrindo o alçapão ou fazendo qualquer outra coisa, e assim, tendo dado corda no relógio, resignei-me como era possível.

Durante todas as tediosas vinte e quatro horas seguinte ninguém apareceu para me aliviar e eu não podia deixar de acusar Augusto da maior desatenção. O que principalmente me alarmava era que a água de minha bilha estava reduzida a cerca de meio quartilho e eu sofria muita sede, pois comera à vontade as salsichas depois de haver perdido o carneiro. Tornei-me muito aflito, não podendo mais interessar-me, de qualquer modo, pelos livros. Dominava-me ainda, o desejo de dormir, mas eu tremia ao pensar em submeter-me a ele, temendo a existência de qualquer influência perniciosa como a do carvão de madeira queimado na limitada atmosfera do porão. Entrementes, o jogar do navio me dizia que estávamos longe, no mar alto, e um denso som sussurrante que me vinha aos ouvidos, imensa distância, convenceu-me de que estava soprando uma borrasca fora do comum. Não podia imaginar um motivo para a ausência de Augusto. Por certo havíamos avançado, em nossa viagem mais do que o bastante para permitir-me subir. Devia ter sucedido algum acidente a ele, mas eu nada podia imaginar que explicasse o deixar-me Augusto tanto tempo como um prisioneiro, a menos, na verdade, que ele houvesse morrido subitamente, ou caído no mar, mas eu não podia demorar nesta idéia sem a maior impaciência. Era possível que tivéssemos sido desviados por ventos pela proa e que ainda estivéssemos nas proximidades de Nantucket. Era

forçado, contudo, a abandonar esta hipótese; pois, se fosse neste caso, o brigue teria frequentemente virado de bordo; e eu verificava perfeitamente, por sua contínua inclinação para bombordo que ele navegava a velas pandas, com uma firme brisa do estibordo. Contudo, admitindo que ainda nos achássemos nas vizinhanças da ilha, por que não viera Augusto visitar-me e informar-me dessa circunstância? Refletindo desse modo sobre as dificuldades de minha situação solitária e melancólica, resolvi esperar, ainda outras vinte e quatro horas; então, se nenhum auxílio obtivesse iria até o alçapão e tentaria ter uma palestra com meu amigo ou, pelo menos, arejar o porão através da abertura e obter no camarote outro suprimento de água. Entretanto, enquanto me ocupava com esse pensamento, caí, a despeito de todos os esforços em contrário, num estado de profundo sono, ou melhor, de sopor. Meus sonhos foram dos mais terríficos. Todas as espécies de calamidade e horror me sobrevinham. Entre outras misérias, era eu sufocado até a morte, entre enormes travesseiros, por demônios do mais espantoso e feroz aspecto. Imensas serpentes me comprimiam com abraço e me olhavam fixamente no rosto com seus olhos terrivelmente brilhantes. Depois desertos ilimitados e da mais erma e aterrorizante configuração estendiam-se diante de mim. Troncos de árvores, imensamente altos, desfolhados e cinzentos, erguiam-se em sucessão infundável até onde o olhar podia alcançar. Suas raízes se ocultavam em vastos pantanais, cujas águas sombrias dormiam intensamente negras, silenciosas e contudo terríveis. E as estranhas árvores pareciam dotadas de humana vitalidade e ondulavam, para lá e para cá, seus braços esqueléticos, clamando misericórdia às águas silentes, em lastimosos e pungentes acentos da mais aguda agonia e desespero. A cena mudou: agora eu me encontrava, despido e só, entre as ardentes planícies arenosas do Saara. Agachava-se aos meus pés um feroz leão dos trópicos. Subitamente, seus olhos se abriram e caíram sobre mim. Com um salto convulsivo, espichou-se nos pés e exibiu os horríveis dentes. Em um instante irrompeu de sua garganta vermelha um rugido semelhante aos trovões do firmamento, e eu caí impetuosamente por terra. Sufocado em paroxismo de terror, achei-me por fim semidesperto. Então meu sonho não era absolutamente um sonho... Estava, pelo menos na posse dos meus sentidos. E as patas de algum monstro enorme e autêntico pesadamente comprimiam meu peito. Seu hálito quente me tocava o ouvido. E suas garras brancas e espantosas cintilavam sobre mim através da penumbra.

Ainda que mil vidas dependessem do movimento de um membro ou da pronúncia de uma sílaba, eu não podia mexer-me. O animal, fosse o que fosse, conservava-se em sua posição sem tentar qualquer imediata violência, enquanto eu permanecia no extremo desespero e, assim julgava, a morrer por baixo dele. Meu cérebro teve uma vertigem, senti-me mortalmente enfermo, faltou-me a vista, mesmo as cintilantes pupilas da fera sobre mim se obscureceram. Fazendo um último e convulsivo gemi afinal uma fraca jaculatória a Deus e resignei-me a morrer. O som de minha voz como que despertou toda a fúria latente do animal que lançou todo seu peso sobre meu corpo. Qual não foi porém meu espanto, quando, com prolongado e baixo queixume começou a lambe-me a face e as mãos, dando as mais extravagantes demonstrações de afeição e alegria! Eu estava atônito, extremamente perdido de espanto, mas não podia esquecer o queixume peculiar de meu cão terra-nova, Tigre, nem o jeito estranho de suas carícias, a que estava acostumado. Era ele. Experimentei um súbito afluxo de sangue às têmporas; um vertiginoso e dominante sentimento de liberdade e reanimação. Ergui-me apressadamente do colchão sobre que estava e, atirando-me ao seguidor e amigo, aliviei a longa opressão de meu peito numa onda das mais apaixonadas lágrimas.

Como na ocasião precedente, meus pensamentos eram grandemente indistintos e confusos logo ao deixar o colchão durante longo tempo, achei quase impossível coordenar idéias. Mas em graus muito lentos, minhas faculdades de raciocínio voltaram e de novo recordei os diversos incidentes de minha situação. Tentei em vão explicar a presença de Tigre. E depois de perder-me em mil conjecturas diferentes a seu respeito, fui forçado a contentar-me com o fato de que ele se achava comigo para partilhar minha sombria solidão e dar-me conforto com seus carinhos. Muita gente gosta de seus cães,

mas por Tigre tinha eu uma afeição mais ardente do que o comum; e nunca, por certo, criatura alguma o mereceu mais. Durante sete anos fora meu companheiro inseparável e numa multidão de oportunidades dera provas de todas as nobres qualidades pelas quais avaliamos um animal. Eu o libertara, quando filhote, das garras de um malvado vilãozinho de Nantucket, que o levava para a água com uma corda amarrada ao pescoço e o cão crescendo, retribuiu o favor, cerca de três anos mais tarde, salvando-me das cacetadas de um ladrão de rua.

Apanhando, então, o relógio, descobri, depois de levá-lo ao ouvido, que de novo se acabara a corda; isto, porém, não me surpreendeu de modo algum, pois eu me convencera, pelo estado particular de meus sentimentos, de que dormira, como antes, período prolongado de tempo; quanto, era sem dúvida, impossível dizer. Eu ardia em febre e minha sede era quase intolerável. Tateei o caixote em busca de meu pequeno suprimento de água, pois não tinha luz, em vista de se haver queimado a vela até o pé do castiçal e de não achar à mão a caixa de fósforos. Depois de ir a bilha, contudo, descobri que estava vazia. Sem dúvida, Tigre tentara beber, assim como devorara o resto do carneiro cujo osso se achava bem limpo junto à abertura do caixote. Eu bem podia passar sem o alimento estragado, mas meu coração se oprimia ao pensar na água. Sentia-me extremamente fraco, tanto que estremecia todo, ao mais fraco movimento ou esforço, como com febre. Para aumento de minhas aflições, o brigue jogava e oscilava, com violência, e os barris de óleo que se encontravam sobre o estavam em momentâneo perigo de cair, bloqueando-me o caminho de ingresso ou saída. Eu sofria também terrivelmente de enjôo. Tais considerações me levaram a abrir caminho, de qualquer maneira, até o alçapão e obter imediato socorro, antes que ficasse completamente incapaz de fazê-lo. Tendo assim decidido, procurei de novo, tateando, os fósforos e as velas. Com alguma dificuldade achei os primeiros; mas, não descobrindo as velas tão depressa quanto esperava (pois me lembrava de estar muito próximo o local onde as colocara), abandonei por então a busca e mandando Tigre ficar quieto, comecei logo a caminhada para o alçapão.

Nessa tentativa, minha grande fraqueza tornou-se mais do que aparente. Era com a maior dificuldade que eu, afinal, me arrastar para diante, e mui freqüentemente meus membros se vergavam de súbito por baixo de mim; então, caindo prostrado sobre o rosto, permanecia por alguns minutos num estado que tangenciava o da insensibilidade. Forcejava, contudo, para diante, em lentas etapas temendo a cada momento poder desfalecer em meio às estreitas e intrincadas voltas do caminho entre os trastes, caso em que o resultado seria simplesmente a morte. Afinal, depois de dar um impulso para a frente, com toda a energia que pude reunir, bati com a testa violentamente contra o ângulo agudo de uma caixa fechada com ferro. O acidente só me atordoou por poucos momentos, mas verifiquei, para meu indizível pesar, que o veloz e violento oscilar do navio atirara a caixa, completamente, em meio a meu caminho, bloqueando de modo efetivo a passagem. Nem com os máximos esforços poderia eu movê-la uma só polegada de sua posição, pois se achava apertadamente comprimida entre os caixões circundantes e os trastes do navio. Tornava-se necessário, contudo que, enfraquecido como estava, eu deixasse a corda que me guiava e procurasse outra passagem, ou trepasse pelo obstáculo e recomeçasse o caminho do outro lado. A primeira alternativa apresentava excessivas dificuldades e perigos para que pudesse encará-la sem estremecer. No meu presente estado de fraqueza, tanto de corpo de espírito, infalivelmente perderia o caminho se o tentasse e pereceria miseravelmente entre os terríveis e desagradáveis labirintos do porão. Continuei, em conseqüência, sem hesitar, a reunir as minhas forças e energias restantes para tentar, o melhor que pudesse, escalar a caixa.

Depois de erguer-me, com esse alvo em vista, achei a empresa uma tarefa ainda mais séria do que meus temores me haviam levado a imaginar. De cada lado da estreita passagem erguia-se uma muralha inteira de objetos de variado peso, que o menor engano de minha parte poderia fazer cair sobre minha cabeça; ou, se tal acidente não ocorresse, o caminho poderia de fato ser bloqueado, impedindo minha volta pelas massas que desciam, como se via em frente, junto àquele obstáculo. A própria caixa era comprida e pesada e sobre ela nenhum apoio o pé podia obter. Em vão tentei, por todos os meios em meu

poder, alcançar-lhe o alto, com a esperança de assim galgá-la. Tivesse eu obtido êxito em tal tentativa e é certo que minhas forças se teriam demonstrado completamente inadequadas para a tarefa de prosseguir; foi, pois, melhor em todos os sentidos o ter falhado. Por fim, num desesperado esforço para empurrar a caixa de seu lugar, senti forte vibração no lado próximo de mim. Introduzi avidamente a mão na beira das tábuas e verifiquei que uma muito grande, se soltara. Com o canivete de bolso, que felizmente estava comigo, consegui, depois de grande trabalho, retirá-la inteiramente, e enfiando-me pela abertura, descobri, com imensa alegria que não havia tábuas do outro lado. Noutras palavras: faltava o alto, e fora pelo fundo que eu abrira caminho. Daí por diante não deparei dificuldades importantes para prosseguir pela corda até finalmente encontrar o prego. Com o coração a bater fiquei de pé e, com um leve toque, fiz pressão contra a tampa do alçapão. Ela não se ergueu depressa, como eu esperava, e fiz pressão mais resolutamente, embora temendo que pessoa diversa de Augusto pudesse estar no seu camarote. Contudo, a porta permaneceu firme com espanto meu, e tornei-me algo aflito, pois sabia que apenas pouco ou nenhum esforço fora preciso para removê-la. Empurrei-a com força; não obstante, ficou firme. Com toda a minha força; e ainda assim não deu passagem. Com raiva, com fúria, com desespero; e ela desafiou meus extremos esforços. Era evidente, dada a natureza invencível da resistência, que, ou o buraco tinha sido descoberto e a tampa completamente pregada, ou tinha sido colocado sobre ele algum imenso peso, que era inútil pensar em remover.

Minhas sensações foram as de extremo horror e desânimo. Em vão tentei raciocinar sobre a provável causa de estar assim sepulto. Não podia provocar qualquer encadeamento conexo de reflexão e, caindo ao solo, dei razão, irresistivelmente, às mais melancólicas imaginações, entre as quais as pavorosas mortes por sede, fome, asfixia e enterramento prematuro se acumulavam sobre os principais desastres a encarar. Afinal, voltou-me certa porção de presença de espírito. Ergui-me e tentei com os dedos, das frinças ou sinais da abertura. Encontrando-os, examinei-o bem de perto para verificar se emitiam alguma luz vinda do camarote, mas nenhuma era visível. Forcei entre eles a lâmina de meu canivete, até que encontrei certo obstáculo duro. Raspando nela, verifiquei que era uma sólida massa de ferro, concluindo que se tratava de uma corrente, pela peculiar ondulação sentida ao passar a lâmina. O único recurso que me restava era refazer o caminho até o caixote e ali submeter-me a meu triste destino, ou tranqüilizar o espírito, ao ponto de admitir que pudesse organizar algum plano de fuga. Imediatamente, comecei a fazê-lo e, de inúmeras dificuldades, consegui regressar. Ao cair, completamente exausto, sobre o colchão, Tigre estendeu-se de comprido lado, parecendo desejoso de, por seus agrados, consolar-me em minhas aflições e insistir para que eu as suportasse com fortaleza.

A singularidade de sua conduta atraiu por fim, forçadamente, minha atenção. Depois de me lambere a face e as mãos, examinei-as uma, não achando todavia sinais de qualquer ferimento. Imaginei então que se achasse faminto e dei-lhe um enorme pedaço de presunto, que ele devorou com avidez. Repetiu depois, entre suas estranhas manobras. Julguei a seguir que ele se achasse sofrendo como eu, os tormentos da sede e quase adotava esta conclusão como única verdadeira, quando me ocorreu a idéia de me havia examinado as patas e possivelmente haveria um ferimento em qualquer parte de sua cabeça ou de seu corpo. Tateei aquela, cuidadosamente, porém nada encontrei. Ao passar, contudo, a mão sobre suas costas, percebi uma leve ereção do pêlo, que as cruzava completamente. Apalpando aquilo com os dedos descobri um cordel e, acompanhando-o pelo tato, verifiquei que rodeava todo o corpo. Com um exame mais acurado, cheguei até um pequeno pedaço de algo que dava a sensação de papel de cartas, através do qual o cordel fora amarrado de modo a mantê-lo, precisamente por baixo da espádua esquerda do animal.

CAPÍTULO III

OCORREU-ME instantaneamente o pensamento de que o papel era um bilhete de Augusto, e que algum inexplicável acidente sobreviera impedindo-o de libertar-me de minha prisão. Ele então adotara aquele método de informar-me do verdadeiro estado das coisas. Tremendo de impaciência, dei então início a outra busca, a dos fósforos e velas. Tinha uma confusa lembrança de havê-los colocado cuidadosamente, de lado, antes de cair adormecido; e, na verdade antes de minha última caminhada até o alçapão fora capaz de recordar o lugar exato onde os depositara. Naquele instante, porém, em vão tentava despertar a memória e levei toda uma hora em infrutífera e incômoda procura dos objetos perdidos; nunca, certamente, houve mais tantalizante estado de ansiedade e incerteza. Por fim, quando apalpava em redor, com a cabeça junto do lastro, perto da abertura do caixote, do lado de fora dele, notei a cintilação de luz, na direção da antecâmara. Grandemente surpreendido, tentei caminhar para lá, pois me parecia estar a poucos pés do meu lugar. Mal me movera com essa intenção, quando perdi o brilho de vista, completamente, e antes que pudesse lobrigá-lo de novo, tive de ir tateando, junto à caixa até que, voltei exatamente à posição original. Então, movendo a cabeça com precaução para um lado e para outro, descobri que se andasse vagarosamente, com grande cuidado, em direção àquela pela qual partira a princípio, seria capaz de chegar perto da luz, conservando-a em vista. Assim fui diretamente para ela, (tendo aberto caminho através de inúmeros volteios estreitos) verifiquei que procedia de alguns fragmentos de meus fósforos que se achavam sobre um barril vazio, virado de lado. Admirava-me como haviam chegado a tal lugar, quando minha mão caiu sobre dois ou três pedaços de cera de vela que evidentemente tinham sido mastigados pelo cão. Concluí logo que ele devorara todo o meu suprimento de velas e fiquei sem esperança de jamais ser capaz de ler o bilhete de Augusto. Os pequenos restos de tão amassados entre outros refugos no barril que desisti de servir-me deles para qualquer coisa e deixei-os como se achavam. Os fósforos, de que só havia um palito ou dois, reuni-os e voltei com eles, após muita dificuldade, ao meu caixote, onde Tigre ficara o tempo todo.

Que fazer em seguida, não podia eu dizer. Era tão intensamente escuro o porão que eu não podia ver minha mão, embora a encostasse junto à face. O pedaço branco de papel mal podia ser distinguido, nem mesmo quando olhava diretamente para ele, voltando para o papel a parte exterior da retina, isto é, ligeiramente de esguelha, notei que se tornava de algum modo perceptível. Assim, a tristeza de minha prisão pode ser imaginada e o bilhete de meu amigo — se em verdade era um bilhete dele — somente parecia arrojá-me a maiores inquietações, afligindo sem qualquer resultado meu já fraco e agitado espírito. Em vão resolvi no cérebro uma multidão de absurdos expedientes para obter luz. Expedientes tais, precisamente, como um homem, no perturbado sono ocasionado pelo ópio, escolheria como os melhores para empreender semelhante tentativa, todos e cada um deles apareciam ao sonhador, alternadamente, como a mais razoável e a mais absurda das concepções, quando, alternadamente, lampejavam uma sobre outra, as faculdades imaginativas ou as do raciocínio. Finalmente ocorreu-me uma idéia que me pareceu racional e me deu motivo para admirar-me de não a haver tentado antes. Coloquei o pedaço de papel nas costas de um livro e, coligindo os fragmentos dos palitos de fósforos que trouxera do barril, coloquei-o junto sobre o papel. Então, com a palma da mão, esfreguei o conjunto rapidamente e com força. Uma clara luz se expandiu, imediatamente por toda a superfície. E se houvesse sobre ela algum escrito, estou certo de que não teria experimentado a menor dificuldade em lê-lo. Nem uma sílaba, contudo, lá se achava. Nada além de um terrível e insatisfatório espaço em branco. A iluminação morreu em poucos segundos, e meu coração desmaiou dentro de mim, quando ela se foi.

Já antes expus, mais de uma vez, que meu intelecto, durante certo período anterior a este, estivera em situação muito próxima da idiotia. Havia certamente, momentâneos intervalos de perfeita sanidade e mesmo de energia, de vez em quando; estes eram poucos. Deve-se recordar que certamente por muitos dias estivera respirando a atmosfera quase pestilencial de um porão, fechado num navio baleeiro, e por

largo tempo mal fora suprido de água. Durante as últimas catorze ou quinze horas não tivera nenhuma...nem dormia durante esse tempo. Provisões salgadas, da mais excitante espécie, tinham sido minhas principais, e na verdade desde a perda do carneiro, minhas únicas reservas de alimento, com exceção dos biscoitos de água e sal, e estes últimos eram completamente inúteis, por estarem muito secos e duros para ser engolidos nas condições de inchamento e secura de minha garganta. Achava-me, então, com febre elevada e, em todos os sentidos, extremamente doente. Isso serve de explicação para o fato de que muitas horas miseráveis de desânimo decorreram, depois de minha última aventura com os fósforos, antes que me ocorresse o pensamento que só havia examinado um lado do papel. Não tentarei descrever meus sentimentos de cólera (embora creia que era mais amarga do que qualquer outra coisa), quando o imenso erro que eu cometera relampejou subitamente em minha consciência. O equívoco em si não teria sido de maior importância se eu, em minha insânia e impetuosidade, não o tivesse piorado. Em meu desaponto, por não haver encontrado palavra alguma no pedaço de papel, infantilmente o rasguei em pedaços e atirei-o fora, sendo impossível dizer onde.

Da pior parte desse problema fui aliviado pela sagacidade de Tigre. Tendo apanhado, depois de longa procura, um pequeno pedaço do bilhete, coloquei-o no nariz do cão e tentei fazê-lo compreender que deveria trazer-me o resto dele. Para meu espanto, pois não lhe ensinara nenhuma das habilidades costumeiras pelas quais sua raça é famosa, pareceu ele entender logo meu pensamento e farejando em torno, por alguns instantes, logo encontrou outra considerável parte. Trazendo-me isso, fez uma pausa momentânea e esfregando o nariz em minha mão, como que esperou minha aprovação pelo que fizera. Dei-lhe uma pancadinha na cabeça e ele imediatamente saiu de novo. Passaram-se alguns minutos antes que voltasse e quando, porém, regressou, trouxe consigo um grande, que demonstrava ser todo o papel perdido. Parece que fora rasgado só em três partes. Felizmente não tive dificuldade em encontrar os poucos fragmentos de fósforos que tinham sido deixados de lado, sendo guiado pela luminosidade indistinta que uma ou duas das partículas ainda emitia. Minhas atribulações me haviam ensinado a necessidade de precaução e assim levei tempo a refletir sobre o que ia fazer. Era muito provável, pensei, que algumas palavras estivessem escritas sobre o lado do papel que não tinha sido examinado, mas qual era ele? Ajustar os pedaços de papel não era solução para isso, embora me assegurasse que as palavras (se houvesse algumas) seriam todas encontradas de um lado só e ligadas de maneira própria, como na escrita. Havia a maior necessidade de determinar o ponto em questão, fora de qualquer dúvida pois os fósforos restantes seriam inteiramente insuficientes para uma terceira tentativa, caso eu falhasse na que estava prestes a realizar. Coloquei o papel sobre um livro, como antes, e sentei-me por alguns minutos pensativamente, revolvendo o assunto no pensamento. Afinal, pensei ser meramente possível que o lado escrito tivesse na sua superfície alguma saliência, que um delicado sentido do tato me capacitaria a notar. Resolvi fazer a experiência e passei os dedos, muito cuidadosamente, sobre o lado que primeiro se apresentou. Nada, contudo, era perceptível, e virei o papel, ajustando-o ao livro. De novo, então deslizei por ele o indicador, cautelosamente, e notei um tenuíssimo porém ainda perceptível calor que acompanhava o dedo. Compreendi que esse calor devia vir de umas miúdas partículas de fósforos, com que eu cobrira o papel na tentativa precedente. O outro lado, ou o inverso, assim, era o que trazia o escrito, se afinal se revelasse existir algum. De novo virei o bilhete e comecei a agir, como da primeira vez. Tendo esfregado os fósforos, seguiu-se um clarão como antes; desta vez várias linhas manuscritas, em grandes caracteres e, ao que parece em tinta vermelha, tornaram-se distintamente visíveis. A luz contudo, embora suficientemente brilhante, foi apenas momentânea. Se, todavia, eu não estivesse altamente excitado, teria havido tempo bastante amplo, para que examinasse todas as três sentenças a minha frente, pois vi que eram três. Na ansiedade, de ler tudo imediatamente, só consegui ler as sete últimas palavras que eram assim: *sangue... sua vida depende de ficar encerrado.*

Tivesse eu sido capaz de apreender o inteiro conteúdo a completa significação da advertência que meu amigo assim tentara enviar, e tal advertência, ainda mesmo que revelasse a história do mais indizível

desastre, não poderia, estou firmemente convencido, ter-me imbuído o espírito de um décimo de dilacerante e todavia indefinível horror que me inspirou o fragmento assim recebido. E aquela palavra das palavras, *sangue*, tão comumente ligada sempre ao mistério, ao sofrimento e ao terror como também me aparecia agora triplicadamente cheia de importância como caíam gélida e pesadamente suas vagas sílabas como se achava, de qualquer vocábulo acompanhante, para torná-la distinta ou explicá-la), em meio à profunda tristeza de minha prisão nos mais recônditos recessos de minha alma!

Augusto, sem dúvida, tivera boas razões, para desejar que eu permanecesse escondido e formei mil hipóteses sobre as quais deveriam ser elas; mas em nada podia pensar que conduzisse a uma solução satisfatória do mistério. Precisamente depois de voltar de minha derradeira caminhada ao alçapão e antes que minha atenção tivesse sido dirigida para outro lado, pela singular conduta de Tigre, chegara à resolução de fazer-me ouvido, a qualquer preço, pelos que se encontravam a bordo, ou, se não obtivesse êxito nesse sentido, em tentar romper caminho através do tombadilho da ponte do porão. A semicerteza que sentia de ser capaz de cumprir uma das duas empresas, na última emergência, dera-me coragem (que de outra forma eu não teria) para suportar as desgraças de minha situação. Entretanto, as poucas palavras que eu fora capaz de ler me haviam arrebatado esses recursos finais. Então, pela primeira vez, senti toda a miséria de meu destino. Num paroxismo de desespero, atirei-me de novo sobre o colchão, onde fiquei por cerca de um dia e uma noite, numa espécie de estupor, só aliviado por instantâneos intervalos de raciocínio e recordação.

Afinal, ergui-me uma vez mais e fiquei a refletir sobre os horrores que me sitiavam. Só remotamente era possível que eu pudesse viver sem água outras vinte e quatro horas, pois não podia suportar mais muito tempo. Durante a primeira parte de minha prisão fizera uso livre das bebidas de que Augusto me suprira, mas elas só serviram para excitar a febre, sem me aliviar a sede no mínimo grau. Só me restava agora um quarto de quartilho e assim mesmo era uma espécie de forte licor de pêssego que me nauseava o estômago. As salsichas tinham sido consumidas inteiramente. Do presunto nada mais restava, além de um pedacinho de pele. E todos os biscoitos, exceto poucos farelos de um, tinham sido comidos por Tigre. Para aumento de minhas aflições, verifiquei que minha dor de cabeça se intensificava momentaneamente e, com ela, a espécie de delírio que me perturbava, mais ou menos, desde que caíra a dormir pela primeira vez. Nas últimas horas, tinha sido com a maior dificuldade que eu conseguia respirar um pouco e agora cada tentativa de fazê-lo provocava a mais depressiva ação espasmódica do peito. Mas havia ainda outra e muito diferente fonte de inquietação uma, na verdade, cujos devastadores terrores tinham sido o meio principal de me levantar com esforço de meu torpor, no colchão. Vinha ela da conduta do cão.

Observei primeiramente uma alteração em seu proceder, enquanto esfregava os fósforos no papel, em minha última tentativa. Ao esfregar ele erguera o nariz contra minha mão, com um leve grunhido. Mas eu estava muito excitado. naquela ocasião, para dar maior atenção a esta circunstância. Logo depois, como se hão de recordar, atirei-me no colchão e caí numa espécie de letargia. Agora tornava-me ciente de um singular som silvante junto de meus ouvidos e descobri que ele procedia de Tigre, que arquejava e ofegava no estado da mais aparente excitação, com as pupilas flamejando ferozmente, através da treva. Falei-lhe, ao que ele replicou com um rosnido baixo, ficando quieto depois. Recai em seguida no meu estupor, de que fui despertado, de novo, por forma semelhante. Isto se repetiu três ou quatro vezes, até que por fim sua conduta me inspirou tão grande medo que fiquei completamente de pé. Ele agora estava encostado à entrada do caixote, rosnando temerosamente, embora numa espécie de subtom, e rangendo os dentes como em forte convulsão. Não duvidava mais de que a falta de água ou a confinada atmosfera do porão o haviam tornado doido, e me achava perplexo com o caminho a seguir. Não podia suportar o pensamento de matá-lo, embora isso parecesse absolutamente necessário para minha própria salvação. Distintamente podia lhe perceber os olhos fixos em mim com uma expressão da animosidade e esperava, a cada instante, que ele me atacasse. Afinal, não pude aturar mais minha terrível situação e decidi sair do

caixote a todo custo e matá-lo, se sua oposição tornasse necessária que eu o fizesse. Para sair tinha de passar diretamente sobre o corpo dele e já o cão parecia antecipar-se a meu desígnio, erguendo-se sobre as patas dianteiras (como notei pela posição modificada de seus olhos) e arreganhando o conjunto de suas presas brancas, que eram facilmente discerníveis. Apanhei o resto da pele do presunto e a garrafa que continha o licor, e segurei-as junto de mim, bem como um grande facão que Augusto me deixara, e depois, segurando minha capa em volta de mim tão apertadamente quanto possível, fiz um movimento para a entrada do caixote. Mal o fiz, o cão atirou-se, com um alto rugido, para a minha garganta. Todo o peso de seu corpo bateu-me no ombro direito e caiu violentamente para a esquerda, enquanto o animal raivoso passava completamente sobre mim. Eu caíra sobre os joelhos, com a cabeça mergulhada entre os cobertores e isso me protegeu de um segundo e furioso ataque, durante o qual senti os agudos dentes fazendo vigorosa pressão sobre o pano de lá que me envolvia sem contudo, felizmente, ser capaz de penetrar-lhe todas as dobras. Achava-me, então, por baixo do cão e, em poucos momentos ficaria completamente em seu poder. O desespero me deu forças e eu levantei-me ousadamente, sacudindo-o de mim, com toda a força e arrastando comigo os cobertores do colchão. Atirei-os depois sobre ele e, antes que se pudesse desvencilhar, saíra eu pela porta fechando-a completamente, impedindo-o de prosseguir. Nessa luta porém fora obrigado a deixar cair o pedaço de pele de presunto e minha inteira reserva de provisões achou-se reduzida a um quartilho de licor. Quando um tal pensamento me cruzou o espírito senti-me dominado por um daqueles acessos de perversidade que bem se pode imaginar influenciarem um menino privado de tudo em semelhantes circunstâncias e, erguendo a garrafa aos lábios, sorvi até a última gota e atirei-a furiosamente de encontro ao soalho.

Mal se extinguiu o eco de seu espatifamento, ouvi meu nome pronunciado por uma voz ávida, mas abafada, que saía da direção da antecâmara de proa. Tão inesperada era qualquer coisa dessa espécie e tão intensa foi a emoção que o som me provocou que em vão tentei responder. Minha capacidade de falar falhou totalmente e, numa agonia de terror, temendo que meu amigo me pudesse considerar morto e voltasse, sem tentar procurar-me, ergui-me entre os cestos, junto da porta, tremendo convulsivamente, ofegando e lutando por uma palavra. Dependessem mil vocábulos de uma sílaba e eu não teria podido enunciar-lá. Havia um fraco movimento, agora audível, entre a trastaria um tanto adiante de minha posição. O som tornou-se depois menos distinto, e de novo menos, e menos ainda. Poderei jamais esquecer o que senti naquele momento? Ele se ia embora, meu amigo, meu companheiro, de quem eu tinha o direito de esperar tanto, ele se ia embora, abandonava-me, já se fora! Deixar-me-ia perecer miseravelmente, no mais horrível e desgraçado dos cativeiros. E uma palavra, uma simples sílaba me teria salvo! Contudo, eu não podia proferir essa simples sílaba! Estou certo de que senti, mais de dez mil vezes, as agonias da própria morte. Meu cérebro desmaiou e caí, mortalmente exausto, dentro do caixote.

Ao cair, o facão foi sacudido para fora do cinto de minhas calças e tombou no soalho, com um som estridente. Jamais qualquer sonoridade de mais rica melodia tão docemente me veio aos ouvidos! Pus-me à escuta, com a mais intensa ansiedade, para verificar o efeito no ruído sobre Augusto, pois eu sabia que a pessoa que me chamara só podia ser ele. Tudo ficou silente por alguns instantes. Afinal, ouvi de novo a palavra "Artur", repetida em tom baixo, cheio de hesitação. Minha capacidade de falar felizmente reviveu logo da perda e eu berrei, no ápice da voz: "Augusto! Augusto!" "Psiu! Pelo amor de Deus, fique calado! — repetiu ele numa voz trêmula de agitação. — Estarei com você imediatamente... logo que possa abrir caminho pelo porão." Durante longo tempo ouvi-o a mover-se por entre a trastaria e cada momento me parecia um século. Afinal, senti-lhe a mão sobre ombro e ele me fez chegar aos lábios, no mesmo instante, uma botija de água. Só aqueles que subitamente foram salvos das fauces do túmulo ou que conheceram os insuportáveis tormentos da sede em circunstâncias tão agravadas como as que me assediaram em minha pavorosa prisão podem formar qualquer idéia dos indizíveis transportes de alegria que produziu aquele longo trago da mais estupenda de todas as satisfações físicas.

Depois que, de algum modo, satisfiz minha sede, Augusto tirou do bolso três ou quatro batatas

cozidas que devorei com a maior avidez. Ele trouxera consigo uma vela, numa lanterna surda, e os agradáveis raios não me deram menor conforto do que o alimento e a bebida. Mas eu estava impaciente por saber a causa de sua prolongada ausência e ele passou a narrar o que sucedera a bordo durante o meu encarceramento.

CAPÍTULO IV

O NAVIO fez-se ao mar, como eu havia suposto, cerca de uma hora depois que ele me deixara o relógio. Isto fora a vinte de junho. Devem lembrar-se que eu estive então no porão, durante três dias; e no decorrer desse lapso, foi tão constante o trabalho a bordo e eram as correrias para um lado e para outro, especialmente nas cabines e nos camarotes, que ele não tivera oportunidade de visitar-me, sem que se descobrisse o segredo do alçapão. Quando veio, por fim, eu lhe assegurara que estava passando tão bem quanto possível e, por conseguinte, nos dois dias subsequentes, ele pouco incômodo sentiu a meu respeito, embora, contudo, vigiasse uma oportunidade de descer. *Até o quarto dia*, não achou nenhuma. Várias vezes, durante esse intervalo, ele preparara o espírito para falar a seu pai acerca de nossa aventura e fazer-me subir imediatamente; ainda nos achávamos, porém, a pequena distância de Nantucket e dadas algumas expressões escapadas ao Capitão Barnard era de duvidar se ele não regressaria imediatamente, caso descobrisse minha estada a bordo. Além disso, depois de refletir mais sobre o caso, Augusto — assim mo disse — não podia imaginar que me faltasse algo ou que eu hesitasse, se isso se desse, em fazer-me ouvir no alçapão. Então, tendo pesado bem as coisas, decidi deixar-me ficar até que pudesse encontrar uma oportunidade de visitar-me sem ser observado. Isto, como já disse, não ocorreu antes do quarto dia, depois que ele me trouxera o relógio, o sétimo desde que eu entrara, pela primeira vez, no porão. Ele desceu, então, sem trazer consigo água nem quaisquer provisões, pretendendo sim em primeiro lugar, chamar-me a atenção e levar-me do caixote ao alçapão. Dali subiria ao camarote e então me passaria um suprimento. Quando desceu para esse fim, descobriu que eu dormia, pois parece que eu ressonava muito alto. Segundo todos os cálculos que posso fazer a respeito, esse deve ter sido o sono em que caí logo depois de voltar do alçapão com o relógio e que, conseqüentemente, deve ter-se prolongado *por mais de três dias e noites inteiros* em toda sua extensão. Ultimamente, eu tivera razão, tanto por minha própria experiência como pelas afirmativas de outros para concluir dos fortes efeitos soporíferos do fétido que se exala do óleo de peixe velho quando num aposento pequeno; e quando penso nas condições do porão em que estivera encerrado e no longo período em que o brigue fora usado como navio baleeiro, sou mais inclinado a me admirar por haver afinal acordado depois de uma vez ter caído adormecido do que de haver dormido interruptamente durante o tempo acima especificado.

Augusto chamara-me primeiramente em voz baixa, sem fechar o alçapão, mas eu não lhe dera resposta. Fechou então o alçapão e falou-me, em tom mais alto, e, por fim, num tom elevadíssimo continuei, porém, ressonando. Ele ficou, então, sem saber o que fazer. Levaria algum tempo a caminhar, por entre a trataria até o meu caixote e, entretantes, sua ausência seria notada pelo Capitão Barnard, que necessitava de seus serviços a cada minuto para arranjar e copiar papéis relacionados com os negócios da viagem. Resolveu, por conseguinte, depois de refletir, subir e esperar outra oportunidade para me visitar. Foi muito facilmente induzido a tal resolução, pois meu sono parecia ser de natureza tranquilíssima e ele não podia supor que eu sofresse qualquer inconveniente derivado de meu encerramento. Mal tivera pensado tais coisas quando a sua atenção foi atraída por um tumulto anormal, cujo ruído vinha aparentemente da cabine. Enfiou-se pelo alçapão tão depressa quanto possível, fechou-o e abriu a porta de seu camarote. Nem bem pusera o pé no limiar e uma pistola relampejou-lhe no rosto, enquanto ele era abatido, no mesmo instante, por uma pancada de espeque.

Uma forte mão o arrastou pelo solo da cabine, com o punho sobre sua garganta; contudo, ele era capaz de ver o que se passava a seu redor. Seu pai estava amarrado de pés e mãos e jazia sobre os degraus da escada do tombadilho, com a cabeça tombada e um profundo ferimento na testa, de onde fluía sangue em jorro contínuo. Não pronunciava uma palavra e aparentemente estava à morte. Acima dele, em pé, achava-se o primeiro-piloto, olhando-o com expressão de escarnekedora inimizade, e dando-lhe uma resoluta busca nos bolsos, de onde depois extraiu uma grande bolsa e um cronômetro. Sete homens da equipagem (entre os quais o cozinheiro, um negro) revolviam os camarotes a bombordo em procura de

armas e logo se armaram de mosquetes e munição. Além de Augusto e do Capitão Barnard havia nove homens ainda na cabine, entre os piores brutos da equipagem do brigue. Os rufiões então, subiram ao tombadilho, levando consigo meu amigo, depois de lhe haverem amarrado os braços atrás das costas. Dirigiram-se logo para o castelo da proa, que se encontrava embaixo. Dois dos amotinados estavam junto dele, com machados, e outros dois se achavam na principal cobertura da escotilha. O piloto gritou em alta voz: "Estão ouvindo aí embaixo? Dêem o fora, um a um, agora atenção! E nada de resmungos!" Passaram-se alguns minutos antes que qualquer aparecesse. Por fim, um inglês, que como aprendiz, subiu, chorando lastimosamente e suplicando ao piloto, com os modos mais humildes, que lhe poupasse a vida. A única resposta foi uma pancada na testa, com o machado. O pobre sujeito espichou-se no tombadilho, sem um gemido, e o cozinheiro negro ergueu-o nos braços, como se fosse uma criança e atirou-o cuidadosamente ao mar. Ao ouvir o golpe e o mergulho do corpo, os homens lá embaixo não podiam mais ser induzidos a aventurar-se no tombadilho, nem por promessas, nem por ameaças, foi feita a proposta de asfixiá-los com fumaça. Seguiu-se, uma correria geral e por um momento pareceu possível que se pudesse retomar o navio. Os amotinados, contudo, conseguiram por fim, fechar completamente o castelo de proa, antes que mais de seis de seus adversários pudessem subir. Estes seis, achando-se tão grandemente dominados pelo número e sem armas, submeteram-se depois de breve luta. O piloto dirigiu-lhes então belas palavras sem dúvida com o alvo de induzir os de baixo a render-se, pois eles não tinham dificuldades em ouvir tudo o que se dizia no tombadilho. O resultado foi uma prova de sua sagacidade, não menos de sua diabólica vilania. Todos no castelo de proa, então, manifestaram sua intenção de entregar-se e, subindo um a um, foram amarrados com os braços por trás das costas, juntamente com os seis primeiros. Havia, entre todos os da equipagem que não estavam implicados no motim, vinte e sete.

Seguiu-se então uma cena de horribilíssima carnificina. Os marinheiros amarrados foram arrastados ao passadiço. Ali se achava o cozinheiro, com um machado, ferindo cada vítima na medida em que eram cada uma empurrada contra a amurada pelos outros amotinados. Desse modo pereceram vinte e dois. Augusto dava-se por perdido, esperando a cada instante sua própria vez de ser a próxima vítima. Mas parece que os vilões se acharam depois cansados, ou de algum modo enojados com sua tarefa sanguinolenta pois os quatro prisioneiros restantes, bem como o meu amigo haviam sido arrastados ao tombadilho com os outros, foram poupados. Em seguida, o piloto mandou buscar rum embaixo e toda a quadrilha assassina entregou-se a uma orgia de bebidas que durou até o pôr do sol. Começaram após a discutir sobre o destino dos sobreviventes, que se achavam a apenas quatro passos e podiam distinguir todas as palavras que eram ditas. Em alguns dos amotinados, a bebida como que produzira um efeito abrandante, pois várias vezes se ouviram em favor da completa libertação dos cativos, com a condição de que se juntassem ao motim e partilhassem de seus proveitos. O cozinheiro preto, entretanto (que sob todos os aspectos era um perfeito demônio e parecia exercer tanta influência como o próprio piloto, senão mais), não queria ouvir qualquer proposta dessa espécie e levantou-se repetidamente para o fim de reassumir sua tarefa no passadiço. Afortunadamente estava tão dominado pela bebedeira que foi facilmente impedido pelos menos sanguissedentos da quadrilha, entre os quais um comissário que atendia pelo nome de Dirk Peters. Esse homem um filho de uma índia da tribo dos Upsarokas que habita entre os fortes da Colinas Negras, perto da fonte do Missouri. Seu pai era um negociante de peles, creio eu, ou pelo menos tinha quaisquer ligações com os postos de comércio dos índios no rio Lewis. O próprio Peters era um dos homens de aspecto mais feroz que já vi. De baixa estatura, não mais do que um metro e quarenta tinha os membros de formato hercúleo. As mãos, eram tão enormemente largas e grossas que mal possuíam a aparência de humanas. Os braços, assim como as pernas, se *arqueavam* do modo mais singular, parecendo não possuir qualquer flexibilidade. Tinha a cabeça igualmente deformada, de imenso volume com uma ondulação na parte mais alta (como a de muitos negros) e inteiramente calva. Para ocultar essa última deficiência que provinha da idade avançada, ele usava habitualmente uma peruca de qualquer material semelhante a cabelo que se lhe apresentasse, ocasionalmente a pele de um cão

espanhol ou de um urso cinzento da América. No tempo a que nos referimos, tinha ele uma porção dessas peles de urso. E isso trazia não pequeno acréscimo à natural ferocidade de seu semblante, que refletia os caracteres dos Upsarokas. A boca estendia-se quase de uma orelha a outra; os lábios eram estreitos e pareciam, como outras partes de sua figura, ser privados da natural plasticidade, de modo que sua expressão normal nunca variava sob a influência de qualquer espécie de emoção. Essa expressão normal pode ser concebida quando se considera que os dentes eram excessivamente compridos e projetados para a frente e jamais cobertos, sequer parcialmente, pelos lábios. Ao dar a esse homem uma olhadela casual, alguém poderia imaginar que ele estava convulsionado de risos; mas um segundo olhar induziria a um arrepiante reconhecimento de que, se tal expressão era indicativa de alegria, tal alegria só devia ser a de um demônio. Sobre esse singular sujeito muitas anedotas corriam entre os marujos de Nantucket. Tais anedotas discorriam sobre sua prodigiosa força, quando provocado, e algumas delas tinham dado motivos a que se duvidasse de sua sanidade mental. Mas a bordo do *Grampus*, parece, era ele considerado, ao tempo do motim, com sentimentos mais de escárnio do que de qualquer outra coisa. Fui tão pormenorizado, ao falar de Dirk Peters, porque, por mais feroz que parecesse, foi ele o principal instrumento para a preservação de Augusto e porque terei frequentes ocasiões de mencioná-lo daqui por diante, no decorrer de minha narrativa, narrativa esta, deixem-me dizê-lo logo, que, em suas últimas partes, será levada a incluir incidentes de natureza tão inteiramente fora da ordem da experiência humana e, por esse motivo, tão além dos limites da credibilidade humana que prossigo na mais extrema desesperança de obter crédito para tudo quanto irei dizer, embora confidentemente creia no tempo e nos progressos da ciência para verificar algumas das mais importantes e mais improváveis de minhas narrativas.

Depois de muita indecisão e de duas ou três violentas disputas, foi determinado afinal que todos os prisioneiros (com exceção de Augusto, que Peters insistia em conservar, de modo muito jovial, como seu secretário), seriam lançados a flutuar num dos menores botes do baleeiros. O piloto desceu à cabine para ver se o Capitão Barnard ainda estava vivo, pois, como se recordam, ele fora deixado em baixo quando os amotinados subiram. Depois, ambos apareceram, o capitão pálido como a morte, mas algo recobrado dos efeitos de seu ferimento. Falou aos homens numa voz dificilmente articulada. Advertiu-os a não o porem no bote, mas a voltarem a seus deveres, prometendo desembarcá-los onde escolhessem e não dar qualquer passos para entregá-los à justiça. Do mesmo modo podia ele falar ao vento. Dois dos malvados o agarraram pelos braços e o atiraram pela amurada do navio para dentro do bote havia sido baixado enquanto o piloto descera. Os quatro homens que jaziam no tombadilho foram também desamarrados e ordenaram-lhes que seguissem o capitão, o que fizeram sem qualquer resistência. Augusto, contudo, foi deixado na sua posição dolorosa — embora lutasse e suplicasse que lhe dessem, ao menos, a pequena satisfação de ser-lhe permitido dar adeus a seu pai. Um cesto de biscoitos de água e sal e uma bilha de água foram depois descidos; mas não foram dados mastro, vela, remos nem bússola. O bote foi sirgado à ré por alguns instantes, durante os quais os quais os amotinados se consultaram novamente. Afinal, cortaram-lhe as amarras, deixando-o a flutuar. Entrementes, a noite descera. Não se viam estrelas nem a lua. Um mar feio e picado ondulava embora não houvesse muito vento. Instantaneamente, o bote foi perdido de vista e pouca esperança se podia ter pelas infelizes vítimas que nele estavam. Esse fato sucedeu, contudo, aos 35 graus e 30 minutos norte e 61 graus e 20 minutos de longitude oeste; conseqüentemente, a não muito grande distância das ilhas Bermudas. Augusto, assim tentava consolar-se com a idéia de que ou o bote poderia alcançar terra ou chegar suficientemente perto para ser descoberto por navios ao largo da costa.

Todas as velas foram, após, largadas no brigue, e ele continuou o caminho primitivo para o sudoeste, pois os amotinados, estavam dispostos a empreender alguma expedição de pirataria. Segundo o que fora possível depreender, devia ser interceptado um navio, em sua rota das ilhas de Cabo Verde a Porto Rico. Nenhuma atenção se deu a Augusto, que foi desamarrado, permitindo-se-lhe que fosse para

qualquer lugar, além da cabine do passadiço, Dirk Peters tratava-o com algum grau de bondade e salvava-o uma vez da brutalidade do cozinheiro. Sua situação era ainda das mais precárias, pois os marinheiros estavam continuamente embriagados e não se podia confiar em seu permanente bom-humor ou desdém com relação a ele. Sua ansiedade a meu respeito era contudo para ele o mais angustioso resultado de sua situação; e, na verdade, eu nunca tive razão de duvidar da sinceridade de sua amizade, mas de uma vez se resolvera a dar a conhecer aos amotinados o segredo de minha estada a bordo, mas era impedido de fazê-lo em parte pela lembrança das atrocidades a que já assistira e em parte pela esperança de ser capaz de levar-me socorro. Vivia constantemente à espera de conseguir este último objetivo, mas, a despeito da mais constante vigilância, três dias decorreram depois que o bote fora posto a flutuar, sem que qualquer oportunidade surgisse. Afinal, na noite do terceiro dia, veio do leste uma pesada borrasca e todos os marujos foram chamados a ocupar-se nas manobras de navegação. Durante a confusão que se seguiu, ele saiu, sem ser observado, e penetrou no camarote. Qual não foi seu pesar, ao descobrir que o aposento tinha sido convertido num depósito de provisões e de material do navio e que diversas braças de uma velha corrente de ferro, que se estendia por baixo, da escada do tombadilho, foram conduzidas para ali a fim de dar lugar a um cofre e agora se achavam mesmo em cima do alçapão. Removê-las sem ser descoberto era impossível, e ele voltou ao tombadilho tão depressa quanto pôde. Ao subir, o piloto o agarrou pela garganta e perguntou-lhe o que estivera fazendo no camarote, estava a ponto de arremessá-lo pelo baluarte de bombordo, quando sua vida foi de novo salva pela intervenção de Dirk Peters. Augusto foi então posto em algemas (de que havia a bordo vários pares) e seus pés foram amarrados juntos, apertadamente. Foi então levado à antecâmara de proa e enfiado num beliche inferior, perto do tabique do castelo de proa, com a afirmativa de que não poria mais os pés no tombadilho "enquanto o brigue fosse um brigue". Essa fora a expressão do cozinheiro que o atirara ao beliche. Dificilmente será possível dizer qual o sentido preciso que dava a tal frase. Todo caso, redundou nos meios finais de socorrer-me, como agora se verá.

CAPÍTULO V

POR ALGUNS minutos depois que o cozinheiro deixara o castelo de proa, Augusto abandonou-se ao desespero, não crendo que jamais pudesse sair com vida do beliche. Tomou após a resolução de informar o primeiro homem que ali descesse de minha situação, pensando que seria melhor deixar-me ter uma oportunidade com os amotinados do que perecer de sede no porão — pois já havia dez dias desde que eu fora encerrado, e minha bilha de água não comportava um suprimento que bastasse mesmo para quatro dias. Enquanto pensava sobre o assunto, veio-lhe de súbito a idéia de que seria possível comunicar-se comigo pela escotilha do porão. Em outras circunstâncias, a dificuldade e os riscos do empreendimento o teriam impedido de tentá-lo; agora, porém, tinha pouca esperança de vida, de qualquer forma, e, por conseguinte, pouca coisa a perder. Decidiu-se, portanto, a realizar a empresa.

Nas suas algemas estava o primeiro problema. A princípio, não via meios de removê-las e temia por isso falhar logo no começo. Mas depois de mais acurado exame, descobriu que os ferros podiam escorregar para fora à vontade, com pequeníssimo esforço e incômodo, bastando forçar as mãos por entre eles. Essa espécie de algemas era de fato ineficaz para prender pessoas jovens, em quem os ossos menores prontamente cediam à pressão. Desamarrou depois os pés e, deixando a corda de modo a poder ser facilmente recolocada, no caso de que qualquer pessoa descesse ali, passou a examinar o tabique a que se achava pregado o beliche. A parede era ali de macias tábuas de pinho, de uma polegada de espessura, e ele notou que pouquíssimo trabalho teria em cortar nelas um caminho. Ouviu-se depois uma voz na escada do castelo de proa, teve tempo de enfiar a mão direita na algema (a esquerda não tinha sido retirada) e conseguir amarrar um nó corrediço em volta do tornozelo. Dirk Peters desceu, seguido por Tigre, que imediatamente pulou no beliche e deitou-se. O cão tinha sido trazido do por Augusto, que sabia de minha afeição pelo animal, e pensava que me daria prazer tê-lo comigo durante a viagem. Fora buscá-lo em nossa casa imediatamente depois que pela primeira me introduzira no porão, mas não pensara em mencionar o fato quando ali fora levar o relógio. Depois do motim, Augusto não o vira até seu aparecimento com Dirk Peters, e dera-o como perdido, supondo que havia sido lançado ao mar por algum dos malvados bandidos que integravam a quadrilha do piloto. Parece, contudo, que ele se insinuara num buraco, por baixo de um bote baleeiro, e não se pôde desvencilhar por falta de espaço para voltar-se. Peters por fim o libertara e, com uma espécie de bom sentimento que meu amigo bem sabia como apreciar, o trouxera para servir-lhe de companhia no castelo de proa, levando-lhe tempo algumas conservas salgadas e batatas, bem como caneca de água. Voltou então ao tombadilho, prometendo regressar no dia seguinte com algo mais para comer.

Quando ele se foi, Augusto libertou ambas as mãos das algemas e desamarrou os pés. Levantou a seguir o colchão em deitado e, com o canivete (pois os rufiões não o haviam considerado útil enquanto o revistavam), começou a cortar vigorosamente através de uma das tábuas do beliche, tão junto quanto possível do soalho. Escolheu para cortar aquela parte porque, se subitamente interrompido, seria possível esconder o que fizera simplesmente deixando o colchão erguido cair em sua antiga posição durante o resto do dia, contudo, nenhuma perturbação surgiu e à noite, tinha ele cortado completamente a prancha. Deve-se observar por aqui que ninguém da tripulação ocupava o castelo da proa como dormitório, vivendo todos no camarote, desde o motim, bebendo os vinhos, banqueteadando-se com as provisões do Capitão Barnard, e não tomando preocupações maiores do que as estritamente necessárias à navegação do brigue. Tais circunstâncias foram afortunadas, para mim como para Augusto; porque, se as coisas corressem diversamente, ter-lhe-ia sido impossível me procurar. Assim sendo, prosseguiu ele com confiança em seu desígnio. Já era contudo, quase o alvorecer do dia quando completou o segundo corte na tábua (cerca de trinta centímetros acima do primeiro), fazendo assim uma abertura bastante larga para permitir-lhe passar por ela até a principal ponte do porão. Chegado ali, abriu caminho, quase sem dificuldades, até a escotilha maior em baixo, embora ao fazê-lo tivesse de trepar sobre fileira de barris

de óleo empilhados quase até à altura do forro, mal lhe deixando espaço suficiente para o corpo. Depois de alcançar a escotilha descobriu que Tigre o seguira ali, insinuando-se por entre duas fileiras de barris. Era já, contudo, tarde demais para tentar alcançar-me antes que o dia rompesse, pois a principal dificuldade residia em passar pelo atulhado armazém para o porão inferior. Resolveu, portanto, voltar e esperar até a noite seguinte. Com essa intenção passou a alargar a escotilha, a fim de ter o mínimo de obstáculo possível quando pudesse vir de novo. Nem bem a alargara quando Tigre saltou ansiosamente para a pequena abertura farejou por um instante e soltou depois um longo gemido, ao mesmo tempo como se ávido de remover a cobertura com as patas. Não podia haver dúvida, dada sua conduta, de que se científicara de minha presença no porão e Augusto julgou possível que o cão fosse capaz de me encontrar, se ele o fizesse descer. Pensou então o expediente de enviar-me o bilhete, pois era particularmente desejável que eu não fizesse qualquer tentativa de forçar caminho para sair, pelo menos sob as circunstâncias vigentes, e ele não podia ter certeza de encontrar-se comigo no dia seguinte, como pretendia. Os fatos subsequentes demonstraram quão feliz fora a idéia que lhe ocorrera, porque, não fosse a recepção do bilhete, sem dúvida, teria eu empreendido qualquer plano, embora desesperado, para chamar a atenção da tripulação, e, em consequência, ambas as nossas vidas teriam sido sacrificadas.

Tendo-se decidido a escrever, a dificuldade residia agora em encontrar material para fazê-lo. Um palito velho foi logo transformado em pena, e isto somente pelo tato, pois o espaço entre os pavimentos estava escuro como breu. Bastante papel foi obtido desde uma carta, uma duplicata da carta que forjâramos, atribuindo-a ao Sr. Ross. Fora o rascunho original; mas a caligrafia não parecera suficientemente bem imitada e Augusto escrevera outra, colocando a primeira, por boa fortuna, no bolso do paletó, onde agora, era oportuníssimamente descoberta. Assim, apenas a tinta faltava e um substituto foi logo encontrado por meio de uma leve incisão com o canivete na ponta de um dedo, mesmo por cima da unha. Seguiu-se copioso jorro de sangue, como sucede nos ferimentos em tal região. Foi então escrito o bilhete, o melhor que podia ser, na escuridão e em tais circunstâncias. Resumidamente, explicava-se nele que irrompera um motim; que, o Capitão Barnard tinha sido abandonado num bote, em pleno mar, e que eu podia esperar imediato auxílio, tão logo se obtivessem as provisões, mas não devia aventurar-me a provocar qualquer alarme. O bilhete concluía com estas palavras: "*escrevi isto com sangue; sua vida depende de ficar encerrado*".

O pedaço de papel fora amarrado sobre o cão, introduzido pela escotilha e Augusto tratou de regressar às pressas para o castelo de proa, onde não achou motivos para crer que qualquer pessoa da tripulação tivesse estado em sua ausência. Para esconder o buraco no tabique, fincou o canivete bem por cima dele e ali pendurou uma jaqueta que encontrara no beliche. Recolocou depois as algemas, bem como a corda, em volta dos tornozelos.

Mal tais arranjos tinham sido terminados, Dirk Peters desceu, muito embriagado, mas de excelente humor, trazendo consigo a ração de provisões do dia para meu amigo. Consistia ela de doze grandes batatas irlandesas assadas e um cântaro de água. Sentou-se, por algum tempo, numa arca junto do beliche e falou livremente acerca do piloto e dos assuntos do brigue em geral. Sua conduta era demasiado esquisita e mesmo grotesca. A princípio, Augusto ficou muito alarmado com esse estranho procedimento. Por fim, contudo, ele subiu ao tombadilho, resmoneando a promessa de trazer a seu prisioneiro um bom jantar, no dia seguinte. Durante o dia dois homens da tripulação (arpoadores) desceram, acompanhados pelo cozinheiro, todos três quase no mais elevado grau de bebedeira. Como Peters, não tiveram escrúpulos em falar sem reservas sobre seus planos. Parece que estavam muito divididos entre si por causa de sua rota ulterior, não concordando em ponto algum, a não ser no ataque ao navio que vinha das ilhas de Cabo Verde e que esperavam encontrar a todo instante. Tanto quanto se podia depreender, o motim não rebentara somente por causa do saque; uma desavença particular entre o primeiro-piloto e o Capitão Barnard tinha sido o motivo principal. Agora parecia haver duas facções principais entre a tripulação: uma chefiada pelo piloto e a outra pelo cozinheiro. O primeiro partido opinava pelo

apresamento do primeiro navio conveniente que se apresentasse, equipando-o em alguma ilha das Índias Ocidentais para um cruzeiro de pirataria. A outra parte, contudo, que era a mais forte, e incluía Dick Peters entre seus partidários, inclinava-se pelo prosseguimento da rota originariamente traçada para o navio até o Pacífico Sul, e uma vez ali, pescar-se-iam baleias ou far-se-ia qualquer outra coisa que as circunstâncias pudessem sugerir. Os argumentos de Peters que freqüentemente visitara aquelas regiões, tinham grande peso na aparência, entre os amotinados, dado o fato de oscilarem entre semi-concebidas noções de lucro e de diversão. Ele insistia de aventura e prazer que se encontraria entre as ilhas do Pacífico, no gozo de perfeita segurança e liberdade sem quer restrição e, mais particularmente, na delícia do clima, nos abundantes meios de viver à farta e na voluptuosa beleza das mulheres. Nada fora ainda decidido, contudo; mas as descrições do híbrido comissário tornavam força nas ardentes imaginações dos marujos e havia todas as probabilidades de que suas intenções fossem finalmente levadas a efeito.

Os três homens subiram, cerca de uma hora depois e ninguém mais entrou no castelo de proa o dia inteiro. Augusto ficou quieto até à noite. Libertou-se então das cordas e dos ferros e preparou-se para sua tentativa. Em um dos beliches encontrou uma bilha que encheu com água do cântaro deixado por Peters, provendo os bolsos, ao mesmo tempo, de batatas frias. Com grande alegria conseguiu também encontrar uma lanterna com um pedacinho de vela de sebo. Poderia acendê-la a qualquer momento, pois possuía uma caixa de fósforos. Quando ficou completamente escuro enfiou-se pelo buraco do tabique, tendo tomado a precaução de arrumar as roupas de cama no beliche, de modo a darem a impressão de pessoa coberta. Atravessada a abertura, pendurou como antes a jaqueta no canivete, para esconder o buraco. Isso foi facilmente feito pois ele não tinha de reajustar o pedaço de madeira cortado enquanto não voltasse. Estava então na escotilha da ponte do porão e passou a caminhar, como antes, entre o ferro e os barris de óleo para a escotilha principal. Tendo-a alcançado, acendeu o pedaço de vela e desceu, escorregando, com extrema dificuldade entre a compacta trastaria do porão. Em poucos momentos ficou alarmado em face do insuportável mau cheiro e do abafamento da atmosfera. Não podia considerar possível que eu tivesse sobrevivido ao meu encerramento por período tão longo, respirando um ar tão opressivo. Chamou-me pelo nome repetidamente, mas não lhe dei resposta e suas apreensões pareceram assim ser confirmadas. O brigue jogava violentamente e, em consequência, havia muito barulho, o que tornava inútil tentar ouvir qualquer som fraco, como os de respirar ou ressonar. Abriu a lanterna e conservou-a tão alta quanto possível, a fim de que, em qualquer oportunidade, eu pudesse, se ainda vivo, pela observação da luz, saber que o socorro se aproximava. Nada, entretanto, ouviu de mim e a suposição de minha morte passou a assumir o caráter de certeza. Decidiu-se, não obstante a forçar a passagem até o caixote, se possível, e pelo menos certificar-se, sem sombra de dúvida, da verdade de suas hipóteses. Esforçou-se para diante por algum tempo, no mais lastimável estado de ansiedade, até que por fim encontrou o caminho completamente bloqueado, não havendo mais possibilidade de prosseguir mais para a frente pelo caminho em que se enfiara. Subjugado por seus sentimentos, atirou-se então, desesperado, entre a trastaria, chorando como uma criança. Foi nessa ocasião que ouviu o ruído ocasionado pela garrafa que eu atirara fora. Afortunado em verdade foi esse incidente, pois dele, por mais trivial que pareça; dependeu o fio de meu destino. Muitos anos, todavia, defluíram sem que eu soubesse de tal fato. Uma natural vergonha e o pesar por sua fraqueza e indecisão impediram Augusto de me confidenciar, naquele tempo, o que só depois a intimidade profunda e sem reservas o induziu a revelar-me. Depois de verificar que seus futuros avanços pelo porão eram impedidos por obstáculos que não podia superar, resolveu abandonar sua tentativa de procurar-me e voltar logo para o castelo de proa. Antes de condená-lo completamente por essa resolução, as angustiosas circunstâncias que o enredavam devem ser consideradas. A noite se ia escoando e sua ausência do castelo de proa podia ser descoberta; e, na verdade, tal coisa sucederia fatalmente se ele deixasse de regressar ao beliche antes do raiar do dia. Sua vela morria no castiçal, e só com a maior dificuldade poderia reencontrar o caminho nas trevas. Deve-se também convir em que ele tinha todas as melhores razões para me considerar morto; caso em que nenhum

benefício lhe adviria de procurar-me no caixote e um mundo de perigos haveria para ele, sem nenhuma vantagem. Chamara repetidamente e eu não respondera. Fazia agora onze dias e onze noites não possuía mais água do que a contida na bilha que ele me deixara, suprimento que não era, em absoluto, provável haver poupado ao início de meu encerramento, visto como tinha todas as razões para esperar rápida libertação. A atmosfera do porão devia ter-lhe aparecido, pois vinha do ar de certo modo livre da antecâmara, de natureza completamente venenosa e muito mais intolerável do que me parecera ao tomar pela primeira vez lugar no caixote pois naquele tempo e durante os meses anteriores a escotilha tinha sido mantida constantemente aberta. Ajuntem-se a estas considerações as cenas de sangueira e terror tão recentemente testemunhadas por meu amigo; seu aprisionamento, suas privações, suas escapadas da morte por um triz, bem como a frágil e equívoca possibilidade de vida, circunstâncias estas todas muito bem calculadas para prostrarem todas as energias do espírito, e o leitor será facilmente levado, como eu, a considerar sua aparente falta de amizade e de lealdade antes com sentimentos de tristeza e de cólera.

O espatifar-se da garrafa fora distintamente ouvida; Augusto porém, não estava certo de que procedesse do porão. Só a dúvida entretanto, era suficiente estímulo para que perseverasse. Trepou até perto do soalho da ponte no porão, valendo-se da trastaria, e depois, aguardando uma pausa nos pinchos do barco, chamou-me no tom mais alto que lhe foi possível, sem, na ocasião, cuidar de que o ouvissem os da equipagem. Recorde-se que nessa ocasião a voz dele chegou a mim, mas estava tão completamente subjugado por violenta excitação que fui incapaz de responder. Crendo agora que suas piores apreensões eram bem fundamentadas, ele desceu a fim de regressar ao castelo de proa, sem perda de tempo, na pressa, caíram algumas caixinhas, barulho que eu ouvi como se recordam. Já avançara ele muito, no seu regresso, quando a queda do facão de novo o levou a hesitar. Voltou sobre seus passos imediatamente e, trepando pela trastaria pela segunda vez, pelo nome, alto como dantes, depois de esperar por uma pausa. Desta vez, encontrei voz para responder. No auge do contentamento por descobrir-me ainda com vida, resolveu então afrontar todas as dificuldades e perigos para procurar-me. Desvencilhando-se rapidamente como foi possível do labirinto de trastes que o cercava, deu afinal com uma abertura que lhe pareceu melhor, e finalmente, depois de uma série de lutas, chegou ao caixote num estado de extrema exaustão.

CAPÍTULO VI

OS PRINCIPAIS pormenores dessa narrativa foram os que Augusto me comunicou, enquanto permanecemos perto do caixote. Só mais tarde entrou ele completamente em todos os detalhes. Estava apreensivo, temendo perder-se, e eu ardia de impaciência por deixar o detestado lugar de minha prisão. Resolvemos seguir imediatamente até o buraco no tabique, perto do qual eu ficaria por enquanto, saindo ele para fazer um reconhecimento. Deixar Tigre no caixote era coisa em que nenhum dos dois podia sequer pensar, contudo a questão estava em como retirá-lo sem perigo. Ele parecia estar perfeitamente calmo, e nem mesmo pudemos perceber o som de sua respiração ao aplicar os ouvidos bem junto do caixote. Eu me convencera de que ele estava morto e resolvi abrir a porta. Encontramo-lo deitado de comprido, aparentemente em profundo torpor, mas vivo ainda. Não havia tempo a perder, embora não me resignasse a abandonar um animal que, por duas vezes tinha sido o instrumento de salvação de minha vida, sem qualquer tentativa de salvá-lo. Por conseguinte, arrastamo-lo conosco o melhor que pudemos, apesar de imensas dificuldades e fadigas. Durante parte do tempo, Augusto foi forçado a subir sobre os obstáculos de nosso caminho, com o enorme cão nos braços, façanha para a qual me tornava totalmente inadequado a fragilidade de meu estado. Afinal conseguimos alcançar a abertura; Augusto introduziu-se nela e Tigre foi depois empurrado por ali. Tudo se completara a salvo e não nos esquecemos de render sinceras graças a Deus pela nossa libertação do iminente perigo de que havíamos escapado. Provisoriamente, concordamos em que eu deveria permanecer perto da abertura através da qual meu companheiro facilmente me podia suprir com uma parte de sua provisão diária e onde eu poderia ter a vantagem de respirar uma atmosfera relativamente pura.

Na explanação de algumas partes desta narrativa, tenho falado da trastaria armazenada no brigue, o que pode parecer ambíguo a muitos de meus leitores que poderiam imaginar uma armazenagem bem feita ou regular. Devo frisar aqui que a maneira pela qual esse importantíssimo dever se efetuara a bordo do *Grampus* deu mostras da mais vergonhosa negligência por parte do Capitão Barnard que de modo algum era marinheiro tão cuidadoso ou experimentado a como necessariamente o requeria a perigosa natureza do serviço em que se empregava. Uma armazenagem bem feita não podia ser efetuada de modo descuidado, e muitos dos desastrosos acidentes, mesmo dentro dos limites de minha própria existência, se originam da negligência ou da ignorância nesse particular. Navios costeiros, na freqüente confusão e correria, à espera de carga e de descarga, são os mais expostos a desastres pela falta da atenção requerida pela armazenagem. O ponto principal consiste em não dar à carga ou lastro qualquer possibilidade de mudar de posição, mesmo com as mais violentas oscilações do navio. Para esse fim, deve-se prestar a maior atenção não só à massa dos volumes recebidos, mas à natureza desses volumes, de ser a carga total ou somente parcial. Em muitas espécies de frete o armazenamento se efetua por meio de compressão. Assim num carregamento de fumo ou farinha de trigo, tudo se comprime tão apertadamente no porão do barco que os fardos e tonéis depois da descarga, se acham completamente achatados e levam tempo a recuperar a forma original. Essa compressão, contudo destina-se principalmente a obter mais espaço no porão, porque uma carga *completa* de quaisquer produtos, como farinha de trigo ou fumo, não pode haver perigo de mudança de lugar ou, pelo menos de que inconvenientes resultem daí. Têm havido oportunidades, todavia, em que esse método de compressão redundou nas mais lamentáveis consequências, originadas de causa completamente diversas do perigo que reside na alteração da posição da carga. Um carregamento de algodão, por exemplo, apertadamente comprimido, pode em certas condições, como se sabe, pela expansão de seu volume, por um barco a pique. Não pode haver dúvida de que também o mesmo resultado se obteria, no caso do fumo, sob seu processo usual de fermentação, caso não houvesse os interstícios consequentes da rotundidade dos tonéis.

É quando se toma um carregamento parcial que o perigo de alteração de posição se torna maior e todas as providências se devem tomar para evitar semelhante infortúnio. Só os que encontram uma

violenta borrasca de vento ou os que já experimentaram a oscilação de um navio na súbita calma após a tempestade podem formar idéias da tremenda força com que o barco joga e do ímpeto terrível conseqüentemente dado a todos os objetos que nele se encontram. É então que a necessidade de um armazenamento cuidadoso, quando a carga é parcial, se torna óbvia. Quanto à vela (especialmente com uma pequena vela de proa) um navio que não seja modelado com propriedade na proa é frequentemente arremessado sobre a popa; isso ocorre mesmo de quinze a vinte minutos depois de uma avaria, embora sem que daí resultem sérias conseqüências, *desde que haja uma armazenagem bem feita*. Se, contudo, não se cuidou da mesma estritamente, no primeiro desses fortes pinchos toda a carga tomba sobre o lado do brigue que se acha mergulhado e, impedido assim de recobrar seu equilíbrio como deveria necessariamente fazer, o barco faz água, por certo, em poucos instantes e soçobra. Não é demais dizer que pelo em metade das vezes em que se afundaram navios em fortes tempestades no mar pode a causa ser atribuída à mudança de lugar da carga ou do lastro.

Quando uma carga parcial de qualquer espécie se toma à bordo, o conjunto, depois de armazenado o mais compactamente possível, deve ser coberto com uma camada de grossas tábuas corrediças, estendendo-se completamente através do navio. Sobre estas tábuas, fortes pontaletes provisórios devem ser levantados, de modo a alcançarem os vigamentos ao alto, mantendo assim todo o seu lugar. Nas cargas que consistem de grãos, ou de outro material semelhante, precauções adicionais são requeridas. Um porão completamente cheio de grãos ao deixar o porto estará apenas cheio em três quartas partes de sua capacidade ao alcançar o porto de destino; e isso embora o carregamento, quando medido quartilho a quartilho pelo consignatário, ultrapasse grandemente (dado o entumescimento dos grãos) a quantidade consignada. Esse resultado decorre do *assentamento* verificado durante a viagem e mais se torna perceptível em relação à maior aspereza do tempo encontrado. Se, pois, o grão posto solto num navio não for segurado por pranchas e pontaletes, certamente corre perigo de mudar tanto de posição, numa longa travessia, que produzirá as mais terríveis calamidades. A fim de evitá-lo, todos os métodos de *assentar* a carga o máximo possível devem ser empregados antes de sair do porto, e para isso há muitos processos, entre os quais pode ser mencionado o de introduzir cunhas entre o grão. Mesmo depois que tudo isso se fez e cuidados inusitados se tomaram assegurar as pranchas, nenhum marinheiro que entenda do riscado se sentirá completamente seguro com uma carga de grão a bordo, e menos ainda, com uma carga parcial. Há, contudo, centenas de nossos navios de cabotagem e, semelhantemente, muitos mais de linha transatlântica, que todos os dias viajam com cargas parciais, mesmo das mais perigosas espécies, sem qualquer precaução especial. É de admirar que não ocorram mais acidentes do que os de costume. Uma lamentável prova dessa negligência ocorreu, como sei, do Capitão Joel Rice, da escuna *Firefly*, que viajava de Richmond na Virgínia, para a Madeira, com uma carga de cereais no ano de 1825. O capitão fizera diversas viagens sem sérios acidentes embora não tivesse o hábito de dar a menor atenção ao armazenamento, além de segurá-lo como de costume. Nunca navegara antes com uma carga de grão e nessa ocasião tomara os cereais soltos a bordo, não enchendo mais que metade da capacidade do navio. Na primeira parte de sua viagem encontrou apenas leves brisas; mas, quando estava a um dia de viagem da Madeira, veio-lhe de norte-nordeste forte tormenta que o forçou a soltar uma vela só. Atirou a escuna contra o vento, com apenas uma vela do raquete em duplos rizes, correndo ela tão bem como se poderia esperar de qualquer navio, sem receber uma só gota de água. Para a noite a tormenta se abrandou um pouco e a escuna jogou com mais insegurança do que antes, mas ainda se portou muito bem, um forte pincho a atirou sobre a popa, a estibordo. Ouviu-se então que os cereais mudavam completamente de posição, e a força do movimento arrebatou a escotilha maior, abrindo-a. O navio afundou-se com a rapidez de um relâmpago. Isso aconteceu à vista de uma pequena chalupa da Madeira, que recolheu um dos da tripulação (o único que se salvou) e que saiu da tempestade em perfeita segurança, como até um escaler poderia ter feito, se perfeitamente dirigido.

A armazenagem a bordo do *Grampus* fora feita à matroca, se é que se pode chamar armazenagem

ao que pouco mais era do que uma promíscua mistura de barris de óleo [\[1\]](#) e trastaria de bordo. Já falei das condições da mercadoria no porão. Na ponte do porão havia espaço suficiente para meu corpo (como já disse) entre os barris de óleo e o forro; deixara-se um espaço vago em torno da escotilha principal; e diversos outros espaços se encontravam entre o armazenamento. Perto da abertura feita por Augusto no tabique, havia lugar suficiente para um tonel inteiro e nesse espaço achei-me confortavelmente instalado por então.

Nesse tempo, meu amigo se introduzira a salvo no beliche e recolocara as algemas e a corda; já alvorecera o dia. Escapáramos, na verdade, por um triz, pois mal se havia ele arrumado desceu o piloto, com Dirk Peters e o cozinheiro. Falaram por algum tempo acerca do navio que vinha de Cabo Verde, mostrando-se ansiosos por seu aparecimento. Afinal, o cozinheiro foi até o beliche em que Augusto estava deitado e sentou-se nele, junto à cabeceira. De meu esconderijo eu podia ver e ouvir tudo, pois o pedaço cortado não fora recolocado e a cada momento eu esperava que o negro caísse sobre a jaqueta que pendia encobrendo a abertura; nesse caso, tudo teria sido descoberto e nossas vidas, sem dúvida, seriam imediatamente sacrificadas. Prevaleceu, contudo, nossa boa estrela; e embora ele freqüentemente tocasse a jaqueta enquanto o navio jogava, não chegou a fazer contra ela pressão suficiente para levá-lo a uma descoberta. O forro da jaqueta tinha sido cuidadosamente espichado sobre o tabique, de modo que o buraco não podia ser visto quando ela balançava para um lado. Durante esse tempo Tigre permanecia deitado aos pés do beliche e parecia de algum modo recuperado suas faculdades, pois pude vê-lo, às vezes, abrir os olhos e exalar um sopro prolongado.

Poucos minutos depois o piloto e o cozinheiro subiram, deixando embaixo Dirk Peters, que, logo à saída deles, sentou-se no lugar que até então o piloto ocupara. Começou a falar muito cordialmente com Augusto e pudemos então verificar que a maior parte de sua embriaguez, patente enquanto os outros estavam com ele, era fingida. Respondeu, com inteira liberdade, a todas as perguntas de meu companheiro; falou-lhe que não havia dúvida de que seu pai tinha sido salvo, pois nada menos de cinco navios estavam à vista, mesmo antes do findar do dia em que ele fora posto a flutuar num bote; e usou outras palavras de índole consoladora que me causaram não menos surpresa do que prazer. Na verdade comecei a entreter a esperança de que poderíamos, por meio de Peters chegar a retomar posse do brigue. Mencionei essa idéia a Augusto, logo que encontrei uma oportunidade. Ele achou a coisa possível, mas insistiu sobre a necessidade da máxima cautela ao fazermos tal tentativa, pois a conduta do mestiço parecia ser apenas instigada pelo mais arbitrário dos caprichos; e, em realidade, era difícil dizer-se, em algum momento, se ele se achava bom da cabeça. Peters subiu ao tombadilho uma hora depois e só voltou ao meio-dia, quando trouxe a Augusto um suprimento de carne-seca e pudim. Partilhei deles, com todo o coração quando ficamos sós, sem voltar pelo buraco. Ninguém mais desceu ao castelo de proa durante o dia, e à noite enfiei-me no beliche de Augusto, onde dormi profunda e docemente até quase aurora, quando ele me despertou, por ouvir ruído sobre o tombadilho, e regressei a meu esconderijo o mais depressa possível. Quando o dia já avançava, verificamos que Tigre já recuperava inteiramente suas forças e não dava sinais de hidrofobia, bebendo com evidente avidez um pouco de água que lhe oferecemos. Durante o decurso do dia recuperou seu antigo vigor e apetite. Sua estranha conduta se originara, sem dúvida, do ar deletério que se respirava no porão e não tinha relações com a raiva canina. Eu não podia alegrar-me quanto bastasse por tê-lo trazido comigo do caixote. Estávamos no dia 30 de junho, o décimo-terceiro desde que o *Grampus* zarpara de Nantucket.

A 2 de julho o piloto desceu, bêbedo como de costume e excessivamente bem-humorado. Foi ao beliche de Augusto e perguntou-lhe dando-lhe uma tapinha nas costas, se pensava que se podia comportar, caso o deixassem solto, e se prometia não ir a cabine de novo. Naturalmente, meu amigo respondeu a isso pela afirmativa, e então, o rufião o pôs em liberdade, depois de fazer com que bebesse de um frasco de rum que tirou do bolso do paletó. Ambos foram, então, ao tombadilho e não vi Augusto

durante três horas. Depois, ele desceu, com a boa-nova de que lhe fora dada permissão de para andar por onde quisesse pelo brigue, do mastro principal para a frente, e que lhe mandaram que dormisse, como de costume, no castelo de proa. Trouxe-me, também, um bom jantar e um suprimento completo de água. O brigue ainda cruzava à procura do navio vindo de Cabo Verde e havia à vista uma vela se julgava ser o barco. Como os acontecimentos dos seguintes oito dias foram de pequena importância e não influíram diretamente sobre os principais incidentes de minha narrativa, narrá-los-ei aqui em forma de diário, pois não desejo omiti-los completamente.

Julho, 3. Augusto forneceu-me três cobertores, com os quais armei uma cama confortável em meu esconderijo. Ninguém desceu, exceto meu companheiro, durante o dia. Tigre colocou-se junto ao beliche, mesmo ao lado da abertura, e dormiu pesadamente, como se ainda não se tivesse recobrado de todos os efeitos de sua enfermidade. Para a noite, um pé-de-vento bateu contra o navio, antes que pudessem capar as velas, e quase que o fez soçobrar. A rajada contudo, morreu imediatamente e não causou prejuízo maior do que despedaçar a mezena de proa. Dirk Peters tratou Augusto, durante todo esse dia, com grande bondade, e entreteve longa conversa com ele a respeito do oceano Pacífico e das ilhas que visitara naquela região. Perguntou-lhe se não gostaria de seguir os amotinados numa espécie de viagem de exploração e recreio por aqueles recantos, e disse que os marinheiros se iam gradualmente se convertendo às idéias do piloto. Augusto julgou melhor responder a isso que se sentiria satisfeito em participar de tal aventura desde que não se podia fazer coisa melhor, e que tudo era preferível a uma vida de pirataria.

Julho, 4. Verificou-se que o navio à vista era um pequeno brigue vindo de Liverpool e deixaram-no passar sem ser molestado. Augusto passou a maior parte do tempo no tombadilho, a fim de obter todas as informações possíveis acerca das intenções dos amotinados. Tinham frequentes e violentas brigas entre si, em uma das quais um arpoador, Jim Bonner, fora atirado ao mar. O partido do piloto ganhava terreno. Jim Bonner pertencia ao grupo do cozinheiro de que Peters era partidário.

Julho, 5. Ao amanhecer, uma brisa forte veio do oeste, intensificando-se ao meio-dia numa tormenta, de modo que o brigue apenas podia levar as velas de baixel e de traquete. Ao colher o topete do traquete, Simms, um dos marujos que também pertencia ao grupo do cozinheiro, caiu ao mar, pois estava muito embriagado, e afogou-se, sem que se fizesse qualquer tentativa para salvá-lo. O número total das pessoas a bordo era agora de treze, a saber: Dick Peters, Seymour (o cozinheiro negro), Jones, Greely, Hartman Rogers e William Allen, todos do bando do cozinheiro; o piloto, — cujo nome nunca soube —, Absalão Hicks, Wilson, João Hunt, e Ricardo Parker, do partido do piloto, além de Augusto, e de mim.

Julho, 6. A tormenta durou todo este dia, soprando em pesados pés-de-vento acompanhados de chuva. O brigue tomou boa quantidade de água por entre as suturas e uma das bombas foi conservada continuamente em serviço, sendo Augusto forçado a fazer seu turno. No crepúsculo, um grande navio passou perto de nós, só tendo sido descoberto quando já dentro de alcance. Supõe-se que o navio fosse aquele que os amotinados esperavam. O piloto falou-lhe, mas a resposta se afogou no rugir da tempestade. Às onze horas, bateu de encontro ao meio do navio uma onda que arrancou a maior parte da amurada de bombordo e produziu outras pequenas avarias. Para o amanhecer, o tempo moderou-se, e ao nascer do sol havia pouco vento.

Julho, 7. Singrando enormes ondas, durante todo o dia, o brigue, muito leve, jogava excessivamente, e muitos artigos soltos, se despedaçaram no porão, como eu podia claramente ouvir de meu esconderijo. Sofri bastante de enjôo. Peters teve uma longa conversa com Augusto e falou-lhe que dois do bando, tinham-se virado para o do piloto e resolvido tornar-se piratas. Fez diversas perguntas a Augusto, que este, no momento, não compreendeu perfeitamente. Durante uma parte da tarde aumentou o rombo no navio; pouco se podia fazer para remediá-lo, pois fora ocasionado pelos esforços do brigue e pela água introduzida através das suturas. Desfiou-se uma vela, que foi colocada sob a proa, o que nos

ajudou de algum modo, pois então começamos a vencer o rombo.

Julho, 8. Uma leve brisa ergueu-se, ao nascer do sol do leste, e o piloto dirigiu o brigue para sudoeste, com a intenção de atingir alguma ilha das Índias Ocidentais para efetuar seus desígnios de pirataria. Nenhuma oposição foi feita por Peters ou pelo cozinheiro, pelo menos nenhuma que chegasse aos ouvidos de Augusto. Toda idéia de assaltar o navio vindo de Cabo Verde fora abandonada. O rombo era agora facilmente dominado com o serviço de uma bomba trabalhando de três em três quartos de hora, retirou-se a vela de sob a proa. Falamos durante o dia a duas pequenas escunas.

Julho, 9. Belo tempo. Todos os homens empregados em reparar as amuradas. Peters teve, de novo, longa conversação com Augusto e falou mais explicitamente do que havia feito até então. Disse que nada poderia induzi-lo a aderir à opinião do piloto e demonstrou mesmo a intenção de arrancar-lhe o brigue das mãos e perguntou a meu amigo se podia contar com sua ajuda em tal caso, ao que Augusto, sem hesitar, respondeu afirmativamente. Peters disse então que iria sondar os outros de seu bando sobre o assunto, e subiu. Durante o resto do dia, Augusto não teve oportunidade de falar-lhe em particular.

CAPÍTULO VII

DEZ DE JULHO. Falamos a um brigue que vinha do Rio com rumo a Norfolk. Tempo nebuloso, com leve brisa soprando do leste. Hoje, Hartman Rogers morreu, pois desde o dia oito vinha sendo vítima de espasmos, depois de beber um copo de aguardente. Era ele do partido do cozinheiro e um dos que mereciam a principal confiança de Peters. Este disse a Augusto que acreditava ter sido o homem envenenado pelo piloto, acreditando que, se não ficasse de sobreaviso, a sua vez chegaria depressa. Só ele agora, Jones e o cozinheiro pertenciam ao grupo deste; do outro lado, eram cinco. Peters falara a Jones acerca de arrebatou o comando do piloto; mas, como o projeto fora muito friamente recebido, ele evitou levar o assunto longe, bem como dizer qualquer coisa ao cozinheiro. E, de fato, andou bem em mostrar-se tão prudente, pois, na tarde seguinte o cozinheiro expressou sua resolução de bandear-se para o piloto, ingressando efetivamente no partido daquele; de outro lado, aproveitou uma oportunidade de brigar com Peters e ameaçou fazer o piloto ciente do plano em elaboração. Não havia mais, evidentemente, tempo a perder. Peters manifestou sua decisão de tentar tomar o navio, custasse o que custasse, contanto que Augusto fosse em sua ajuda. Meu amigo imediatamente garantiu-lhe sua resolução de participar de qualquer plano para esse fim e, julgando a oportunidade favorável, revelou-lhe o fato de estar eu a bordo. Com isso, o mestiço ficou tão surpreendido como deleitado, pois não tinha qualquer confiança em Jones, que já considerava como pertencendo ao partido do piloto. Desceram imediatamente e Augusto chamou-me pelo nome e logo travamos conhecimento, eu e Peters. Combinamos que tentaríamos tomar o navio na primeira oportunidade, deixando Jones completamente fora de nossas confabulações. Em caso de vencermos, conduziríamos o brigue ao primeiro porto que aparecesse e o deixaríamos. A deserção dos de seu partido frustrara os desejos de Peters de ir ao Pacífico, aventura que não podia ser realizada sem tripulação. Ele confiava em ser libertado num processo, sob alegação de insanidade mental (a qual afirmou solenemente tê-lo levado a auxiliar o motim), ou em ser perdoado, se o considerassem culpado, em vista das representações em seu favor feitas por mim e Augusto. Nossas deliberações foram então interrompidas pelos gritos de "Todos ferrem as velas", e Peters e Augusto subiram ao tombadilho.

Como de hábito, quase toda a tripulação estava embriagada; e, antes que as velas pudessem ser convenientemente ferradas, violento vagalhão levantou o brigue de popa. Conservando-se para a frente porém, o barco, reergueu-se, tendo feito boa quantidade de água. Mal fora arranjado, outro vagalhão arrebatou o navio, e outro, sem danos, porém. Havia todas as aparências de uma tempestade de vento, que, na verdade, caiu rapidamente, com enorme fúria, vinda do norte e do oeste. Tudo foi acomodado como possível, e ferramos as velas como de costume, ficamos apenas com uma vela traquete inteiramente nos rizes. À medida que a noite avançava incrementava-se a violência do vento e o mar se tornava notavelmente agitado. Peters desceu depois com Augusto, ao castelo de proa e recomeçamos as deliberações.

Concordamos em que nenhuma oportunidade poderia ser mais favorável do que aquela para levar a efeito nosso desígnio, pois uma tentativa em momento tal nunca poderia ser prevista. Como o brigue estava seguramente com as velas ferradas, não havia necessidade de manobrá-lo até que voltasse o bom tempo, ocasião em que, se bem sucedidos em nosso projeto, poderíamos libertar um ou mesmo dois homens para ajudar-nos a conduzi-lo a um porto. A principal dificuldade estava na grande desproporção de nossas forças. Éramos apenas três e na cabine havia nove. Todas as armas a bordo também estavam em poder deles, com exceção de duas pequenas pistolas que Peters escondera consigo e a grande faca de marinheiro que ele sempre usava no cinturão de suas calças. Igualmente, e por certas indicações (como, por exemplo, a de não se encontrar nos lugares do costume nenhum machado ou espeque), começamos a temer que o piloto tivesse suas suspeitas, pelo menos em relação a Peters, e que não deixaria passar oportunidade de desembaraçar-se dele. Era claro, de fato, que não poderia ser feito tarde demais o que

hávamos decidido fazer. Com tudo, a disparidade era muito contra nós e não nos permitia agir sem a maior cautela.

Peters propôs que subiria ao tombadilho e entraria em conversação com Allen, o vigia, até que fosse capaz de sem distúrbio e sem qualquer trabalho, aproveitando-se duma boa ocasião, Augusto e eu deveríamos então subir e tentar armar-nos no tombadilho com qualquer espécie de coisas que pudesse servir de armas; depois faríamos juntos uma sortida para o passadiço a fim de dominá-lo antes que se pudesse oferecer oposição. Declarei-me contra isso, pois não podia crer que o piloto (que era um sujeito astuto em tudo quanto não se relacionasse com seus preconceitos supersticiosos) se deixasse cair em tão fácil armadilha. O próprio fato de haver um vigia no tombadilho era prova suficiente de que ele estava alerta, pois não era costume, a não ser em navios onde a disciplina se mantém rigidamente, vigia no tombadilho quando o barco está de velas ferradas numa tempestade de vento. Como me dirijo, principalmente, senão inteiramente, a pessoas que nunca viram o mar, julgo de bom aviso definir a exata situação de um navio em tais circunstâncias. Ferrar as velas é uma medida adotada para vários fins e efetuada de diversas maneiras. Em tempo moderado, é ela tomada frequentemente com finalidade de apenas levar o navio a uma parada, para esperar por outro barco ou qualquer motivo similar. Se o navio que ferra as velas está com as mesmas soltas, a manobra se realiza habitualmente colhendo certa porção das velas, de modo a que o vento as tome por detrás, fazendo então o navio estacionar. Falamos porém, de ferrar as velas numa tempestade. Isto se faz quando o vento está pela frente e é demasiado violento para permitir colher as velas sem perigo de naufragar e, às vezes, mesmo quando o vento é bom mas o mar está tão agitado que o navio não poderá afrontá-lo. Se um navio corre de vento em popa num mar muito agitado, muitos danos usualmente ocorrem pelo recebimento de água sobre a proa e, muitas vezes, pelos violentos mergulhos que dá para diante. Em tais casos, raramente se recorre àquela manobra, a não ser em caso de necessidade. Quando o navio está com um rombo, é muitas vezes posto a correr com o vento, ainda que o mar esteja agitadíssimo, pois, ferrando as velas, é quase certo que o rombo seja ampliado grandemente pelo seu violento esforço, o que não acontece tanto com vento pela popa. Muitas vezes também torna-se necessário correr com o vento ou quando a rajada é tão furiosa que despedaçaria um navio se a enfrentasse, ou quando, pelo defeituoso modelamento da estrutura ou qualquer outra coisa, aquela simples manobra não pode ser efetuada.

Numa tempestade de vento, os navios têm velas ferradas de diferentes maneiras, de acordo com sua construção peculiar. Alguns ferram as velas ficando com a do traquete, que é, creio eu, a mais comumente empregada para tal fim. Os aparelhados com velas duplas têm velas para esse expresso fim, chamadas velas de estai de tormentas. Mas, ocasionalmente, se emprega a bujarrona, por vezes a de bujarrona e a de traquete, ou uma vela de traquete em duplos rizes, e não raro também se usam as velas de popa. As velas do topete do traquete muitas vezes servem melhor a esse propósito do que quaisquer outras. O *Grampus*, ao ferrar as velas, mantinha sempre uma vela de traquete inteiramente nos rizes.

Quando o navio ferra as velas, sua proa é levada contra o vento até quase encher a vela com que se mantém, tornando-a para trás, isso é, trazida diagonalmente através do navio. Feito isto, a proa aponta numa direção de poucos graus dentro da de onde o vento sopra e o lado de barlavento recebe naturalmente o choque das vagas. Nessa situação, um bom navio se sairá de uma pesada tempestade sem receber uma gota de água e sem que se necessite maior atenção por parte da tripulação. O leme é costumeiramente amarrado, mas isto é quase desnecessário (a não ser por causa do barulho que ele faz quando solto), pois não tem efeito quando o navio está com as velas ferradas. Na verdade, é preferível deixá-lo solto a amarrá-lo frouxamente, pois o leme pode ser despedaçado por mares agitados, se não houver espaço para o movimento do timão. Enquanto a vela suportar, um barco bem modelado manterá sua situação, atravessará qualquer mar, como se dotado de instinto, vida, e razão. Se, contudo, a violência da rajada puder despedaçar a vela, (fato que para efetivar-se, em circunstâncias ordinárias, requer nada menos do que um furacão), há então perigo iminente. O navio se desvia do vento e, dando o

costado ao mar, fica inteiramente à sua mercê; o único recurso, neste caso, é colocá-lo calmamente a favor do vento, deixando-o correr de vento em popa, até que outra vela possa ser levantada. Alguns navios ferram todas as velas, mas não podem ser de confiança no mar.

Regressemos, porém, dessa digressão. Nunca fora costume do piloto ter vigia algum no tombadilho quando com as velas ferradas e o fato de que então houvesse um, acrescentado à circunstância do desaparecimento de machados e espeques, plenamente nos convenceu de que a tripulação estava demasiado alerta para ser tomada de surpresa da maneira sugerida por Peters. Algo, contudo devia ser feito, e com o mínimo atraso possível, pois não havia dúvidas de que, levantada uma vez a suspeita contra Peters, ele seria sacrificado na ocasião mais próxima, e uma certamente se encontraria ou forjaria, depois de amainada a tempestade.

Augusto sugeriu que se Peters conseguisse remover, sobre qualquer pretexto, o pedaço de corrente que estava sobre o alçapão no camarote, poderíamos possivelmente cair sobre eles, sem que o percebessem, através do porão. Mas uma pequena reflexão convenceu-nos de que o navio jogava e oscilava violentamente para permitir qualquer tentativa dessa natureza.

Por boa sorte, afinal, cheguei à idéia de explorar os temores supersticiosos e a consciência criminosa do piloto. Devem-se lembrar que um dos da tripulação, Hartman Rogers, morrera pela manhã depois de haver sofrido de espasmos durante dois dias após haver tomado alguma bebida alcoólica e água. Peters manifestara-nos sua opinião de que aquele homem tinha sido envenenado pelo piloto e tinha, para crê-lo, razões que disse inquestionáveis, mas que não nos quis explicar, recusa estranha só relacionada com outros pontos de seu caráter singular. Mas tivesse ele ou não melhores motivos do que nós para suspeitar do piloto, facilmente concordamos com sua suspeita e decidimos agir de acordo com ele.

Rogers morrera cerca das onze da manhã, entre violentas convulsões, e o cadáver apresentava, poucos minutos depois do falecimento, um dos mais horríveis e pavorosos espetáculos que jamais vi, ao que me lembro. Seu estômago inchava imensamente como o de um homem que, afogando-se, tivesse permanecido na água por várias semanas. As mãos estavam na mesma situação ao passo que a face estava cavada, enrugada, de brancura de cal menos onde se levantaram duas ou três intumescências vermelhas, como as causadas pela erisipela. Uma dessa intumescências estendia-se diagonalmente pela face, cobrindo um dos olhos como se fosse uma faixa de veludo vermelho. Nessa repelente aparência, o corpo, ao meio-dia, fora trazido da cabine para ser atirado ao mar, quando, dando-lhe uma olhadela, o piloto, (que só então o via pela primeira vez), perturbado pelo remorso de seu crime, ou tomado de terror ante tão horrível espetáculo ordenou que os homens costurassem o corpo num saco e efetuasse os ritos costumeiros dos funerais marítimos. Depois de dar essas ordens desceu, como para evitar qualquer ulterior olhar à sua quanto se faziam os preparativos para obedecer a essas determinações, caiu a tempestade, com grande fúria, e foi, por enquanto, abandonada a decisão de efetivá-las. Deixado a si mesmo, o cadáver fora arrastado pela água até as vazaduras de bombordo, onde ainda permanecia na ocasião de que falo, flutuando de um lado para outro, impelido pelo jogar violento do brigue.

Tendo combinado nosso plano, decidimos pô-lo em execução o mais rapidamente possível. Peters subiu ao tombadilho e, como previra foi imediatamente abordado por Allen, que parecia ter sido destacado mais para vigiar o castelo de proa do que para outra coisa. O destino desse vilão, porém, foi veloz e silenciosamente decidido, pois Peters, aproximando-se dele, descuidosamente, como se dirigisse a palavra, agarrou-o pela garganta, e, antes que o homem pudesse emitir um só grito, atirou-o pelas amuradas ao mar. Chamou-nos depois, e subimos. Nossa primeira preocupação foi procurar em volta, alguma coisa com que pudéssemos armar-nos e, ao fazê-lo, devíamos proceder com o máximo cuidado, pois era impossível ficar de pé no tombadilho sem agarrar-nos a qualquer coisa, visto como violentas ondas batiam de encontro ao navio, a cada impulso que ele dava para a frente. Era indispensável também que fôssemos rápidos em nosso empreendimento, pois a cada minuto esperávamos que o piloto chamasse

os homens para as bombas, que era evidente estar o brigue fazendo muita água. Depois de pesquisar em volta, por algum tempo, nada achamos de mais próprio para nosso intento do que duas bombas de mão, ficando Augusto com uma e eu com a outra. Depois de nos apossarmos delas despimos o cadáver, e atiramos o corpo ao mar. Peters e eu descemos em seguida, deixando Augusto de vigia no tombadilho, onde ele se colocou, no mesmo lugar que Allen ocupara, de costas a escada do camarote, de modo que se alguém da quadrilha do piloto subisse supusesse que se tratava do vigia primitivo.

Logo que desci, comecei a disfarçar-me, de modo a representar o cadáver de Rogers. A roupa que tiráramos do corpo ajudou-nos muito, pois era de formato e aparência singular, facilmente reconhecível: uma espécie de camisola que o defunto usava sobre suas roupas. Era um camisolão azul, com grandes listras brancas de través. Tendo-o vestido, passei a prover-me de falsa barriga, à imitação da horrível deformidade do cadáver intumescido. Isso logo se fez com um enchimento de roupas de cama. Dei após a mesma aparência às minhas mãos, calçando um par de luvas sem dedos, brancas de lã, que enchi de toda espécie de farrapos que encontrei. Peters, depois arranjou-me o rosto, esfregando nele bastante cal e manchando-o depois com sangue; que extraiu de um corte no seu dedo. A listra atravessando um dos olhos não foi esquecida e apresentava a mais terrífica aparência.

CAPÍTULO VIII

AO CONTEMPLAR-ME num fragmento de espelho que se pendurava no camarote, e à fosca luz de uma espécie de lanterna de combate, fiquei tão dominado por um sentimento de vago espanto ante meu aspecto e a recordação da terrífica realidade, assim que fui tomado de violento tremor e mal podia decidir-me a continuar com o meu papel. Era, contudo, necessário agir com decisão e subi com Peters ao tombadilho.

Lá verificamos que ia tudo bem e, conservando-nos junto das amuradas, arrastamo-nos os três para a escada da cabine. Esta estava parcialmente fechada, apenas, e achas de lenha haviam sido colocadas no degrau superior de modo a impedir que fossem subitamente puxada de fora, precaução tomada contra qualquer ação exterior. Não tivemos dificuldade em ver perfeitamente o interior da cabine através das frestas dos gonzos. Provava-se agora que muito felizes fôramos, em não os termos atacado de surpresa, pois evidentemente estavam alertas. Só um dormia, e estava deitado bem ao pé da escada do tombadilho com um mosquete ao lado. Os demais estavam sentados em diversos colchões que haviam sido tirados dos beliches e estendidos no soalho. Travavam animada conversação e embora tivessem andado bebendo, como transparecia da presença de duas botijas vazias e alguns cálices de estanho que se espalhavam aqui e ali, não estavam tão embriagados como de costume, todos tinham facas, um ou dois pistolas, e muitos fuzis estavam num beliche, bem à mão.

Ouvimos sua conversação por algum tempo antes que pudéssemos planejar o modo de sair, pois nada havíamos decidido ainda de determinado, a não ser o tentar paralisar sua resistência, quando os atacássemos, com a aparição do fantasma de Rogers. Discutiam seus planos de pirataria e tudo quanto pudemos ouvir distintamente foi que se uniriam com a tripulação da escuna *Hornet* e se possível, tomariam a própria escuna, como preliminar para uma tentativa de maior escala, cujos pormenores nenhum de nos conseguiu perceber.

Um dos homens falou de Peters e o piloto lhe replicou com a voz baixa, sem que pudéssemos ouvir. Depois acrescentou mais audivelmente, "que não podia compreender o que Peters tinha a fazer tantas vezes no castelo de proa com o fedelho do capitão e que pensava que, quanto mais cedo fossem ambos lançados ao mar, tanto melhor". Nenhuma resposta foi dada a isto, mas a sugestão foi muito bem recebida por todo o grupo, e mais particularmente por Jones. Neste momento, fiquei excessivamente agitado, tanto mais quanto podia ver que nem Peters nem Augusto sabiam o que fazer. Resolvi-me, contudo, a vender a vida o mais caro possível e a não me deixar dominar por qualquer temor.

O tremendo ruído feito pelo mugido do vento no velame e pelas ondas que varriam o tombadilho impediu-nos de ouvir o que se dizia, exceto durante calmas momentâneas. Numa delas distintamente, percebemos o piloto dizer a um dos homens "para subir e mandar que os malditos cães fossem para a cabine onde ele poderia tê-los de olho, pois não queria que houvesse segredos a bordo do brigue". Foi magnífico para nós o fato de que o navio jogasse tão violentamente nesse momento que impedisse a ordem de ter imediata execução. O cozinheiro levantou-se do seu colchão para ir à nossa procura quando um golpe tremendo da vaga, que pensei fosse arrastar os mastros, atirou-o, de cabeça, contra uma das portas dos camarotes de bombordo, abrindo-a e criando bastante confusão. Felizmente, ninguém de nosso grupo fora arrancado de seu lugar, e tivemos tempo de bater em precipitada retirada para o castelo de proa e arquitetar um apressado plano de ação antes que o mensageiro aparecesse, ou melhor, antes que pusesse a cabeça coberta do tombadilho, pois ele não chegou a subir até ali. Daquela posição não pôde observar a falta de Allen e, conseqüentemente, julgando-o lá, berrou-lhe, em repetição, as ordens do piloto. Peters respondeu com voz disfarçada: "Sim! Sim!", e o cozinheiro desceu imediatamente, sem abrigar a suspeita de que nem tudo ia bem.

Meus companheiros, então, se dirigiram ousadamente para a frente e desceram ao camarote, tendo Peters fechado a porta, ao mesmo modo por que a encontrara. O piloto recebeu-os com cordialidade e

disse a Augusto que, visto como ele se havia conduzido tão bem ultimamente, poderia tomar alojamento na cabine e ser um deles, dali por diante. Encheu-lhe então pela de rum, um copo, fazendo-o beber. Vi e ouvi tudo isto, pois segui meus amigos à cabine, logo que a porta se fechou, e retomei meu posto de observação anterior. Trouxera comigo as duas manivelas de bomba, uma das quais colocara junto da escada, para estar pronto a usá-la quando necessário.

Depois aguicei os sentidos, tanto quanto possível, para nada perder do que se passava embaixo, ao mesmo tempo que me esforçava por enrijecer a vontade e a coragem para descer até os amotinados quando Peters me fizesse o sinal combinado previamente. Ele estava tentando desviar a conversa para os sangrentos assassinios do motim e gradualmente levou os marujos a falarem de mil superstições, universalmente existentes entre os homens do mar. Eu não podia perceber tudo quanto era dito, mas perfeitamente via os efeitos da palestra sobre os rostos dos presentes. O piloto estava evidentemente muito agitado e logo, quando alguém mencionou o terrível aspecto do cadáver de Rogers, pensei que ele estivesse a ponto de desmaiar. Peters perguntou-lhe então se ele não achava melhor lançar ao mar, pois, disse, era coisa demasiado terrível vê-lo debater-se assim a flutuar, entre os vazadouros. A tais palavras, o bandido arquejou pesadamente e voltou os olhos com vagar para cada um dos companheiros, como a pedir que algum subisse e realizasse a tarefa. Nenhum, contudo, se mexeu, e era bem evidente que todo o grupo atingira o mais alto grau de excitação nervosa. Peters, então, fez-me o sinal combinado. Abri imediatamente a porta da escada do tome, descendo, sem uma palavra, pus-me de pé, ereto, em meio do bando.

O intenso efeito produzido por esta súbita aparição não é de todo para admirar quando se consideram as diversas circunstâncias. Geralmente, em casos de semelhante natureza, resta no espírito dos espectadores algum resquício de dúvida acerca da realidade ante seus olhos; um grau de esperança, embora fraco, de que estão sendo vítimas de uma burla e de que a aparição não é um visitante vindo do velho mundo das sombras. Pode ser o suficiente dizer que esses remanescentes de dúvida estão sempre juntos de todas essas aparições, e que o horror enregelante que elas às vezes produzem deve ser atribuído, mesmo nos casos mais expressivos e em que mais sofrimentos se experimentaram, antes a uma espécie de terror antecipado de que a visão *pudesse possivelmente ser* real do que mesmo a uma crença firme em sua realidade. Mas, no caso presente, ver-se-á imediatamente que nos espíritos dos amotinados não havia sequer a sombra de uma base sobre a qual dúvida de que a aparição de Rogers não fosse a ressurreição do cadáver nauseante, ou pelo menos de sua imagem espiritual. A situação isolada do brigue, que era inteiramente inacessível por causa da tempestade, limitava os meios possíveis de engano a tão estreitos e nítidos confins que eles se deviam ter considerado capazes de abrangê-los com um só olhar. Ora, eles haviam estado no mar vinte e quatro dias, sem manter mais do que uma comunicação verbal com outros barcos. A tripulação inteira — pelo menos toda a que eles tinham a mais remota razão para suspeitar achar-se bordo — estava reunida no camarote, exceto Allen, o vigia, e a gigantesca estatura deste (tinha mais de dois metros de altura) demasiado familiar a seus olhos para permitir a idéia de que fosse ele a aparição lhes viesse por um momento à mente. Ajunte-se a estas considerações a natureza inspiradora de terror da tempestade, bem como a da conversação provocada por Peters, pense-se na profunda impressão que a repulsividade do cadáver produzira pela manhã, nas imaginações dos homens; na excelência da imitação que eu fizera e na luz incerta e vacilante sob que eles me contemplavam, pois o clarão da lanterna do camarote, que se balançava com violência para lá e para cá, caía duvidosa e tremulamente sobre mim, e ninguém terá motivo para admirar-se de que a mistificação produzisse efeito muito mais amplo do que havíamos previsto. O piloto ergueu-se de um salto do colchão, onde estava deitado e, sem pronunciar uma sílaba, caiu de costas, como uma pedra, sobre o chão do camarote, e foi atirado para o fundo numa jogada mais violenta do navio. Dos sete que restavam, apenas três tiveram a princípio certo grau de presença de espírito. Os outros quatro sentaram-se por algum tempo, como se pregados ao soalho, os mais lastimáveis objetos de horror e de extremo desespero

que meus olhos já encontraram. A única oposição que encontrei foi de cozinheiro, João Hunt, e de Ricardo Parker; mas fizeram apenas fraca e irresoluta defesa. Os dois primeiros foram instantaneamente mortos a tiros por Peters e eu feri Parker na cabeça com um golpe da alça de bomba que trouxera comigo. Entrementes, Augusto apoderou-se de um dos fuzis que se achavam no chão e alvejou outro amotinado (Wilson) no peito. Só três agora restavam; mas a esse tempo, haviam despertado de sua letargia e talvez começassem a compreender que haviam sido vítimas de um logro, pois lutaram com grande resolução e fúria; não fosse a imensa força muscular de Peters, teriam a melhor sobre nós. Esses três homens eram Jones, Greely, e Absalão Hicks. Jones atirara Augusto ao solo e ferira-o em diversas partes do braço direito, e o teria, sem dúvida, liquidado (pois tanto Peters como eu não pudéramos ainda livrar-nos logo de nossos adversários) se não viesse a oportuna ajuda de um amigo, cuja assistência, sem dúvida, não havíamos esperado. Esse amigo era simplesmente Tigre. Com um surdo rosnado saltou do camarote, no momento mais crítico para Augusto, e, atirando-se sobre Jones, pregou-o ao chão num instante. Meu amigo, porém, achava-se então muito ferido para poder nos prestar mais qualquer ajuda e eu me achava tão ocupado, com a minha luta, que pouco podia fazer. O cão não deixaria de segurar a garganta de Jones. O Peters, não obstante, era um adversário muito sério para os dois que restavam e já teria acabado com eles antes se não fosse o pequeno espaço em que se podia mover, além do jogo tremendo do navio. Agora, conseguira apanhar um pesado escabelo dos vários que se achavam pelo chão. Com ele, arreventou a cabeça de Greely, que estava a ponto de descarregar o fuzil contra mim, e imediatamente depois que um pincho do navio o pôs em contato com Hicks agarrou-o pela garganta e, graças à sua enorme força, estrangulou-o num segundo. Assim, em tempo muito menor do que levei para narrá-lo, encontramos-nos senhores do brigue.

A única pessoa dentre os nossos quatro adversários que foi deixada viva era Ricardo Parker. Fora esse, lembrem-se, o homem que eu ferira com o braço de bomba no início do ataque. Ele agora jazia imóvel, junto à porta do camarote em desordem. Mas, como Peters o tocasse com o pé, recuperou a fala e pediu misericórdia. Sua cabeça só estava cortada de leve e ele não havia recebido ferimentos, tendo ficado apenas tonto com o golpe. Levantou-se então, e, provisoriamente, amarramos-lhe as mãos por trás das costas. O cão ainda rosnava por cima de Jones, mas, depois de um exame, verificamos que este último estava inteiramente morto, escorrendo o seu sangue de uma profunda ferida na garganta, causada sem dúvida, pelos agudos dentes do animal.

Era cerca de uma hora da madrugada e o vento ainda soprava terrivelmente. O navio lutava muito mais do que de costume e tornava-se absolutamente necessário que fizéssemos alguma coisa a fim de aliviá-lo de certo modo. Quase a cada pincho, na direção do vento, a onda varria, caindo bastante água no camarote, durante nossa luta, pois eu deixara aberta a escotilha quando descera. Uma fileira inteira de amuradas a bombordo fora arrancada, assim como a cozinha e o escaler da popa. Os rangidos e vibrações do mastro principal, além disso, indicavam que ele estava prestes a partir-se. A fim de dar mais espaço para a armazenagem no porão da frente, o pé desse mastro fora fincado entre tombadilhos (processo digno de censura a que às vezes recorrem armadores ignorantes), de modo que ele corria grande risco de sair da base. Mas, para cúmulo de nossas dificuldades, sondamos a arca de bomba e encontramos nada menos de dois metros e sessenta centímetros de água. Deixando os cadáveres no camarote, começamos imediatamente a trabalhar nas bombas. Parker, naturalmente, foi posto em liberdade para auxiliar-nos nesse trabalho. Fizemos, o melhor que foi possível, uma atadura para o braço de Augusto e o pobre rapaz trabalhou como pôde, isto é, quase nada. Entretanto, descobrimos que podíamos conseguir impedir que a brecha aumentasse se mantivéssemos sempre em funcionamento uma bomba. Como apenas fôssemos quatro, era um trabalho exaustivo; mas tentamos animar-nos e esperamos ansiosamente o alvorecer, julgando que então aliviaríamos o brigue, derrubando o mastro principal.

Dessa maneira passamos uma noite de terrível ansiedade e fadiga e, quando afinal o dia rompeu, a tempestade não se abatera em nada, nem havia o menor sinal de que se abrandasse. Arrastamos então os

cadáveres para o tombadilho e atiramo-los ao mar. Nosso cuidado seguinte foi livrar-nos do mastro. Feitos os necessários preparativos, Peters cortou-o, pois achara machados nos camarotes enquanto os demais ficávamos juntos aos estais e aos cabos. Como o brigue desse um terrível salto, sob o sopro do vento, foi dado o sinal para cortar os cabos e, feito isso, a enorme massa de madeira e velame afundou-se no mar, livrando o brigue, sem causar prejuízo material. Verificamos então que o barco já não lutava tanto quanto antes, mas nossa situação era ainda imensamente precária, e a despeito dos mais enérgicos esforços, não podíamos dominar a brecha, sem o auxílio das duas bombas. A pequena assistência que Augusto nos podia prestar não era, em realidade, da menor importância. E, para mais angústia nossa, uma onda pesada ferindo o brigue do lado do vento, atirou-o vários pontos fora da direção do sopro e, antes que pudesse recuperar a direção, outra vaga, quebrou-se completamente sobre ele e o virou todo de lado. A carga então deslizou em massa para sota-vento (pois o armazenamento desde algum tempo estivera saltando inteiramente solto) e, durante alguns momentos, julgamos que nada nos salvaria de naufragar. Pelo momento, porém, aprumamos parcialmente; mas a carga ainda mantinha seu lugar a bombordo e ficamos tão inclinados que era inútil pensar em trabalhar nas bombas; e, na verdade não poderíamos fazer muito, pois nossas mãos estavam inteiramente ulceradas pelo excessivo trabalho a que estivéramos sujeitos e sangravam do modo mais horrível.

Contra o conselho de Parker, passamos a cortar o mastro de proa e afinal conseguimos-lo, com enorme dificuldade, devido a posição em que estávamos. Caindo ao mar, o mastro cortado carregou consigo o gurupés, deixando-nos apenas o casco.

Tivéramos oportunidade, até então, de regozijar-nos por ter podido conservar nossa chalupa, que não fora danificada por nenhum desses enormes vagalhões. Não tivemos, porém, muito tempo para felicitar-nos, porque o mastro de mezena e a mezena, que mantinham um tanto o brigue, partiram-se ao mesmo tempo e cada vaga vinha então romper-se inteiramente sobre nós; em cinco minutos e o nosso tombadilho foi varrido de um extremo a outro, e o escaler e a amurada de estibordo arrancados, e até o próprio cabrestante se fez em pedaços. Na verdade, era quase impossível que ficássemos reduzidos à mais lastimável condição.

Ao meio-dia tivemos certa esperança de ver a tempestade abrandar mas ficamos cruelmente desiludidos porque ela só se acalmou por alguns instantes, para depois soprar com fúria maior. Às quatro da tarde tomara tal intensidade que nos era impossível ficar de pé. E chegada a noite, eu já não conservava sequer a sombra esperança. Não acreditava que o navio se pudesse sustentar até o amanhecer.

À meia-noite a água subira consideravelmente; chegara até a contracoberta. Pouco tempo antes partira-se o leme e o vagalhão que o arrastara levantou para fora da água toda a parte da popa, de modo que, ao cair, o brigue saltou dando uma sacudidela igual a um navio que encalha. Todos havíamos calculado que o leme se sustentaria até o fim, porque era particularmente forte e instado de um modo como até então nunca vira e como nunca mais vi depois igual. Ao longo de sua peça principal se estendia uma série de fortes ganchos de ferro, havendo outra série idêntica ao longo do cadaste. Através desses ganchos passava uma barra de ferro forjado muito espessa, ficando assim o leme ligado ao cadaste movendo-se em liberdade sobre a haste. A força terrível da onda que o arrancara pode ser avaliada pelo fato de que os ganchos do cadaste os quais se estendiam, como disse, de um extremo a outro, e eram firmados do lado oposto, foram completamente arrancados da prancha de madeira, sem exceção de um só.

Mal tivemos tempo de respirar depois dessa violenta sacudidela, quando um dos mais espantosos vagalhões que eu já vi veio quebrar-se a prumo, sobre o tombadilho, carregando a escada da coberta, arrombando as escotilhas e inundando o navio com um autêntico dilúvio.

CAPÍTULO IX

FELICIDADE, pouco antes do anoitecer, estávamos todos solidamente agarrados aos destroços do leme, e assim nos deitamos sobre a coberta, tão estendidos no chão quanto possível. Essa precaução foi o que nos salvou da morte. Por enquanto, todos nos achávamos mais ou menos tontos, em vista do imenso peso de água que nos esmagara e quando, afinal, a onda se escoou, quase nos sentimos aniquilados. Logo que me foi possível respirar, chamei por meus companheiros, em voz alta. Somente Augusto me respondeu: "Que há de ser de nós? Deus tenha piedade de nossas almas!" ao fim de alguns instantes, os dois outros conseguiram falar e nos incitaram a ter coragem, dizendo que ainda havia alguma esperança, que era impossível que o brigue afundasse em vista de sua carga e que lá pelo amanhecer a tempestade se dissiparia. Essas palavras me restituíram à vida; porque, por mais estranho que isso possa parecer, e embora fosse evidente que um navio carregado de barris vazios não pode soçobrar, eu até então andara com o perturbado que tal consideração me havia escapado por completo e era precisamente o perigo de naufragar que eu desde algum tempo considerava como o mais iminente. Sentindo que a esperança renascia em mim, aproveitei todas as oportunidades de reforçar as amarras que me ligavam aos destroços do leme e logo descobri que meus companheiros, tendo a mesma idéia, faziam outro tanto. Estava a noite tão escura quanto possível e é inútil tentar descrever o rumor estonteante e o caos que nos cercavam. Nosso tombadilho estava ao nível do mar, ou antes, víamo-nos rodeados de uma crista de uma muralha de espuma, uma parte da qual, a cada passava sobre nós. Não é exagero dizer que nossas cabeças só ficavam fora da água um segundo em cada três. Embora estivéssemos deitados pertinho uns dos outros, não nos podíamos ver e igualmente não avistávamos a menor parte do brigue sobre que tão terrivelmente éramos sacudidos. De vez em quando, chamávamo-nos uns aos outros, esforçando-nos assim para reavivar a esperança e dar um pouco de consolação e de coragem àquele de nós que mais pudesse necessitar disso. O estado de fraqueza de Augusto, fazia dele um motivo de inquietação para os outros; e, como tendo o braço direito partido, lhe era impossível apertar suas amarras bastante solidamente, a cada instante imaginávamos que ele ia ser carregado pelas águas; quanto a prestar-lhe socorro, era coisa completamente impossível. Seu lugar, felizmente, era mais seguro do que o de qualquer de nós, pois, estando a parte superior de seu corpo abrigada, precisamente, por um pedaço do timão quebrado achava-se enormemente amortecida a violência dos vagalhões que caíam sobre ele. Em qualquer outra posição diversa daquela (que ele não havia escolhido, tendo sido ali lançado por acaso, depois de se haver prendido a um lugar perigosíssimo), infalivelmente teria perecido antes do amanhecer. O brigue, como já disse, adernava muito e devido a isso, estávamos menos expostos a ser varridos do que se o caso fosse diferente. O lado por onde o navio adernava era, como assinalei, o de bombordo, e metade do tombadilho mais ou menos, estava constantemente debaixo da água. Em consequência as ondas que se quebravam em nós, a estibordo, eram em parte amainadas pela banda do navio e, estendidos no soalho para baixo, só recebíamos fortes salpicos; quanto às vagas que nos vinham de bombordo, atacavam-nos pelas costas e, dada a nossa posição, não tinham bastante violência para arrancar-nos de nossas amarras.

Permanecemos deitados, nessa terrível situação, até que o dia mais claramente nos veio mostrar os horrores que nos rodeavam. O brigue não era mais do que um pedaço de madeira, rolando para lá e para cá, à mercê de cada vaga; a tempestade intensificava-se sempre. Se jamais houve furacão perfeito, era aquele. E não vimos nenhuma perspectiva natural de libertação. Durante algumas horas, conservamo-nos em silêncio, tremendo, a cada instante, no tremor de que nossas amarras cedessem, de que os destroços do leme caíssem ao mar ou de que um dos enormes vagalhões, que rugiam em torno de nós, ao alto, em todos os sentidos, afundasse tanto a frente da carcaça na água que nos afogássemos antes que ela pudesse voltar à superfície. A misericórdia de Deus, porém, preservou-nos desses perigos iminentes e, por volta do meio-dia, favorecidos com a luz abençoada do sol. Pouco tempo depois verificamos sensível diminuição na força do vento e, pela primeira vez, desde a noite anterior, Augusto falou e perguntou a

Peters, que estava deitado bem do lado oposto, se acreditava que houvesse qualquer probabilidade de salvação. Não tendo o mestiço dado qualquer resposta a esta pergunta, concluímos todos que ele havia sido afogado ali mesmo; mas logo, para grande alegria nossa, ele falou, com voz fraquíssima, dizendo que sofria muito, que estava quase cortado pelas amarras que lhe apertavam estreitamente o estômago e que era mister achar um meio de afrouxá-las, senão morreria, pois não poderia suportar por muito mais tempo tal tortura. Isso produziu-nos grande desgosto, pois nem se podia pensar em socorrê-lo enquanto as ondas continuassem a varrer-nos como o estavam fazendo. Exortamo-lo a suportar os sofrimentos com coragem e prometemos-lhe aproveitar a primeira ocasião que se oferecesse para aliviá-lo. Respondeu que, em breve, seria tarde demais; que seria um homem acabado antes que pudéssemos ir em seu socorro. E a seguir, depois de haver gemido durante alguns minutos, recaiu em seu mutismo e deduzimos daí que estava morto.

Ao aproximar-se a noite, o mar caiu de modo considerável; raramente no espaço de cinco minutos, mais de uma onda vinha de barlavento quebrar-se sobre o casco. O vento também se acalmara, muito embora ainda soprasse com bastante força. Fazia várias horas que não ouvia qualquer de meus companheiros falar; chamei então Augusto. Ele me respondeu, mas tão fracamente que não pude distinguir o que dizia. Falei então a Peters e a Parker, mas nenhum deles me deu resposta.

Pouco tempo depois, caí num estado de semi-insensibilidade, durante o qual as mais encantadoras imagens flutuaram em meu cérebro; imagens de árvores verdejantes, prados magníficos onde o trigo maduro ondulava, de fileiras de jovens, dançarinas, de tropas imponentes de cavalaria e outras coisas fantásticas. Recordo-me agora de que em tudo quanto desfilava perante o olhar de meu espírito a idéia predominante era a de movimento. Assim, eu não sonhava nunca com um objeto imóvel, tal como uma casa, uma montanha, ou qualquer outro da mesma espécie; mas moinhos de vento, navios, grandes aves, balões, homens a cavalo, carruagens fugindo em velocidade furiosa e outros objetos movimentados é que se apresentavam a mim sucedendo-se interminavelmente. Quando sai desse singular estado de espírito, já fazia uma hora que o sol se erguera, tanto quanto posso presumir. Experimentei a maior dificuldade em lembrar-me das diferentes circunstâncias que se relacionavam com a minha situação e, durante algum tempo, permaneci firmemente convencido de que estava ainda no porão do brigue perto do meu caixote, e tomava o corpo de Parker pelo de Tigre.

Quando, afinal, recuperei completamente os sentidos, verifiquei que o vento não era mais do que uma brisa muito moderada e que o mar estava comparativamente calmo, de modo que só lavava o brigue de través. Meu braço esquerdo rompera suas amarras e se achava gravemente ferido no cotovelo; o direito estava paralisado e a mão e o punho inchados, de maneira extraordinária devido à pressão dos laços que apertavam da espádua até em baixo. Fazia-me sofrer também outra corda em volta do corpo, apertada a um ponto intolerável. Olhando para os meus companheiros em redor vi que Peters ainda vivia, embora tivesse em volta dos rins, uma corda apertada tão cruelmente que estava com o aspecto de quase cortado em dois. Logo que me mexi, fez-me ele um fraco gesto com a mão, apontando a corda. Augusto não dava qualquer sintoma de vida e estava quase dobrado em dois, de través, numa lasca do leme. Parker falou-me, quando me viu agitar-me e perguntou-me se eu ainda tinha forças bastantes para livrá-lo da sua posição, dizendo-me que, se eu reunisse todas as energias e se conseguisse desamarrá-lo, ainda poderíamos salvar nossas vidas; mas, do contrário, pereceríamos todos. Falando para ter coragem, pois trataria de libertá-lo. Tateando no bolso de minhas calças, apanhei o canivete e, depois de vários ensaios infrutíferos consegui abri-lo. Logrei depois, com a mão esquerda desembaraçar meu braço direito de suas amarras e cortei, em seguida as cordas que me prendiam. Mas, ao tentar mudar lugar percebi que as minhas pernas não me obedeciam absolutamente e que não me podia levantar; era-me igualmente impossível mover meu braço direito em qualquer sentido. Chamei a atenção de Parker e ele me aconselhou a ficar quieto, durante alguns segundos, segurando-me ao leme com a mão esquerda, para dar ao sangue tempo de circular. Com efeito, logo começou a dormência a desaparecer de modo que pude,

primeiramente, mexer uma perna e outra; e em pouco recuperei em parte o uso de meu braço direito. Deslizei então para o lado de Parker, com a maior precaução e sem me erguer sobre as pernas cortei todos os laços que o rodeavam. Ao fim de algum tempo, como se dera comigo, ele recuperou o uso de todos os seus membros em parte. Apressamo-nos, em desamarrar as cordas de Peters. Elas haviam feito um profundo corte através da cintura de suas calças de lã, bem como de duas camisas penetrando profundamente na virilha, donde o sangue jorrou abundantemente quando retiramos a amarra. Mal, porém, tínhamos terminado, Peters começou a falar e pareceu experimentar um alívio imediato; foi mesmo capaz de mover-se muito mais fácil do que eu e Parker, o que, sem dúvida, foi causado por essa involuntária sangria.

Augusto não dava qualquer sinal de vida e pouca esperança tínhamos de o ver voltar a si; mas, ao aproximar-nos dele, vimos que simplesmente desmaiara em consequência da perda de sangue, pois as faixas com que havíamos enrolado seu braço ferido tinham sido arrancadas pela água; nenhuma das cordas que o prendiam ao leme estava suficientemente apertada para ocasionar sua morte. Tendo-o libertado das amarras e desprendido do pedaço de madeira, colocamo-lo a barlavento, num lugar seco, com a cabeça mais baixa do que o corpo, e pusemo-nos todos três a esfregar-lhe os membros. Dentro de meia hora, mais ou menos, voltou ele a si; só, porém, manhã seguinte deixou ver que reconhecia cada um de nós e encontrou força para falar. Enquanto nos empregáramos em desembaraçar-nos de todas as nossas amarras, a noite sobreviera e o céu começou a cobrir-se de nuvens, de modo que experimentamos medo terrível de que o vento recomeçasse com violência caso em que nada nos poderia salvar da morte, esgotados como nos achávamos. Felizmente, o tempo se manteve muito sossegado durante a noite e, como o mar cada vez mais se acalmava, concebemos afinal a esperança de salvar-nos. Uma brisa suave soprava sempre do noroeste, mas o tempo não era absolutamente frio. Estando fraco em demasia para sustentar-se por si mesmo, Augusto foi, cuidadosamente, ligado ao leme, para evitar que o jogo do navio o fizesse cair ao mar. Quanto a nós, não tínhamos necessidade de precauções semelhantes. Sentamo-nos, apertando-nos e apoiando-nos uns contra os outros e, com o auxílio de cordas, cortadas do leme, ficamos a conversar sobre os meios de sair de nossa horrível situação. Tomamos a precaução muito oportuna de tirar as roupas e torcemo-las, para extrair delas a água. Quando, em seguida, tornamos a vesti-las, pareceram-nos singularmente quentes e agradáveis e foram de não pequeno valor para restituir-nos a energia. Libertamos Augusto das suas e torcemo-las para ele, que experimentou o mesmo bem-estar.

Nossos principais sofrimentos eram agora a fome e a sede e, quando pensamos nos meios futuros de aliviar-nos nesse sentido, sentimos o coração desfalecer e chegamos mesmo a lastimar ter escapado aos perigos menos horríveis do oceano. Esforçamo-nos, contudo, para consolar-nos com a esperança de ser em breve recolhidos por algum navio e encorajamo-nos mutuamente a suportar com resignação todos os males, que ainda nos podiam estar reservados.

Enfim, surgiu a aurora do dia 14 e o tempo se manteve claro e suave com uma brisa constante, porém muito leve, vinda de noroeste. O mar agora estava completamente calmo e como o brigue, por motivo que não conseguimos adivinhar, não mais adernava, o tombadilho estava relativamente seco e podíamos ir e vir por ele, com toda a liberdade. Fazia então mais de três dias e três noites que nada havíamos comido nem bebido e tornava-se absolutamente necessário fazer alguma tentativa, para obter qualquer coisa lá em baixo. Como o brigue se achava inteiramente cheio de água, entregamo-nos à tarefa, com tristeza e sem grande esperança de conseguir qualquer coisa. Fizemos uma espécie de rede pregando alguns pregos, que arrancáramos aos destroços da escada em dois pedaços de madeira. Amarramo-los em cruz e prendendo-os à ponta de uma corda, atiramo-los ao camarote, para lá e para cá, com a fraca esperança de agarrar algum objeto que pudesse servir para nossa alimentação ou, pelo menos para auxiliar a obtê-la. Passamos a maior parte da manhã sem resultado, e só pescamos algumas cobertas que os pregos prenderam sem dificuldade. Nossa invenção era, na verdade tão grosseira que quase não podíamos contar com melhor êxito.

Recomeçamos a experiência no castelo de proa, porém sem maior resultado. E já nos entregávamos ao desespero, quando Peters imaginou amarrar uma corda em volta de sua cintura e tentar apanhar alguma coisa, mergulhando no camarote. Saudamos a proposta com toda a alegria que a esperança renascente pode inspirar. Imediatamente, ele começou a despojar-se de suas roupas, com exceção das calças; e uma forte corda foi, cuidadosamente, amarrada, de sua cintura, dando uma volta por suas espáduas para impedi-la de deslizar. O empreendimento era cheio de dificuldades e perigos porque, visto como não esperávamos encontrar grande coisa no camarote, se é que ainda havia ali qualquer provisão, seria preciso que o mergulhador, depois de o havermos descido, desse uma volta para a direita e andasse uma distância de três ou três metros e meio, aproximadamente por baixo da água, através de uma passagem estreita, até a despensa, para voltar, finalmente, sem poder respirar. Estando tudo pronto, Peters desceu na cabine, acompanhando a escada até que a água lhe deu pelo queixo. Mergulhou, então de cabeça, voltou à direita depois de haver mergulhado, e esforçou-se para penetrar na despensa; mas a primeira tentativa fracassou completamente. Não havia meio minuto que ele desaparecera quando sentimos a corda violentamente sacudida; era o sinal convencionado para retirá-lo da água quando ele desejasse. Puxamo-lo imediatamente, mas com tão poucas precauções que o atiramos de modo cruel, de encontro à escada. Ele nada trouxe consigo e fora-lhe impossível ir além de um pequeníssimo espaço através do corredor, por causa dos esforços constantes que precisava fazer para não subir e flutuar de encontro ao tombadilho. Quando saiu do camarote, estava esgotadíssimo e teve de repousar, durante uns bons quinze minutos, antes de se arriscar a descer de novo.

A segunda tentativa foi ainda mais infeliz, pois ele ficou tanto tempo por baixo da água sem dar o sinal que nos sentimos bastante inquietos por sua causa e puxamo-lo, sem esperar mais; verificou-se que ele estava a ponto de ser asfixiado. O pobre já tinha sacudido a corda mais de uma vez e nós não o havíamos sentido. Isso, sem dúvida, se devia a que uma parte da corda se prendera na balaustrada, ao pé da escada. Essa balaustrada era um obstáculo tal que resolvemos retirá-la antes de empreender nova tentativa. Como não possuíamos qualquer meio de retirá-la a não ser à força dos braços, descemos todos quatro à água, tão longe quanto foi possível e dando uma boa sacudidela, com todas as nossas forças reunidas, conseguimos jogá-la abaixo.

A terceira tentativa não obteve maior êxito do que as duas primeiras e tornou-se evidente que nada poderíamos obter por esse meio sem o auxílio de algum peso que servisse para manter o mergulhador e firmá-lo sobre o soalho do camarote, enquanto ele fizesse suas pesquisas. Procuramos, por muito tempo, em volta de nós, de encontrar alguma coisa capaz de servir para isso; mas, finalmente, descobrimos, com grande alegria nossa, uma das correntes do traquete de barlavento, o qual estava já tão fortemente abalado que não tivemos nenhuma dificuldade em arrancá-la de todo. Tendo-a prendido com solidez a um dos tornozelos, procedeu Peters então, à sua quarta descida ao camarote e desta vez conseguiu romper caminho até a porta da despensa. Mas, com indizível pesar achou-a fechada e foi obrigado a voltar, sem ter podido entrar porque, fazendo os maiores esforços, o máximo que podia por baixo da água era um minuto. Nossa situação, decididamente tomava um caráter sinistro e eu e Augusto não nos pudemos impedir de desfazer-nos em pranto ao pensar nessa multidão de dificuldades que nos assediavam e na oportunidade tão improvável de nosso salvamento. Essa fraqueza, porém, não foi de longa duração. Ajoelhamo-nos e rogamos a Deus que nos assistisse nos numerosos perigos que nos assaltavam; e depois, com esperança e energia rejuvenescidas, erguemo-nos, prontos a procurar uma vez a empregar todos os meios humanos de libertação.

CAPÍTULO X

POUCO TEMPO depois ocorreu um incidente que, a princípio pleno de excessiva alegria e, a seguir, de imenso horror, pareceu-me, por isso mesmo, mais emocionante e mais terrível do que quaisquer fatos acidentais que posteriormente observei no decurso de nove prolongados anos repletos de acontecimentos da mais surpreendente, da mais inaudita, e da mais inimaginável natureza. Estávamos deitados sobre o tombadilho, perto da escada de bordo e discutíamos ainda sobre a possibilidade de penetrar na despensa, quando, voltando a vista para Augusto, que estava à frente, percebi que ele fora imediatamente tomado de mortal palidez e que seus lábios tremiam de modo singular e incompreensível. Fortemente alarmado, falei-lhe, mas não me respondeu, e comecei a crer que fora vítima de mal súbito, quando prestei atenção olhos, singularmente brilhantes e fixos sobre alguma coisa atrás de mim. Virei a cabeça e jamais esquecerei a alegria extática que penetrou todas as partes de meu ser, ao perceber que vinha, ao nosso rumo, um grande brigue, o qual não estava a mais de duas milhas ao largo. Dei um salto, como se uma bala de mosquete me tivesse ferido repentinamente no coração e, estendendo os braços para a direção do navio, fiquei de pé, imóvel, incapaz de proferir uma sílaba. Peters e Parker estavam igualmente comovidos, embora de modo diverso. O primeiro dançava sobre o tombadilho como um maluco, proferindo as mais monstruosas extravagâncias, entremeadas de grunhidos e imprecações, enquanto o segundo se desfazia em lágrimas, não cessando, durante ainda alguns minutos, de chorar como uma criança.

O navio à vista era um grande brigue armado em escuna, construído à maneira holandesa, pintado de preto, com um beque vistoso e dourado. Evidentemente, experimentara regular mau tempo e supusemos que muito sofrera com a tempestade que fora a causa do nosso desastre, pois perdera o mastro da gávea da mezena, assim como uma parte da amurada de estibordo. Quando o vimos pela primeira vez, estava, como já disse, a cerca de duas milhas a barlavento e vinha em nosso rumo. A brisa era muito fraca e o que mais nos espantou foi que ele não soltara outras velas, além da mezena e da maior, com uma veleta. Assim, só andava muito lentamente e nossa impaciência subia até quase ao frenesi. Também a maneira desajeitada pela qual ele se governava foi notada nós, por todos nós apesar de nossa grande emoção. Dava tais guinadas que uma ou duas vezes, acreditamos que não fôramos vistos, ou que tendo sido descoberto nosso navio, mas não se tendo percebido ninguém a bordo, iam virar de proa e retomar outro rumo. A cada uma dessas vezes, soltávamos gritos e berros, com toda a força dos pulmões, e o navio desconhecido parecia mudar de intenções e punha de novo a proa em nossa direção. Essa manobra singular se repetiu duas ou três vezes, de modo que por fim não achamos outra maneira para explicá-la senão supondo que o timoneiro estivesse bêbedo.

Não percebemos ninguém a bordo até que o barco chegou a um quarto de milha de distância. Então, avistamos três marinheiros que, pelas suas roupas, tomamos por holandeses. Dois dentre eles estavam deitados sobre velhas velas, perto do castelo de proa, enquanto o terceiro, que parecia olhar-nos com grande curiosidade estava adiante, a estibordo, perto do gurupés. Este último era um homem alto e corpulento, de pele muito morena. Parecia, com seus gestos, encorajar-nos a ter paciência, saudando-nos alegremente com a cabeça, embora de um modo que não deixava de ser esquisito e sorrindo constantemente, como para exhibir uma fileira de dentes brancos brilhantíssimos. Como o navio se aproximasse, vimos o chapéu de lã vermelha cair de sua cabeça na água, mas ele não se importou, continuando sempre com seus sorrisos e gestos estapafúrdios. Relato minuciosamente essas coisas e essas circunstâncias, e as relato, deve compreender-se, precisamente tais como elas nos *apareceram*.

O brigue marchava para nós lentamente, com mais precisão na sua manobra e (não posso falar com sangue-frio dessa aventura) nossos corações saltavam doidos nos peitos, e expandíamos toda a nossa alma em gritos de alegria e em ações de graças a Deus pela salvação completa, magnífica e inesperada que tão palpavelmente tínhamos ao alcance. De súbito, do misterioso navio, que agora estava bem

próximo de nós, chegou-nos, através do oceano, um odor, um mau cheiro tal que não há no mundo palavras para exprimi-lo: infernal, mais do que sufocante, intolerável, inconcebível! Abri a boca para respirar e, voltando-me para meus camaradas, percebi que eles estavam mais pálidos do que o mármore. Mas não tínhamos tempo para discutir ou raciocinar. O brigue estava a quatro metros e parecia ter a intenção de encostar-se a nós pela popa, a fim de que pudéssemos abordá-lo, sem forçá-lo a lançar um escaler ao mar. Precipitamo-nos para trás, quando, imediatamente, uma forte guinada o lançou cinco ou seis pontos fora da rota que mantínhamos e quando passou por nossa ré, a uma distância de cerca seis metros, vimos todo o seu tombadilho. Esquecerei jamais o tríplice horror daquele espetáculo? Vinte e cinco ou trinta corpos humanos, entre os quais algumas mulheres, jaziam, disseminados aqui e ali entre a popa e a cozinha, no derradeiro e mais repulsivo estágio de putrefação! Vimos, claramente, que não havia uma criatura viva naquele navio maldito! Entretanto, não podíamos impedir-nos de apelar por socorro àqueles mortos! Sim, na agonia do momento, prolongada e fortemente, rogamos àquelas silenciosas e repelentes imagens que se detivessem por nossa causa, que não nos deixassem tornar-nos semelhantes a elas e que lhes aprovesse receber-nos em sua bondosa companhia! O horror e o desespero nos faziam delirar. A angústia e a decepção nos haviam tornado completamente loucos.

Quando soltamos nosso primeiro grito de terror, respondeu-lhe alguma coisa que vinha do lado do gurupés do navio desconhecido e que tão perfeitamente se assemelhava ao grito de uma garganta humana que o ouvido mais fino teria estremecido tomando-o como tal. Nesse momento, outra súbita guinada reconduziu, por alguns minutos, o castelo de proa para sob nossos olhos e, no mesmo instante percebemos a causa do ruído. Vimos a alta e robusta figura, sempre apoiada sobre a amurada, oscilando ainda com a cabeça para um lado e para o outro, mas com o rosto voltado, de modo que já não o podíamos perceber. Seus braços estavam estendidos sobre a cinta do navio e as mãos caíam para fora. Seus joelhos repousavam sobre uma grande enxárcia, estendida rigidamente, e que ia do pé do gurupés a um dos aparelhos da âncora. Sobre as costas, onde uma parte da camisa fora arrancada, deixando ver o dorso nu, pousava enorme gaivota que deglutia ativamente o horrível manjar com o bico e as garras profundamente enterradas no corpo e a branca plumagem toda manchada de sangue. Como o brigue continuasse a voltear, como para ver-nos de mais perto, a ave retirou pensamente, da cavidade, a cabeça ensangüentada e, depois de ter-nos contemplado um momento, estupefata, soltou-se, com indolência, so corpo sobre o qual se deliciava, voando por cima de nosso tombadilho, e planando algum tempo no ar, com um pedaço de substância coagulada e quase viva no bico. Por fim, o horrível pedaço caiu, com sinistro ruído, bem aos pés de Parker. Deus queira perdoar-me! Mas então, no primeiro momento, atravessou uma idéia — uma que não confessarei — e senti-me a dar um passo maquinal para o lugar ensangüentado. Ergui os olhos e encontrei o olhar de Augusto, carregado de uma censura tão intensa e tão enérgica que isso me fez imediatamente dominar-me. Atirei vivamente e, com intenso calafrio, lancei a horrenda coisa no mar.

O corpo de que fora arrancado aquele pedaço, repousando assim sobre aquela enxárcia, oscilava facilmente com os esforços da ave carnívora e fora esse movimento o que a princípio nos fizera crer num ser vivo. Quando a gaivota o desembarçou de seu peso, cambaleou, girou e caiu a meio, de modo que pudemos ver-lhe todo o rosto. Não, nunca houve espetáculo mais cheio de espanto! Os olhos não existiam mais e todas as carnes da boca, roídas, mostravam os dentes, inteiramente a nu. Tal fora, pois, o sorriso que encorajara nossa esperança! Tal fora... Mas, detenho-me! O brigue, como disse, passou a nossa ré e continuou seu roteiro lenta e regularmente, levado pelo vento. Com ele e com sua terrível equipagem se desvaneceram todas as nossas felizes visões de alegria e libertação. Como ele levou algum tempo a passar por trás de nós, teríamos talvez achado meios de abordá-lo, se nossa terrível decepção e a natureza espantosa de nossa descoberta não tivesse aniquilado todas as nossas faculdades físicas e mentais. Víramos e sentíramos, mas ai!, só pudéramos pensar e agir tarde demais. Poder-se-á julgar por este simples fato quanto aquele incidente enfraquecera nossas inteligências: quando o navio estava

afastado, a ponto de não percebermos mais do que a metade de seu casco, debatemos seriamente a proposta de tentar alcançá-lo a nado!

Desde aquela ocasião, tenho feito todos os esforços para esclarecer a imprecisão horrível que envolvia o destino do navio desconhecido. Sua forma e sua fisionomia geral nos levavam a pensar como já o disse, que era um vaso de comércio holandês e as vestes de sua equipagem nos confirmaram nessa opinião. Poderíamos facilmente ter lido seu nome na popa, bem como também fazer outras observações que nos teriam servido para determinar seu caráter, mas a intensa excitação do momento cegou-nos para qualquer coisa dessa espécie. Pela tonalidade de açafrão de alguns dos cadáveres que não se achavam inteiramente decompostos, concluímos que todo o grupo havia perecido de febre-amarela ou de qualquer outra enfermidade virulenta da mesma horrenda qualidade. Se tal fosse o caso (e não sei que outra coisa imaginar), a morte, a julgar pelas posições dos corpos, deveria ter-lhes sobrevindo de modo horrivelmente súbito e esmagador, um modo totalmente distinto do que caracteriza em geral as pestilências mais mortais que a humanidade conhece. É possível ainda que veneno, introduzido por acaso nos seus suprimentos de víveres, tenha produzido a catástrofe ou que isso se tenha originado de comer alguma espécie venenosa de peixe, ou outro animal marinho ou ave oceânica. Mas é extremamente inútil formar conjecturas quando tudo está envolvido e, sem dúvida, assim ficará para sempre no mais espantoso e insondável mistério.

CAPÍTULO XI

PASSAMOS o resto do dia num estado de letárgico estupor, a contemplar o barco que se sumia até que as trevas, escondendo-o de nossas vistas, nos fizeram de algum modo recobrar a consciência. As angústias da sede e da fome voltaram então e absorveram todos os outros cuidados e preocupações. Nada, porém, podia ser feito até que amanhecesse e, prendendo-nos o melhor possível, tentamos saborear um pequeno repouso. Consegui-o além de minha expectativa, dormindo até que meus companheiros, que não haviam sido tão felizes me levantaram, ao romper do dia, para renovar nossas tentativas de retirar provisões da despensa.

Fazia então calma, com o mar parado como jamais o vira; o tempo, quente e agradável. O brigue estava fora de vista. Começamos nossas operações arrancando, com algum trabalho, outra das correntes de proa e, tendo amarrado as duas aos pés de Peters, de novo ele fez uma tentativa para alcançar a porta da despensa julgando possível que fosse capaz de forçá-la, desde que chegasse até ela em tempo suficiente, o que esperava fazer, pois a carcaça estava muito mais firme do que dantes.

Rapidamente consegui alcançar a porta e então, soltando de seu tornozelo, uma das correntes, fez todos os esforços para abrir com ela uma passagem, mas em vão, pois o madeirame do aposento era muito mais rijo de que se previra. Ele ficou inteiramente extenuado com a prolongada demora sob a água e tornou-se necessário que algum de nós tomasse seu lugar. Parker ofereceu-se logo para o serviço; mas, depois de fazer três esforços ineficazes, verificou-se que ele nem mesmo conseguira chegar perto da porta. O estado do braço ferido de Augusto impossibilitava-o de tentar descer, pois seria incapaz de arrombar a porta, caso a alcançasse; conseqüentemente, coube-me esforçar-me por nossa salvação comum.

Peters deixara uma das cadeias no corredor e notei, ao mergulhar, que não tinha equilíbrio suficiente para conservar-me firme embaixo. Decidi, pois, em meu primeiro esforço, tentar apenas recuperar a outra corrente. Arrastando-me pelo soalho do corredor, para esse fim, senti um objeto duro, que depressa agarrei, sem ter tempo de verificar o que era, pois voltei e ascendi imediatamente a tona. A presa era uma garrafa e bem se pode imaginar nossa alegria quando digo que estava cheia de vinho do Porto. Dando graças a Deus por esse oportuno e encorajador auxílio, arrancamos imediatamente a rolha com o meu canivete e, tomando cada um gole moderado, extraímos o mais indescritível conforto e estímulo de seu calor, força e energia. Voltamos a arrolhar depois a garrafa, cuidadosamente, e penduramo-la de modo a não haver possibilidade de quebrar-se.

Tendo repousado um instante após essa afortunada descoberta, desci de novo e apanhei a corrente com a qual num instante subi. Amarrei-a a mim, então, e desci pela terceira vez. Fiquei aí completamente convencido de que nenhum esforço, naquelas circunstâncias me capacitaria a abrir a porta da despensa. Voltei, portanto desesperado.

Parecia, então, não haver mais lugar para a esperança e pude notar, nas fisionomias de meus companheiros, que eles se resignavam à idéia de morrer. O vinho, evidentemente, produziu neles uma espécie de delírio, de que eu, talvez, me livrara pelo mergulho que dera logo após havê-lo ingerido. Falavam incoerentemente sobre assuntos que em nada se relacionavam com a nossa situação. Peters, repetidas vezes, fazia-me perguntas acerca de Nantucket. Também Augusto, recordo-me, aproximou-se de mim com um ar muito sério e pediu-me que lhe emprestasse um pente de bolso, pois seu cabelo estava cheio de escamas de peixe e desejava tirá-las antes de desembarcar. Parker parecia um tanto menos afetado e instava para que eu mergulhasse no camarote, ao acaso, e trouxesse qualquer coisa de que pudesse lançar mão. Consenti nisso e na primeira tentativa, depois de mergulhar um minuto inteiro trouxe para cima uma pequena mala de couro pertencente ao Capitão Barnard. Abrimo-la no mesmo instante, com a fraca esperança de que pudesse conter algo que se comesse ou bebesse. Nada achamos porém, a não ser um estojo de navalha e duas camisas de linho. Desci de novo e regressei, sem resultado. Ao

apontar minha cabeça à tona, ouvi um estralejar no tombadilho e, subitamente vi que meus companheiros se haviam aproveitado, ingratamente de minha ausência para beber o resto do vinho, deixando a garrafa cair ao tentarem substituir o líquido antes que eu os visse. Censurei-os pela crueldade de tal conduta, e Augusto rompeu em pranto, os outros dois tentaram transformar o caso em brincadeira, mas espero nunca mais ouvir risos daquela espécie: as contorções de suas fisionomias eram aterradoras. De fato, evidenciava-se que o estímulo alcoólico dado o estado vazio de seus estômagos, tivera um efeito violento e instantâneo e que todos eles estavam excessivamente embriagados. Com grande dificuldade consegui fazê-los deitar-se e logo caíram num sono profundo, acompanhado de respiração alta e estertorosa.

Achei-me, assim, sozinho no brigue, e minhas reflexões certamente eram do gênero mais terrível e sombrio. Nenhuma perspectiva se apresentava a meus olhos, além da de morrer de fome ou na melhor hipótese, de ser carregado na primeira tempestade que sobreviesse, pois, em nosso estado de exaustão, não podíamos esperar sobreviver a outra.

A fome angustiada que então experimentei era quase insuportável e senti-me capaz de ir aos extremos para aplacá-la. Com a faca cortei uma pequena porção da mala de couro e tentei devorá-la, mas achei que era de todo impossível engolir um só pedaço, embora imaginasse que algum leve alívio de meu sofrimento era obtido mastigando fragmentos do couro e cuspiendo-os fora. Ao anoitecer meus companheiros despertaram, um a um, cada qual num estado indescritível de fraqueza e de horror produzido pelo vinho, cujos vapores se haviam esvaído. Tremiam como se com violenta febre e imploravam água com os gritos mais lastimáveis. Seu estado impressionou-me no mais elevado grau e, ao mesmo tempo levou-me a regozijar-me pelo afortunado conjunto de circunstâncias que me havia impedido de ser tentado pelo vinho, poupado-me assim, à partilha de suas sensações melancólicas e lancinantes. Sua conduta, porém, causava-me grande ansiedade e alarme, pois era evidente que, se não se verificasse qualquer mudança favorável, eles não me auxiliariam a lutar pela nossa salvação comum. Eu ainda não abandonara toda idéia de ser possível trazer alguma coisa de baixo; mas não podia reiniciar a tentativa enquanto algum deles não ficasse suficientemente senhor de si para ajudar-me, segurando a ponta da corda enquanto eu descia. Parker parecia estar menos embriagado do que os outros e tentei erguê-lo, por todos os meios possíveis. Julgando que um mergulho na água poderia ter efeito benéfico consegui amarrar-lhe, em volta do corpo, a ponta de uma corda, e depois, levando-o pela escadinha (enquanto ele permanecia todo o tempo inteiramente passivo), atirei-o ao mar e puxei-o em seguida, para fora. Tive bons motivos para congratular-me comigo mesmo por haver feito tal tentativa, pois ele me pareceu muito revigorado e bem disposto e, depois de retirado, perguntou-me, de modo razoável, por que assim o tratara. Tendo-lhe explicado o meu objetivo, manifestou-se grato e disse que se sentia imensamente melhor depois do mergulho, passando a conversar com sensatez sobre nossa situação. Resolvemos, então, submeter Augusto e Peters ao mesmo tratamento, o que logo fizemos, tirando eles grande benefício do choque. Essa idéia da súbita imersão fora-me sugerida pela leitura de certa obra médica sobre o bom efeito de ducha em casos em que o paciente sofresse de *mania a potu*.

Verificando que, então, podia confiar em meus companheiros para segurar a ponta da corda, dei de novo três ou quatro mergulhos na cabine, embora estivesse completamente escuro e ondas vagarosas, mas extensas, vindas do noroeste, tirassem um tanto a firmeza da carcaça. No decurso dessas tentativas, consegui trazer duas facas de mesa, uma botija de três galões — vazia — e um lençol; nada porém, que nos servisse de alimento. Prossegui nos meus esforços, depois de haver encontrado esses objetos, até ficar inteiramente exausto, mas nada mais pude apanhar. Durante a noite, por turnos, Peters e Parker ocuparam-se do mesmo modo; mas, nada lhes vinha às mãos, desesperamos dessas tentativas, concluindo que estávamos a esgotar-nos em vão.

Passamos o resto da noite num estado da mais intensa angústia mental e corporal que se possa imaginar. Raiou, por fim, a manhã do dia 16 e avidamente lançamos os olhos pelo horizonte à busca de

um socorro, mas tudo inútil. O mar ainda estava calmo, com apenas alongadas ondulações do norte, como na véspera. Fazia então, seis dias que não provávamos comida ou bebida, a não ser a garrafa de vinho, e era claro que não nos poderíamos aguentar muito mais, a menos que se pudesse obter alguma coisa. Nunca vi antes, nem desejo ver de novo, seres humanos tão extremamente descarnados como Peters e Augusto. Tivesse-os encontrado em terra, sua situação atual, eu não alimentaria a mais leve suspeita de havê-los visto antes. Suas fisionomias tinham mudado completamente de aspecto, de modo que eu não poderia ser levado a crer que eram na realidade os mesmos indivíduos em cuja companhia eu estivera apenas poucos dias antes. Parker, embora desfigurado e tão enfraquecido que nem podia erguer a cabeça sobre o peito, não sofrera tanto quanto os outros dois. Suportava tudo com grande paciência, sem queixar-se e tentando animar-nos de esperanças, por todas as maneiras que podia inventar. Quanto a mim, embora no começo dessa viagem estivesse de má saúde e sempre houvesse sido de fraca compleição, estava muito menos emagrecido e conservava minhas faculdades mentais num grau se surpreendente atividade, enquanto os demais estavam completamente abúlicos e aparentavam ter caído numa espécie de segunda infância, com expressões geralmente tolas, com sorrisos idiotas, e falando as vulgaridades mais absurdas. A intervalos, porém pareciam reviver de súbito, como se estimulados abruptamente pela consciência de sua situação, e então saltavam de pé, num relâmpago momentâneo de força, e falavam, por curto período, de nossa posição, de maneira completamente sensata, embora repleta do mais intenso desespero. É possível, porém, que meus companheiros tenham mantido sobre seu estado a mesma opinião sobre o meu e que eu tenha, involuntariamente, sido culpado das mesmas extravagâncias e imbecilidades em que eles caíram. Esta é uma questão que não pode ser verificada.

Por volta do meio-dia, Parker declarou que via terra bombordo e foi com a maior dificuldade que o impedi de mergulhar no mar a fim de alcançá-la a nado. Peters e Augusto pouca importância deram ao que ele dizia, estando aparentemente envoltos em taciturna meditação. Depois de olhar para a posição apontada não pude perceber a mais fraca semelhança de costa. Na verdade, eu sabia muito bem quanto estávamos longe de qualquer terra para ceder a uma esperança dessa natureza. Muito tardou, porém para que conseguisse convencer Parker de seu engano. Ele então irrompeu num copioso pranto, chorando como uma criança com altos gritos e soluços, durante duas ou três horas; depois, extenuado, caiu a dormir.

Peters e Augusto fizeram, após, diversos esforços inúteis para engolir pedaços de couro. Aconselhei-os a mascar e a cuspir fora, mas eles estavam excessivamente debilitados para serem capazes de seguir meu conselho. Continuei a mascar pedaços de couro de vez em quando, e achei nisso algum alívio; minha principal angústia vinha da falta de água e só me contive de tomar um trago da água do mar pela lembrança das horríveis conseqüências que disso resultam para outros em semelhante situação.

Passou o dia dessa forma quando, subitamente, descobri uma vela a leste, no lado de bombordo da proa. Parecia ser de um grande navio e vinha quase que em nossa direção, achando-se provavelmente a doze ou quinze milhas de distância. Nenhum de meus companheiros ainda a descobrira e evitei falar-lhes disso por enquanto temendo que de novo fôssemos desiludidos de socorro. Afinal, quando o navio chegou mais perto, vi distintamente que rumava mesmo em nossa direção, com as velas leves pandas. Não pude então conter-me mais e apontei-o a meus companheiros de sofrimento. Imediatamente, eles saltaram de pé, entregando-se de novo às mais extravagantes demonstrações de alegria, chorando, rindo de maneira idiota, saltando, cabriolando no tombadilho, arrancando os cabelos, rezando e praguejando alternadamente. Fiquei tão impressionado com sua conduta, bem como pelo que agora podia considerar perspectiva certa de salvamento, que não me pude impedir de juntar-me à sua loucura e dar expansão aos impulsos de minha alegria e minha felicidade, deitando-me e rolando no tombadilho, batendo palmas, gritando e fazendo outros atos similares, até que voltei a dominar-me de súbito, atirando-me de novo aos extremos da miséria e do desespero humanos, ao verificar que o navio nos apresentava agora, em cheio, a popa, e navegava numa direção completamente oposta àquela em que eu a princípio o avistara.

Passou-se algum tempo até que eu pudesse levar meus pobres companheiros a crerem que esse triste transtorno de nossas expectativas se verificara realmente. Replicavam eles a todas as minhas asserções, com olhares fixos e gestos significativos, de que não se deixavam enganar por semelhantes embustes. Mais sensivelmente me impressionou a conduta de Augusto. A despeito de tudo quanto eu pudesse fazer ou dizer em sentido contrário, ele persistia em dizer que o navio rapidamente se aproximava de nós e preparava-se para ir para bordo dele. Afirmava que algumas plantas marinhas, que flutuavam perto do brigue, eram os escaleres do outro navio e tentava atirar-se sobre elas, urrando e berrando de maneira a cortar o coração, quando eu o impedia, pela força, de assim lançar-se ao mar.

Acalmando-nos um pouco, continuamos a espiar o navio até que finalmente o perdemos de vista. O tempo se tornara nevoento e uma leve brisa soprava. Logo que o barco desapareceu inteiramente, Parker voltou-se, de súbito, para mim, com uma expressão fisionômica que me fez estremecer. Estava com um aspecto de domínio sobre si mesmo que até então eu não lhe notara e antes que abrisse os lábios meu coração me contou o que ele iria dizer. Propôs, em palavras, que um de nós devia morrer para preservar a vida dos outros.

CAPÍTULO XII

ALGUM TEMPO antes, eu já havia passado a refletir sobre a perspectiva de sermos reduzidos a essa última extremidade e tomara secretamente, a resolução de suportar a morte, de qualquer forma ou sob quaisquer circunstâncias, de preferência a adotar semelhante recurso. E tal resolução não era, no menor grau, enfraquecida pela intensidade da fome que me devorava. Nem Peters, nem Augusto haviam escutado a proposta. Portanto, chamei Parker de lado, e rogando mentalmente a Deus forças para dissuadi-lo do horrível objetivo que entretinha, discuti com ele prolongadamente da maneira mais suplicante, pedindo-lhe por tudo quanto é sagrado e instando-o, por meio de toda espécie de argumentos que o caso extremo sugeria, para abandonar a idéia e não mencioná-la a nenhum dos outros dois.

Ele ouviu tudo o que eu disse, sem tentar responder a qualquer dos meus argumentos e eu começava a esperar que o tivesse convencido, tal como desejava. Mas quando terminei de falar, replicou-me que sabia muito bem ser verdade tudo quanto eu dissera; lançar mão de tal recurso era, de fato, a mais horrível alternativa que podia apresentar-se ao cérebro humano; mas ele havia suportado tudo até o ponto em que a natureza humana se podia sustentar; era desnecessário que todos perecessem desde que, pela morte de um, era possível e mesmo provável que os restantes fossem finalmente salvos. Acrescentou que eu poderia evitar-me de tentar desviá-lo dessa intenção, pois estava completamente decidido a isso, antes mesmo do aparecimento do navio, e só o fato de haver aquele surgido à vista o impedira de mencionar antes, esse propósito.

Roguei-lhe então que, se não podia ser convencido a abandonar tal desígnio, pelo menos o adiasse, pois algum barco ainda podia vir em nosso socorro; reiterei, de novo, todos os argumentos que pude encontrar e que julguei capazes de influenciar uma pessoa daquela natureza bruta. Ele, em resposta, disse que só falara no último momento possível, que não podia resistir mais tempo sem sustento de qualquer espécie e que, portanto, sua sugestão seria tarde em outro dia, pelo menos com relação à sua pessoa.

Verificando que nada do que eu lhe pudesse dizer em tom humilde, o demoveria, assumi então procedimento diferente. Falei-lhe que ele bem devia saber que eu sofrera menos que os outros em consequência de nosso desastre e, portanto, minha saúde e minha força, naquele momento, eram bem maiores do que as dele, Peters ou Augusto; em suma, estava em condição de impor a minha opinião, pela força, se necessário, e se ele tentasse, de qualquer modo, comunicar aos outros sua idéia sanguinolenta e canibalesca, eu não hesitaria em atirá-lo ao mar. A isso, ele imediatamente me agarrou pela garganta e, puxando de uma faca, fez diversas tentativas, inúteis, para ferir-me no estômago, crime que so exaustiva debilidade o impediu de consumir. Entrementes, levado a um acesso de cólera, arrastei-o para a amurada do navio, com a plena intenção de atirá-lo à água. Ele foi salvo desse destino, porém, pela interferência de Peters, que, aproximando-se, separou-nos e perguntou a causa da briga. Parker contou-lha, antes que eu pudesse encontrar qualquer meio de evitá-lo.

O efeito de suas palavras foi mesmo mais terrível do que eu previra. Tanto Augusto como Peters, que, parece, de há muito entretinham, secretamente, a mesma horrível idéia que Parker fora apenas o primeiro a expressar, apoiaram-no e insistiram para que seu desígnio fosse imediatamente levado a efeito. Eu calculara que um dos dois últimos possuísse ainda bastante força de vontade para aliar-se comigo na resistência a qualquer tentativa de realizar tão medonho propósito; e, com a ajuda de qualquer deles eu não temia ser incapaz de impedir sua consumação. Desiludido nessa expectativa, tornou-se absolutamente necessário que eu atendesse à minha própria salvação, pois uma resistência mais prolongada de minha parte poderia ser considerada, por homens naquela terrível situação, como escusa suficiente para recusar-me agir à vontade, na tragédia que rapidamente, eu o sabia, iria iniciar-se.

Falei-lhes então que estava disposto a apoiar a proposta, pedindo apenas o adiamento de uma hora, a fim de que o nevoeiro que nos circundava tivesse ocasião de dissipar-se, pois era possível que o navio que havíamos visto surgisse de novo. Depois de muita dificuldade, arranquei deles a promessa de

esperar esse tempo; e, como eu previra (sobrevindo rápida brisa), o nevoeiro levantou-se antes que expirasse a hora. Nenhum barco apareceu à vista e preparamo-nos para deitar as sortes.

É com extrema relutância que me demoro sobre a cena medonha que então se seguiu; cena que, em seus mínimos pormenores, nenhum acontecimento posterior foi capaz de apagar, no menor grau, de minha memória, e cuja recordação cruel envenenará todos os momentos vindouros de minha existência. Permiti-me passar sobre parte de minha narrativa com a rapidez que a natureza dos fatos a serem narrados permitir. O único método que podíamos adotar para o terrível sorteio e que daria a cada um uma oportunidade, era a de puxar palhinhas. Prepararam-se, para esse fim, pequenos gravetos e combinou-se que eu os seguraria. Retirei-me para uma extremidade do casco, enquanto meus pobres companheiros, silenciosamente, se colocaram na outra, com as costas voltadas para mim. A mais amarga ansiedade que sofri, durante todo o decorrer do horrível drama, sobreveio no momento em que me ocupava com o arranjo das sortes. Poucas situações há em que um homem, provavelmente se possa encontrar e nas quais não sinta profundo interesse pela preservação de sua vida, interesse que, momento a momento se amplia, à medida do enfraquecimento dos laços que conservam a existência. Mas, então, a natureza silente, definida e cruel da ocupação a que eu me entregava (tão diversa dos tumultuosos perigos da tempestade ou dos horrores gradualmente crescentes da fome) permitiu-me refletir nas poucas oportunidades que eu tinha de escapar à mais medonha das mortes, à morte para o mais medonho dos fins. E todas as partículas daquela energia tanto me sustentava fugiram como penas ao vento, presa desesperada do mais abjeto e lastimável dos terrores. Não pude, a princípio, nem mesmo reunir suficientes forças para cortar e afeiçoar os pedacinhos de pau, pois meus dedos se recusavam a esse trabalho, completamente, e meus joelhos batiam com violência um contra o outro. Passaram-me, velozmente, pelo pensamento milhares de absurdos projetos para evitar tornar-me um cúmplice do pavoroso negócio. Pensei em cair de joelhos, aos pés de meus companheiros, suplicando-lhes que me permitissem escapar a essa necessidade; em lançar-me de súbito sobre eles e, matando um, tornar a decisão pela sorte desnecessária; em suma, pensei em tudo, menos em prosseguir com a tarefa que tinha em mãos. Afinal, depois de perder prolongado tempo nessa conduta imbecil, fui chamado à realidade pela voz de Peters, que me instava a aliviá-los, imediatamente, da terrível ansiedade que estavam sofrendo. Mesmo então não pude arranjar logo os cavacos sem pensar em todas as maneiras de trapaça pelas quais poderia levar algum de meus companheiros de sofrimento a puxar a palhinha curta, pois fora combinado que quem puxasse a mais curta de quatro taliscas em minha mão devia morrer para salvação dos restantes. Antes que alguém me condene por essa aparente falta de coração, que se coloque em posição precisamente igual à minha.

Afinal não era possível retardar mais e com o coração a saltar-me do peito, avancei para o lado do castelo de proa e meus companheiros me esperavam. Estendi a mão com as taliscas e Peters imediatamente puxou uma. Estava livre... *A dele* pelo menos, não era a mais curta; e aí fugia outra oportunidade de que eu escapasse. Concentrei todas as energias e passei as sortes a Augusto. Também ele puxou imediatamente e também ele ficou livre; e então as possibilidades de vida ou de morte eram precisamente iguais. Nesse momento, toda a ferocidade me dominou o peito e senti, para com o meu pobre Parker, o mais intenso e diabólico dos ódios. Mas esse sentimento não se prolongou; e, afinal, com tremor convulsivo, fechando os olhos estendi as duas taliscas restantes para ele. Cinco minutos decorreram, antes que ele tivesse tomado coragem nesse período, de coração angustiado, nem uma só vez abri os olhos. Afinal, uma das duas sortes foi puxada rapidamente de minha mão e ninguém falou e, contudo, não ousei convencer-me, olhando para a talisca que estava em minha mão. A decisão fora tomada e eu não sabia se era a meu favor ou contra. Peters, por fim, tomou-me pela mão e forcei-me a levantar os olhos; vi, imediatamente a fisionomia de Parker, que eu estava salvo e fora ele o condenado. Ofegando, sem ar, caí desmaiado no tombadilho.

Recobrei-me do desmaio, a tempo de contemplar a consumação da tragédia, com a morte daquele que fora o principal instrumento de sua realização. Ele não fez qualquer resistência e foi esfaqueado nas

costas por Peters, caindo instantaneamente morto. Não me demorarei sobre o pavoroso repasto que se seguiu. Tais coisas podem ser imaginadas, mas as palavras não têm poder para dar à mente a impressão do estranhíssimo horror de sua realidade. Baste-nos dizer que, tendo apaziguado de algum modo a sede destruidora que nos consumia, graças ao sangue da vítima, e tendo, de comum acordo, lançado fora as mãos, os pés e a cabeça, atirando-as com as entranhas ao mar, devoramos o resto do cadáver, pedaço a pedaço durante os quatro memoráveis dias 17, 18, 19 e 20 daquele mês.

No dia 19, caindo uma chuvinha leve, que durou vinte ou quinze minutos, conseguimos apanhar um pouco de água, por meio de um pedaço de pano que fora pescado da cabine, em nossas pesquisas, logo após a tempestade. A quantidade total que recolhemos não foi mais do que a metade de um galão; mas mesmo esta escassa provisão nos encheu de relativa energia e esperança.

No dia 21, estávamos de novo reduzidos à derradeira necessidade. O tempo permanecia ainda quente e agradável, com nevoeiros ocasionais e brisas ligeiras, mais usualmente de norte para oeste.

No dia 22, como estivéssemos sentados bem juntos uns dos outros, refletindo sombriamente em nossa lamentável condição, atravessou-me, num fulgor, o espírito uma idéia, que me inundou de esplendente clarão de esperança. Lembrei-me de que, quando o mastro de mezena tinha sido cortado, Peters, que estava nas correntes de barlavento, passou-me às mãos um dos machados, pedindo-me para colocá-lo, se possível, num lugar seguro, e de que, poucos minutos antes de se haver o derradeiro golpe pesado de mar descarregado sobre o navio, inundando-o, eu pusera o machado no castelo de proa, e deixara-o num dos beliches de bombordo. Pensei então ser possível que, apoderando-nos desse machado, abríssimos o convés sobre o paiol de mantimentos, e assim prontamente nos supríssemos de provisões.

Quando comuniquei este projeto a meus companheiros, emitiram o grito de alegria e todos seguimos para o castelo de proa. A dificuldade de descer ali era maior do que a de baixar à cabine, sendo a entrada muito menor, pois não se devem esquecer que todo o cavername em torno da escotilha da escada da cabine tinha sido removido, ao passo que a passagem para o castelo de proa, sendo uma simples escotilha de apenas noventa centímetros quadrados, permanecera intata. Não hesitei, contudo, em tentar descer; e tendo sido amarrada uma corda em torno de meu corpo, como antes, mergulhei ousadamente, os pés em primeiro lugar, abri caminho essas para o beliche e, à primeira tentativa, alcancei o machado. Fui saudado com a alegria e o triunfo mais extáticos e a facilidade com que aquilo foi alcançado era olhada como um presságio de nossa salvação definitiva.

Começamos então a atacar o convés, com toda a energia duma esperança reacesa. Peters e eu fazendo uso do machado por turnos, pois o braço ferido de Augusto não lhe permitia que nos prestasse auxílio de qualquer espécie. Como estivéssemos tão fracos a ponto de mal podermos ficar de pé sem apoio, e só pudéssemos conseqüentemente, trabalhar um minuto ou dois, sem descansar, logo se tornou evidente que seriam necessárias muitas horas para levar a cabo nossa tarefa, isto é, abrir uma abertura suficientemente larga para permitir livre acesso ao paiol de mantimentos. Esta consideração, contudo, não nos desencorajou; e, trabalhando a noite inteira, à luz da lua, conseguimos levar a efeito nosso ao raiar do dia 23.

Peters se ofereceu então para descer e, tendo feito todos os preparativos como antes, desceu e logo voltou trazendo consigo um pequeno jarro, que, para grande alegria nossa, se achava azeitonas. Tendo-as distribuído entre nós e devorado com a maior gulodice, tratamos de fazer Peters descer de novo. Desta vez, alcançou ele êxito muito além de nossas maiores expectativas, voltando logo com um grande presunto e uma garrafa de vinho da Madeira. Deste, cada um de nós bebeu apenas um moderado gole tendo aprendido, por experiência própria, as perniciosas conseqüências de beber demasiado sem medida. O presunto, exceto cerca de duas libras perto do osso, não estava em condições de ser comido tendo ficado inteiramente estragado pela água salgada. A parte sã foi dividida entre nós. Não tendo sido capazes de conter seu apetite Peters e Augusto comeram sua parte, no mesmo instante, mas eu fui mais cauteloso e comi apenas pequena porção da minha, temendo a sede que, eu sabia, haveria de seguir-se.

Descansamos pouco do nosso labor, que havia sido intoleravelmente rude.

Pelo meio-dia, sentindo-nos um tanto revigorados e repousados, renovamos nossa tentativa de recolher provisões, descendo alternativamente, eu e Peters, e sempre com mais ou menos êxito até o pôr do sol. Durante este tempo, tivemos a boa sorte de trazer ao todo, mais quatro pequenas botijas de azeitonas, outro presunto, um garrafão contendo quase três galões de excelente vinho do cabo da Madeira e, o que nos deu ainda maior satisfação, uma pequena tartaruga da espécie Galápagos, muitas das quais haviam sido postas a bordo pelo Capitão Barnard, quando o *Grampus* estava deixando o porto, tendo-as recebido da escuna *Mary Pitts* que acabava de chegar duma viagem ao Pacífico, de pesca.

Em parte subsequente desta narrativa terei freqüentes ocasiões de mencionar esta espécie de tartaruga. Encontra-se, principalmente como a maior parte de meus leitores pode saber, no grupo de ilhas chamadas Galápagos, que, realmente, derivam seu nome do animal, significando a palavra "galápagos" uma espécie de tartaruga de água-doce. Por causa de sua forma característica e de sua maneira de agir, têm-na muitas vezes chamado de tartaruga-elefante. Encontram-se algumas de enorme tamanho. Eu mesmo tenho visto muitas que pesariam de mil e duzentas a mil e quinhentas libras, embora não me recorde que algum navegante conte que as tenha visto pesando mais de oitocentas libras. Seu aspecto é singular e mesmo repelente. Seus passos são muito lentos, medidos e pesados, elevando-se seu corpo a cerca de trinta centímetros acima do solo. Seu pescoço é comprido e excessivamente fino; de quarenta e cinco a sessenta centímetros e um comprimento bem comum, e eu matei uma cuja distância do ombro à extremidade da cabeça não era de menos de um metro e quinze centímetros. A cabeça tem uma semelhança chocante com a de uma serpente. Podem viver sem comida por um período de tempo quase inacreditável, conhecendo-se exemplos em que têm sido lançadas no porão de um navio, ali ficando dois anos sem nutrição de qualquer espécie, tão gordas, a todos os efeitos, e em tão bom estado, ao terminar o prazo, como quando ali foram postas a princípio. Neste particular, esses extraordinários animais se assemelham ao dromedário ou camelo do deserto. Numa bolsa, na raiz do pescoço, carregam elas constante provisão de água. Em alguns delas, matando-as depois de terem estado todo um ano privadas de qualquer nutrição, têm sido encontradas nessas bolsas cerca de uns três galões de água perfeitamente doce e fresca. Seus alimentos são principalmente salsa selvagem e aipo, com beldroega, barrilha e cacto, havendo grande abundância deste último, de que elas se aproveitam maravilhosamente nas encostas, perto da praia, onde o animal é encontrado. São um alimento excelente e altamente nutritivo, e têm servido, sem dúvida, de meio de conservação das vidas de milhares de marinheiros empregados na pesca da baleia e outras ocupações no Pacífico.

A que tivéramos a boa sorte de trazer do paiol de mantimentos não era lá muito grande, pesando provavelmente sessenta e cinco ou setenta libras. Era fêmea, em ótimas condições, extremamente gorda e tendo mais de um quarto de galão de água doce e clara no seu saco. Isto era na verdade um tesouro e, caindo de joelhos, todos de uma vez, demos fervorosas graças a Deus por tão oportuno alívio.

Tivemos grande dificuldade em fazer passar o animal pela abertura pois ele se debatia com furor e sua força era prodigiosa, a ponto de escapar das mãos de Peters e mergulhar de novo, quando Augusto, lançando uma corda, com um nó corrediço em torno de seu pescoço, manteve-a desta forma, até que eu tivesse pulado para o buraco ao lado de Peters e o auxiliasse a empurrá-la para fora.

Transvasamos cuidadosamente a água do saco para o jarro, que, hão de lembrar-se, havíamos trazido antes da cabine. Feito isto, quebramos o gargalo duma garrafa, de modo a formar com a rolha uma espécie de copo que não chegava a conter vinte e cinco centilitros. Cada um de nós bebeu então um desses copos cheios, e resolvemos limitar-nos a essa quantidade por dia, tanto tempo quanto pudesse durar a provisão.

Durante os dois ou três últimos dias, tendo o tempo ficado seco e agradável, as cobertas que havíamos trazido da cabine, bem como nossas roupas, haviam secado inteiramente, de modo que passamos essa noite (a do dia 23) em relativo conforto, gozando um tranquilo repouso depois de

havermos ceado lautamente azeitonas e presunto, com um pequeno gole de vinho. Receosos de ver de nossas provisões arrebatadas pelo mar durante a noite, no caso de levantar-se uma brisa forte, amarramo-las da melhor forma com as cordas, aos fragmentos do molinete. Nossa tartaruga, que tínhamos o maior interesse em conservar viva, tanto tempo quanto pudéssemos, viramo-la de costas e, além disso, prendemo-la cuidadosamente.

CAPÍTULO XIII

JULHO, 24. Esta manhã nos encontrou maravilhosamente restabelecidos de coragem e força física. Não obstante a situação perigosa em que ainda nos achávamos colocados, ignorando nossas posições embora certamente a grande distância de terra, sem mais alimento do que o necessário para uma quinzena, mesmo racionado, quase inteiramente sem água e flutuando para cá e para lá, à mercê de todos os ventos e ondas, sobre o destroço mais miserável do mundo, contudo, as angústias e perigos infinitamente mais terríveis que tínhamos sido tão recente e providencialmente libertados levavam-nos a olhar aquilo que agora suportávamos como um mal apenas um pouco maior do que o costumeiro — tão estreitamente relativos são o bem e o mal.

Ao raiar do sol estávamo-nos preparando para renovar nossas tentativas de arranjar alguma coisa do paiol de mantimentos quando, tendo sobrevindo uma forte chuvada, com alguns relâmpagos voltamos nossa atenção para a coleta de água, por meio que tínhamos usado antes para esse fim. Não tínhamos outros meios de recolher a chuva, além do de manter o pano com uma das chapas dos porta-ovéns no meio. A água assim conduzida para o centro era drenada para o nosso jarro. Já o havíamos quase enchido dessa maneira, quando uma forte rajada vinda do norte obrigou-nos a desistir, pois o casco começou mais uma vez a jogar tão violentamente que não nos podíamos conservar pé. Corremos então para a proa e, amarrando-nos, solidamente aos restos do molinete, como antes, aguardamos os acontecimentos com muito mais calma do que teríamos previsto, ou de que nos teríamos imaginado capazes em tais circunstâncias. Ao meio-dia o vento se havia avivado, mudando-se numa brisa de colher duplos rizes e, à noite, transformara-se numa borrasca violenta, acompanhada de mar tremendamente grosso. Tendo-nos ensinado, porém a experiência o melhor método de arranjar nossas amarras, suportamos essa noite terrível com tolerável segurança, embora inteiramente inundados quase a cada instante pelo mar e em perpétuo perigo de sermos tragados. Felizmente, o tempo estava tão quente que tornava a água mais agradável do que mesmo outra coisa.

Julho, 25. Esta manhã a borrasca diminuía, tanto que não era mais do que uma brisa de dez nós e o mar tinha baixado tão consideravelmente que podíamos conservar-nos a seco sobre o convés. Com grande tristeza, porém, descobrimos que dois potes de nossas azeitonas bem como todo o nosso presunto tinham sido tragados pelo mar, a despeito da cuidadosa maneira por que tinham sido amarrados. Resolvemos não matar ainda a tartaruga e contentar-nos, no momento, com um almoço de umas poucas azeitonas e um copo de água, cada um à qual misturamos, em porções iguais, um de vinho. Causou-nos grande alívio e reconforto a mistura, sem a desagradável embriaguez que se segue quando se, bebe vinho do Porto. O mar estava ainda demasiado crespo para que recommêssemos nossos esforços de recolher provisão do paiol. Muitos artigos sem importância para nós, em nossa presente situação, flutuaram através da abertura, durante o dia, e eram imediatamente tragados pelo oceano. Nós também observamos que o casco se ia inclinando, cada vez mais, de modo que não podíamos ficar de pé, um instante, sem nos amarrar. Por causa disto, passamos um dia sombrio e desagradável. Ao meio-dia, o sol parecia quase vertical sobre nós e não tivemos dúvida de haver sido levados pela longa sucessão dos ventos do norte e do noroeste quase para as proximidades do equador. Lá pela tarde vimos vários tubarões e ficamos um tanto quanto alarmados pela audaciosa maneira com que um enormemente grande se aproximou de nós. Em certo instante, como uma guinada houvesse lançado o casco muito abaixo da água, o monstro ficou realmente a nadar acima de nós, debatendo-se por momentos bem sobre a escotilha da passagem, e batendo violentamente com a cauda em Peters. Uma pesada onda, afinal, jogou-o para o outro lado, com grande alívio nosso. Em tempo moderado teríamos podido capturá-lo facilmente.

Julho, 26. Esta manhã, tendo o vento grandemente tombado e não estando o mar muito crespo, resolvemos renovar nossos esforços no paiol. Depois de um trabalho bastante árduo, durante o dia inteiro descobrimos que nada mais tínhamos a esperar naquele setor, os tabiques do compartimento tinham sido

rebetados, durante a noite, rolando as provisões para dentro do porão. Esta descoberta, como é de supor-se, encheu-nos de desespero.

Julho, 27. Mar quase manso, com uma leve brisa, sempre de norte para oeste. Tendo-se o sol tornado bastante quente à tarde, ocupamo-nos em secar nossas roupas. Fomos muito aliviados da sede e também muito reconfortados por nos termos banhado no mar. Neste banho, porém, fomos forçados a usar de grande cautela, receosos dos tubarões, muitos dos quais foram vistos nadando em torno do brigue durante o dia.

Julho, 28. Bom tempo ainda. O brigue começou agora a inclinar-se tão alarmantemente que receamos que ele se virasse de todo, de fundo para cima. Preparam-nos o melhor que podíamos para essa emergência, amarrando nossa tartaruga, nosso jarro de água e os dois restantes potes de azeitonas, tão distantes quanto possível, a barlavento, colocando-os por fora do casco, abaixo dos grandes porta-ovéns. O mar, muito manso o dia todo, com pouco ou nenhum vento.

Julho, 29. Continuação do mesmo tempo. O braço de Augusto começou a mostrar sintomas de gangrena. Queixa de entorpecimento e de sede excessiva, mas não de dores agudas. Nada podíamos fazer para aliviá-lo, a não ser esfregar suas feridas com um pouco do azeite das azeitonas, sem que disso parecesse resultar grande benefício. Fizemos tudo quanto estava a nosso alcance para aliviá-lo e triplicamos sua ração de água.

Julho, 30. Dia excessivamente quente, sem vento. Um enorme tubarão conservou-se junto ao casco durante toda a manhã. Fizemos várias tentativas infrutíferas para capturá-lo, por meio de um nó corrediço. Augusto muito pior e evidentemente enfraquecendo-se cada vez mais, tanto por falta de alimentação conveniente como por efeito de seus ferimentos. Suplicava a cada instante que o livrássemos de seu sofrimento, nada mais desejando senão a morte. Esta tarde, comemos nossas derradeiras azeitonas e encontramos a água, na nossa tina, tão pútrida que não podíamos engoli-la absolutamente, sem que lhe misturássemos vinho. Resolvemos matar nossa tartaruga na manhã seguinte.

Julho, 31. Depois de uma noite de excessiva ansiedade e fadiga, devido à posição do casco, pusemo-nos a matar e a corta em pedaços nossa tartaruga. Verificou-se que ela era muito menor do que tínhamos suposto, embora de boa qualidade. Não atingia toda a carne que dela retiramos a mais de dez libras. Tendo em vista reservar uma parte, o maior tempo possível, cortamo-la em pedaços finos e os colocamos nos nossos três potes restantes de azeitonas e na garrafa de vinho (que havíamos preciosamente conservado derramando por cima o azeite das azeitonas. Desta maneira guardamos cerca de três libras da tartaruga, não tencionando tocar-lhe até termos consumido o restante. Resolvemos limitar-nos mais ou menos a cem gramas de comida por dia; dessa forma todo o alimento poderia durar uns treze dias. uma chuvarada acompanhada de fortes trovões e relâmpagos, caiu ao anoitecer mas durou tão pouco tempo que só conseguimos recolher vinte e cinco centilitros de água. Toda ela, por comum acordo foi dada a Augusto, que parecia encontrar-se agora na derradeira extremidade. Bebia a água do pano, à proporção que a recolhíamos (pois mantínhamos o pano sobre ele de modo a deixá-la correr para sua boca), porque nada tínhamos agora que pudesse guardar a água, a não ser que resolvêssemos esvaziar nosso vinho do garrafão ou jogar fora a água podre do jarro. Qualquer desses expedientes teria sido tomado se a chuva durasse.

O doente pareceu tirar apenas pouco alívio da bebida. Seu braço estava completamente negro do punho até ao ombro, e tinha os pés gelados. Esperávamos a cada momento vê-lo dar o último suspiro. Estava horrivelmente emagrecido, tanto que, embora pesasse cento e vinte e sete libras ao deixar Nantucket, não tinha agora mais do que quarenta ou cinquenta, no máximo. Tinha os olhos encovados, visíveis apenas, e a pele de suas bochechas pendia tão frouxa que o impedia de mastigar qualquer alimento, ou mesmo de engolir qualquer líquido, sem grande dificuldade.

Agosto, 1. Continuação do mesmo tempo calmo, com um sol opressivamente quente. Excessiva tortura da sede, estando a água jarro absolutamente podre e fervilhante de bichos. Conseguimos, não

obstante, engolir certa porção dela misturando-a com vinho. Nossa sede, porém, apenas se acalmou um pouco. Encontramos alívio banhando-nos no mar, mas não podíamos valer-nos expediente a não ser a longos intervalos, por causa da contínua presença de tubarões. Víamos agora, claramente, que Augusto não podia ser salvo; estava evidentemente morrendo. Nada podíamos fazer para aliviar seus sofrimentos, que pareciam ser enormes. Cerca de doze horas ele expirou, entre fortes convulsões, e sem ter falado durante horas. Sua morte encheu-nos dos mais sombrios pressentimentos e tamanho efeito teve sobre nossos espíritos que ficamos sentados, imóveis, junto ao cadáver, durante o dia inteiro, sem que jamais nos dirigíssemos um ao outro a não ser em voz baixa. Foi somente algum tempo depois do escurecer que tomamos coragem de levantar-nos e lançar o corpo pela borda. Estava então inexprimivelmente pesado e tão apodrecido que, no tentar Peters levantá-lo, uma perna inteira ficou-lhe na mão. Quando aquela massa putrefata deslizou sobre o lado do navio, para dentro da água de luz fosfórica de que já estava cercada plenamente nos mostrou sete ou oito grandes tubarões cujo matraquear horrível dos dentes, quando sua presa foi dilacerada por eles, podia ter sido ouvido à distância de uma milha. Ouvindo esse ruído, fomos penetrados de horror, até o mais íntimo de nosso ser.

Agosto, 2. A mesma calma terrível, o mesmo calor excessivo. A madrugada encontrou-nos num estado de lastimável abatimento e de completo esgotamento físico. A água do jarro era agora completamente inutilizável, não passando de espessa massa gelatinosa, nada mais do que vermes de horrível aspecto misturados com limo. Atiramo-la fora e lavamos o jarro no mar, depois de haver derramado nele algumas gotas do azeite de nossas botijas de tartaruga picada. Mal podíamos agora suportar a sede e, em vão, tentávamos com o vinho, que só parecia ajuntar combustível às chamas nos excitava a um alto grau de embriaguez. Tentamos depois aliviar nossos sofrimentos misturando o vinho com água do mar; isso, instantaneamente, provocou em nós as mais violentas náuseas de modo que não mais o experimentamos. Durante todo o dia ansiosamente, buscamos uma oportunidade para banhar-nos, mas foi inútil, pois o casco estava agora inteiramente sitiado por os lados pelos tubarões, sem dúvida os mesmos monstros que tinham devorado nosso pobre companheiro na noite anterior e que se achavam em contínua expectativa de outro festim semelhante. Esta circunstância causou-nos a saudade mais amarga e encheu-nos dos mais deprimentes e melancólicos presságios. Havíamos experimentado indescritível alívio banhando-nos e estava além de nossas forças suportar o ficar privados desse recurso de maneira tão terrível. Aliás, não estávamos inteiramente livres do temor do imediato perigo, pois o mais leve deslize ou falso movimento poderia lançar-nos, imediatamente, ao alcance daqueles vorazes peixes que freqüentemente se atiravam sobre nós nadando para sota-vento. Nem gritos nem esforços de nossa parte pareciam alarmá-los, mesmo quando um dos maiores foi atingido por Peters, com uma machadada e gravemente ferido, persistiu em suas tentativas de atirar-se aonde estávamos. Uma nuvem apareceu ao escurecer, mas para nossa extrema angústia, passou sobre nós sem desfazer-se. É inteiramente impossível conceber nossas torturas de sede nessa ocasião. Passamos uma noite em claro, quer por causa disso, quer por medo dos tubarões.

Agosto, 3. Nenhuma perspectiva de alívio e o brigue inclinava-se ainda mais e mais, de modo que agora não podíamos dar um passo sequer sobre o convés. Ocupamo-nos em pôr a salvo o nosso vinho e a carne da tartaruga a fim de não os perder caso o navio revirasse. Arrancamos dois fortes pregos dos porta-ovéns e por meio do machado, pregamo-los no casco de barlavento, a uns dois pés da água, o que não ficava muito distante da quilha, pois estávamos quase de lado. A estes pregos amarramos nossas provisões que assim pareciam estar mais a salvo do que na sua antiga posição por baixo das correntes. Torturados grandemente pela sede durante o dia inteiro nenhuma oportunidade de banhar-nos por causa dos tubarões que não nos abandonavam um momento sequer. Impossível dormir.

Agosto, 4. Um pouco antes do raiar do dia percebemos que navio estava girando e tratamos de evitar ser lançados ao mar por esse movimento. A princípio, a rotação era lenta e gradativa, e conseguimos muito bem grimpar para barlavento, tendo tomado a precaução de deixar cordas pendentes

dos pregos que havíamos fincado para as provisões. Mas não tínhamos calculado suficientemente a aceleração da força impulsiva, pois agora o movimento se tornava tão violento que não nos permitia caminhar de par com ele; e, antes que qualquer um de nós percebesse o que ia acontecer, vimo-nos jogados furiosamente no mar, debatendo-nos a muitas braças abaixo da superfície e com o enorme casco justamente sobre nós.

Ao mergulhar na água fora obrigado a largar a corda e descobrindo que me achava completamente por baixo do navio e com as minhas forças quase exaustas, fiz apenas leve esforço para salvar a vida e resignei-me, em poucos segundos, a morrer. Mas, aqui, de novo eu me enganara, não tendo levado em conta a reviravolta natural do casco para barlavento. O redemoinho da água que subia, ocasionado por esse giro parcial do navio, me trouxe à superfície ainda mais violentamente do que eu tinha sido submergido. Subindo à tona, achei-me a cerca de vinte jardas do casco tanto quanto pude julgar. Estava de quilha para cima, rolando furiosamente, de um lado para outro, enquanto o mar em todas as direções se mostrava bastante agitado e cheio de violentos torvelinhos. Não podia avistar Peters. Uma barrica de óleo flutuava, a pouca distância de mim, e vários outros artigos do brigue estavam disseminados em torno.

Meu principal terror era agora causado pelos tubarões que sabia estarem na vizinhança. A fim de evitar, se possível, que eles se aproximassem de mim, bati vigorosamente a água com os pés e mãos, enquanto nadava para o casco, formando uma grande massa de espuma. Não tenho dúvida de que, a esse expediente tão simples como era, devo a minha salvação; pois o mar em redor do brigue, justamente antes que este revirasse, estava tão coalhado desses monstros que eu devia ter estado, e realmente estive, em verdadeiro contato com alguns deles durante o meu trajeto. Graças a uma imensa boa sorte, porém, alcancei o costado do navio a salvo, embora tão extremamente enfraquecido pelo violento esforço que empregara que jamais teria sido capaz de subir para ele, não fosse o oportuno auxílio de Peters, que, então, para minha grande alegria, apareceu (tendo trepado para a quilha pelo lado oposto do casco) e lançou-me a ponta de uma corda — uma das quais eu tinha amarrado aos pregos.

Mal tínhamos escapado a esse perigo, nossa atenção foi desviada para a terrível iminência de outro: o da completa inanição. Todo o nosso sortimento de provisões tinha sido lançado ao mar, a despeito de todo o nosso cuidado em amarrá-lo; e, não vendo sequer remota possibilidade de obter mais algum, demos largas ao nosso desespero chorando alto como crianças, e sem que nenhum de nós oferecer consolo ao outro. Mal se pode conceber tal fraqueza e, àqueles que nunca se encontraram em tal situação, não parecerá ela coisa natural; mas deve ser lembrado que nossas inteligências se achavam tão inteiramente desordenadas pelo longo período de privações e terror a que havíamos estado sujeitos que não podíamos ser justamente considerados, naquela ocasião, como seres racionais. Em perigos subsequentes, quase tão grandes, senão maiores, supor-tei com fortaleza todos os males de minha situação, e Peters como se verá, revelou uma filosofia estóica, quase tão incrível como a sua real e infantil indiferença e imbecilidade; a diferença estava na situação mental.

A reviravolta do brigue, mesmo com a resultante perda do vinho e da tartaruga, não teria, de fato, tornado nossa situação mais deplorável do que antes, não fosse a desapareição das roupas de cama por meio das quais até então tínhamos podido recolher a água da chuva e do jarro no qual nós a conservávamos quando apanhada, pois encontramos toda a carena, a partir de sessenta ou noventa centímetros da precinta até a quilha, e toda a própria quilha *cobertas de espessa camada de grandes moluscos que nos proporcionaram alimento excelente e altamente nutritivo*. Dessa forma, sob dois importantes aspectos, o acidente que nos atemorizara tanto demonstrou ser mais benéfico do que prejudicial. Abrira para nós um suprimento de provisão que não poderíamos esgotar, usando-o embora imoderadamente, nem mesmo em um mês, e contribuíra grandemente para aliviar nossa posição, pois estávamos muito mais à vontade correndo infinitamente menos perigo do que antes.

A dificuldade, porém, de obter agora água fazia com fechássemos os olhos a todos os benefícios da

mudança de nossa posição. Para que pudéssemos estar prontos a aproveitar, o melhor possível qualquer aguaceiro que sobreviesse, tiramos as camisas, usá-las como havíamos anteriormente feito com os lençóis não esperando, sem dúvida, obter desse modo, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, mais do que um oitavo de vinte e cinco centilitros de cada vez. Nenhum sinal de nuvens apareceu durante o dia e as torturas de nossa sede eram quase intoleráveis. À noite Peters conseguiu dormir, descansado cerca de uma hora, mas meus intensos sofrimentos não me permitiram pregar olhos um só instante.

Agosto, 5. Hoje uma brisa ligeira se ergueu levando-nos através de vasta quantidade de algas, entre as quais tivemos a sorte de encontrar onze pequenos caranguejos, que nos proporcionaram várias refeições deliciosas; sendo suas cascas completamente moles, comemo-los inteiros, e descobrimos que eles provocavam bem menos nossa sede do que os moluscos. Não vendo sinais de tubarões entre as algas, aventuramo-nos também a tomar banho e permanecemos na água durante quatro ou cinco horas, nas quais experimentamos diminuição bastante sensível de nossa sede. Refrescamos-nos bastante e passamos a noite um tanto mais confortáveis que antes, tendo ambos conseguido dormir um pouco.

Agosto, 6. Fomos favorecidos hoje por uma chuva contínua que durou do meio-dia até depois do escurecer. Deploramos, então, amargamente, a perda de nosso jarro e de nosso garrafão pois, a despeito dos poucos meios que tínhamos de apanhar a água, poderíamos ter enchido um, senão mesmo os dois. Seja como for conseguimos aplacar os ardores da sede deixando que nossas camisas se encharcassem e depois torcendo-as, até que o líquido salutar se vertesse em nossa boca. Nesta ocupação passamos o dia inteiro.

Agosto, 7. Justamente ao raiar do dia descobrimos ambos ao mesmo tempo, uma vela a leste, e que *evidentemente se dirigia para nosso lado!* Saudamos a gloriosa aparição com um fraco, grito de êxtase; e começamos, no mesmo a fazer todos os sinais que podíamos, agitando as camisas no alto, pulando tão alto quanto nossa fraqueza nos podia permitir, e mesmo gritando, com toda a força de nossos pulmões, embora o navio estivesse a uma distância de quinze milhas pelo menos. No entanto continuava ele a aproximar-se sempre de nosso casco e compreendemos que, se ele persistisse na mesma direção, deveria com todas as probabilidades, chegar tão perto que nos avistaria. Cerca de hora depois de o havermos visto pela primeira vez, pudemos claramente avistar as pessoas no convés. Era uma escuna comprida, baixa, com uma vela de mezena um tanto inclinada e uma bola preta no velacho, tendo, ao que parecia, grande tripulação. Experimentamos então grande angústia, pois não podíamos imaginar que não nos visse e receávamos que quisesse deixar-nos perecer daquela forma — ato de diabólica barbaria, que, por mais incrível que pudesse parecer, tem sido repetidamente perpetrado no mar, em circunstâncias bem

semelhantes e por seres olhados como pertencentes a espécie humana. [2] Desta vez, porém, graças a Deus, estávamos destinados a enganar-nos, felizmente, pois, de súbito, percebemos uma repentina agitação no convés do navio estrangeiro, o qual, logo sem demora, içou uma bandeira inglesa e, orçando o vento, aproou diretamente sobre nós. Meia hora mais tarde achávamo-nos na sua cabine. O navio era o *Jane Guy*, de Liverpool, comandado pelo capitão Guido, em viagem de pesca de focas e de comércio pelos mares do sul e no Pacífico.

CAPÍTULO XIV

A *JANE GUY* era uma escuna veleira de cento e oitenta toneladas de carga. Com a proa desusadamente aguçada, tendo vento e em tempo moderado, era o mais veloz barco que já vi. Suas qualidades, porém, para navegar em mar agitado não eram tão boas, e sua tiragem de água era excessiva para o uso a que se destinava. Em caso tal, um navio maior e de tiragem proporcionalmente mais leve seria preferível; digamos, um navio de trezentas a trezentas e cinquenta toneladas. Ela deveria ser armada à capa e, em outros aspectos ter construção diversa da dos navios comuns dos mares do sul. Era absolutamente necessário que tivesse bom armamento. Deveria possuir de dez a doze canhões de doze libras e dois ou três de doze, mais compridos, com bacamartes de bronze e caixões impermeáveis para cada cesto da gávea. Suas âncoras e cabos deveriam ser de maior resistência do que a requerida para outras espécies de comércio, e, acima de tudo, sua tripulação tinha de ser numerosa e eficiente: nada menos, para um vaso tal como o que descrevi, de cinquenta ou sessenta homens capazes e fortes. A *Jane Guy* tinha uma tripulação de 35 homens, todos hábeis marinheiro, além do capitão e do imediato, mas não estava completamente bem armada nem equipada, de outra parte, como teria desejado um navegador conhecedor das dificuldades e perigos de seu ramo.

O Capitão Guido era um cavalheiro de trato urbaníssimo e de considerável experiência do tráfico do sul, a que devotara grande parte de sua vida. Era deficiente, contudo, em energia e em consequência, nesse espírito de iniciativa que ali tão amplamente se requer. Era em parte proprietário do navio em que viajava e se achava investido de poderes discricionários para cruzar os mares do sul em busca de qualquer carga que lhe pudesse facilmente vir às mãos. Tinha a bordo, como de hábito em tais viagens, colares, espelhos, isqueiros, machados, machadinhas, serrotes, enxós, plainas, cinzéis, escopros, verrumas, limas, cepilhos, limatões, martelos, pregos, facas, tesouras, navalhas, agulhas, linha, louça, panos de algodão, berloques e outros artigos similares.

A escuna navegara de Liverpool a 10 de julho, atravessara o trópico de câncer a 25, na longitude de vinte graus oeste e alcançara Sal, uma das ilhas de Cabo Verde, a 29. Ali embarcou sal e outras coisas necessárias à viagem. A 3 de agosto deixou as ilhas de Cabo Verde e rumou para sudoeste, dirigindo-se para a costa do Brasil, de modo a cruzar o equador, entre os meridianos de vinte e oito e trinta graus longitude oeste. Esse é o curso usualmente adotado pelos navios que vêm da Europa para o cabo da Boa Esperança, ou pela rota das Índias Orientais. Assim fazendo evitam eles as calmarias e as fortes correntes contrárias que continuamente predominam na costa da Guiné, ao mesmo tempo que no fim de contas, esse é o caminho mais curto, pois nunca faltam ventos de oeste para quem quer atingir o cabo. Era intenção do Capitão Guido fazer sua primeira parada na Terra de Kerguelen — mal posso imaginar por qual motivo. No dia em que fomos recolhidos a escuna estava ao largo do cabo de São Roque, na longitude de trinta e um graus oeste; assim, quando encontrados havíamos derivado provavelmente, de norte a sul, *não menos de vinte e cinco graus!*

A bordo da *Jane Guy* fomos tratados com toda a bondade que exigia nossa angustiosa situação. Em cerca de uma quinzena durante a qual continuamos rumando para sudeste com belo tempo, Peters e eu recobramo-nos inteiramente de dos efeitos de nossas recentes privações e terríveis sofrimentos, e começamos a recordar o que se passara mais como um pesadelo de que havíamos felizmente despertado do que como acontecimentos, de fato, que tivesse ocorrido na realidade nua e crua. Desde então notei que essa espécie de olvido parcial é usualmente produzida pelas transições súbitas seja da alegria para a tristeza, seja da tristeza para a alegria, sendo o grau de esquecimento proporcional ao grau de diferença na mudança. Assim, no meu caso pessoal, sentia então ser impossível apreender a extensão completa das misérias que suportara durante os dias passados no casco. Recordam-se os incidentes, mas não os sentimentos que tais incidentes produziram no tempo de sua ocorrência. Só sei que quando ocorreram,

supus *então* que agonia maior a natureza humana não poderia suportar.

Continuamos nossa viagem por algumas semanas sem incidentes de maior porte que o encontro ocasional de navios baleeiros, e, mais frequentemente, com a baleia preta, assim chamada para distingui-la do cachalote. Estes, porém, eram encontrados, principalmente ao sul do paralelo vinte e cinco. A 16 de setembro, estando nas cercanias do cabo da Boa Esperança, a escuna encontrou sua primeira borrasca de alguma violência desde a partida de Liverpool. Nessas proximidades, porém, mais frequentemente a sul e a leste do promontório (estávamos a oeste), os navegantes têm sempre de enfrentar tormentas vindas do norte que se desencadeiam furiosamente. Com elas o mar se torna sempre agitadoíssimo e um de mais perigosos aspectos é o redemoinhar do vento, o que é quase certo ocorrer em meio à maior força da tempestade. Estará soprando um furacão autêntico do norte ou do nordeste, a dado momento, e no momento seguinte, nem um sopro de vento se sentirá daquela direção, enquanto do sudoeste a rajada virá, imediatamente, com violência quase inconcebível. Uma nesga de céu limpo no sul é o sinal da mudança e os navios podem assim tomar as precauções convenientes.

Foi por volta das seis da manhã que o furacão se desencadeou com uma chuvarada que nuvem alguma deixara prever, vindo, como de costume, do norte. Às oito, aumentara muito e tínhamos sob nós um dos mares mais tremendos que já vi. Tudo fora acomodado o melhor possível, mas a escuna lutava com dificuldade e dava mostras de suas más qualidades como navio de alto-mar, inclinando o castelo de proa a cada vaga e debatendo-se, com o maior esforço, para sair de uma onda antes de despenhar-se em outra. Justamente antes do sol se pôr, a nesga de céu limpo pela qual estivéramos esperando apareceu a sudoeste e uma hora depois percebemos a vela pequena de frente que tínhamos, açoitando, solta, o mastro. Dois minutos após, a despeito de todos os preparativos, fomos lançados de lado, como por mágica, e uma vastidão imensa de espuma veio quebrar-se sobre nós. O furacão do sudoeste, porém, não passou felizmente de uma rajada, e tivemos a sorte de endireitar o navio sem a perda de uma verga. Poucas horas depois disso, um mar grosso e picado dava-nos o maior trabalho. Mas, ao amanhecer encontramos-nos em situação quase tão boa como antes da tormenta. O Capitão Guido achou que escapáramos pouco menos que por milagre.

A 13 de outubro, chegamos à vista da ilha do Príncipe Eduardo, na latitude de 46 graus 53 minutos S. e longitude de 37 graus 46 minutos L. Dois dias depois encontram-nos perto da ilha da Possessão, e depois passamos pelas lhas de Crozet, na latitude de 42 graus 59 minutos S. e na longitude de 48 graus L. No dia dezoito chegamos à ilha de Kerguelen, ou da Desolação no oceano Índico meridional, e ancoramos em Porto Natal, com quatro braças de água.

Essa ilha, ou antes, esse grupo de ilhas, fica a sudeste do cabo da Boa Esperança e dista dele cerca de oitocentas léguas. Foi descoberta, primeiramente, em 1772, pelo Barão de Kergulen ou Kerguelen, um francês que, achando que aquela terra formava parte de um extenso continente austral, levou à sua pátria tal informação que na época produziu sensação enorme. O governo, interessando-se pelo caso, enviou o barão, no ano seguinte, para fazer um exame cuidadoso de sua nova descoberta, dando-se então pelo engano. Em 1777, o Capitão Cook veio a dar com o mesmo grupo e veio a dar à ilha principal o nome de ilha da Desolação, título que ela certamente merece. Ao aproximar-se da terra, porém, o navegante pode ser induzido a supor o contrário, pois as encostas de muitas das colinas, de setembro a março, revestem-se de brilhante verdura. Essa enganosa aparência é causada por uma pequena planta que se assemelha às saxífragas e que é abundante, crescendo em vastos lençóis sobre uma espécie de musgo de pedra. Além dessa planta, raros são os sinais de vegetação na ilha, se excetuarmos alguma relva dura e selvagem, nas proximidades do porto, alguns líquens, e uma planta que se assemelhava a uma couve passada e que tinha um gosto acre e amargo.

O aspecto da região é acidentado, embora nenhuma de suas colinas possa ser considerada elevada. Seus cimos estão perpetuamente cobertos de neve. Há diversos ancoradouros, mas Porto Natal é o mais conveniente. É o primeiro que se encontra do lado nordeste da ilha, depois de passado o cabo François,

que forma a praia do norte e, por sua forma especial, serve para assinalar o porto. Sua ponta terminal finda numa rocha elevada através da qual existe grande cavidade, formando um arco natural. A entrada está na latitude 48 graus 40 minutos S., e longitude 69 graus e 6 minutos L. Passando por ali pode-se encontrar boa ancoragem entre diversas ilhotas disseminadas que formam proteção suficiente para os ventos de leste. Passando a oriente desse ancoradouro chega-se à baía Wasp, na entrada do porto. É uma angra completamente fechada por terra na qual se pode entrar com quatro braças e encontrar ancoragem de dez a três, sendo o fundo de argila dura. Um navio pode ficar ali com a melhor âncora guardada o ano inteiro, sem correr risco. A oeste na entrada da baía Wasp, há um riacho de excelente água, facilmente encontrado.

Certas focas das espécies lisa e peluda são ainda achadas na ilha de Kerguelen e os elefantes-marinhos são abundantes. Grande é o número das espécies de penas. Há inúmeros pingüins, de quatro tipos diferentes. O pingüim-real, assim chamado por seu tamanho e bela plumagem, é o maior. A parte superior de seu corpo é habitualmente cinzenta e às vezes de uma tonalidade arroxeadas; a parte inferior é da mais pura alvura imaginável. A cabeça é de um negro polido e brilhantíssimo, bem como os pés. A principal beleza da plumagem, porém, consiste em duas largas faixas de cor dourada que correm da cabeça até o peito. O bico é longo e cor-de-rosa ou escarlate-vivo. Essas aves andam eretas, com imponente majestade. Trazem as cabeças levantadas, com as asas caídas, como dois braços e, como a cauda se projeta de seu corpo em linha reta com as pernas, a semelhança com uma figura humana é impressionante e seria capaz de enganar o espectador, a um relancear de olhos casual, ou no lusco-fusco. Os pingüins-reais que encontramos na ilha de Kerguelen eram bem maiores que um ganso. As outras espécies são o pingüim "macarrão", o pingüim "abobalhado" e o pingüim "gralhador". São eles muito menores em tamanho, menos belos na plumagem e diferentes sob outros aspectos.

Além dos pingüins, muitas outras aves ali se acham, entre as quais corvos-marinhos, procelárias azuis, cercetas, patos, galinhas de Port Egmont, corvos verdes, pombos-do-cabo, gaivotas-polares, andorinhas-do-mar, esternas, gaivotas comuns, o pequeno petrel, chamado *Mother Carrey's chicken*, o grande petrel, chamado *Mother Carrey's goose* ^[*], e, por fim, o albatroz.

O grande petrel é do tamanho do albatroz comum e é carnívoro. Frequentemente o chamam quebra-ossos ou águia-marinha. Não é absolutamente medroso e, quando devidamente cozido, é saboroso alimento. Ao voar, paira, às vezes, muito perto da superfície da água, com as asas estendidas, sem parecer movê-las no mínimo, sem fazer qualquer esforço com elas.

O albatroz é uma das maiores e das mais ferozes aves dos mares. É da espécie das gaivotas e nunca vem à terra, a não ser para fins de procriação, apanhando sua presa nos ares. Entre essa ave e o pingüim existe a mais singular das amizades. Seus ninhos são construídos com grande uniformidade, de acordo com um plano concertado entre as duas espécies, ficando o do albatroz no centro de um pequeno quadrado, formado pelos ninhos de quatro pingüins. Os navegadores combinaram em chamar uma reunião de tais acampamentos de *cortiço*. Esses cortiços têm sido muitas vezes descritos, mas como meus leitores podem não ter visto tais descrições e como eu terei, mais adiante, ocasião de falar do pingüim e do albatroz, não será ocioso dizer aqui alguma coisa sobre seu modo de nidificar e viver.

Quando chega a época da incubação, as aves se reúnem em vastos grupos e, durante alguns dias, parecem estar confabulando sobre o caminho mais próprio a tomar. Afinal, passam à ação. Escolhe-se um trecho de terreno plano, de extensão conveniente, usualmente compreendendo três ou quatro acres, e situado tão perto do mar quanto possível, mas fora do alcance das ondas. O lugar é escolhido tendo em vista a igualdade da superfície, preferindo-se o menos pedregoso. Feito isso, os pássaros passam, de comum acordo, e dirigidos aparentemente por uma só cabeça, a traçar com correção matemática, ou um quadrado ou outro paralelograma, tal como mais convenha à natureza do solo, e de tamanho suficientemente justo para acomodar, com facilidade, todas as aves do grupo e não mais; nesse particular,

parecendo querer evitar o acesso de futuros vagabundos que não participaram dos trabalhos de construção. Um lado do lugar assim demarcado corre paralelamente com a orla da água e é deixado aberto para entrada e saída.

Tendo definido os limites do cortiço, a colônia começa então a limpá-lo de toda espécie de calhaus, retirando pedra por pedra e carregando-as para fora das lindes, mas junto a elas, de modo a formar uma muralha, nos três lados de terra. Precisamente dentro dessa parede formam um passeio perfeitamente plano de um metro e oitenta centímetros e dois metros e quarenta centímetros de largura, que se estende em torno do acampamento servindo assim para os fins de passear.

O processo seguinte é a repartição da área, em pequenos quadrados, exatamente iguais no tamanho. Faz-se isso formando estreitos caminhos, bem lisos, que se cruzam em ângulos reto por toda a extensão do cortiço. Em cada interseção desses caminhos se constrói o ninho de um albatroz, ficando o ninho de um pingüim no centro de cada quadrado. Assim, cada pingüim é rodeado por quatro albatrozes e cada albatroz por um número idêntico de pingüins. O ninho dos pingüins consiste de um buraco no chão, tendo apenas a profundidade suficiente para impedir que seu único ovo role. O albatroz é um tanto menos simples em seus arranjos construindo um montículo de cerca de trinta centímetros de altura e noventa de diâmetro. Esse montículo é feito de terra, algas e conchas. No seu cimo o albatroz constrói seu ninho.

As aves têm cuidado especial em não deixar seus ninhos desocupados, um só instante, durante o período de incubação ou de fato, até que a jovem progênie seja bastante forte para cuidar de si mesma. Quando o macho está ausente no mar, à busca de alimentos, a fêmea permanece de guarda, e é só depois da volta de seu companheiro que ela se aventura a sair. Os ovos de modo algum são deixados descobertos. Enquanto uma das aves sai do ninho, a outra se aninha, por seu lado, nele. Essa preocupação torna-se necessária, em vista das propensões de roubo, dominantes no cortiço, não tendo cada habitante escrúpulo em furtar os ovos dos outros, a cada boa oportunidade.

Embora haja alguns cortiços nos quais o pingüim e o albatroz sejam os únicos habitantes, na maioria deles, porém, ampla variedade de aves oceânicas é admitida, gozando de todos os privilégios de cidadania e espalhando seus ninhos aqui e ali, onde puderem achar espaço, sem interferir, porém, com a localização das espécies maiores. A aparência de tais acampamentos, quando vistos de longe, é extremamente singular. Toda a atmosfera, bem por cima do estabelecimento, se enegrece com o número imenso de albatrozes (misturados com as tribos menores) que continuamente pairam sobre ele, indo para o oceano ou regressando para casa. Ao mesmo tempo uma multidão de pingüins se observa, alguns passando para lá e para cá pelas aléias estreitas, alguns marchando, com o jeito militar que lhes é próprio, em volta do campo de passeio comum que circunda o cortiço. Em suma, de qualquer modo que o encaremos nada pode ser mais admirável do que o senso de reflexão revelado por esses entes alados e nada certamente pode ser mais bem destinado a provocar a meditação em todo o intelecto humano que raciocine.

Na manhã seguinte à nossa chegada a Porto Natal, o imediato, Sr. Patterson, tomou os botes e, embora a estação estivesse começando apenas, saiu à busca de focas, deixando o capitão e um jovem parente deste numa ponta de terra nua a oeste, pois tinham alguma coisa a realizar no interior da ilha que não pude saber o que fosse. O Capitão Guido levou consigo uma garrafa, na qual estava uma carta selada, e caminhou da ponta em que se achava na praia, para um dos mais altos picos do local. E provável que sua intenção fosse a de deixar a carta naquela altura, para algum navio que esperava viesse depois dele. Logo que o perdemos de vista passamos (Peters e eu estávamos no bote do imediato) a percorrer a costa a procura de focas. Ocupando-nos três semanas nesse negócio, examinando com grande cuidado cada recesso e cada recanto da Terra de Kerguelen, além das diversas pequenas ilhas nas vizinhanças. Nossos trabalhos, porém, não foram coroados de qualquer êxito importante. Vimos grande quantidade de focas de peles de valor, mas eram excessivamente ariscas e, com os maiores esforços pudemos apenas arranjar trezentas e cinquenta peles ao todo. Elefantes-marinheiros eram abundantes, especialmente no lado ocidental

da ilha principal, mas só matamos vinte deles, assim mesmo com a maior dificuldade. Nas ilhas menores, descobrimos muitas focas peludas, mas não as molestamos. Voltamos à escuna no dia onze e lá o Capitão Guido e seu sobrinho, que fizeram uma descrição muito ruim do interior, apresentando-o como uma das regiões mais lúgubres e extremamente estéreis do mundo. Tinham permanecido duas noites na ilha, devido a algum desentendimento, por parte do segundo piloto, relativamente ao envio de um escaler da escuna para buscá-los.

[] Mother Carey (Mãe Carey) é uma anglicização, feita pelos marinheiros, da expressão latina mater cara, que se refere à Virgem Maria, padroeira dos homens do mar. (N. T.)*

CAPÍTULO XV

NO DIA doze navegamos de Porto Natal, refazendo nossa rota para oeste e deixando a bombordo a ilha de Marion, uma do grupo de Crozet. Passamos depois pela ilha do Príncipe Eduardo, deixando-a também à nossa esquerda. Depois, rumando mais para o norte alcançamos, em quinze dias, as ilhas de Tristão da Cunha, a 37 graus e 8 minutos de latitude S. e 12 graus e 8 minutos longitude oeste.

Esse grupo, agora tão bem conhecido e que consiste de três ilhas circulares, foi primeiramente descoberto pelos portugueses e visitado depois pelos holandeses, em 1643, e pelos franceses, em 1767. As três ilhas juntas formam um triângulo e distam entre si dez milhas cada uma, mais ou menos. O terreno é em todas elas muito elevado, especialmente na propriamente chamada Tristão da Cunha. Esta é a maior do grupo, tendo quinze milhas de circunferência e sendo tão alta que pode ser vista, em tempo claro, de uma distância de oitenta ou noventa milhas. Uma parte do terreno para o norte ergue-se, perpendicularmente, a mais de trezentos metros do mar. Um planalto estende-se nessa elevação até quase o centro da ilha e desse planalto se levanta um cone alto como o de Tenerife. A metade inferior desse cone é revestida de árvores de bom tamanho, mas a região superior é de rocha estéril, habitualmente oculta entre as nuvens e coberta de neve durante a maior parte do ano. Não há bancos de areia nem outros perigos em torno da ilha, as praias são notavelmente seguras e as águas profundas. Na costa do noroeste há uma baía, com uma praia de areia preta onde um desembarque com botes pode ser facilmente efetuado contanto que haja vento do sul. Água excelente e abundante pode ser ali prontamente encontrada; também bacalhaus e outros peixes podem ser apanhados com linha ou arpão.

A ilha que se segue em tamanho, a mais ocidental do grupo é a chamada Inacessível. Está situada precisamente a 37 graus e 17 minutos latitude sul e a 12 graus e 24 minutos de longitude oeste. Tem sete ou oito milhas de circunferência e apresenta, por todos os lados, um aspecto proibitivo de despenhadeiros. Seu cume é perfeitamente chato e toda a região é estéril, nada crescendo ali à exceção de poucos arbustos definhados.

A ilha do Rouxinol, a menor e a mais meridional, está a 37 graus e 26 minutos de latitude sul e a 12 graus e 12 minutos de longitude oeste. Para extremidade meridional há um alta cadeia de ilhotas rochosas também algumas de aparência semelhante são vistas para nordeste. O terreno é irregular e estéril, parcialmente separado por um vale profundo.

As praias dessas ilhas abundam, na estação propícia de leões marinhos, elefantes-marinhos, focas nuas e peludas, bem como grande variedade de pássaros oceânicos. Também baleias são abundantes em suas vizinhanças. Graças à facilidade com que tão variados animais ali eram antigamente encontrados, o grupo foi muito visitado desde sua descoberta. Holandeses e franceses frequentaram-no no primeiro período. Em 1790, o Capitão Patten, do navio *Industry*, de Filadélfia, foi a Tristão da Cunha, onde permaneceu sete meses (de agosto de 1790 a abril de 1791) a fim de reunir peles de focas. Nesse tempo juntou nada menos de cinco mil e seiscentas e disse que não teria dificuldade em carregar de peles um grande navio em três semanas. Depois de sua chegada não encontrou quadrúpedes a não serem poucas cabras selvagens; na ilha, agora, abundam todos os nossos mais valiosos animais domésticos, que ali foram introduzidos pelos navegantes subsequentes.

Creio não ter sido muito depois da visita do Capitão Patten que o Capitão Colquhoun, do brigue americano *Betsey*, tocou na maior das ilhas para fim de descanso. Plantou cebolas, batatas, couves e muitos outros vegetais, que agora se encontram em grande quantidade.

Em 1811, um tal Capitão Haywood, no *Nereus*, visitou Tristão. Encontrou lá três americanos que residiam na ilha para preparar pele de foca e óleo. Um desses homens chamava-se Jonathan Lambert e proclamava-se o soberano da região. Lavrara e cultivara cerca de sessenta jeiras de terra e devotava sua atenção à lavoura de café e cana-de-açúcar, de que recebera mudas pelo ministro americano no Rio de Janeiro. Esse estabelecimento, contudo, foi abandonado e, em 1817, o governo britânico tomou posse

tendo enviado para esse fim um destacamento do cabo da Boa Esperança. Não foram contudo retidas muito tempo; mas, depois da evacuação das ilhas como possessão britânica, duas ou três famílias inglesas fixaram ali residência, independentemente do Governo. A 25 de março de 1824, o *Berwick*, comandado pelo capitão Jeffrey, indo de Londres à Terra de Van Diemen, chegou ao local onde encontrou um inglês de nome Glass, outrora cabo da artilharia britânica. Ele pretendia ser o governador supremo das ilhas e tinha sob seu controle vinte e um homens e três mulheres. Falou muito favoravelmente sobre a salubridade do clima e a uberdade do solo. A população se ocupava principalmente em reunir peles de foca e óleo de elefante-marinho que negociava com o cabo da Boa Esperança, pois Glass possuía uma pequena escuna. No período de nossa chegada, o governador era ainda esse residente mas sua pequena comunidade se multiplicara, havendo cinquenta e seis pessoas em Tristão, além de um estabelecimento menor, de sete pessoas na ilha do Rouxinol. Não tivemos dificuldade em encontrar quase todas as espécies de reabastecimentos de que necessitávamos: carneiros, porcos, bezerros, coelhos, aves, cabras, peixes em grande variedade e vegetais eram abundantes. Tendo lançado âncora junto à ilha maior, com dezoito braças de profundidade tomamos a bordo tudo o de que precisávamos, muito convenientemente. O Capitão Guido também adquiriu de Glass quinhentas peles de foca e algum marfim. Permanecemos ali uma semana, durante a qual os ventos dominantes eram de norte e oeste e o tempo estava algo nebuloso. A quinze de novembro, navegamos para o sul e para oeste, com a intenção de realizar completa pesquisa sobre um grupo de ilhas chamadas Auroras, a respeito de cuja existência havia grande diversidade de opiniões.

Dizia-se que essas ilhas foram descobertas, primitivamente, em 1762, pelo comandante do navio *Aurora*. Em 1790, o Capitão Manuel de Oyarvido, no navio *Princesa*, que pertencia à Real Companhia Filipina, navegou, como asseverou, diretamente entre elas. Em 1794, a corveta espanhola *Atrevida* saiu com a determinação de averiguar sua situação precisa e, num documento publicado pela Real Sociedade Hidrográfica de Madri, no ano de 1809, usa-se a seguinte linguagem, com respeito a essa expedição: "A corveta *Atrevida* efetuou, em sua imediata vizinhança, de 21 a 27 de janeiro, todas as necessárias investigações e mediu, com o uso do cronômetros, a diferença de longitude entre essas ilhas e o porto de Soledade, Manilha. As ilhas são três; estão muito aproximadamente no mesmo meridiano; a central é mais baixa e as outras duas podem ser vistas a nove léguas de distância." As observações feitas a bordo da *Atrevida* davam os seguintes resultados, como a precisa situação de cada ilha: a mais setentrional estava a 52 graus 37 minutos e 24 segundos de latitude sul e 47 graus 43 minutos 15 segundos de longitude oeste; a do meio, 53 graus 2 minutos 40 segundos de latitude sul e 47 graus 55 minutos 15 segundos de longitude oeste; e a mais ao sul, a 53 graus 15 minutos 22 segundos de latitude, 47 graus 57 minutos 15 segundos de longitude oeste.

A 27 de janeiro de 1820, o Capitão James Weddel, da marinha inglesa, partiu da Terra de Staten, também em busca das Auroras. Narra que tendo feito as mais diligentes pesquisas e passado não só mesmo sobre os pontos indicados pelo comandante da *Atrevida*, como em todas as direções, por toda a vizinhança desse não pôde descobrir o menor sinal de terra. Esses informes divergentes induziram outros navegantes a procurar essas ilhas, e é estranho dizer, enquanto alguns cruzaram todas as plegadas do mar, no local onde se supunha que elas existissem, sem encontrá-la, não poucos foram os que positivamente declararam havê-las visto e mesmo haver estado junto de suas praias. Era intento do capitão Guido fazer todos os esforços a seu alcance para decidir uma questão tão estranhamente disputada. [3]

Conservamos nosso roteiro entre o sul e o oeste, com tempo variável, até o dia vinte do mês, quando nos encontramos na região discutida; estávamos a 53 graus 15 minutos de latitude sul e 47 graus e 58 minutos de longitude oeste, isto é, muito próximos do ponto indicado como a situação da mais

meridional do grupo. Não percebendo qualquer sinal de terra, continuamos para o ocidente, no paralelo 53 graus sul, até o meridiano de 50 graus oeste. Vóltamos então para até o paralelo de 52 graus sul, quando nos viramos para leste e conferimos nosso paralelo por duplas altitudes, de manhã e pelas altitudes meridianas dos planetas e da lua. Tendo para leste, até o meridiano da costa ocidental da Geórgia conservamos aquele meridiano até estarmos na latitude de que tínhamos saído. Tomamos após rumos diagonais, em todas as direções, na inteira extensão do mar circunscrito, conservando um vigia constantemente no mastro principal e repetindo nosso exame com o maior cuidado, pelo período de três semanas, durante o qual o tempo foi notavelmente agradável e belo, sem névoa de espécie alguma. Naturalmente ficamos inteiramente cientes de que, se ilhas pudessem haver existido, naquelas proximidades, em qualquer período anterior, nenhum vestígio delas restava nos dias atuais. Depois de minha volta ao lar soube que o mesmo local fora percorrido em 1822, com igual cuidado, pelo Capitão Johnson, da escuna americana, *Henry*, e pelo Capitão Morrell, da escuna americana *Wasp*. Em ambos os casos, o resultado foi o mesmo que obtivemos.

CAPÍTULO XVI

FORA INTENÇÃO original do Capitão Guido, depois de satisfazer-se das Auroras, prosseguir pelo estreito de Magalhães e subir ao longo da costa ocidental da Patagônia; mas uma informação em Tristão da Cunha induziu-o a rumar para o sul, na esperança de dar com algumas ilhotas que se dizia encontrarem-se nas vizinhanças do paralelo de 60 graus sul, longitude 41 graus 20 minutos oeste. No caso de não descobrir essas ilhas, resolveu, caso a estação se mostrasse favorável, atirar-se na direção do pólo. Em consequência a doze de dezembro, navegamos naquela direção. A dezoito encontramos-nos perto do ponto indicado por Glass, e cruzamos por três dias naquelas cercanias, sem encontrar quaisquer sinais das ilhas que ele mencionara. A vinte e um, tornou-se o tempo anormalmente agradável, e de novo navegamos para o sul com a resolução de avançar, por aquela rota, tão longe quanto possível. Antes de entrar nesta parte de minha narrativa pareceria bem, para informação daqueles leitores que pouca atenção têm prestado aos das descobertas nessa região, dar um breve relato das pouquíssimas tentativas até então feitas para alcançar o pólo sul.

O Capitão Cook é o primeiro de quem temos qualquer narrativa precisa. Em 1772 navegou ele para o sul, no *Resolution*, acompanhado do Tenente Fourneau no *Adventure*. Em dezembro encontrou-se nas distâncias do paralelo 58 graus de latitude sul e a 26 graus e 57 minutos de longitude leste. Aí, encontrou estreitos campos de gelo, de cerca de oito ou dez polegadas de espessura, que corriam nas direções norte-sudeste. Esse gelo repartia-se em grandes pedaços e, normalmente se acumulavam eles tão estreitamente que o navio tinha a maior dificuldade para forçar uma passagem. Nessa ocasião, o Capitão Cook supunha, dado o vasto número de pássaros que se viam e conforme outras indicações, que se achava muito próximo de terra. Conservou o rumo ao sul, estando o tempo excessivamente frio, até que alcançou o paralelo de 64 graus, na longitude de 38 graus e 14 minutos leste. Ali o tempo era moderado, com brisas suaves, e durante cinco dias o termômetro marcou trinta e seis graus. Em janeiro de 1773, os navios cruzaram o círculo antártico, mas não conseguiram adiantar-se muito mais, porque, depois de alcançar a latitude de 67 graus e 15 minutos verificaram que todos os progressos para a frente eram impedidos por uma massa imensa de gelo que se estendia por todo o horizonte meridional até onde o olho pudesse alcançar. Era esse um gelo de extrema variedade e muitas pontas dele, por milhas de extensão, formavam uma compacta massa, que se alteava a cinco ou seis metros sobre a água. Estando a estação adiantada e não havendo quaisquer esperanças de contornar esses obstáculos, o Capitão Cook, embora a contragosto, rumou para o norte.

No seguinte novembro renovou sua pesquisa pelo Antártico. Na latitude 59 graus e 40 minutos encontrou-se com uma forte corrente dirigida para o sul. Em dezembro, quando os navios estavam na latitude de 67 graus e 31 minutos e na longitude de 142 graus e 54 minutos oeste, o frio era excessivo e com fortes tempestades e nevoeiro. Também aí os pássaros abundavam; o albatroz, o pingüim e o petrel, especialmente. Na latitude de 70 graus 23 minutos várias grandes ilhas de gelo foram encontradas e pouco depois as nuvens observadas ao sul revelaram ser de brancura de neve, indicando a vizinhança do campo de gelo. Na latitude de 71 graus 10 minutos e longitude de 106 graus e 54 minutos oeste, os explorador foram detidos, como anteriormente, por uma imensa extensão gelada que enchia toda a área de horizonte meridional. A orla norte desta extensão era anfractuosa e quebrada, tão firmemente cheia por inteiro de frinchas como para tornar-se completamente intransponível e estendia-se a cerca de uma milha para o sul. Por trás dela a superfície gelada era comparativamente não acidentada por alguma distância, terminando depois no plano extremo por gigantescas fileiras de montanhas de gelo, umas sobrepunhando as outras. O Capitão Cook concluiu que aquele vasto campo ia até o pólo ou se ligava a um continente. O Sr. J. N. Reynolds, cujos grande esforços e perseverança, afinal, conseguiram pôr em ponto de partida uma expedição nacional, parcialmente com o intento de explorar tais regiões, assim falou sobre a tentativa do *Resolution*: "Não nos surpreendemos de que o Capitão Cook tenha sido incapaz de ir além dos 71 graus e

10 minutos, mas muito nos espanta que não tenha atingido o meridiano de 106 graus 54 minutos de longitude oeste. A Terra de Palmer fica ao sul das Shetland, a 64 graus de latitude, e dirige-se para o sul e para oeste mais do que qualquer navegador já penetrou. Cook estava nas proximidades dessa região quando seu avanço foi impedido pelo gelo; o que deduzimos, deve sempre ocorrer naquele ponto, sendo incipiente a estação, como a seis de janeiro. E não nos surpreenderia que uma parte das montanhas de gelo descritas fosse ligada ao corpo principal da Terra de Palmer ou a qualquer outras porções de terra situadas mais ao sul e a Oeste."

Em 1803, os Capitães Kreutzenstern e Lisiauský foram enviados por Alexandre da Rússia para o fim de circunavegarem o globo. Tentando alcançar o sul, não foram além dos 59 graus de latitude, na longitude de 70 graus e 15 minutos oeste. Ali se encontraram com fortes correntes dirigidas para leste. As baleias eram abundantes, mas eles não viram gelo. Em relação à sua viagem, o Sr. Reynolds observava que se Kreutzenstern tivesse chegado onde chegou em estação menos adiantada, devia ter encontrado gelo. Corria o mês de março quando encontraram a latitude especificada. Os ventos dominantes que provinham do sul e do oeste haviam carregado as pontas de gelo, ajudados pelas correntes, para aquela região limitada ao norte pela Georgia, ao leste pela Terra de Sandwich e pelas Órcadas do Sul, e a oeste pelas ilhas Shetland do Sul.

Em 1822, o Capitão James Weddel, da marinha britânica, com navios muito pequenos, penetrou no sul mais avançadamente que qualquer navegador anterior, e também, sem encontrar extraordinária dificuldades. Narra ele que, embora freqüentemente fosse circundado pelo gelo *antes* de alcançar o paralelo 72, nenhuma partícula de gelo descobriu, entretanto, depois de atingi-lo; e, depois de chegar à latitude de 74 graus e 15 minutos, nenhum campo e só três ilhas de gelo foram visíveis. É algo notável que, embora vastos bandos de pássaros se vissem, bem como outras costumeiras indicações de terra e embora costas desconhecidas tivessem sido observadas do mastro e de vigia, ao sul das Shetland, estendendo-se para o sul, Weddel não apóie a idéia de existir terra nas regiões polares do sul.

A 11 de janeiro de 1823, o Capitão Benjamim Morrell, da escuna americana *Wasp*, zarpuu da Terra de Kerguelen com o objetivo de penetrar o mais possível no sul. A primeiro de fevereiro encontrou-se na latitude de 64 graus e 52 minutos sul, longitude de 118 graus e 27 minutos leste. A seguinte passagem é extraída de seu diário daquela data: "O vento logo refrescou numa brisa de onze nós, e aproveitamos essa oportunidade para fazer-nos a oeste; contudo, convencidos de que quanto mais avançássemos para o sul, além da latitude de 64 graus, menos gelo seria encontrado, rumamos um pouco para a sul, até cruzar o círculo antártico, e chegamos à latitude de 69 graus 15 minutos. Nessa latitude *não havia campos de gelo* e muito poucas ilhas de gelo se viam."

Sob a data de quatorze de março, também achei esta anotação: "O mar estava agora inteiramente livre de campos de gelo e não se avistavam mais de doze ilhas de gelo. Ao mesmo tempo a temperatura do ar e da água era pelo menos treze graus mais alta (mais tépida) do que jamais a encontráramos entre os paralelos de 60 e 62 graus sul. Achávamo-nos então na latitude 70 graus 14 minutos sul e a temperatura do ar era de quarenta e sete e a da água era de quarenta e quatro graus. Nessa situação verifiquei que a variação era de 14 graus 27 minutos para o leste, por azimute. Várias vezes atravessei o círculo antártico, em diferentes meridianos, e uniformemente verifiquei que a temperatura, tanto do ar como da água, se tornava mais e mais tépida à medida que avançávamos para além de 65 graus. E que a variação decrescia na mesma proporção. Enquanto ao norte dessa latitude, quero dizer, entre 60 e 65 graus sul, frequentemente tínhamos grande dificuldades em conseguir passagem para o navio entre as imensas e quase incontáveis ilhas de gelo, algumas das quais tinham de uma a duas milhas de circunferência e mais de cento e cinqüenta metros de altura sobre a superfície da água."

Achando-se quase privado de combustível e de água e sem instrumentos adequados e como já ia adiantada a estação, o Capitão Morell foi então obrigado a regressar sem tentar maiores avanços para o oeste, embora um mar inteiramente livre se estendesse à sua frente. Expressa ele a opinião de que, não

fossem aquelas considerações predominantes que o obrigaram a retirar-se, poderia ter penetrado, senão até o próprio pólo, pelo menos até o paralelo de 85 graus. Explanei suas idéias a respeito do assunto um tanto longamente, para que o leitor possa ter uma oportunidade de verificar como foram ultrapassados por minha experiência subsequente.

Em 1831, o Capitão Briscoe, contratado pelos Srs. Enderby, de Londres, proprietários de navios baleeiros, zarparam para os mares do sul no brigue *Lively*, acompanhados pelo cúter *Tula*. A vinte e oito de fevereiro, estando na latitude de 66 graus 30 minutos sul, e na longitude de 47 graus e 13 minutos leste, descreveu ele ter visto terra e "descoberto claramente através da neve os picos negros de uma cadeia de montanhas que corria na direção leste-sudeste". Permaneceu naquelas cercanias durante todo o mês seguinte, mas não foi capaz de aproximar-se mais de dez léguas da costa, devido ao estado tempestuoso do tempo. Achando impossível fazer maior descoberta nesta estação, voltou para o norte a fim de passar o inverno na Terra de Van Diemen.

No princípio de 1832 seguiu de novo para o sul, e a quatro de fevereiro foi vista terra ao sudoeste, na latitude de 67 graus e 15 minutos, e longitude de 69 graus e 29 minutos oeste. Logo se verificou tratar-se de uma ilha perto de um cabo, da região que ele primeiro descobrira. A vinte e um desse mês conseguiu ele desembarcar na última e tomou posse dela no nome de Guilherme IV, chamando-a ilha Adelaide em honra da rainha inglesa. Conhecidos tais detalhes pela Real Sociedade Geográfica de Londres, aquele instituto chegou à conclusão de que "existe uma extensão continua de terra que se estende de 47 graus e 30 minutos leste a 69 graus e 29 minutos oeste de longitude, correndo entre os paralelos de 66 a 67 graus de latitude sul". A respeito dessa conclusão o Sr. Reynolds observa: "Não apoiamos de modo algum a correção disso; mas as descobertas de Briscoe asseguram tal inferência. Foi dentro desses limites que Weddel seguiu para o sul, sobre meridiano a leste de Geórgia, Terra de Sandwich, Órcadas do Sul, e ilhas Shetland. Minha própria experiência servirá para testificar, mais diretamente, a falsidade da conclusão a que chegou a Sociedade."

Tais são as principais tentativas que se fizeram para penetrar em mais alta latitude meridional e ver-se-á agora que restavam antes da viagem da *Jane*, cerca de trezentos graus de longitude nos quais absolutamente não havia sido atravessado o círculo antártico. Naturalmente, um vasto campo para descobertas estava à nossa frente e foi com os sentimentos do maior interesse que ouvi Capitão Guido expressar sua resolução de lançar-se ousadamente em direção ao sul.

CAPÍTULO XVII

MANTIVEMOS nosso rumo para o sul durante quatro dias depois de desistir da busca das ilhas de Glass, sem encontrar absolutamente qualquer espécie de gelo. Ao meio-dia de vinte e seis, estávamos na latitude de 63 graus e 23 minutos sul e na longitude de 41 graus e 25 minutos oeste. Vimos, então diversas e grandes ilhas de gelo e uma ponta ou campo de gelo não contudo de grande extensão. Os ventos sopravam geralmente de sudeste ou do nordeste, mas muito fracos. Quando tínhamos um vento de oeste, o que as vezes sucedia, acompanhava-o invariavelmente um aguaceiro. Todos os dias tínhamos mais ou menos neve. O termômetro, no dia vinte e sete, permaneceu nos dois graus.

Janeiro, 1, 1828. Neste dia encontramos-nos completamente cercados de gelo e nossas esperanças parecem na verdade melancólicas. Caiu forte tempestade durante toda a tarde, vinda de nordeste e conduzindo grandes massas de gelo flutuante contra o leme e o mostrador, com violência tal que todos tememos as consequências. Mais para a tarde, a tempestade ainda soprava com fúria; separou-se em frente um grande campo e fomos capazes, largando uma porção de velas, de forçar uma passagem, entre os blocos menores, para alguma água livre além deles. Ao nos aproximarmos desse espaço ferramos gradualmente as velas e, tendo afinal tido êxito, paramos apenas com uma vela de traquete nos rizes.

Janeiro, 2. Temos agora um tempo toleravelmente aprazível. Ao meio dia achamo-nos na latitude de 69 graus 10 minutos sul e na longitude de 42 graus e 20 minutos oeste, tendo atravessado o círculo antártico. Pouquíssimo gelo se vê para o sul, embora enormes campos gelados se estendam de nós. Neste dia aparelhamos várias sondas, usando um grande pote de ferro capaz de conter vinte galões e uma linha de duzentas braças. Encontramos a corrente dirigindo-se para o norte, a cerca de um quarto de milha por hora. A temperatura do ar era então de cerca de um grau. Verificamos ser a variação de 14 graus e 28 minutos ao oriente, por azimute.

Janeiro, 5. Continuamos ainda para o sul, sem quaisquer maiores impedimentos. Nesta manhã, contudo, estando na latitude de 73 graus e 15 minutos sul, longitude de 42 graus e 10 minutos oeste, fomos de novo obrigados a deter-nos por uma imensa extensão de gelo firme. Vimos, não obstante, muita água livre para o sul e não tivemos dúvida de ser capaz de alcançá-la eventualmente. Contornando para o leste, ao longo da margem do campo, chegamos a uma passagem de cerca de uma milha de largura, através da qual forçamos caminho, ao por do sol. O mar em que depois nos achamos estava espessamente coberto de ilhas de gelo, mas não tinha campos de gelo e atiramo-nos para a frente, ousadamente, como antes. O frio não parece aumentar, embora muito freqüentemente tenhamos neve e de vez em quando aguaceiros de grande violência. Imensos bandos de albatrozes voam hoje sobre a escuna, indo do sudeste para o noroeste.

Janeiro, 7. O mar ainda aparece belamente livre, de modo que não temos dificuldade em prosseguir em nosso curso. Para o ocidente vimos alguns *icebergs* de incrível tamanho, e pela manhã passou muito perto um deles cujo cume não podia estar a menos de quatrocentas braças da superfície do oceano. Sua circunferência era provavelmente, na base, de três quartos de légua e diversas correntes de água desciam pelas fendas nos seus lados. Permanecemos à vista dessa ilha dois dias e só a perdemos, então, num nevoeiro.

Janeiro, 10. Nesta manhã cedo tivemos a desgraça de perder um homem a bordo. Era um americano chamado Peters Vredenburg, natural de Nova York, e um dos mais valiosos homens a bordo da escuna. Indo sobre a proa, seu pé deslizou e ele caiu entre dois blocos de gelo, não mais se erguendo. Ao meio-dia de hoje estávamos a 78 graus e 30 minutos de latitude e a 40 graus e 15 minutos longitude oeste. O frio agora era excessivo e tivemos aguaceiros contínuos vindos do norte e do leste. Nessa direção, vimos também diversos *icebergs* e todo o horizonte para o leste parecia estar bloqueado de campos de gelo, elevando-se em fileiras, massa sobre massa. Troncos de árvores flutuaram ao entardecer

e grande número de aves voou sobre nós, entre elas gaivotas polares, pétres, albatrozes, e um grande pássaro de brilhante plumagem azul. A variação aqui, por azimute, foi menor do que a previamente tomada em nossa travessia do círculo antártico.

Janeiro, 12. Nossa passagem para o sul de novo parece duvidosa, visto que nada mais se vê na direção do pólo além de um campo de gelo, aparentemente ilimitado, terminado por enormes montanhas alcantiladas de gelo, os precipícios de cada uma elevando-se carrancudamente sobre os da outra. Mantivemo-nos para o oeste até o dia quatorze, na esperança de encontrar entrada.

Janeiro, 14. Nesta manhã alcançamos a extremidade ocidental do campo que nos servia de obstáculo e, transpondo-a, chegamos a mar livre, sem uma partícula de gelo. Depois de lançar uma sonda de duzentas braças, encontramos uma corrente dirigida para o sul, à razão de meia milha por hora. A temperatura do ar era de oito graus centígrados; a da água, um grau. Velejamos, então, para o sul, sem encontrar qualquer interrupção de momento até o dia dezesseis, quando, ao meio-dia, chegamos à 81 graus e 21 minutos e à longitude de 42 graus oeste. Lançamos a sonda aqui novamente e encontramos a corrente dirigida ainda para o sul à razão de três quartos de milha por hora. A variação por azimute diminuíra e a temperatura do ar era mais tépida e agradável elevando-se o termômetro a cinquenta e um graus. Nesse período, nem uma partícula de gelo fora descoberta. Todos a bordo sentiam-se certos de atingir o pólo.

Janeiro, 17. Foi este um dia cheio de incidentes. Inúmeros bandos de pássaros voaram sobre nós, vindos do sul, e do tombadilho atiramos em diversos. Um deles, uma espécie de pelicano demonstrou ser ótimo acepipe. Perto do meio-dia, um pequeno gelo foi visto do mastro de vigia, ao largo da proa, a estibordo e sobre ele parecia estar algum enorme animal. Como o tempo estivesse bom e quase calmo, o Capitão Guido ordenou que fossem ver o que era. Dirk Peters e eu acompanhamos o piloto no bote maior. Depois de alcançar o campo de gelo verificamos que seu dono era uma criatura gigantesca da raça dos ursos árticos, porém excedendo de muito, em tamanho, o maior desses animais. Estando bem armados, não tivemos escrúpulos em atacá-lo imediatamente diversos tiros foram dados, em rápida sucessão, a maioria dos quais, aparentemente, atingiu a cabeça e o corpo. Nada temeroso contudo, o monstro atirou-se do gelo e nadou, com as mandíbulas abertas, para o bote em que eu e Peters nos achávamos. Devido a confusão que se seguiu entre nós, a essa inesperada reviravolta da aventura, ninguém se apressou imediatamente a dar segundo tiro e o urso conseguiu efetivamente lançar metade de seu corpanzil sobre nossa amurada, apanhando um dos homens pelo costado antes que fossem empregados quaisquer meios eficientes para repeli-lo. Nessa extrema situação, apenas a rapidez e a agilidade de Peters nos salvaram da destruição. Saltando sobre as da enorme fera, ele mergulhou a lâmina de uma faca atrás do pescoço do animal, alcançando-lhe a medula espinhal num golpe. O bruto afundou-se sem vida no mar, sem um estremeção, rolando sobre Peters que caiu. Este logo se recobrou e foi-lhe lançada uma corda, à qual amarrou a carcaça, antes de regressar ao bote. Voltamos então à escuna em triunfo, arrastando nosso troféu. Feita uma medição verificou-se que esse urso tinha quatro metros e meio em todo seu comprimento. O pêlo era completamente branco e muito grosso, encarapinhado. Os olhos eram de um vermelho sangüíneo e maiores que os do urso ártico; também era mais redondo o focinho, mas se assemelhando ao focinho de um buldogue. A carne era tenra mas sabendo excessivamente a ranço e a peixe, embora os marinheiros a devorassem com avidez, declarando-a um excelente manjar.

Mal tínhamos posto de lado nossa presa, o homem no mastro deu o grito alegre de *terra a estibordo!* Todos se puseram então alerta e, soprando muito oportunamente uma brisa do norte e do leste, logo demos com a costa. Era uma ilhota baixa e rochosa de cerca de uma légua de circunferência e completamente destituída de vegetação se excetuarmos uma espécie de pereira espinhosa. Próximo dela para o norte, via-se um singular recife que se projetava para o mar e fortemente se assemelhava a fardos amarrados de algodão. Em redor desse recife, para o oeste, havia uma pequena baía em cujo fundo nossos botes efetuaram um desembarque conveniente.

Não nos tomou muito tempo a exploração de todas as partes da ilha, mas com uma só exceção, nada achamos digno de ser observado. Na extremidade sul recolhemos perto da praia e semi-sepulto numa pilha de pedras soltas, um pedaço de madeira que parecia ter formado a proa de uma canoa. Haviam, evidentemente, feito tentativas de esculpir nele, e o Capitão Guido imaginou que ali se esboçava a figura de uma tartaruga, mas a semelhança não se impôs fortemente. Além dessa proa, se é que o era, nenhum outro sinal encontramos de que qualquer criatura viva ali antes tivesse estado. Em torno da costa descobrimos diversos e ocasionais campinhos de gelo, porém muito poucos. A exata situação dessa ilhota (a que o Capitão Guido deu o nome de ilha de Bennet, em honra de seu sócio na propriedade da escuna) é: 82 graus e 50 minutos latitude sul e 42 graus e 20 minutos longitude oeste.

Avançáramos, portanto, para o sul mais de oito graus além de qualquer outro navegante anterior e o mar ainda estava perfeitamente aberto ante nós. Verificamos ainda que a variação decrescia uniformemente enquanto prosseguíamos e o que ainda surpreendia mais é que a temperatura tanto do ar quanto da água se ia tornando mais tépida. O tempo podia mesmo ser chamado agradável e tínhamos uma brisa constante, mas muito leve, vinda sempre de algum ponto ao norte da bússola. O céu era habitualmente claro, com fracos aparecimentos, de vez em quando, de leves vapores no horizonte sul; isso, contudo, era invariavelmente de curta duração. Só duas dificuldades se apresentavam a nosso projeto: Estávamos ficando com pouco combustível e entre diversos homens da tripulação se haviam manifestado sintomas de escorbuto. Tais considerações começaram a impressionar o Capitão Guido com a necessidade de regressar, e ele falava disso constantemente. De minha parte, confiante como estava de que em breve chegaríamos a alguma terra de certa importância, no curso em que prosseguiríamos e tendo todos os motivos para crer, dadas as aparências presentes que não a encontraríamos de solo estéril como as encontradas nas latitudes árticas, firmemente insisti com ele sobre a conveniência de perseverar, ao menos por mais uns poucos dias, na direção que agora mantínhamos. Tão tentadora oportunidade de resolver o grande problema relacionado com um continente antártico jamais fora concedida ao homem e confesso que me sentia arder de indignação às tímidas e importunas sugestões de nosso comandante. Creio em verdade, que o que eu não me podia conter em dizer-lhe a esse respeito tinha o efeito de induzi-lo a avançar. E, conquanto eu só possa lastimar os mais infortunados e sangrentos acontecimentos que imediatamente se derivaram de meu conselho, é-me contudo permitido sentir certo grau de consolo por ter sido um instrumento, embora remotamente, para abrir os olhos da ciência a um dos segredos mais intensamente excitantes que jamais atraíram sua atenção.

CAPÍTULO XVIII

JANEIRO, 18. Nesta manhã [4] continuamos para o sul, com o mesmo tempo agradável de antes. O

mar estava inteiramente manso, o ar toleravelmente quente, com vento do nordeste, e a temperatura da água era de 12°C. Lançamos de novo nossa sonda, convenientemente, e com cento e cinquenta braças de linha verificamos que a corrente se dirigia para o pólo à razão de uma milha por hora. Essa constante tendência para o sul, tanto do vento como da corrente, causou algum grau de meditação, e mesmo de alarme, em diversos meios da escuna e vi distintamente que produzira impressão não pequena no cérebro do Capitão Guido. Ele, contudo, era excessivamente sensível ao ridículo e, finalmente, consegui fazê-lo rir de suas apreensões. A variação era agora muito trivial. No decurso do dia vimos diversas e grandes baleias, de legítima espécie, e inúmeros bandos de albatrozes passaram sobre o navio. Também recolhemos um galho, coberto de cerejas vermelhas, como as do espinheiro e a carcaça de um animal terrestre de singular aspecto. Tinha noventa centímetros de comprimento e apenas quinze de altura, com quatro pernas curtíssimas, os pés armados de longas garras de um rubro brilhante, parecendo-se, na substância, com o coral. O corpo era coberto de pêlo corrido e sedoso, perfeitamente branco. O rabo terminava em ponta, como o de um rato, e tinha cerca de uns quarenta e cinco centímetros de comprimento. A cabeça se assemelhava à de um gato, com exceção das orelhas, que eram dobradas como as de um cão. Os *dentes* eram de um escarlate tão brilhante como o das garras.

Janeiro, 19. Hoje, estando na latitude de 83 graus 20 minutos e na longitude 43 graus e 5 minutos oeste (o mar estava de cor extraordinariamente escura), vimos de novo terra do mastro de vigia e, depois de mais demorado exame, verificamos que se tratava de um grupo de ilhas muito grandes. A praia era anfractuosa e o interior parecia ser bem coberto de árvores, circunstância que nos causou grande alegria. Cerca de quatro horas depois de nossa primeira vista da terra, lançamos âncora com dez braças, em fundo arenoso, a uma légua da costa, visto como uma alta ressaca, com fortes encapelamentos aqui e ali, tornava de duvidosa conveniência maior aproximação. Foram aprestados os dois maiores botes e um grupo, bem armado (que Peters e eu integrávamos), seguiu em procura de uma abertura no recife que parecia circundar a ilha. Depois de pesquisar em volta dele, por algum tempo, descobrimos uma entrada, pela qual penetramos. Vimos então quatro enormes canoas saírem da praia cheias de homens muito bem armados. Esperamos que chegassem e como se movessem com grande rapidez, logo estiveram ao alcance da voz. O Capitão Guido amarrou então um lenço branco no remo e os estranhos detiveram-se completamente e começaram a tagarelar em voz alta, todos a um tempo, entremeando-se ocasionais, entre os quais podíamos distinguir as palavras *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!* Continuaram assim pelo menos por meia hora, durante a qual tivemos boa oportunidade de observar-lhes a aparência.

Nas quatro canoas, que podiam ter quinze metros de comprimento e um metro e meio de largura, havia cento e dez selvagens ao todo. Eram mais ou menos da estatura normal dos europeus, mas de compleição mais musculosa e carnuda. Sua cor era de um negro de azeviche, com espesso e longo cabelo lanoso. Vestiam-se com peles de um desconhecido animal negro, felpudo e sedoso e tentavam arrumar o corpo com certa habilidade, pondo o pelo para dentro, exceto onde se virava, perto do pescoço, dos punhos, e dos tornozelos. Suas armas consistiam principalmente de cajados de madeira escura e aparentemente muito pesada. Algumas lanças contudo, eram observadas entre eles, com pontas de pedra, bem como algumas fundas. O fundo das canoas estava cheio de pedras pretas do aproximado do tamanho de um ovo grande.

Quando eles concluíram sua arenga (pois era claro que julgavam ser isso sua tagarelagem), um deles, que parecia ser o chefe, ficou de pé na proa de sua canoa e fez-nos sinal para que levássemos nossos botes ao lado do dele. Fingimos não entender pensando ser plano mais sábio manter, se possível,

a distância entre nós, pois o número deles era mais de quatro vezes maior que o nosso. Achando que nisso estivesse a questão, o chefe ordenou que três outras canoas regressassem, enquanto avançava para nós com a sua. Logo que nos alcançou, pulou a bordo do maior botes e sentou-se ao lado do Capitão Guido, apontando ao mesmo tempo para a escuna e repetindo as palavras *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!*. Regressamos então para o navio com as quatro canoas a nós seguirem, a curta distância.

Ao chegar perto do barco, o chefe manifestou sintoma de extrema surpresa e deleite, batendo as mãos, dando palmadas na coxas e no peito e rindo estrepitosamente. Seus acompanhantes juntaram-se a ele, em sua alegria e, durante alguns minutos o barulho foi tanto que quase ficamos surdos. Restabelecida por fim a calma, o Capitão Guido ordenou que os botes fossem içados, como precaução necessária, e deu a entender ao chefe (cujo nome logo descobrimos ser Too-wit) que não podia admitir mais de vinte de seus homens a bordo de uma vez. Com esse arranjo plenamente satisfeito ele deu algumas ordens às canoas, algumas das quais se aproximaram, permanecendo o resto a cerca de cinquenta jardas de distância. Vinte dos selvagens subiram então começaram a escarafunchar todas as partes do tombadilho trepando entre a mastreagem, como se estivessem em sua casa e examinando todos os objetos com grande curiosidade.

Era inteiramente evidente que jamais haviam visto qualquer pessoa de raça branca, de cuja cor, na verdade, pareciam fugir. Acreditavam que a *Jane* era uma criatura viva e como temiam feri-la com as pontas de suas lanças, que voltavam cuidadosamente para cima. Nossa tripulação divertiu-se muito, em dado instante com a conduta de Too-wit. O cozinheiro estava rachando lenha, perto da galé e, por acaso, bateu com o machado no tombadilho, fazendo um buraco de considerável profundidade. O chefe imediatamente ali e, empurrando para um lado o cozinheiro com aspereza, começou um semigemido, semigrunhido, fortemente indicativo da simpatia com que considerava os sofrimentos da escuna, dando pancadinhas na fenda, afagando-a com a mão e lavando-a com um balde de água do mar que se achava perto. Era este um grau de que não nos achávamos preparados a encontrar e, de minha parte, não pude deixar de considerá-lo afetado.

Quando os visitantes satisfizeram, o mais que puderam, sua curiosidade em olhar todos os objetos ao alto, foram introduzidos embaixo, onde seu prazer excedeu todos os limites. Seu espanto pareceu, então, ser muito profundo, para expandir-se em palavras, pois observaram tudo em silêncio, perturbado apenas por interjeições em baixo tom. As armas proporcionaram-lhes grande motivo para meditação e foi-lhes permitido segurá-las e examiná-las à vontade. Não creio que tivessem a menor suspeita de seu uso real, mas antes as tomaram por ídolos, vendo o cuidado que com elas tínhamos e a atenção com que vigiávamos seus movimentos, enquanto as seguravam. Com os grandes canhões, seu espanto foi dobrado. Aproximaram-se deles, com todos os sinais de profunda reverência e temor mas não quiseram examiná-los pormenorizadamente. Havia dois grandes espelhos no camarote e ali seu espanto atingiu ao auge. Too-wit foi o primeiro a aproximar-se deles e colocou-se no meio do camarote, com a face para um e as costas para o outro, antes que os percebesse claramente. Ao levantar os olhos e ver-se refletido no espelho, pensei que o selvagem tivesse enlouquecido; depois de dar meia volta, para fazer uma retirada, encontrou-se, desta vez, na direção oposta; julguei que expirasse naquele instante. Nenhuma persuasão teve valor para levá-lo a dar outra olhada. Antes, atirando-se sobre o soalho, com o rosto mergulhado nas mãos, ali permaneceu até que fomos obrigados a arrastá-lo para o tombadilho.

Todos os selvagens foram admitidos a bordo desse modo, vinte de cada vez, permitindo-se que Too-wit permanecesse, durante todo o tempo. Não vimos entre eles propensões para o roubo, nem perdemos um só objeto depois que partiram. Por todo o decorrer de sua visita demonstraram as maneiras mais amigáveis. Havia, contudo, certos pontos em sua conduta que achamos impossível compreender. Por exemplo, não podíamos levá-los a aproximar-se de objetos inteiramente inofensivos da escuna, como as velas, um ovo, um livro aberto, uma vasilha com farinha de trigo. Tentávamos averiguar se possuíam consigo alguns artigos que pudessem ser considerados como capazes de tráfico, mas encontramos grande

dificuldade em ser compreendidos. Verificamos, não obstante, com grande espanto que abundavam naquelas ilhas as grandes tartarugas das Galápagos uma das quais eu vira na canoa de Too-wit. Vimos também, um biche de mer nas mãos de um dos selvagens, que a devorava avidamente em estado natural. Tais anomalias — pois eram assim consideradas em relação à latitude — induziram o Capitão Guido a desejar fazer completa investigação sobre a região na esperança de explorar proveitosamente sua descoberta. De minha parte, ansioso como estava para conhecer algo mais a cerca daquelas ilhas, mais encarniçadamente me inclinava a prosseguir a viagem para o sul, sem demora. Tínhamos então um belo tempo mas não poderíamos dizer quanto tempo ele se conservaria e estando já no paralelo oitenta e quatro, com mar livre, à nossa frente, uma corrente dirigindo-se, fortemente, para o sul e um magnífico vento, eu não podia ouvir, sem impaciência, a proposta de determo-nos mais tempo do que o absolutamente necessário para a saúde da tripulação e para tomar a bordo um suprimento adequado de combustível e de provisões frescas. Fiz ver ao capitão que facilmente podíamos atingir aquele arquipélago, caso estivéssemos bloqueados pelo gelo. Ele afinal tornou-se de minha opinião (pois de algum modo, que dificilmente eu podia compreender, adquirira grande influência sobre ele) e resolveu que, mesmo no caso de encontrar biches de mer só ficaríamos ali uma semana para refazer as forças e depois avançaríamos para o sul, quanto pudéssemos. De acordo com isso, executamos todos os preparativos necessários e levamos a salvo a *Jane* por entre os recifes, sob a orientação de Too-wit, ancorando a cerca de uma milha da praia, numa baía excelente, completamente resguardada do vento pelas terras, na costa sudeste da ilha principal com dez braças de água, fundo de areia preta. Na ponta dessa baía havia três belas fontes (disseram-nos) de boa água e vimos abundantes matas nas vizinhanças. As quatro canoas seguiram-nos, conservando-se contudo a respeitosa distância. O próprio Too-wit permaneceu a bordo e, depois de lançarmos âncora, convidou-nos a acompanhá-lo à praia e a visitar sua aldeia no interior, o capitão acedeu e tendo sido deixados dez selvagens a bordo, como reféns, um grupo nosso, de doze ao todo, aprontou-se para seguir o chefe. Tomamos o cuidado de ir bem armados, embora sem temor ou desconfiança. A escuna tinha os canhões apontados redes de abordagem suspensas e todas as outras precauções convenientes foram tomadas para resguardá-la de surpresas. Deixaram-se ordens com o piloto-chefe para não admitir ninguém a bordo durante nossa ausência e, no caso de não aparecermos dentro de dez horas, enviar o cúter com um canhonete à nossa procura.

A cada passo que dávamos em terra reforçava-se nossa convicção de nos acharmos numa região essencialmente diferente de qualquer outra até então visitada por homens civilizados. Nada víamos do que nos fora outrora familiar. As árvores não se assemelhavam no crescimento, a qualquer das zonas tórrida, temperadas ou frígida do norte e eram inteiramente diversas das mais baixas latitudes meridionais que já havíamos atravessado. As próprias rochas eram diferentes na massa, nas cores, na estratificação, e mesmo as torrentes, por mais inacreditável que isso pareça, tinham tão pouco de comum com as de outros climas, que tivemos escrúpulos de provar-lhes a água e, na verdade, tínhamos dificuldade em chegar a crer que suas qualidades fossem puramente as da natureza. Num pequeno ribeiro que cruzava nosso caminho (o primeiro que encontramos), Too-wit e seus companheiros pararam para beber. Dado o singular aspecto da água, recusamo-nos a prová-la, supondo-a poluída; e só algum tempo depois nos convencemos de que tal era a aparência dos rios em todo aquele grupo de ilhas. Embarça-me dar uma idéia distinta da natureza desse líquido e não o posso fazer sem muitas palavras. Embora corresse, com rapidez em todos os declives, como o faz a água comum, nunca, contudo, a não ser quando caía numa cascata, tinha a habitual aparência de *limpidez*. Era, não obstante, de fato, tão perfeitamente límpida como qualquer água de pedra calcária, só existindo diferença na aparência. À primeira vista, e especialmente nos casos em que o declive encontrado era pouco, ela parecia, no que se refere à consistência, uma espessa infusão de goma-arábica em água comum. Mas esta era só a menos notável de suas qualidades extraordinárias. Não era incolor, nem de qualquer cor uniforme, apresentando ao olhar, enquanto fluía, todos os possíveis matizes da púrpura, como nas cores de uma seda mutável. Essa

variação de matiz produzia-se de um modo que provocava tão profundo espanto no espírito dos de nosso grupo como o fizera o espelho no caso de Too-wit. Depois de colher uma bacia de água, permitindo que esta sentasse completamente, verificamos que a massa inteira do líquido era feita de certo número de veios distintos, e cada qual de matiz diverso, esses veios não se misturavam; e sua coesão era perfeita em relação às próprias partículas entre si, e imperfeita em relação aos veios vizinhos. Ao passar a lâmina de uma faca pelo meio dos veios a água fechava-se sobre ela imediatamente, e retirando-a todos os traços da passagem da lâmina ficavam imediatamente obliterados. Se, contudo, a lâmina era acuradamente passada por baixo, entre dois veios efetuava-se perfeita separação, que o poder de coesão não podia retificar imediatamente. O fenômeno dessa água formou o primeiro elo definido da cadeia imensa de aparentes milagres em que eu estava por fim destinado a ser envolvido.

CAPÍTULO XIX

LEVAMOS quase três horas no caminho da aldeia, que ficava a mais de nove milhas no interior, pois a estrada atravessava uma região acidentada. Enquanto a percorríamos, o grupo de Too-wit (todos os cento e dez selvagens das canoas) foi sendo, de instante a instante, reforçado por pequenos destacamentos de dois a seis ou sete homens, que se juntavam a nós, como por acaso, em diferentes voltas da vereda. Parecia haver muito de premeditado nisto e, não podendo deixar de desconfiar, falei ao Capitão Guido sobre minhas apreensões. Agora, porém, era tarde demais para retroceder e concluimos que nossa maior segurança estava em demonstrar perfeita confiança na boa-fé de Too-wit. Em consequência, continuamos, conservando olho vivo sobre as manobras dos selvagens sem permitir-lhes que nos separassem em grupos, infiltrando-se em nosso meio. Deste modo, após passar através de uma ravina de precipícios, afinal alcançamos o que nos haviam dito ser a única reunião de habitantes da ilha. Ao chegarmos a avistá-la, o chefe deu um grito e, freqüentemente, repetiu o vocábulo *Kloc-kloc*, que supusemos ser o nome da aldeia, ou o nome genérico para aldeias.

As habitações eram da mais miserável condição imaginável ao contrário mesmo das pertencentes às mais baixas raças selvagens que a humanidade conhece, não tinham qualquer plano uniforme. Algumas delas (e verificamos que estas pertenciam aos *Wampos* ou *Yampor*, os grandes homens da terra) consistia de uma árvore, abatida a cerca de um metro e vinte centímetros da raiz, com uma grande pele preta atravessada sobre ela, caída em dobras, sobre o solo. Sob essa pele, os selvagens se abrigavam. As outras eram formadas apenas por ásperos galhos de árvores com folhagem seca por cima, reclinados, num ângulo de cinco graus, contra um banco de argila, amontoado sem formato regular, a uma altura de um metro e meio a um metro e oitenta centímetros. Outras, ainda, eram meros buracos cavados ridiculamente na terra e cobertos de ramos semelhantes, que eram removidos quando o dono estava para entrar e colocados de novo depois que ele tinha entrado. Poucas eram construídas entre forquilhas das árvores, onde ficavam, pois os galhos superiores tinham sido cortados de modo a inclinarem-se sobre os mais baixos, formando, desse modo, um abrigo mais espesso contra a água. O maior número, contudo, consistia de pequenas cavernas baixas, aparentemente rasgadas na face de uma penha vertiginosa, de pedra preta que parecia greda de pisoeiro, e com a qual três lados da aldeia se limitavam. À porta de cada uma dessas primitivas cavernas havia uma pequena laje, que o dono cuidadosamente colocava em frente da entrada, depois de deixar sua residência, não posso assegurar para que fim, pois essa pedra nunca era de tamanho suficiente para fechar mais do que a terça parte da abertura.

Esta aldeia, se lhe pode dar tal nome, jazia em um vale de alguma profundidade e só podia ser alcançada pelo lado do sul já falado do íngreme penhasco que impedia todo acesso outra direção. Pelo meio do vale corria uma torrente tumultuada da mesma água de aparência mágica que já foi descrita. Vimos diversos animais estranhos junto das habitações, parecendo todos inteiramente domesticados. A maior daquelas criaturas assemelhava-se ao nosso porco comum na estrutura do corpo e do focinho; o rabo, porém, era empenachado e as pernas delgadas de antílope. Seus movimentos eram excessivamente canhestros e indecisos e nunca os vimos tentar correr. Observamos também animais, bem semelhantes na aparência, mas de um tamanho estranho, maior e cobertos de uma lã negra. Havia grande variedade de aves domésticas correndo em redor e que pareciam constituir o principal alimento dos nativos. Para espanto nosso, vimos albatrozes negros entre aquelas aves, num estado de inteira domesticação, indo periodicamente ao mar em busca de alimento, mas voltando sempre para a aldeia como se fosse um lar, e utilizando-se da praia meridional na vizinhança como lugar de incubação. Ali eram alcançados pelos seus amigos, os pelicanos, como de costume, mas estes últimos nunca os acompanhavam às habitações dos selvagens. Entre as outras espécies de aves domésticas havia patos, diferindo muito pouco do pato preto do nosso próprio país; sulas negros e uma grande ave não diferente do bútio na aparência, mas não carnívoro. De peixe parecia haver grande abundância. Vimos, durante nossa visita, grande quantidade de

salmão seco, bacalhaus, golfinhos azuis, cavalas, salmão preto, arraias, congros, enguias, peixe-elefante, mugs, solhas, peixe-papagaio, jaquetas-de-couro, triglas, merlúcios, linguado, paracutas, e inúmeras outras variedades. Verificamos também que a maior parte deles era semelhante aos peixes existentes no grupo das ilhas de Lord Auckland, numa latitude abaixo de 51 graus, ao sul. Em grande quantidade havia também tartarugas de Galápagos. Vimos poucos animais selvagens e nenhum de grande tamanho ou de alguma espécie que nos fosse familiar. Uma ou duas serpentes de formidável aspecto cruzaram nosso caminho, mas os nativos lhes davam pouca atenção e concluímos que elas não eram venenosas.

Ao nos aproximarmos da aldeia, com Too-wit e seu grupo, enorme multidão de gente correu ao nosso encontro, com altos brados, entre os quais podíamos distinguir apenas os eternos *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!*. Ficamos bastante surpresos ao perceber que, com uma ou duas exceções, esses recém-vindos estavam inteiramente nus, sendo as peles usadas somente pelos homens das canoas. Todas as armas do país pareciam também estar de posse destes últimos, pois não se via qualquer delas entre os habitantes da aldeia. Havia muitas mulheres e crianças, não faltando inteiramente às primeiras o que se podia chamar beleza pessoal. Eram esbeltas, altas e bem formadas, com uma graça e liberdade de maneiras não encontráveis, na sociedade civilizada. Seus lábios, porém, como os dos homens, eram grossos e mal conformados, de modo que, mesmo quando riam os dentes nunca apareciam. Seu cabelo era mais fino que o dos homens. Entre aqueles aldeões nus haveria talvez uns dez ou doze que vestiam como o grupo de Too-wit roupas de pele preta e estavam armados de lanças e pesadas clavas. Pareciam ter grande influência entre os demais e eram sempre tratados pelo nome de *Wampoo*. Eram eles também os proprietários dos palácios de couro preto. O de Too-wit estava situado no centro da aldeia, e era muito maior e um tanto mais bem construído do que os outros da mesma distância. A árvore que formava seu suporte fora cortada a uma distância de três metros e sessenta centímetros pouco mais ou menos da raiz, e numerosos ramos foram deixados justamente abaixo do corte, servindo para suportar a cobertura e, dessa forma, evitando que ela se abatesse em redor do tronco. A cobertura, também, que consistia de quatro peles bastante largas amarradas com espetos de estava presa nas extremidades com estacas fincadas no chão, o qual estava coberto de grande quantidade de folhas secas à moda de tapete.

Para essa cabana fomos conduzidos, com grande solenidade e amontoaram-se nela, atrás de nós, tantos nativos quanto possível. Too-wit sentou-se sobre as folhas e nos fez sinais para que lhe seguissemos o exemplo. Assim o fizemos e logo nos encontramos numa posição caracteristicamente incômoda, senão crítica. Achávamo-nos no chão, em número de doze, com os selvagens somando quase quarenta, acorados tão perto em redor de nós que se qualquer distúrbio se suscitasse ter-nos-ia sido impossível o uso de nossas armas ou mesmo nos levantarmos. O aperto não era somente dentro da tenda mas do lado de fora, onde provavelmente se encontravam todos os indivíduos que povoavam a ilha sendo a multidão impedida de nos calcar, até morrermos, graças às incessantes ordens e vociferações de Too-wit. Nossa principal segurança jazia, porém, na presença do próprio Too-wit entre nós e resolvemos manter-nos bem juntos dele, como a melhor possibilidade de livrar-nos do dilema, sacrificando-o imediatamente à primeira amostra de intenção hostil.

Depois de alguma agitação, certo grau de tranquilidade estabeleceu-se, quando o chefe se dirigiu a nós, num discurso de grande extensão, e quase semelhante ao que foi proferido nas canoas a exceção de que os *Anamoo-moos!* eram agora um tanto mais vigorosamente repetidos do que os *Lama-Lamas!*. Escutamos em profundo silêncio, até a conclusão dessa arenga, quando Guido respondeu, assegurando ao chefe sua eterna camaradagem e boa-vontade e concluindo o que tinha a dizer com uma oferta de muitos rosários de contas azuis e uma faca. Diante dos primeiros o monarca, com grande surpresa nossa, torceu o nariz, expressão de desprezo; mas a faca proporcionou-lhe a mais ilimitada satisfação e, imediatamente, ordenou que se servisse o jantar. Este foi trazido para a tenda, sobre as cabeças dos criados e consistia de tripas palpitantes duma espécie de animal desconhecido e provavelmente um dos porcos de pernas finas que tinham observado ao nos aproximar da aldeia. Vendo que não sabíamos o que

fazer, começou ele, à guisa de exemplo, a devorar jarda após jarda da tentadora comida, até que não pudemos positivamente conter-nos por mais tempo e mostramos tão manifestos sintomas de rebelião de estômago que encheram sua majestade de um grau de espanto, somente inferior ao causado pelos espelhos. Declinamos de partilhar das iguanas à nossa frente e tentamos fazer compreender que não tínhamos apetite de espécie alguma, tendo justamente acabado um opíparo almoço.

Quando o monarca terminou a sua refeição, começamos uma série de indagações, por todas as maneiras engenhosas que podíamos inventar, tendo em vista descobrir quais eram as produções do país e se qualquer delas podia ser transformado em lucro. Por fim ele pareceu perceber alguma idéia do que dizíamos e se ofereceu para acompanhar-nos a uma parte da costa onde nos assegurou que a biche de mer (apontando para um espécime daquele animal) seria encontrada em grande abundância. Ficamos alegres com esta rápida oportunidade de escapar da opressão da multidão e demos a entender nosso desejo veemente de nos pormos a caminho. Deixamos, então, a tenda e, acompanhados por toda a população da aldeia, seguimos o chefe até a extremidade sudeste da ilha, não longe da baía onde nosso navio estava ancorado. Esperamos ali cerca de uma hora, até que as quatro canoas foram trazidas por alguns dos selvagens, até onde nos achávamos. Tendo todo o nosso grupo entrado em uma delas, fomos remando ao longo da orla de recifes antes mencionada e de outros ainda distantes, onde vimos uma bem maior quantidade de biches de mer do que jamais viram os velhos marinheiros que nos acompanhavam naqueles grupos de ilhas das mais baixas latitudes, mais afamados por este artigo de comércio. Permanecemos perto daqueles recifes somente o tempo bastante para verificar que podíamos facilmente carregar uma dúzia de navios com o animal, se necessário. Depois abordamos a escuna e nos despedimos de Too-wit, após obter dele a promessa de que nos traria, dentro de vinte e quatro horas, tantos patos pretos e tartarugas das Galápagos quantas canoas pudessem carregar. No correr de toda esta aventura nada vimos na conduta dos nativos que causasse suspeita, exceto a maneira sistemática pela qual seu grupo se foi reforçando durante nossa caminhada da escuna até a aldeia.

CAPÍTULO XX

O CHEFE cumpriu fielmente sua palavra e, em breve, nos achamos plenamente supridos de provisões frescas. Achamos as tartarugas tão deliciosas como jamais víamos, e os patos ultrapassavam nossas melhores espécies de aves selvagens, sendo excessivamente mais tenros, suculentos e saborosos. Além destes, os selvagens nos trouxeram depois que lhes fizemos compreender nosso desejo, grande quantidade de aipo castanho e mostarda, com uma canoa cheia de peixe fresco e algum seco. O aipo foi um regalo, na verdade, e a mostarda mostrou-se de incalculável benefício em restabelecer aqueles dos nossos homens que tinham apresentado sintomas de doença. Em muito pouco tempo não tínhamos uma única pessoa na lista de doentes. Recebemos também grande quantidade de outras espécie de provisões frescas, entre as quais pode ser mencionada uma espécie de mariscos semelhantes na forma ao mexilhão, mas com o gosto de ostra. Camarões também e lagostins eram abundantes, assim como ovos de albatrozes e outros pássaros, com cascas pretas. Recolhemos também grande sortimento de carne dos porcos que já mencionei. A maior parte dos homens achou-a de excelente paladar, mas eu achei-lhe um gosto de peixe, aliás desagradável. Em troca dessas boas coisas presenteamos os nativos com contas azuis, verde bronze, pregos, facas e peças de pano vermelho, ficando eles plenamente satisfeitos com a troca. Estabelecemos um regular mercado na praia, justamente sobre as peças da escuna, onde barganhas eram realizadas com toda a aparência de boa-fé e com um grau de ordem que a conduta deles na aldeia de Klock-Klock não nos levava a esperar dos selvagens.

As coisas prosseguiram dessa forma bem amigável durante vários dias, nos quais grupos de nativos estavam freqüentemente a bordo da escuna e grupos de nossos homens freqüentemente na praia fazendo longas excursões ao interior, sem serem de modo algum molestados. Verificando a facilidade com que o navio carregado de biches de mer, graças à disposição cordial dos ilhéus e a prontidão com que eles nos prestavam auxílio em apanhá-las o Capitão Guido resolveu entrar em negociações com Too-wit para a construção de casas apropriadas para secar o artigo e para os serviços dele próprio e da tribo de reunir tantas quantas possíveis, enquanto aproveitar-se-ia ele do bom tempo para continuar sua viagem para o sul. Ao mencionar esse projeto ao chefe, pareceu ele bastante desejoso de entrar em acordo. Uma barganha foi em consequência, concluída, perfeitamente satisfatória para ambas as partes, por meio da qual ficou combinado que, depois de fazer os necessários preparativos, tais como aplainar o terreno e erguer uma porção dos prédios e fazer algum outro trabalho em que toda a nossa tripulação seria utilizada, a escuna prosseguiria em sua derrota, deixando três de seus homens na ilha, para superintender a execução do projeto e instruir os nativos no secamento dos biches de mer. Quanto às obrigações, dependeriam elas dos esforços dos selvagens em nossa ausência. Deveriam receber uma quantidade estipulada de contas azuis, facas, pano vermelho e assim por diante, para cada certo número de arrobas de biche de mer que estivessem prontas à nossa volta.

Uma descrição da natureza deste importante artigo de comércio, e o método de prepará-lo talvez sejam de interesse para meus leitores e não posso encontrar lugar mais adequado do introduzir uma descrição dele. A seguinte e resumida notícia a respeito é tirada de uma moderna história de uma viagem do sul:

"É aquele molusco dos mares índicos, conhecido no comércio pelo nome francês de *bêche de mer* (um delicioso manjar do mar). Se não estou muito enganado, o famoso Cuvier chama-o *Gasteropoda pulmonífera*. Encontra-se em grande abundância nas costas das ilhas do Pacífico e é apanhado para os mercados chineses, onde alcança grande preço, talvez tão alto quanto o de seus muito falados ninhos de pássaros como propriamente formados da matéria gelatinosa recolhida por uma espécie de andorinha do corpo daqueles moluscos. Elas não têm concha, nem pernas, nem qualquer parte proeminente, exceto órgãos opostos de *absorção* e *excreção*; mas, por meio de suas membranas elásticas, como lagartas ou

vermes, elas se arrastam em águas pouco profundas nas quais podem ser vistas por uma espécie de andorinha cujo agudo bico inserido no animal mole, extrai uma substância gomosa e filamentosa, a qual, ao secar pode entrar na composição das sólidas paredes de seus ninhos. Daí o nome de *Gasteropoda pulmonífera*.

"Esse molusco é oblongo e de diferentes tamanhos, de três a oito polegadas de comprimento. Já vi alguns que tinham nada menos de sessenta centímetros de comprimento. Eram quase redondos, um pouco chatos do lado que jaz perto do fundo do mar. Têm de dois a vinte centímetros de espessura. Arrastam-se em água pouco profunda, em épocas particulares do ano, provavelmente no propósito de procriar, pois muitas vezes os encontramos aos pares. E quando o sol mais castiga a água, tornando-a tépida, que eles se aproximam da praia. E muitas vezes vão a lugares tão baixos que, quando a maré ficam em seco, ficam expostos ao calor do sol. Mas não se reproduzem em águas pouco profundas, pois nunca vimos qualquer de seus filhotes, e os adultos são sempre observados saindo de águas fundas. Alimentam-se principalmente daquela espécie de zoófitos que produz o coral.

"O biche de mer é geralmente apanhada dentro de metro ou metro e meio de água, depois disso, é levada para a praia e aberta numa extremidade com uma faca, sendo a incisão de dois ou mais centímetros, de acordo com o tamanho do molusco. Por essa abertura as entranhas são espremidas por pressão e se parecem muito com as de qualquer outro habitante das profundezas. O artigo é então lavado e depois fervido até certo grau, que não deve ser muito alto nem muito baixo. É depois enterrada na areia durante quatro horas e em seguida fervida de novo durante curto tempo, depois do quê, é secada, quer pelo fogo, quer pelo sol. As curtidas pelo sol são mais apreciadas — mas onde uma arroba pode ser curada dessa forma eu posso curar trinta arrobas com fogo. Quando afinal devidamente curadas, podem ser conservadas em um lugar seco durante dois ou três anos, sem qualquer risco; mas teriam de ser examinadas uma vez dentro de poucos meses, digamos, quatro vezes por ano, para verificar se qualquer umidade está a ponto de estragá-las.

"Os chineses, como antes afirmei, consideram a biche de mer um grandíssimo luxo, acreditando que ela revigora maravilhosamente, nutre e renova o organismo exausto pela volúpia imoderada. A de melhor qualidade alcança alto preço em Cantão, custando noventa dólares quatro arrobas; a de segunda qualidade setenta e cinco dólares; a de terceira qualidade, cinquenta dólares; a de quarta, trinta dólares; a de quinta, vinte dólares; a de sexta, doze dólares, a de sétima, oito dólares, e a de oitava, quatro dólares. Cargas pequenas alcançarão maior preço, muitas vezes, em Manilla, Singapura e Batávia."

Tendo entrado assim em acordo, passamos imediatamente a desembarcar tudo quanto fosse necessário para preparar as construções e limpar o terreno. Um vasto espaço plano, perto da praia oriental da baía, foi escolhido, pois nele havia grande quantidade de madeira e de água, e dentro de conveniente distância dos principais recifes sobre os quais a biche de mer tinha de ser procurada. Logo nos pusemos a trabalhar, seriamente, e dentro em pouco, com grande espanto dos selvagens, tínhamos derrubado suficiente número de árvores, para o fim que tínhamos em vista, transportando depressa para a armação das casas, as quais em dois ou três dias estavam já tão adiantadas que podíamos francamente confiar o resto do trabalho aos três homens que tencionávamos deixar ali. Eram eles João Carson, Alfredo Harris e um certo Peterson (todos naturais de Londres, creio eu), que se propuseram voluntariamente para isso.

Pelo fim do mês tínhamos tudo pronto para a partida. Tínhamos combinado, porém, fazer uma visita formal de despedida à aldeia, e Too-wit insistiu tão pertinazmente em que mantivéssemos a promessa que não achamos prudente correr o risco de ofendê-lo com uma recusa final. Acredito que nenhum de nós tínhamos naquela ocasião, a menor suspeita da boa-fé dos selvagens. Tínhamos uniformemente procedido com a maior decência, ajudando-nos com satisfação no nosso trabalho, oferecendo-nos suas mercadorias frequentemente sem preço, e nunca, em momento algum, subtraindo um único artigo, embora fosse evidente o alto valor que emprestavam às mercadorias que tínhamos conosco, pelas extravagante

demonstrações de alegria que sempre manifestavam quando lhes fazíamos um presente. As mulheres, especialmente, eram mais gratas a todos os respeitos e, acima de tudo, teríamos sido as criaturas mais suspeitosas do mundo se houvésssemos entretido um único pensamento de perfídia da parte de um povo que nos tratava tão bem. Bem curto espaço de tempo bastou para provar que essa aparente bondade de disposição era apenas o resultado dum plano profundamente estabelecido de nossa destruição, e que os ilhéus, por quem mantínhamos tão imoderados sentimentos de estima, contavam-se entre os miseráveis mais bárbaros, mais sutis e mais sanguissedentos que jamais contaminaram a face do globo.

Foi no dia 1º. de fevereiro que descemos à praia no propósito de visitar a aldeia. Embora, como disse antes, não entretivéssemos a menor suspeita, nenhuma precaução adequada foi esquecida. Os homens foram deixados na escuna com instruções para não permitir que qualquer selvagem se aproximasse do navio durante a nossa ausência, sob qualquer pretexto, e para permanecer constantemente no tombadilho. As redes da coberta estavam erguidas, as peças duplamente carregadas de metralha e granada, e os morteiros de metralha de balas de mosquete. Jazia, com sua âncora a pique a cerca de uma milha da praia e nenhuma canoa podia aproximar-se em qualquer direção, sem ser distintamente vista e exposta ao pleno fogo, imediatamente, de nossos morteiros.

Deixados os seis homens a bordo, nosso grupo de desembarque consistia de trinta e duas pessoas ao todo. Estávamos armados até os dentes, tendo conosco mosquetes, pistolas e cutelos. Além disso, cada um tinha uma espécie de comprida faca um tanto semelhante à faca de mato, agora tão usada por toda a nossa região ocidental e meridional. Uma centena de guerreiros negros veio ao nosso encontro, quando descemos em terra, a fim de acompanhar-nos pelo caminho. Notamos, porém, com alguma surpresa, que eles estavam agora inteiramente sem armas e tendo perguntado a Too-wit o que significava aquela circunstância, respondeu-nos simplesmente que *Mattee non we pa pa si* — querendo dizer que não havia necessidade de armas onde todos eram irmãos. Tomamos isto de boa parte e continuamos.

Tínhamos passado a fonte e o riacho de que falei antes e estivéramos agora entrando numa estreita garganta que atravessava a cadeia de colinas de greda entre as quais estava situada a aldeia. Essa garganta era muito rochosa e desigual, tanto que não pequena dificuldade tivemos em trepar por ela em nossa primeira visita a Clock-clock. Toda a extensão da ravina seria de uma milha e meia, ou provavelmente duas milhas. Ela serpeava em todas as direções possíveis entre as colinas (tendo, ao que parecia, formado, em algum período remoto, o leito duma torrente), em nenhum momento se estendendo mais de vinte jardas sem uma curva brusca. Os lados desse pequeno fosso orçariam, estou certo, por uns vinte e um ou vinte quatro metros de altitude perpendicular em toda a sua extensão e em algumas partes se erguiam a uma altura espantosa, sombreando tão completamente a passagem que muito pouco da luz do dia podia ali penetrar. A largura geral era de cerca de doze metros e por vezes diminuía tanto que não permitia a passagem de cinco pessoas, ou seis, de frente. Em resumo, não poderia haver no mundo lugar algum mais bem adaptado para a consumação de uma emboscada e não foi mais do que natural que tivéssemos olhado cuidadosamente para nossas armas quando ali penetramos. Quando agora penso na nossa insigne loucura, o principal motivo do espanto parece ser que nós houvésssemos, alguma vez, aventurado sob quaisquer circunstâncias, tão completamente em mãos de selvagens desconhecidos a ponto de permitir que eles marchassem tanto na frente como atrás de nós, no nosso caminho pela ravina. Contudo, tal era a disposição em que cegamente seguimos, confiando loucamente na força de nosso grupo, na situação de desarmamento de Too-wit e de seus homens, na segura eficácia de nossas armas de fogo (cujo efeito era ainda um segredo para os nativos) mais do que tudo, na longamente sustentada atitude de camaradagem para conosco mantida por aqueles infames bandidos. Cinco ou seis deles iam à frente, como se abrindo o caminho, ocupando-se ostensivamente em remover as pedras maiores e limpar a ravina. Em seguida, vinha o nosso próprio grupo. Caminhávamos bem unidos, tomando apenas cuidado em evitar separar-nos. Acompanhava-nos o grupo principal de selvagens, observando ordem e correção insólitas.

Dick Peters, um homem chamado Wilson Allen e eu estávamos à direita de nossos companheiros examinando, enquanto prosseguíamos a singular estratificação do precipício que se alteava sobre nós. Uma fenda do rochedo polido atraiu nossa atenção. Era larga quase o bastante para uma pessoa entrar sem se espremer e se ampliava para dentro da colina uns cinco metros e quarenta centímetros ou seis metros em linha reta, dobrando, depois, para a esquerda. A altura da abertura, pelo que pudemos dela ver, da principal garganta era, talvez de dezoito ou vinte e um metros. Havia um ou dois arbustos enfezados, brotando dentre as fendas, ostentando uma espécie de avelã que senti curiosidade em examinar e, intrometendo-me rapidamente com este fim, recolhi cinco ou seis nozes, dum golpe, retirando-me depois, apressadamente. Ao voltar, vi que Peters e Allen me haviam acompanhado. Desejei que eles voltassem, pois não havia espaço para duas pessoas passarem, dizendo que lhes daria algumas de minhas nozes. Concordaram em voltar e foram subindo de regresso, estando Allen já perto da boca quando tive a súbita percepção dum choque completamente diverso de qualquer coisa que jamais sentira antes, e que me causou a vaga impressão, se realmente então pensei em alguma coisa, de que todos os fundamentos do globo sólido se houvessem subitamente partido em bocados, e de que o dia da dissolução universal havia chegado.

CAPÍTULO XXI

LOGO QUE PUDE DOMINAR meus sentidos abalados, senti-me sufocado e rastejando entre uma quantidade enorme de terra desprendida, que também caía sobre mim, pesadamente, em todas as direções, ameaçando sepultar-me de todo. Horripelmente alarmado a esta idéia, esforcei-me por levantar-me e por fim consegui-o. Então fiquei imóvel por alguns instantes, tentando conceber o que me havia acontecido e onde me encontrava. Ouvi, no mesmo instante um profundo gemido junto ao meu ouvido e, depois, a voz sufocada de Peters, pedindo-me socorro, em nome de Deus. Fui trepando um ou dois passos para diante, quando caí diretamente na cabeça e os ombros de meu companheiro, que, logo descobri estava enterrado até a cintura numa massa de terra solta, e lutando desesperadamente para libertar-se da pressão. Fui afastando de redor dele toda aquela terra, com o máximo de energia que podia empregar, e por fim consegui retirá-lo.

Tão logo nos recobramos de nosso susto de surpresa para podermos conversar sensatamente, chegamos ambos à conclusão de que as paredes da abertura em que nos havíamos aventurado tinha em virtude de alguma convulsão na natureza, ou provavelmente por seu próprio peso, desmoronado e que estávamos, conseqüentemente perdidos para sempre, achando-nos assim enterrados vivo muito tempo entregamo-nos inativamente à mais intensa angústia e desespero, que não pode ser devidamente imaginado pelos se acharam em situação semelhante. Acredito, firmemente que nenhum incidente jamais ocorrido no curso dos acontecimentos nos seja mais apto a inspirar o paroxismo da angústia mental física do que um caso, como o nosso, de enterramento em vida. A espessidão da treva que envolve as vítimas, a terrífica opressão dos pulmões, a sufocante exalação da terra úmida uniam-se às assombrantes considerações de que nos achávamos para além dos mais remotos confins da esperança, e que tal é a sorte concedida *aos mortos* capaz de introduzir no coração humano um grau de medo e de espanto e de horror que não se podia tolerar e nem mesmo conceber.

Por fim, Peters propôs que tentássemos certificar-nos precisamente, da extensão de nossa calamidade e foi andando às apalpadelas pela nossa prisão; era simplesmente possível, que alguma abertura pudesse ainda haver, para nos dar saída. Agarrei-me avidamente a esta esperança e, envidando eu mesmo tentei abrir caminho através da terra solta. Com grande trabalho havia eu avançado um passo, quando um raio de luz se tornou perceptível o bastante para convencer-me de que, de qualquer forma não morreríamos imediatamente por falta de ar. Sentimo-nos então, um pouco mais confortados e nos encorajamos, mutuamente a espera de coisa melhor. Tendo galgado um montão de entulho que barrava nosso avanço na direção da luz, achamos menos dificuldade em avançar e sentimos, também, algum alívio da excessiva opressão dos pulmões que nos tinha atormentado. Agora, podíamos enxergar os objetos em redor e descobrimos que nos achávamos perto da extremidade da parte reta da abertura, onde ela fazia uma curva para a esquerda. Poucos esforços mais e atingimos a esquina, onde, com inexprimível alegria, encontramos uma longa rachadura ou fenda que se alongava para cima, a grande distância, geralmente a um ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, embora mas vezes mais íngreme. Não podíamos ver através de toda a extensão dessa abertura, mas, como descia por ela suficiente quantidade luz, pouca dúvida tivemos de encontrar no alto (se por modo pudéssemos chegar até lá) uma passagem suficiente para o ar livre.

Lembrei-me então de que éramos três os que havíamos entrado na brecha, vindo da garganta principal, e que nosso companheiro, Allen, estava ainda desaparecido; decidimos imediatamente voltar e procurá-lo. Depois de longa pesquisa e muito perigo, derivado de adiantar-nos pela massa de terra pendente sobre nós, Peters, a afinal gritou que havia agarrado o pé de nosso companheiro e todo o seu corpo estava tão profundamente sepultado, sob os ombros, que era impossível retirá-lo. Verifiquei logo que o que dizia era a completa verdade e que, sem dúvida, nosso companheiro estava morto havia muito. Portanto, com os corações contristados, deixamos o cadáver entregue a seu destino e de novo voltamos

para a abertura.

A largura da frincha mal bastava para nos conter e, depois de um ou dois esforços inúteis para subir, começamos uma vez mais a desesperar. Já disse que a cadeia de colinas através das quais corria a garganta principal era composta de uma espécie de rocha mole parecida com a pedra-sabão. Os lados da abertura sobre que estávamos então tentando subir eram do mesmo material e tão excessivamente escorregadios, pois estavam úmidos, que mal podíamos firmar o pé neles, ainda mesmo nas partes menos abruptas. Em alguns lugares em que a ascensão era quase perpendicular, a dificuldade, sem dúvida, se agravava muito; e, de fato, durante algum tempo, a consideramos intransponível. Tomamos coragem, porém, do desespero; e assim, cortando degraus na pedra mole, com nossas facas de mato e pendurando-nos, com risco de vida, a pequenos pontos salientes da espécie mais dura de rocha xistosa, que aqui e ali se projetavam da massa geral, afinal alcançamos um plataforma natural, da qual se percebia uma nesga de céu azul, na extremidade de uma ravina espessamente coberta de árvores. Olhando então para baixo, com alívio bem maior, para a passagem através da qual tínhamos chegado até ali, deduzimos claramente de sua aparência que era de formação recente e concluímos que a explosão, fosse qual fosse, que tão inesperadamente nos sepultara também, e no mesmo momento, abrira aquele caminho de fuga. Estando inteiramente exaustos, por causa dos esforços feitos, na realidade tão fracos que mal podíamos ficar de pé ou falar, Peters propôs então que deveríamos tentar chamar nossos companheiros em socorro, disparando as pistolas que ainda permaneciam nas nossas cintas, pois os mosquetes, assim como os cutelos, tinham sido perdidos entre a terra solta, no fundo do sorvedouro. Acontecimentos subsequentes provaram que, se tivéssemos feito fogo ter-nos-íamos tristemente arrependido; mas, felizmente, ergueu-se nesse momento em seu espírito certa suspeita de traição e evitamos fazer com que os selvagens soubessem onde estávamos.

Depois de haver repousado cerca de uma hora, subimos rapidamente pela ravina e não nos adiantáramos muito, quando ouvimos uma série de tremendos berros. Afinal, alcançamos o que poderia ser chamado a superfície do solo, pois nosso caminho até então desde que saíramos da plataforma, ficara sob uma arcada de folhagens e rochas elevadas, alteando-se a grande distância. Com cuidado, rastejamos por uma estreita abertura, donde poderíamos ter uma nítida visão da região circunvizinha; e aí todo o terrível segredo da explosão se revelou, de um só relance e num único instante.

O lugar de onde olhávamos não ficava longe do cimo do mais alto pico, na fileira de colinas de pedra-sabão. A garganta, em que o nosso grupo penetrara, corria a uns quinze metros para a nossa esquerda. Mas, pelo menos numa extensão de cem jardas o canal ou leito dessa garganta estava inteiramente repleto de ruínas caóticas, de mais de um milhão de toneladas de terra e pedra atiradas dentro dele propositadamente. Os meios pelos quais essas vastas massas de terra haviam sido precipitadas não eram mais simples do que evidentes, pois traços seguros da obra assassina ainda permaneciam. Em diversos pontos, ao longo do cimo do lado oriental da garganta (estávamos então no ocidental), podiam-se ver estacas de madeira fincadas no chão. Nesses pontos a terra não cedera mas, por toda a extensão da face do precipício, da qual a massa de terra caíra, era claro, pelas marcas deixadas no solo e semelhantes às feitas por uma broca, que estacas semelhantes às que lhe víamos fincadas haviam sido inseridas, separando-se, a cerca de três metros, para trás da borda do abismo. Fortes cordas de cipós de videira tinham sido também ligadas, de uma estaca a outra. Já falei da singular estratificação dessas colinas de pedra sabão e a idéia que acabo de dar da estreita e profunda frincha, efetuamos nossa fuga do sepultamento, permitirá avaliar melhor essa natureza. Assim é que quase toda convulsão natural certamente fenderia o solo em camadas paralelas e perpendiculares; e bastaria pequeno esforço humano para produzir o mesmo resultado. Dessa estratificação serviram-se os selvagens para realizar seus traiçoeiros fins. Não pode haver dúvida de que, pela contínua linha de estacas uma ruptura parcial do solo foi produzida, provavelmente até a profundidade de trinta ou sessenta centímetros, quando então, por de um violento puxão, nas pontas de cada uma das cordas (que estavam ligadas às

extremidades das estacas, no alto, e se estendiam da borda do precipício para trás), obtinha-se enorme força de alavanca, capaz de precipitar toda a frente da colina, a um sinal dado no seio do abismo, lá embaixo. Não mais foi motivo de incerteza o destino de nossos pobres companheiros. Apenas nós havíamos escapado à catástrofe daquela destruição esmagadora. Éramos únicos homens brancos vivos naquela ilha.

CAPÍTULO XXII

NOSSA SITUAÇÃO, como então nos aparecia, era pouco menos terrível do que quando nos havíamos julgado sepultados para sempre. Não víamos diante de nós perspectiva outra que não a de sermos assassinados pelos selvagens, ou arrastar entre eles uma vida miserável de cativo. Podíamos, é certo, esconder-nos, durante certo tempo, de sua observação, nos recantos das colinas e, como recurso final, no abismo de onde acabáramos de sair; mas ou deveríamos perecer no longo inverno polar, de fome e frio, ou ser por fim descobertos, em nossos esforços de salvar-nos.

Toda a região em torno de nós parecia formigar de selvagens, multidões dos quais, como percebíamos agora, tinham vindo das ilhas do sul, em barcos chatos, sem dúvida a fim de prestar ajuda na captura e saque da *Jane*. O barco ainda se achava calmamente ancorado na baía, estando os homens a bordo, ao que parece, inteiramente inconscientes de que qualquer perigo os aguardasse. Quanto ansiamos, naquele instante, por estar com eles, quer para ajudá-los a realizar sua fuga, quer a perecer com eles na tentativa duma defesa. Não víamos oportunidade de avisá-los do perigo, que corriam sem atrair imediata destruição sobre nossas próprias cabeças, com uma muito remota esperança de beneficiá-los. Um tiro de pistola seria bastante para fazer-lhes saber que ocorrera algum desastre mas este aviso não poderia provavelmente informá-los de que sua única perspectiva de salvação se encontrava em abandonar a baía imediatamente — nem dizer-lhes que princípio algum de honra agora os obrigava a permanecer, uma vez que seus amigos não se contavam mais entre os vivos. Ouvindo a descarga, não poderiam estar mais preparados para enfrentar o inimigo, agora pronto para o ataque, do que já estavam e do que sempre estiveram. Nenhuma vantagem portanto, e infinito dano resultaria de nosso tiro e, depois de madura deliberação, pusemos a idéia de parte.

Outra idéia que nos salteou foi a de tentar correr para o navio, agarrar uma das quatro canoas amarradas à entrada da baía, e tentar forçar uma passagem para bordo. Mas a absoluta impossibilidade de obter êxito, nesta desesperada tentativa, logo se tornou evidente. A região, como já disse antes, formigava literalmente de nativos, de tocaia por trás das moitas e dos esconderijos das colinas, para não serem vistos da escuna. De modo especial bem perto de nós e bloqueando a única passagem, pela qual podíamos atingir a praia, no ponto conveniente, estacionava todo o grupo dos guerreiros negros, com Too-wit à sua frente, e parecendo apenas algum reforço, para começar a abordagem da *Jane*. As canoas, também, à entrada da baía, estavam tripuladas por selvagens desarmados, é verdade, mas que, sem dúvida, tinham armas a seu alcance. Fomos portanto forçados, embora a contragosto a ficar no nosso esconderijo, como simples espectadores do conflito, que não tardou a começar.

Cerca de meia hora depois, vimos umas sessenta ou setenta jangadas, ou botes chatos, com flutuadores, cheias de selvagens e vindo costeando a ponta sul do porto. Pareciam não ter outra armas exceto pequenas clavas e pedras, que jaziam no fundo das jangadas. Imediatamente depois, outro destacamento, ainda mais considerável apareceu numa direção oposta e com idênticas armas. As quatro canoas também se encheram rapidamente de nativos, que saltaram das moitas à entrada da baía e se puseram vivamente ao largo para alcançar os outros grupos. Assim, em menos tempo do que levei a contá-lo e como que por mágica, a *Jane* viu-se cercada por uma multidão imensa de energúmenos, evidentemente resolvidos a apoderar-se dela a todo custo.

Que pudessem ser bem sucedidos nisso, não cabia dúvida um só instante. Os seis homens deixados no navio, por mais resolutamente que se pusessem a defender-se, eram inteiramente insuficientes para o manejo devido das peças ou para sustentar de qualquer modo um combate tão desigual. Mal podia imaginar que eles fizessem qualquer resistência, mas nisto me enganei, pois logo os vi manobrar para colocar o navio de costado a estibordo, a carregar sobre as canoas, que a esse tempo estavam à distância de um tiro de pistola, ficando as jangadas quase a um quarto de milha a barlavento. Devido a alguma causa desconhecida, mas mais provavelmente à agitação de nossos pobres amigos, por se verem em tão

desesperada situação, a descarga foi um completo fracasso. Nem uma canoa sequer foi atingida ou um único selvagem ferido, pois os tiros caíram antes do alvo ou ricocheteando sobre as cabeças deles. O único efeito produzido sobre eles foi o de um grande espanto, diante do inesperado estampido e da fumaça, tão excessivo que, durante alguns instantes, quase pensei que eles abandonassem por completo sua intenção e voltassem para a praia. E isso eles teriam provavelmente feito se nossos homens tivessem continuado seu ataque, com uma descarga de pequenas peças, no que como estivessem as canoas agora bem ao alcance, não poderiam deixar de fazer certa devastação, suficiente para evitar, pelo menos que aquele grupo se adiantasse mais, até poderem dar uma descarga também contra as jangadas. Mas, em lugar disto, deixaram o grupo das canoas recobrar-se de seu pânico e, olhando em redor, de se verificar que nenhum dano haviam sofrido, enquanto viravam para bombordo, a fim de enfrentar as jangadas.

A descarga de bombordo produziu o mais terrível efeito. A metralha e os tiros de palanqueta das grandes peças cortaram completamente, em pedaços, sete ou oito das jangadas, e mataram, talvez, trinta ou quarenta selvagens, enquanto uma centena deles, pelo menos eram lançados à água, a maior parte mortalmente feridos. Os restantes, fora de si de pavor, começaram imediatamente uma precipitada retirada sem mesmo esperar para pescar seus companheiros mutilados, que nadavam confusamente em todas as direções — gritando e urrando por socorro. Este grande êxito, porém, veio demasiado tarde para salvar nossos devotados companheiros. O grupo das canoas já estava a bordo da escuna, em número de mais de cento e cinquenta, tendo a maior parte conseguido grimpar correntes e por cima das redes de paveses, mesmo antes que as mechas fossem aplicadas aos canhões de bombordo. Nada agora podia conter a raiva daqueles brutos. Nossos homens foram imediatamente derrubados, abatidos, espezinhados e feitos totalmente em pedaços num instante.

Vendo isto, os selvagens das jangadas refizeram-se de seu terror, e acorreram em chusma para o saque. Em cinco minutos, a *Jane* foi a cena deplorável de indescritível estrago e tumultuosa violência. Os tombadilhos foram fendidos e rebentados; o cordame, as velas e tudo quanto era manobrável no tombadilho destruídos como por mágica; enquanto que, à força de puxar para trás, rebocando com as canoas e sirgando aos lados, aquela multidão de miseráveis, que nadavam aos milhares em torno do navio, conseguiu afinal dar com ele na praia (tendo o cabo sido largado) e entregou-o aos bons cuidados de Too-wit, que, durante todo o embate, como um hábil general, havia permanecido no seu posto de segurança e reconhecimento, entre as colinas, mas, agora que a vitória se completara, para satisfação sua, condescendeu em correr com seus guerreiros de pele preta e tornar-se participante dos despojos.

A descida de Too-wit deixou-nos em liberdade de abandonar nosso esconderijo e de fazer um reconhecimento da colina, na vizinhança da abertura. A cerca de cinquenta jardas dali vimos um pequeno salto de água, no qual saciamos a sede abrasadora que nos consumia. Não longe da fonte descobrimos várias das moitas de aveleiras que mencionei antes. Provando as nozes, achamo-las apetecíveis e quase semelhantes, no sabor, à avelã comum inglesa. Enchemos imediatamente nossos chapéus, cujo conteúdo derramamos dentro da ravina, voltando a procurar mais. Enquanto nos ocupávamos ativamente em recolhê-las, um ruído nas moitas alarmou-nos e estávamos a ponto de retirar-nos, furtivamente, para nosso esconderijo quando um grande pássaro negro, da espécie do alcaravão, se levantou lenta e pesadamente, dentre os arbustos. Fiquei tão surpreso que não podia fazer nada, mas Peters teve suficiente presença de espírito para correr-lhe no encalço e agarrá-lo pelo pescoço antes que pudesse escapar-se. Seus esperneios e gritos eram tremendos e estávamos com idéias de largá-lo, com receio de que o barulho alarmasse alguns dos selvagens que ainda estivessem de tocaia na vizinhança. Um bom golpe de faca do mato por fim derrubou-o e o arrastamos para a ravina, congratulando-nos por havermos, em todo caso, obtido assim provisão bastante para uma semana.

Sáimos de novo para um reconhecimento e aventuramo-nos a considerável distância, na ladeira do lado sul do morro, mas não encontramos coisa alguma mais que nos pudesse servir de alimento. Por consequência, reunimos grande quantidade de pau seco e voltamos, vendo um ou dois grandes grupos de

nativos a caminho da aldeia, carregados com o saque do navio e que, estávamos apreensivos, podiam descobrir-nos, ao passar por baixo do morro.

Nosso imediato cuidado foi tornar nosso esconderijo tão seguro quanto possível e, com este objetivo, arranjamos alguma sarça sobre a abertura (de que falei antes, aquela através da qual havíamos visto a nesga de céu azul, quando, ao sair do interior do buracão, atingimos a plataforma). Deixamos apenas uma pequenina abertura, suficientemente larga para permitir que víssemos a baía sem o risco de sermos descobertos lá de baixo. Tendo assim feito congratulamo-nos pela segurança da posição, pois estávamos agora a salvo de qualquer observação, enquanto preferíssemos ficar dentro da própria ravina sem nos aventurar até o alto da colina. Não cobríamos traço algum de que os selvagens já houvessem estado alguma vez, dentro daquele buraco, mas, realmente, quando chegamos a refletir na possibilidade de que a fenda, através da qual havíamos ali chegado, fora justamente ocasionada pela queda do penhasco oposto e que nenhum outro caminho para atingi-lo podia ser percebido, não fomos muito levados a regozijar-nos com a idéia de estar a salvo de perseguição, no receio de que não houvesse meio algum para nós de descer. Resolvemos explorar o cume da colina completamente, quando se oferecesse uma boa oportunidade. Entrementes, observávamos os movimentos dos selvagens através de nossa seteira.

Já haviam devastado completamente o navio e estavam se preparando agora para atear-lhe fogo. Dentro em pouco, vimos subindo a fumaça em imensos rolos, de sua principal escotilha, e, pouco depois, uma densa massa de labaredas irrompeu do castelo de proa. O cordame, os mastros e o que restava das velas pegam fogo imediatamente e o fogo espalhou-se sem demora por todos os tombadilhos. Grande número de selvagens permanecia ainda em suas posições, em torno do navio, martelando com grandes pedras, machados e balas de canhão todos os parafusos e outros objetos de cobre e de ferro. Na praia, nas canoas e jangadas havia não menos ao todo, na imediata vizinhança da escuna, de dez mil nativos além das chusmas dos que, carregados de pilhagem, voltavam para o interior ou para as ilhas vizinhas. Prevíamos agora uma catástrofe e não fomos desiludidos. Antes de tudo sobreveio um vivo choque (que sentimos tão distintamente no lugar onde estávamos, tivéssemos sido ligeiramente galvanizados), mas que não foi seguido por quaisquer sinais visíveis de explosão. Os selvagens ficaram evidentemente surpresos e pararam por um instante seu trabalho e seus gritos. Estavam a ponto de recomeçar, quando subitamente uma massa de fumo irrompeu dos conveses, semelhante a uma negra e pesada nuvem carregada de eletricidade; depois, como que brotando-lhe das entranhas, elevou-se uma longa torrente de vívido fogo a uma altura aparentemente de um quarto de milha; em seguida houve uma súbita expansão circular de labaredas; toda a atmosfera viu-se magicamente tomada, num único instante, dum espantoso caos de madeira, metal e membros humanos e, finalmente produziu-se o abalo em sua plena fúria, que nos atirou violentamente no chão, enquanto as colinas ecoavam e reecoavam o estrondo e uma densa chuva de minúsculos fragmentos dos destroços se abatia, precipitadamente, em todas as direções em torno de nós.

O estrago entre os selvagens excedeu de muito nossas extremas expectativas. Tinham eles realmente recolhido os plenos e perfeitos frutos de sua traição. Talvez uns mil pereceram com a explosão, enquanto um número igual pelo menos se achava desesperadamente mutilado. Toda a superfície da baía ficou literalmente juncada daqueles miseráveis, que se debatiam e se afogavam e, na praia, as coisas talvez fossem mesmo piores. Pareciam inteiramente terrificados pela subitaneidade e totalidade de sua derrota, e não faziam para se auxiliarem uns aos outros. Por fim, notamos total mudança na conduta deles. Pareceram de repente passar do estupor ao mais alto grau de excitação e se precipitavam velozmente indo e voltando de certo ponto da praia, com as mais estranhas expressões de raiva, de horror e de intensa curiosidade misturadas, pintadas em suas fisionomias, e gritando esgoeladamente: *Tekeli-li! Tekeli-li!*

Logo vimos um grande grupo retirar-se para as colinas e de lá voltar, dentro em pouco, carregando estacas de madeira. Carregaram-na para o lugar onde a multidão era mais densa, a qual se foi abrindo de

modo a permitir-nos avistar o motivo de toda aquela excitação. Percebemos algo de branco, deitado no chão, mas não podemos distinguir imediatamente o que fosse. Por fim, vimos que a carcaça do estranho animal de dentes e garras vermelhas que a escuna tinha retirado do mar a dezoito de janeiro. O Capitão Guido tinha feito conservar o corpo com o fim de empalhar a pele e levá-lo para a Inglaterra. Lembro-me de que dera algumas ordens a respeito, justamente antes de tocar na ilha, e de que o haviam levado para o camarote e metido dentro de um dos caixões. A explosão havia-o atirado à praia, mas por que causara tão grande agitação entre os selvagens, ia além de nossa compreensão. Embora se amontoassem em torno da carcaça a pequena distância, um deles se mostrava desejoso de aproximar-se completamente. Pouco a pouco, os homens que traziam as estacas as fincaram em círculo em torno dela e logo que isso ficou pronto toda a enorme multidão se precipitou para o interior da ilha, aos altos brados de *Tekeli-li! Tekeli-li!*

CAPÍTULO XXIII

DURANTE os seis ou sete dias que se seguiram permanecemos em nosso esconderijo na colina, saindo apenas ocasionalmente e sempre com as maiores precauções, para buscar água e avelãs. Havíamos construído sobre a plataforma uma espécie de alpendre dotando-o duma cama de folhas secas e de três grandes pedras chatas que nos serviam ao mesmo tempo de fogão e de mesa. Acendemos o fogo sem dificuldade, esfregando dois pedaços de pau mais mole, e o outro mais duro. O pássaro que havíamos apanhado tão a propósito, revelou-se excelente manjar, embora um tanto coriáceo. Não era uma ave-marinha, mas uma espécie de alcaravão com uma plumagem dum negro de azeviche, com manchas grisalhas, e asas pequenas em relação a seu tamanho. Vimos depois três da mesma espécie na vizinhança da ravina, parecendo andar à procura daquele que havíamos capturado; mas, como nunca pousassem, não tínhamos oportunidade de agarrá-los.

Enquanto aquela ave durou, nada sofremos em nossa situação mas estava agora inteiramente consumida e tornou-se absolutamente necessário que tratássemos de arranjar comida. As avelãs não podiam satisfazer as exigências da fome e nos causavam dolorosas cólicas intestinais e, quando comidas em quantidade, violenta dor de cabeça. Tínhamos visto muitas tartarugas grandes perto da praia, a leste da colina, e verificamos que elas poderiam ser facilmente apanhadas, se pudéssemos chegar até elas sem sermos vistos pelos nativos. Resolvemos, portanto, fazer uma tentativa de descer até lá.

Começamos por descer a ladeira do sul, que parecia oferecer menores dificuldades; mas mal havíamos caminhado uma centena de jardas, nossa marcha (como tínhamos previsto pela aparência do alto da colina) foi inteiramente detida por uma ramificação da garganta na qual nossos amigos tinham perecido. Fomos acompanhando a borda dessa ravina durante um quarto de milha, quando novamente nos deteve um precipício de imensa profundidade sendo possível encontrar caminho ao longo de sua margem vimo-nos forçados a retroceder pela ravina principal. Metemo-nos então na direção de leste, mas sem precisamente melhor sorte. Depois de rastejar uma hora, com risco de quebrar o pescoço, descobrimos que tínhamos apenas descido para um vasto abismo de granito negro, cujo fundo estava recoberto de e donde a única saída era pelo caminho íngreme que ali nos levara. Subimos de novo, penosamente, por essa vereda e tentamos seguir a crista do norte da colina. Ai fomos obrigados a usar da maior precaução possível nos nossos movimentos, pois a prudência nos exoria a ser descobertos pelos selvagens da aldeia. Portanto, fomos rastejando sobre as mãos e os joelhos e muitas vezes, mesmo forçados a estender-nos a fio comprido, arrastando nossos corpos por meio dos arbustos. Com esta cuidadosa maneira havíamos avançado um pouquinho quando chegamos a um abismo mais profundo que qualquer outro já visto antes e que conduzia diretamente para a garganta principal. De modo que nossos temores estavam plenamente confirmados e verificamos que estavam inteiramente impedidos de qualquer acesso ao mundo lá de baixo. Totalmente esgotados por tantos esforços, tratamos de voltar o melhor que podíamos para a plataforma e lançando-nos sobre a cama de folhas dormimos, mansa e profundamente, durante algumas horas.

Por muitos dias, depois dessa infrutífera procura, ocupamo-nos em explorar todas as partes do cume da colina, a fim de verificar os seus recursos verdadeiros. Descobrimos que não nos poderia fornecer alimento, com exceção das prejudiciais avelãs e de uma espécie de agrião fétido que crescia numa pequena extensão de mais de quatro varas quadradas e que logo estaria esgotada. No dia quinze de fevereiro, tanto quanto me posso lembrar, não havia mais uma folha de sobra e as nozes estavam-se tornando raras, e nossa situação, portanto, não podia ser mais lamentável. [5] No dia dezesseis rodeamos de novo as paredes de nossa prisão, na esperança de descobrir algum caminho para escapar, mas inutilmente, descemos também o abismo no qual tínhamos sido tragados, na expectativa de descobrir através daquele corredor alguma abertura para a ravina principal. Aí também ficamos desapontados,

embora tivéssemos descoberto e carregado conosco um mosquito.

No dia dezessete saímos com a determinação de examinar mais atentamente o abismo de granito negro aonde fôramos dar na nossa primeira busca. Lembramo-nos de que uma das fendas laterais daquele abismo tinha sido imperfeitamente observada por nós e estávamos ansiosos por explorá-la, embora sem esperança de descobrir ali qualquer abertura.

Não achamos grande dificuldade em atingir o fundo do buraco antes; e estávamos então suficientemente calmos para examiná-lo com alguma atenção. Era, realmente, um dos lugares de mais singular aparência imagináveis e mal podíamos ser levados a crer que ele fosse inteiramente obra da natureza. O abismo media em sua extremidade leste à extremidade oeste, cerca de quinhentas jardas de comprimento, supondo todas as suas sinuosidades estendidas a fio. A distância de leste a oeste, em linha reta (creio eu, não tendo meios de observação exata), não ia além de quarenta ou cinquenta jardas. No começo de nossa descida, isto é durante uns cem passos, a partir do cume da colina, as paredes do abismo assemelhavam-se muito pouco umas às outras, e não pareciam ter estado unidas em tempo algum, sendo uma das superfícies de pedra-sabão e a outra de greda, granulada de certa substância metálica. A largura média ou intervalo entre os dois penhascos era, provavelmente, de cerca de dezoito metros, mas parecia não haver qualquer regularidade de formação. Descendo mais, todavia, além do limite indicado, o intervalo rapidamente se encurtava e os lados começavam a correr paralelos, embora, por alguma distância mais, fossem ainda desiguais na matéria e na forma da superfície. Chegando a quinze metros do fundo começava uma perfeita regularidade. Os lados eram agora inteiramente uniformes em substância, em cor, sendo o material, em direção lateral, de um granito bastante negro e brilhante, e a distância entre os dois lados fronteiros um ao outro, em todos os pontos, exatamente de vinte jardas. A forma precisa do abismo será mais bem compreendida por meio de um esboço que fiz no local, pois felizmente tinha um lápis e um caderno de notas que conservei com longo cuidado através de longa série de aventuras subsequentes, e no qual sou devedor de uma multidão de notas de toda espécie que de outra forma teriam sido varridas de minha memória.

Esta figura (abaixo) dá o contorno geral do abismo, sem as cavidades menores dos lados, numerosas, aliás, tendo cada cavidade uma correspondente protuberância oposta. O fundo do precipício estava coberto, até cinco ou dez centímetros de profundidade de um pó quase impalpável, por baixo do qual encontramos um prolongamento do granito negro.



À direita, na extremidade mais baixa notar-se-á uma espécie de pequena abertura; esta é a fenda que acima aludi e cujo exame mais minucioso fora o objeto de nossa segunda visita. Metemo-nos por ela adentro com vigor, cortando uma quantidade enorme de sarças que nos obstruíam, e afastando vasto monte de calhaus agudos cuja forma se assemelhava um tanto à das pontas de flecha. Fomos encorajados a prosseguir, porém, ao notar uma débil luz que provinha da outra extremidade. Por fim, rasgamos nosso caminho durante nove metros e descobrimos que a abertura era uma arcada baixa e de forma regular, tendo um fundo da mesma poeira impalpável que cobria o abismo principal. Uma luz fortíssima irrompeu, então, sobre nós e, dobrando um curto cotovelo, achamo-nos em outra galeria elevada semelhante à que tínhamos deixado em todos os pontos menos na forma longitudinal. Sua figura geral vai aqui reproduzida.



A extensão total desse abismo, começando na abertura *a* e dobrando a curva *b* até a extremidade *d*, era de quinhentas e cinquenta jardas. Em *c* descobrimos uma pequena abertura semelhante àquela através da qual tínhamos saído do outro abismo e esta estava semelhantemente, entulhada de sarças e de grande quantidade dos calhaus brancos em forma de seta. Abrimos caminho por ela, descobrindo que a cerca de doze metros de distância ela se abria para um terceiro abismo. Este, também, era precisamente igual ao primeiro, exceto na sua forma longitudinal, que era a seguinte.



Verificamos que toda a extensão do terceiro abismo era de trezentas e vinte jardas. No ponto *a* havia uma abertura de cerca de um metro e oitenta centímetros de largura que avançava quinze metros dentro da rocha, terminando em um leito de greda e não havendo outro abismo além, como tínhamos esperado. Estávamos a ponto de deixar esta fenda, na qual muito pouca luz penetrava, quando Peters chamou minha atenção para uma fileira de entalhe de aparência estranha, na superfície da greda que formava o beco sem saída. Com levíssimo esforço de imaginação, o entalhe à esquerda, ou o mais ao norte, podia ter sido tomado como a representação intencional, embora grosseira, de uma figura humana de pé, com o braço estendido. Os restantes entalhes apresentavam certa pequena semelhança com caracteres alfabéticos, e Peters estava ansioso por adotar, fosse como fosse, essa tola opinião de que o eram realmente. Convenci-o de seu erro, finalmente, dirigindo sua atenção para o chão da abertura, onde, entre a poeira apanhamos, pedaço a pedaço, diversos grandes fragmentos da greda que tinha sido evidentemente partida por alguma convulsão da superfície, onde se achavam os entalhes, fragmentos que tinham pontos salientes, exatamente adaptáveis aos entalhes; provava-se terem sido estes obra da natureza. A figura abaixo apresenta uma cópia fiel do conjunto.



Depois de nos termos bem convencido de que aquelas cavernas não nos proporcionavam meios de escapar de nossa prisão voltamos para trás, abatidos e desesperados, para o cume da colina. Nada digno de menção ocorreu durante as vinte e quatro horas seguintes, exceto que, ao examinar o chão do terceiro abismo de leste, encontramos dois buracos triangulares, de grande profundidade, e também com paredes de granito negro. Achamos que não valia a pena descer dentro daqueles buracos, pois tinham a aparência de simples poços naturais, sem saída. Tinha cada um cerca de vinte jardas de circunferência, e sua forma bem como sua posição em relação ao terceiro abismo podem ser vistas mais acima.

CAPÍTULO XXIV

A VINTE do mês, achando inteiramente impossível subsistir por mais tempo comendo avelãs, cujo uso nos causava as mais horríveis dores, resolvemos fazer uma tentativa desesperada de descer a ladeira meridional da colina. A parede do precipício era, ali, da espécie mais branda de pedra-sabão, embora quase perpendicular em cerca de toda a sua extensão (uma profundidade de quarenta e cinco metros, pelo menos); em muitos lugares chegava, mesmo, a ser arqueada. Depois de longa pesquisa descobrimos uma estreita saliência a cerca de seis metros abaixo da borda do precipício; Peters conseguiu descer até ela, com o auxílio que lhe pude prestar, amarrando os nossos lenços. Com dificuldade um tanto maior, também eu consegui descer. E vimos, então, a possibilidade de descer até embaixo pelo processo por que havíamos escalado o abismo, ali estivéramos enterrados com a queda da colina, isto é, cavando degraus na superfície da pedra-sabão com nossas facas. Mal se pode conceber até que ponto essa tentativa era aventureira; como não havia outro recurso, decidimos levá-la a efeito.

Na saliência onde estávamos colocados cresciam algumas moitas de aveleiras e a uma destas amarramos, firmemente, uma extremidade de nossa corda de lenços. Tendo amarrado a outra extremidade em torno da cintura de Peters, desci-o sobre a borda do precipício até que os lenços ficassem esticados. Ele, então, passou a um profundo buraco na pedra-sabão (de uns vinte e cinco centímetros), talhando obliquamente a rocha acima, até a altura de trinta centímetros, pouco mais ou menos, de modo a permitir que se, fincasse com a coronha de uma pistola, uma cavilha suficientemente na forte na superfície plana. Eu o icei, então, cerca de um e vinte centímetros, e aí ele fez um buraco semelhante ao de baixo, fincando uma outra cavilha e tendo, assim, um lugar de descanso para os pés e para as mãos. Desamarrei, após, os lenços da moita, atirando-lhe a ponta, que ele amarrou à cavilha, no buraco superior, deixando-se cair vagarosamente para uma posição de noventa centímetros mais baixa do que a em que estivera antes isto é, o comprimento total dos lenços. Lá, cavou ele outro buraco e fincou outra cavilha. Em seguida, içou a si próprio, com o intuito de pousar os pés no buraco que acabava de cavar, agarrando-se com as mãos à cavilha do buraco de cima. Era, agora, necessário desatar os lenços da cavilha superior, com o fim de amarrá-los à segunda; e aí descobriu Peters que um erro havia cometido, ao cavar os buracos a distância tão separada uns dos outros; contudo, depois de uma ou duas tentativas, perigosas e sem êxito, de alcançar o nó (tendo de agarrar-se com sua mão esquerda enquanto que a direita trabalhava em desmanchar o nó), ele, afinal, cortou a corda, deixando quinze centímetros dela fixos à cavilha. Amarrando então os lenços à segunda cavilha desceu para uma posição da terceira, tomando cuidado em não descer muito. Por esses meios (meios que eu jamais teria concebido e que devíamos, inteiramente, à habilidade e resolução de Peters) meu companheiro finalmente conseguiu, com a ajuda ocasional de saliências na rocha, atingir o sopé sem acidentes.

Só depois de algum tempo foi que pude dar-me a coragem suficiente para acompanhá-lo; mas, por fim, pus-me a fazê-lo. Peters tinha tirado a camisa, antes de descer, e esta, com a minha própria, formaram a corda necessária para a aventura. Depois de jogar em baixo o mosquete, encontrado no abismo, amarrei essa corda às moitas e deixei-me cair rapidamente, esforçando-me pelo vigor de meus movimentos, por banir o tremor que, doutra forma não teria conseguido dominar. Este meio foi o bastante para os primeiros quatro ou cinco degraus, mas logo comecei a sentir minha imaginação terrivelmente excitada ao pensar nas vastas profundezas a serem ainda descidas e na precária natureza das cavilha e buracos de pedra-sabão que eram meu único suporte. Foi em vão que tentei banir essas reflexões e conservar os olhos fixos sob a muralha lisa do penhasco à minha frente. Quanto mais vivamente se lutava para *não pensar*, tanto mais intensamente vivos se tornavam meus pensamentos e mais horrivelmente distintos. Por fim sobreveio aquela crise de imaginação, tão temível em todos os casos dessa espécie, crise em que começamos a antecipar as sensações que nos fazem fatalmente *cair*, a descrever-nos o enjôo, a vertigem a derradeira luta, o semidesmaio e o horror final da queda pendicular e precipitosa. Eu

via, então, que aquelas fantasias se transformavam em realidades e todos os horrores imaginados se precipitavam de fato sobre mim. Senti os joelhos entrecrocarem-se violentamente, enquanto meus dedos iam, gradual mas constantemente, relaxando seu apego à corda. Senti um tumultuar de sinos nos ouvidos e disse comigo: "Isto é o meu dobre a finados " e então senti-me tomado do desejo irresistível de olhar para baixo. Não podia mais! Não queria mais confinar meus olhares ao penhasco! E, com uma emoção violenta e indefinível, metade de horror e metade de opressão aliviada, mergulhei a minha vista bem no fundo do abismo. Durante um instante, meus dedos mantiveram-se convulsivamente agarrados, enquanto, com o movimento a mais tênue idéia possível de salvação extrema errava, como uma sombra, pela minha mente. No instante seguinte, toda a minha alma foi invadida pelo *desejo imenso de cair*; um desejo, uma atração, uma paixão absolutamente incontroláveis. Larguei de repente a cavilha e, dando uma meia volta contra a rocha, permaneci por um instante, oscilando sobre sua superfície lisa. Senti então a cabeça girar. Dentro de meus ouvidos, uma voz imaginária e estridente gritava; logo abaixo de mim se levantava uma figura diabólica, nevoenta. E, suspirando, com o coração presto cambaleei e caí entre seus braços.

Eu desmaiara e Peters me agarrara ao cair. Observara de seu lugar, à beira do penhasco, todos os meus gestos e, percebendo o perigo iminente em que me encontrava, tentara inspirar-me coragem por todos os meios que pudera inventar; contudo, minha confusão de espírito tinha sido tão grande que me impediu de ouvir o que ele dizia ou de ter mesmo consciência de que ele me houvesse chegado a falar. Por fim, vendo-me cambaleiar, apressou-se em subir em meu auxílio e chegou, justamente, a tempo de me salvar. Se eu tivesse caído, com todo o meu peso, a corda de camisas ter-se-ia inevitavelmente rompido e eu teria sido precipitado no abismo; como tal não se deu, ele conseguiu fazer-me descer devagar de modo a ficar suspenso sem perigo até que recobrasse os sentidos, o que ocorreu uns quinze minutos depois. Ao despertar, meu tremor tinha desaparecido por completo; senti-me um novo ser e com um pouco mais de auxílio de meu companheiro, cheguei também ao sopé, a salvamento.

Encontramo-nos, então, não longe da ravina que havia sido o túmulo de nossos amigos e ao sul do lugar onde a colina se tinha desmoronado. O lugar era de uma estranha desolação e seu aspecto trazia-me a lembrança as descrições feitas pelos viajantes daquelas regiões que marcavam o sítio da arruinada Babilônia. Para não falar das ruínas do penhasco desmoronado que formavam uma barreira caótica, na perspectiva do norte, a superfície do solo, em todas as outras direções, estava semeada de imensos montículos que pareciam os destroços de algumas gigantescas construções de arte embora, em detalhe, nenhum aspecto artístico pudéssemos descobrir. As escórias eram abundantes e enormes blocos informes de granito negro entremeavam-se com outros de greda [6], ambos granulados de metal. Não havia traços de vegetação de espécie alguma por toda a área deserta à vista. Viam-se numerosos escorpiões imensos e vários répteis que não se encontravam, aliás, em elevadas latitudes. Como o nosso mais imediato objetivo fosse o alimento, resolvemos encaminhar-nos para a praia, que não distava mais do que meia milha, pensando em agarrar tartarugas, muitas das quais tínhamos observado do nosso esconderijo na colina. Havíamos andado umas cem jardas, deslizando, cautelosamente, entre os imensos rochedos e montículos, quando, ao dobrar uma esquina, cinco selvagens pularam sobre nós, de uma pequena caverna, derrubando Peters com um golpe de clava. Quando ele caiu, todos se precipitaram para agarrar sua vítima, dando-me tempo para recobrar-me do espanto. Tinha ainda o mosquete, mas o cano tinha ficado tão estragado ao ser lançado do precipício que o larguei para um lado, como inútil, preferindo confiar em minhas pistolas, que tinha cuidadosamente conservado e se achavam em bom estado. Com elas contra os assaltantes, disparando-as, uma após outra, em sucessão. Dois selvagens caíram, e um terceiro, que estava de atravessar Peters com uma lança, saltou sem executar seu desígnio. Estando assim libertado meu companheiro, não tive mais dificuldade. Ele também tinha suas pistolas, mas, prudentemente, evitou fazer uso delas, confiando em sua grande força que excedia extremamente a de qualquer outra pessoa que jamais conheci. Agarrando uma clava de um dos selvagens que havia caído arrebentou o crânio dos três

restantes, matando a todos instantaneamente, com um simples golpe da arma e deixando-nos completamente senhores do campo.

Tão rapidamente ocorreram esses fatos que mal podíamos acreditar na sua realidade, e ficamos a olhar os cadáveres, numa espécie de contemplação estupefata, quando fomos chamados à realidade por gritos que ecoavam ao longe. Era evidente que os selvagens tinham sido alarmados pelos tiros e que tínhamos muito pouca probabilidade de evitar que fôssemos descobertos. Para voltar ao penhasco seria necessário dirigir-nos rumo aos gritos e mesmo se conseguíssemos chegar à sua base nunca seríamos capazes de sem ser vistos. Nossa situação era do maior perigo e estávamos hesitantes sobre qual a direção em que iniciariamos a corrida quando um dos selvagens em quem eu tinha atirado e que tinha por morto levantou-se, rapidamente, e tentou escapular. Agarrei-o porém, antes que ele tivesse dado alguns passos e estávamos a ponto de liquidá-lo, quando Peters sugeriu que poderíamos retirar algum benefício, forçando-o a acompanhar-nos na nossa tentativa de fuga. Por conseguinte, arrastamo-lo conosco, fazendo entender que lhe atirariamos de novo se oferecesse resistência e em poucos minutos, achava-se perfeitamente submisso e corria a nosso lado quando nos adiantamos por entre as rochas, encaminhando-nos para a praia.

Até então, as irregularidades do terreno que estivéramos a atravessar ocultavam o mar a nossas vistas, exceto a intervalos, e quando o avistamos, pela primeira vez, completamente, achava-se talvez a umas duzentas jardas de distância. Ao sairmos para o escampado da praia, vimos com grande consternação imensa multidão de nativos saindo da aldeia e de todos os pontos visíveis da aldeia dirigindo-se para nós, com gestos de extrema fúria e urrando como animais selvagens. Estávamos a ponto de arrepiar caminho e tentar garantir-nos uma retirada, nos abrigos do terreno mais acidentado quando descobri as proas de duas canoas projetando-se atrás de um largo rochedo que se prolongava mar a dentro. Paramos, então, a toda pressa e, ao alcançá-las, vimos desguarnecidas e sem qualquer outro carregamento, a não ser três das grandes tartarugas de Galápagos e a habitual provisão para sessenta remadores. Imediatamente tomamos posse de uma delas e, obrigando nosso cativo a embarcar, fizemo-nos ao largo com toda a força de que podíamos dispor.

Mal havíamos feito porém, umas cinqüenta jardas, quando ficamos suficientemente calmos para perceber a grande imprudência de que fôramos deixando a outra canoa em poder dos selvagens. Que, a esse tempo distavam da praia apenas o dobro de nossa distância e avançavam rapidamente, em nossa perseguição. Não havia agora tempo a perder. Nossa esperança era, quando muito, um recurso desesperado mas não havia outro. Era bastante duvidoso que, mesmo fazendo os maiores esforços, pudéssemos chegar a tempo de nos apoderar da canoa antes deles; havia, entretanto, uma possibilidade de fazê-lo. Poderíamos salvar-nos, se o conseguíssemos, mas, se nada fizessemos, teríamos de resignar-nos a uma morte inevitável.

A canoa estava construída de tal maneira que a proa e popa eram iguais e em lugar de fazê-la girar mudamos, simplesmente o movimento dos remos. Tão logo os selvagens perceberam isso redobram seus berros, bem como sua carreira, e se aproximaram com inconcebível rapidez. Remávamos, porém, com toda a energia do desespero e chegamos ao lugar disputado antes que mais de um nativos o atingissem. Esse homem pagou caro a sua agilidade pois, ao se aproximar da praia, Peters atingiu-o na cabeça com um tiro de sua pistola. Os mais avançados do restante de seu grupo estavam provavelmente a uns vinte ou trinta passos distante, no momento em que nos apoderamos da canoa. Tentamos a princípio arrastá-la para a água mais funda, fora do alcance dos selvagens mas encontrando-a por demais agarrada ao solo e não havendo tempo a perder, Peters, com dois pesados golpes, com a coronha do mosquete, conseguiu arrombar um grande pedaço da proa e de um lado. Então, arrastamo-la para o largo. A este tempo, dois dos nativos já se tinham apoderado de nosso bote, recusando obstinadamente a largá-lo, até que nos vimos forçados a livrar-nos deles com nossas facas. Assim desembaraçados, avançamos grandemente mar em fora. O grupo principal dos selvagens, ao içar a canoa partida, lançou o mais

tremendo berro de raiva e desaponto concebível. Na verdade, de tudo quanto eu observara entre aqueles miseráveis, pareciam eles a raça de homens mais sórdida, hipócrita, vingativa, sanguinária e totalmente diabólica que existia na superfície da terra. É claro que não teríamos misericórdia alguma a esperar, se houvéssemos caído em suas mãos. Fizeram uma tentativa insensata de perseguir-nos na canoa furada, mas, verificando que era inútil, deram de novo vazão à sua raiva numa série de hediondas vociferações e saíram a correr para as suas colinas.

Estávamos, pois, livres de qualquer perigo imediato, mas nossa situação era ainda suficientemente sombria. Sabíamos que quatro canoas iguais à que tínhamos tinham estado de posse dos selvagens, em certo momento, e ignorávamos ainda (fato que depois foi afirmado pelo nosso prisioneiro) que dois desses barcos tinham sido reduzidos a pedaços pela explosão da *Jane Guy*. Calculamos, portanto que seríamos ainda perseguidos, tão logo nossos inimigos pudessem dar a volta até a baía, distante cerca de três milhas, onde os botes eram usualmente amarrados. Temendo isso, fizemos todos esforços para deixar a ilha atrás de nós e avançamos, rapidamente, mar em fora, forçando o prisioneiro a pegar um remo. Cerca de meia hora depois, quando já havíamos feito, provavelmente umas cinco ou seis milhas para o sul, vimos vasta frota de canoas de fundo chato, ou jangadas, sair da baía, com o propósito evidente de perseguir-nos. Mas logo voltaram atrás, desesperando alcançar-nos.

CAPÍTULO XXV

ENCONTRAMO-NOS então, no imenso e deserto oceano Antártico, numa latitude de mais de 84 graus e numa frágil canoa, sem outra provisão a não ser as três tartarugas. Além disso, devíamos considerar que o longo inverno polar não estava muito distante e se tornava necessário que refletíssemos atentamente no caminho a seguir. Havia seis ou sete ilhas à vista, pertencentes ao mesmo grupo e distantes umas das outras cerca de cinco ou seis léguas. Mas não tínhamos intenção de aventurar-nos em nenhuma delas. Ao vir do norte, na *Jane Guy*, havíamos deixado gradualmente as regiões mais rigorosamente geladas. Isso, porém, por pouco que estivesse em acordo com as noções geralmente aceitas a respeito do Antártico, era um fato experimental que não admitia negação. Tentar, portanto, voltar seria loucura, especialmente em período tão avançado da estação. Apenas um caminho parecia ainda aberto à esperança. Decidimos, pois, rumar ousadamente para o sul onde havia pelo menos uma probabilidade de descobrir terras e mais de uma probabilidade de descobrir um clima ainda mais suave.

Até aqui tínhamos encontrado o oceano Antártico como o oceano Ártico, caracteristicamente livre de violentas tempestades ou de águas demasiado agitadas; mas nossa canoa era, na melhor das hipóteses, de frágil estrutura, embora grande, e nos pusemos afanosamente a trabalhar para torná-la tão segura quanto no-la permitiam os meios limitados de que dispúnhamos. O material do bote não passava de uma cortiça — cortiça de uma árvore desconhecida. O cavername era de um junco forte, bem adequado ao uso em questão. Tínhamos, de popa a proa, um espaço de quinze metros, um metro e vinte centímetros a um metro e oitenta centímetros de largura, com uma profundidade geral de um metro e trinta e cinco centímetros. Esses barcos diferiam, assim, grandemente, na forma dos de quaisquer outros habitantes do oceano Austral que as nações civilizadas conhecem. Nunca acreditaríamos que fossem obra dos ilhéus ignorantes que os possuíam; e alguns dias depois vimos, interrogando nosso prisioneiro, que eles eram feitos na verdade, pelos nativos de um grupo a sudoeste da região, em que os encontramos, tendo caído, acidentalmente, nas mãos dos nossos bárbaros. O que podíamos fazer pela segurança de nosso barco era verdadeiramente, muito pouca coisa. Descobrimos algumas largas fendas, perto de ambas as extremidades, e vimo-nos forçados a tapá-las com pedaços de nossas jaquetas de lã. Com o auxílio de remos supérfluos, de que havia grande quantidade, levantamos uma espécie de latada, por cima da proa, a fim de quebrar a força de quaisquer ondas que pudessem ameaçar alagar-nos por aquele lado. Levantamos também duas pás de remo, como mastros, colocando-as em frente uma da outra, cada qual numa amurada, poupando-nos assim a necessidade de uma verga. A esses mastros amarramos uma vela feita de nossas camisas, fazendo-o com alguma dificuldade pois não podíamos contar com auxílio algum de nosso prisioneiro embora se mostrasse bastante desejoso de trabalhar em outras operações. A vista das camisas pareceu afetá-lo de maneira bastante singular. Não houve meios de decidi-lo a tocá-las ou mesmo aproximar-se delas. Punha-se a tremer quando tentávamos obrigá-lo a isso e berrava fortemente: *Tekeli-li!*

Completados todos os nossos arranjos relativamente à segurança da canoa, pusemo-nos a navegar para o sul-sudeste, tendo em vista dobrar a ilha mais meridional do grupo em vista. Feito isto, voltamos a proa francamente para o sul. O tempo não podia ser considerado de modo algum desagradável. Tínhamos uma brisa bastante suave e contínua do norte, um mar manso e permanente luz diurna. Nenhum gelo se via em qualquer parte; *nem mesmo víamos jamais qualquer partícula dele, depois de deixar o paralelo da ilha de Bennet*. Na verdade, a temperatura da água era aqui bastante quente para permitir a existência de qualquer quantidade de gelo. Tendo matado a maior de nossas tartarugas e obtido dela não somente comida, mas uma copiosa provisão de água, continuamos o nosso curso, sem qualquer incidente de importância, durante talvez sete ou oito dias, período em que devemos ter avançado para o sul uma vasta distância, pois o vento soprava constantemente a nosso favor e uma corrente bastante forte nos impelia

continuamente, na direção que seguíamos.

Março, 1[7]. Vários fenômenos insólitos nos indicaram, então, que estávamos penetrando numa região cheia de espantosas novidades. Alta barreira de vapor acinzentado e leve aparecia, constantemente, no horizonte meridional, onde luziam por vezes elevadas estrias, ora correndo de leste para oeste, ora de oeste para leste, e de novo apresentando um cume nivelado e uniforme; em suma, tendo todas as violentas variações da aurora boreal. A altura média desse vapor tal como o víamos de nossa posição, era de cerca de 25 graus. A temperatura do mar parecia aumentar a cada instante e havia na sua cor uma alteração bastante perceptível.

Março, 2. Hoje, à força de repetidas perguntas ao nosso prisioneiro viemos a conhecer alguns pormenores a respeito da ilha do massacre e seus habitantes e costumes; mas por que iria *agora* demorar com eles o leitor? Posso dizer, porém, que soubemos haver oito ilhas no grupo; que eram elas governadas por um rei comum chamado *Tsalemon* ou *Psalemoun*, que residia numa das menores ilhotas que as peles pretas que formavam as vestes dos guerreiros vinham de um animal de enorme tamanho, encontrado somente no vale perto da corte do rei; que os habitantes do grupo não fabricavam outros barcos além das jangadas de fundo chato e que as quatro canoas eram as únicas dessa espécie que eles possuíam, haviam sido obtidas por mero acaso, de uma grande ilha, situada a sudeste e; que o nome dele era Nu-Nu; que nada sabia da ilha de Bennet e que o nome da ilha que acabávamos de deixar era *Tsalal*. O começo das palavras *Tsalemon* e *Tsalal* era dado com um prolongado som sibilante, que achamos impossível imitar, mesmo depois de repetidas tentativas, e que era precisamente o mesmo do alcaravão negro que tínhamos comido no cume da colina.

Março, 3. O calor da água era agora verdadeiramente extraordinário e sua cor ia experimentando uma alteração rápida não sendo mais transparente, mas de uma consistência e opacidade leitosas. Na nossa imediata vizinhança era habitualmente calma, nunca tão agitada a ponto de fazer perigar a canoa; mas, frequentemente éramos surpreendidos percebendo, à nossa direita e a nossa esquerda, a diferentes distâncias, súbitas e extensas agitações da superfície, sempre precedidas, como por fim notamos, por violentas oscilações, na região do vapor, para o sul.

Março, 4. Hoje, com o fim de alargar nossa vela, estando a brisa de norte decaindo sensivelmente, tirei do bolso de meu paletó um lenço branco. Estando Nu-Nu sentado a meu lado e tendo o pano acidentalmente roçado sua face, foi ele tomado de violentas convulsões seguidas de prostração, de estupor e de baixos murmúrios de *Tekeli-li! Tekeli-li!*.

Março, 5. O vento tinha cessado inteiramente, mas era inegável que estávamos ainda correndo para o sul, impulsionados por uma poderosa corrente. E agora, de fato, parecia razoável que experimentássemos algum alarme diante do rumo que estavam tomando os acontecimentos — mas nada sentimos. A fisionomia de Peters nada de alarme apresentava, embora mostrasse, por vezes uma expressão cujo sentido eu não podia penetrar. Era indubitável que o inverno polar se aproximava: mas se aproximava sem seu séquito de horrores. Eu sentia um *entorpecimento* de corpo e de espírito, uma sensação de sonho, mas era tudo.

Março, 6. O vapor cinzento tinha-se agora elevado muito mais graus acima do horizonte e estava perdendo gradualmente seu tom cinzento. O calor da água era extremo; até mesmo desagradável ao toque. E sua tonalidade leitosa mais evidente do que nunca. Hoje ocorreu violenta agitação da água, bem perto da canoa. Foi como de costume, seguida de um violento clarão do vapor no seu cume e de uma momentânea divisão em sua base. Fina poeira branca, semelhante a cinzas, mas que não o era, certamente caiu sobre a canoa e sobre larga superfície da água, à medida que o clarão se extinguia entre o vapor, e a agitação se acalmava no mar. Nu-Nu então lançou-se de bruços, no fundo do barco e foi impossível persuadi-lo a levantar-se.

Março, 7. Interrogamos hoje Nu-Nu dos motivos que levaram seus conterrâneos a matar nossos companheiros, mas ele parecia estar por demais dominado pelo terror para nos dar qualquer resposta razoável. Jazia ainda obstinadamente no fundo do bote e repetidas as perguntas a respeito do motivo do morticínio fez apenas gestos idiotas, tais como levantar com o indicador o lábio superior e exhibir os dentes. Eram negros. Nunca víamos antes os dentes de um habitante de Tsalal.

Março, 8. Hoje, passou ao lado de nós um daqueles animais brancos cuja aparição na baía de Tsalal ocasionara tão violenta comoção entre os selvagens. Tive vontade de fisgá-lo mas sobreveio-me uma súbita indiferença e esqueci-me disso. O calor da água aumentava ainda e a mão já não podia ficar muito tempo dentro dela. Peters falava pouco e eu não sabia o que pensar de sua apatia. Nu-Nu suspirava e nada mais.

Março, 9. A substância cineriforme caía agora, continuamente, em torno de nós e em vastas quantidades. A barreira de vapor para o sul tinha-se elevado prodigiosamente no horizonte e começava a assumir forma mais distinta. Posso compará-la apenas a uma catarata sem limites, rolando, silenciosamente, dentro do mar, de alguma imensa e bem distante muralha no céu. A gigantesca cortina pendia ao longo de toda a extensão do horizonte meridional, mas não emitia som algum.

Março, 21. Uma espessa escuridão pairava agora sobre nós. Mas, das leitosas profundezas do oceano, erguia-se um luminoso clarão que deslizava ao longo dos costados do barco. Estávamos quase sufocados por aquela chuva branca de cinzas que se amontoavam sobre nós e sobre a canoa, mas que se misturavam na água ao cair. O cume da catarata perdia-se inteiramente na obscuridade e na distância. No entanto, nós nos aproximávamos evidentemente dela, com uma horrível velocidade. A intervalos, avistavam-se nela vastas, porém momentâneas, aberturas hiantes, e dessas aberturas, em seio havia um caos de imagens flutuantes e indistintas, se precipitavam ventos velozes e potentes, mas silenciosos, despedaçando na sua carreira o oceano inflamado.

Março 22. As trevas haviam sensivelmente aumentado, aliviadas somente pelo clarão da água refletindo da branca cortina diante de nós. Numerosas aves gigantes e dum branco lívido voavam continuamente agora por trás do véu, e o seu grito era o sempiterno *Tekeli-li!*, ao se afastarem de nossa visão. De súbito, Nu-Nu agitou-se no fundo do bote, mas, ao tocá-lo, percebemos que a sua alma se havia evocado. E agora nós nos precipitávamos para o seio da catarata, onde se escancarava um abismo para receber-nos. Mas ergueu-se, então, em nosso caminho, uma figura humana amortalhada bem maior de proporções que qualquer habitante da terra. E a cor da pele desse vulto tinha a perfeita brancura da neve.


AS CIRCUNSTÂNCIAS relacionadas com a recente morte tão súbita e lamentável do Sr. Pym são já bem conhecidas do público através das notícias da imprensa diária. É de requebrar que os poucos capítulos restantes que deveriam completar esta narrativa e que ficaram em poder dele, para revisão, enquanto os aqui publicados se achavam no prelo, estejam irremediavelmente perdidos em consequência do acidente que lhe causou a morte. Pode ser também que esse não seja o caso, e se, por fim, os artigos forem encontrados serão dados a lume.

Todos os meios foram tentados para remediar essa falha. O cavalheiro cujo nome se menciona no prefácio e que, pelo que ali se diz, poderia ser julgado capaz de preencher a lacuna declinou de fazê-lo; e isso pela razão compreensível que se relaciona com a inexatidão geral dos detalhes que lhe foram fornecidos e com sua descrença no que tange à inteira verdade das últimas partes da narrativa. Peters, de quem se poderia esperar alguma informação, vive ainda, residindo no Illinois, mas não pôde ser encontrado até agora. Pode ser achado ainda, porém, e sem dúvida fornecerá material para uma conclusão do relato do Sr. Pym.

A perda dos dois ou três capítulos finais (porque eram apenas dois ou três) é ainda mais profundamente lastimável quanto, como não se pode duvidar continham eles assunto relativo ao próprio pólo, ou pelo menos na sua imediata vizinhança; e porque, ainda, as afirmativas do autor com referência a essas regiões poderiam ser em breve ratificadas ou contraditadas pela expedição que o governo agora prepara ao oceano Antártico.

Sobre um ponto da narrativa, algumas observações devem ser aduzidas e grande satisfação teria o autor deste apêndice se o que ele aqui anota contribuisse para dar algum crédito às estranhíssimas páginas agora publicadas. Aludimos aos abismos encontrados na ilha de Tsalal e ao conjunto das ilustrações que figuram naquelas páginas.

O Sr. Pym apresentou as ilustrações dos abismos, sem comentários e falou claramente de *entalhes* encontrados na extremidade do mais oriental desses abismos, achando-os de semelhança, apenas hipotética, com caracteres alfabéticos e, em suma, como *não sendo* tais, positivamente. Essa asserção é feita de modo tão simples e sustentada por uma espécie de demonstração tão conclusiva (p. ex., a adaptação das pontas dos fragmentos encontrados entre a areia aos entalhes na muralha) que somos forçados a julgar o autor de boa-fé; e nenhum leitor que pense julgaria de forma diversa. Mas como os fatos com relação a *todos* os desenhos são dos mais singulares (especialmente quando encarados em relação a afirmativas feitas no decurso da narrativa) ficaria bem dizer uma ou duas palavras referentemente a todos eles também porque, os fatos em apreço, como está fora de dúvida, escaparam à atenção do Sr. Poe.

A figura 1 e, em seguida, a figura 2, a figura 3 e a figura 5, quando enfileiradas na ordem precisa em que os abismos se apresentavam, cortando-se os pequenos ramos laterais ou arcadas (que, devem lembrar-se, apenas serviam como meio de comunicação entre as galerias principais e eram de caráter totalmente diverso), formam uma raiz verbal etíope — ἄσπερος — a raiz que significa "ser tenebroso". Daí todas as inflexões de sombra ou escuridão. Com referência ao entalhe "esquerdo, ou mais ao norte" dos apresentados na figura 4, é mais do que provável que a opinião de Peters era correta e que a aparência hieroglífica fosse realmente obra da mão do homem pretendendo dar a forma de um vulto humano. O desenho está aos olhos do leitor e ele poderá, ou não, perceber a semelhança sugerida; mas o restante dos entalhes oferece forte confirmação à idéia de Peters. A fileira superior é, evidentemente, o radical árabe  — que significa "ser branco", e daí todas as inflexões de brilho e alvura. A fileira inferior é tão evidentemente compreensível. Os caracteres estão algo quebrados e desconjuntados, não obstante, não pode haver dúvida de que, em seu perfeito estado, eles formassem a palavra egípcia completa Π&ϜΥΡΗC — "a região do sul". Deve-se observar que essas interpretações confirmam a opinião de

Peters em relação à figura "mais ao norte ". O braço está estendido para o sul.

Conclusões como estas abrem vasto campo à especulação e a conjecturas excitantes. Deveriam ser encaradas, talvez, em correlação com incidentes mais fracamente pormenorizados da narrativa, embora a série de conexões não seja completa de qualquer modo evidente. *Tekeli-li* era o grito dos nativos aterrorizados de Tsalal ao descobrirem a carcaça do animal *branco* retirado do mar. Foi essa, também, a exclamação temerosa do cativo tsalaliano ao dar com os objetos *brancos* de posse do Sr. Pym. Esse foi também o grito dos gigantescos pássaros *brancos*, de vôo rápido, que saíam da cortina *branca* de vapores do sul. Nada de *branco* se encontrava em Tsalal, e nada que o não fosse na viagem subsequente para as regiões além da ilha. Não é impossível que Tsalal, o nome da ilha dos abismos, venha a trair, após minucioso exame filológico, qualquer parentesco com os próprios abismos ou qualquer relação com os caracteres etíopes tão misteriosamente configurados por suas sinuosidades.

"Gravei isso nas colinas e, minha vingança, na areia dentro da rocha."

JONH W. CAMPBELL Jr.
sob o pseudônimo de Don A. Stuart

Quem está aí?

Tradução de
Alessandro Ciapina

Com a colaboração de
Milton Amado

Título original:
Who Goes There?

*<http://leiturasparalelas.wordpress.com/>
Proibida a reprodução e comercialização,
obra com direitos autorais válidos até 2033.*

CAPÍTULO I

O lugar fedia. Um mau cheiro estranho, misturado, que somente cabines de um acampamento na Antártida poderiam ter, composto de fedorento suor humano, e o pesado cheiro gorduroso de peixe oriundo de gordura de foca derretida. Um sobre tom de linimento combatia o cheiro de mofo das peles suadas e encharcadas de neve e suor. O odor acre de gordura queimada de cozinha, e o cheiro animal e desagradável dos cães, diluídos ao longo do tempo, estavam suspensos no ar.

Persistentes odores de óleo de máquina contrastavam fortemente com o cheiro apodrecido de roupas e equipamentos de couro. Mas de alguma forma, através de todo o fedor de seres humanos e seus associados – cães, máquinas e cozidos – vinha outra mácula. Era uma coisa estranha, de arrepiar o pescoço, com uma sugestão leve de um odor alienígena entre os cheiros da indústria e da vida. E era um cheiro de vida. Mas ele vinha de uma coisa que jazia amarada com cordas e lonas em cima da mesa, pingando lentamente, metodicamente sobre as tábuas pesadas, de forma fria e lúgubre sob o brilho desprotegido da luz elétrica.

Blair, o pequeno biólogo careca da expedição, contorceu nervosamente o invólucro, expondo o gelo escuro abaixo e então puxando o oleado de volta para seu lugar sem descanso. Seus pequenos movimentos de passarinho, com uma impaciência reprimida, dançavam sua sombra através da roupa de baixo de cor cinza sujo pendurada no teto baixo, a margem equatorial do cabelo grisalho duro em volta de sua careca como um halo cômico sobre a cabeça da sombra.

O comandante Garry afastou as pernas frouxas de uma roupa de baixo, e deu um passo em direção à mesa. Lentamente seus olhos varreram o círculo de homens ensardinados no prédio administrativo. Seu alto e rígido corpo endireitou-se finalmente, e ele acenou com a cabeça. “Trinta e sete. Todos aqui.” Sua voz era baixa, mas carregava a autoridade clara do comandante por natureza, bem como pelo título.

“Vocês conhecem o esboço da história por trás do achado da Expedição Polo Secundário. Eu estive conferindo com o segundo em comando McReady, e Norris, assim como Blair e o Dr. Copper. Há uma diferença de opinião, e por envolver o grupo todo, é justo que toda a equipe da Expedição participe disso.

“Eu vou pedir que McReady dê para vocês os detalhes da história, pois cada um de vocês tem estado muito ocupado com seu próprio trabalho para acompanhar de perto os esforços dos outros. McReady?”

Saindo do fundo azul esfumado, McReady parecia uma figura saída de algum mito esquecido, uma iminente estátua de bronze que ganhara vida, e caminhava. Com seus 1,93m de altura, parou ao lado da mesa, e, com um olhar característico para cima, para se assegurar do espaço sob o teto baixo, endireitou-se. Ele ainda vestia sua grosseira jaqueta corta-vento cor de laranja, ainda que ela parecesse deslocada em sua enorme estatura. Mesmo aqui, a 1,20m abaixo do forte vento que varria o deserto Antártico acima do teto, o frio do continente congelado penetrava, e dava significado à aspereza do homem. E ele era bronze – sua grande barba vermelha-bronzeada, o cabelo pesado combinando. As mãos nodosas, com marcas de tensão, agarrando, relaxando, agarrando e relaxando nas tábuas eram bronze. Até mesmo os olhos fundos sob grossas sobranceiras eram bronze.

Metal resistente à idade falou através dos contornos pesados de seu rosto, com tons maduros em sua voz pesada. “Norris e Blair concordam em uma coisa, esse animal que encontramos é não-terrestre na sua origem. Norris teme que possa haver perigo nisso; Blair diz que não há nenhum.

“Mas eu voltarei a como, e por que, nós o encontramos. Por tudo que conhecíamos antes de virmos para cá, parecia que esse ponto estava exatamente sobre o Polo Sul Magnético da Terra. A bússola aponta diretamente para baixo aqui, como todos vocês sabem. Os mais sensíveis instrumentos dos físicos, especialmente concebidos para esta expedição e para o estudo do polo magnético, detectaram um efeito secundário, um polo magnético secundário com menor influência à cerca de 130 km ao sudoeste daqui.

“A Expedição Secundário Magnético saiu para investigá-la. Não há necessidade de detalhes. Nós o

encontramos, mas ele não era o enorme meteorito ou montanha magnética que Norris tinha esperado encontrar. Minério de ferro é magnético, é claro; ferro mais ainda – e certos aços especiais têm ainda mais magnetismo. A partir de indicações superficiais, o polo secundário encontrado era pequeno, tão pequeno que o efeito magnético que ele tinha era absurdo. Nenhum material magnético concebível poderia produzir esse efeito. Sondagens através do gelo indicaram que ele estava à 30 metros da superfície da geleira.

“Eu acho que vocês deveriam conhecer as características do local. Há um amplo platô, uma área nivelada com mais de 240 km de raio ao sul da estação secundária, conforme Van Wall diz. Ele não teve tempo ou combustível para voar mais longe, mas ele disse que ela segue suave para o sul. Bem ali, onde a coisa enterrada estava, há um cume de montanha congelado, um muro de granito de força inquebrantável que mantém o frio rastejante do sul condenado atrás dele.

“E por 640 quilômetros para o sul está o Planalto Polar Sul. Vocês me perguntaram diversas vezes por que aqui fica mais quente quando o vento aumenta, e a maioria de vocês já sabe agora. Como meteorologista eu teria apostado minha palavra de que nenhum vento poderia soprar à -56°C – que nada além de um vento de 8 Km/h poderia soprar abaixo de -45°C – sem causar aquecimento devido ao atrito com o chão, com a neve e com o próprio ar.

“Nós acampamos na borda de uma cordilheira congelada por doze dias. Nós escavamos o acampamento no gelo azul da superfície, e escapamos da maior parte do vento. Mas por doze dias consecutivos o vento soprou a 72 km/h. Ele foi até 77 km/h, e caiu para 66 km/h em alguns momentos. A temperatura era -53°C . Ela subiu para -51°C e caiu para -55°C . Isso era meteorologicamente impossível, e seguiu de forma ininterrupta por doze dias e doze noites.

“Em algum lugar ao sul, o ar congelado do Planalto Polar Sul desliza para baixo a partir dessa bacia por 5,5 Km, por uma passagem entre as montanhas, sobre uma geleira, e segue o rumo norte. Deve haver uma cadeia de montanhas que o afunila, e o varre para longe por 640 Km até atingir esse platô liso onde encontramos o polo secundário, e 560 Km mais distante ao norte alcança o Oceano Antártico.

“Isto tudo esteve congelado desde que a Antártida congelou a vinte milhões de anos atrás. Nunca houve um degelo lá.

“Vinte milhões de anos atrás a Antártida estava começando a congelar. Nós investigamos, analisamos e construímos especulações. O que nós acreditamos que aconteceu deve ter sido mais ou menos assim. [\[1\]](#)

“Alguma coisa veio do espaço, uma espaçonave. Nós a vimos no gelo azul, uma coisa parecida com um submarino sem a torre de comando ou palhetas diretivas. Com 85 metros de comprimento e 14 metros de diâmetro na parte mais grossa.

“Como é, Van Wall? Espaço? Sim, mas eu vou explicar isso melhor depois.” A voz firme de McReady continuou.

“Ela desceu do espaço, impulsionada por forças que o homem ainda não descobriu, e de alguma forma – talvez algo tenha saído errado na época – ela se enroscou no campo magnético da Terra. Ela veio aqui para o sul, fora de controle provavelmente, circulando o polo magnético. Aqui é uma terra selvagem, mas quando a Antártida esta ainda congelando deve ter sido milhares de vezes mais selvagem. Deve ter havido uma forte tempestade de neve, com muita neve carregada, e mais neve caindo enquanto o continente congelava. A tempestade deve ter sido particularmente ruim, com ventos lançando cobertores de branco sólido sobre as bordas da montanha agora enterrada.

“A nave bateu no granito sólido de frente, e rachou-se. Não apenas todos passageiros nela morreram, mas a nave deve ter ficado arruinada, com seu mecanismo de movimento travado. Ela se enroscou no campo magnético da Terra, conforme acredita Norris. Nenhuma coisa feita por seres inteligentes pode enredar-se com a imensidão das forças naturais do planeta e sobreviver.

“Um de seus passageiros conseguiu sair. O vento que nós vimos lá nunca caiu abaixo de 66 km/h e

a temperatura nunca subiu acima de -50°C. Então – o vento deve ter sido ainda mais forte. E estava caindo uma lâmina sólida de neve. A coisa estava completamente perdida, em dez passos.”

Ele parou por um momento, a sua voz profunda e firme cedendo caminho para o zumbido do vento acima de suas cabeças, e ao inquieto, malicioso borbulhar da tubulação do aquecedor.

Uma correnteza – um vento em forma de correnteza varria acima de suas cabeças. Agora mesmo a neve pega pelo vento murmurante caía sobre eles, formando linhas através da face do campo enterrado. Se um homem sáísse dos túneis que conectavam cada um dos edifícios do acampamento abaixo da superfície, ele estaria perdido em dez passos. Lá fora, o fino dedo negro do mastro do rádio erguia-se 90 metros no ar, e seu topo estava no céu claro da noite. Um céu com um fino, lamentoso vento varrendo impetuosamente de um canto a outro sobre o manto que se desenrolava da aurora austral. E ao norte, o horizonte inflamava com estranhas e iradas cores do crepúsculo da meia-noite. Isso era a primavera a 90 metros acima da Antártida.

Na superfície – era a morte branca. Morte pelos dedos em forma de agulha impulsionados pelo vento, sugando o calor de qualquer coisa. Névoa branca e fria sem fim, eternamente à deriva, com finas partículas de neve lambendo e obscurecendo tudo.^[2]

Kinner, o pequeno cozinheiro com um rosto marcado por uma cicatriz, estremeceu. Cinco dias atrás ele tinha saído para a superfície para a um depósito de carne congelada. Ele havia chegado lá, e quando tinha começado a voltar o vento veio do sul. Fria, a morte branca que seguia pelo chão o cegou em vinte segundos. Ele vagueou descontroladamente em círculos. Passou-se meia hora antes que homens com cordas guias vindos de baixo o encontrassem na escuridão impenetrável.

Era fácil para um homem – ou coisa – perder-se em dez passos.

“E o vento persistente da época foi provavelmente mais impenetrável do que nós pudéssemos imaginar.” A voz de McReady trouxe a mente de Kinner de volta num estalo. De volta para o bem vindo calor úmido do edifício da administração. “O passageiro da nave não estava preparado, ao que parece. Ele congelou à dez passos da nave.”

“Nós cavamos para baixo para encontrar a nave, e aconteceu de nosso túnel encontrar a criatura congelada. O machado de gelo de Barclay atingiu o seu crânio.

“Quando vimos o que era, Barclay voltou para o trator, ligou o motor e quando a pressão do vapor aumentou enviou um chamado para Blair e Dr. Copper. Barclay estava doente então. Ficou doente por três dias, melhor dizendo.

“Quando Blair e Copper vieram, nós cortamos o animal em um bloco de gelo, como vocês veem, o embalamos e carregamos no trator para retornamos para cá. Nós queríamos entrar nessa nave.

“Chegamos ao lado e encontramos um tipo de metal que não conhecíamos. Nossas ferramentas não-magnéticas de bronze-berílio, não surtiam efeito. Barclay tinha algumas ferramentas de aço no trator, e essas também sequer o arranhavam. Nós fizemos testes razoáveis – até tentamos um pouco de ácido das baterias, sem resultados.

“Eles deviam ter um processo de passivação para fazer ligas de metal com magnésio resistente a ácidos, e a liga devia ser de pelo menos 95% magnésio. Mas nós não tínhamos como adivinhar isso, então quando percebemos a porta meio aberta, nós cortamos ao redor dela. Havia gelo transparente e resistente na fechadura, onde não conseguíamos alcançá-la. Através de uma pequena rachadura através da qual podíamos olhar percebemos que dentro havia apenas peças de metal, então decidimos soltar o gelo com explosivos.

“Nós tínhamos bombas de decanite e térmite. Térmite é uma suavizadora de gelo; decanite poderia destruir coisas valiosas, mas o calor da térmite deveria apenas derreter o gelo. O Dr. Copper, Norris e eu colocamos uma bomba de 11Kg de térmite, a armamos e levamos o conector até a superfície onde Blair tinha o trator à vapor de prontidão. A 90 metros de distância, no outro lado do muro de granito nós detonamos a bomba de térmite.

“O magnésio metálico do navio não resistiu, é claro. O brilho da bomba queimou e morreu, e então começou a incendiar novamente. Nós corremos de volta para o trator, enquanto o brilho gradualmente aumentava. De onde estávamos podíamos ver o campo de gelo todo iluminado por uma luz insuportável; a sombra da nave formando um grande cone escuro na direção norte, onde o crepúsculo estava quase acabando. Por um momento ela durou, e nós contamos outras três sombras – coisas que devem ter sido outros passageiros – congeladas lá. Então o gelo começou a desabar e cair contra a nave.

“Foi por isso que eu descrevi o local. O vento varrendo a partir do polo vinha das nossas costas. Vapor e chama de hidrogênio foram arrancadas em direção ao oceano ártico antes de nos alcançar. Caso contrário, nós não teríamos voltado, até mesmo com o abrigo dessa crista de granito que parava a luz.

“De alguma forma, no inferno cegante, nós podíamos ver grandes coisas arqueadas, grandes volumes brilhando, mesmo assim. Eles derramaram a fúria incandescente do magnésio por algum tempo. Aqueles deviam ser os motores, nós sabíamos. Segredos se perdendo numa glória ardente – segredos que poderiam ter dado ao homem os planetas. Coisas misteriosas que poderiam levantar e arremessar aquela nave – que tinha afundado na força do campo magnético da Terra. Eu podia ver a boca de Norris se mover, enquanto se abaixava. Eu não podia ouvi-lo.

“O isolamento – ou algo do tipo – perdeu-se. Toda energia do campo magnético da Terra que eles absorveram vinte milhões de anos antes subitamente desprendeu-se. A aurora austral no céu acima se derramou, e todo planalto foi banhado num fogo frio que cobria todo campo visual. O machado de gelo na minha mão ficou quente e vermelho, e chiou no gelo. Os botões de metal nas minhas roupas queimaram em mim. E um flash de azul elétrico queimou para cima além da parede de granito.

“Em seguida os paredões de gelo caíram sobre a nave. Por um instante ela guinchou como o gelo seco faz quando é pressionado entre metal.

“Nós ficamos cegos e tateando na escuridão por horas enquanto nossos olhos se recuperavam. Nós descobrimos que todas as bobinas no raio de um quilômetro fundiram-se em lixo, assim como o dínamo de cada aparelho de rádio, fones de ouvido e alto-falantes. Se nós não tivéssemos um trator à vapor, nós não teríamos chegado até o Acampamento Secundário.

“Van Wall veio do Grande Magneto no nascer do sol, como vocês sabem. Nós viemos para casa assim que possível. Essa é a história da - ...disso”. A grande barba bronze de McReady gesticulou em direção à coisa em cima da mesa.

CAPÍTULO II

Blair agitou-se inquieto, seus pequenos dedos ossudos contorcendo-se sob a luz áspera. Pequenas sardas marrons nas juntas de seus dedos deslizavam para trás e para frente enquanto os tendões sob a pele se contorciam. Ele afastou um pouco a lona e olhou impacientemente para a coisa dentro do gelo escuro.

O grande corpo de McReady endireitou-se um pouco. Ele tinha montado o sacolejante e rangente trator à vapor por 64 Km naquele dia, empurrando-se do Grande Magneto para aqui. Mesmo sua natureza calma havia sido pressionada pela ansiedade de voltar-se a reunir-se com outros humanos. Era solitário e silencioso lá fora no Acampamento Secundário, onde o vento uivava como um lobo para baixo do polo. Vento que uivava como um lobo em seu sono – ventos zumbindo monotonamente, e a má, indizível face do monstro olhando de soslaio para cima quando ele a viu pela primeira vez através do claro gelo azul, com uma machadinha de bronze enterrada em seu crânio.

O meteorologista gigante falou novamente. “O problema é deles. Blair quer examinar a coisa. Descongele-o e faça micro laminas de seus tecidos e assim por diante. Norris não acredita que é seguro, e Blair acredita. Dr. Copper concorda muito bem com Blair. Norris é um físico, é claro, não é um biólogo. Mas ele mostra um ponto de vista que eu acho que todos deveriam ouvir. Blair tem descrito as formas de vida que biólogos encontraram vivendo, até mesmo em um lugar frio e inóspito como esse. Elas congelam todo o inverno, e descongelam em todos os verões – por três meses – e vivem.

“O ponto de vista que Norris mostra é: eles descongelam, e vivem novamente. Podem existir formas de vida microscópicas associadas a esta criatura, como existe em todas as coisas vivas que nós conhecemos. E Norris teme que possamos soltar alguma praga – algum germe causador de alguma doença desconhecida na Terra – se nós descongelarmos essas coisas microscópicas que estiveram congeladas por vinte milhões de anos.

“Blair admite que tais formas de vida microscópicas possam ter o poder de reviver. Tais coisas desorganizadas como células individuais podem reter a vida por períodos desconhecidos, mesmo quando solidamente congeladas. A besta em si está morta como os mamutes congelados que foram encontrados na Sibéria. Formas de vida organizadas, altamente desenvolvidas, não podem suportar esse tratamento.

“Mas, vida microbiana poderia. Norris sugere que nós poderíamos liberar alguma forma de doença contra a qual o homem, nunca tendo a conhecido antes, estaria completamente indefeso.

“A resposta de Blair é que pode haver tais germes ainda vivos, mas que Norris tem o caso reverso. Eles são totalmente não imunes ao homem. Nossa química de vida provavelmente –.”

“Provavelmente!” A cabeça do pequeno biólogo levantou-se em um movimento rápido como o de um pássaro. O halo de cabelos grisalhos em sua cabeça calva arrepiou-se de forma zangada. “Heh. Um olhar -”

“Eu sei”, McReady reconheceu.” A coisa não é terrena. Não parece provável que ela possa ter uma química de vida suficiente parecida com a nossa para fazer a infecção cruzada remotamente possível. Eu diria que não há nenhum perigo.”

McReady olhou para o Dr. Copper. O médico sacudia sua cabeça lentamente. “Ou seja, nenhum” afirmou confiante. “O homem não pode infectar ou ser infectado por germes que vivem em parentes relativamente próximos como as cobras. E elas estão, eu asseguro,” seu rosto bem barbeado mostrando uma careta inquieta, “muito mais próximas de nós que – isso.”

Vance Norris moveu-se com raiva. Ele era comparativamente menor neste encontro de grandes homens, com cerca de 1,76m, e sua constituição robusta tendia a fazê-lo aparentar ser ainda mais baixo. Seu cabelo preto era arrepiado e duro, como fios de aço curtos, e seus olhos tinham o cinza de aço fraturado. Se McReady era um homem de bronze, Norris era todo aço. Seus movimentos, seus pensamentos, toda a sua influência tinha o rápido, e duro impulso de uma mola de aço. Seus nervos eram de aço – rígidos, de ação rápida, velozmente corrosiva.

Ele estava decidido sobre o seu ponto de vista agora, e saiu em sua defesa com rápido fluxo de palavras. “Que se dane a química diferente. Essa coisa pode estar morta – ou, por Deus, pode não estar – mas eu não gosto disso. Droga Blair, deixe-os ver essa coisa maldita e decidir por si próprios se querem aquela coisa descongelada neste acampamento.

“Descongelá-la, por sinal, deveria ser feito em um dos galpões hoje à noite, se formos descongelá-la. Alguém – quem está de vigia hoje à noite? Magnético... – ah, Connant. Raios cósmicos hoje à noite. Bem, você começará sentando com essa múmia de vinte milhões de anos dele.

“Desembrulhe isso Blair. Como diabos eles podem dizer o que estão comprando se não podem vê-la? Ela pode ter uma química diferente. Eu não sei o que mais tem, mas eu sei que tem algo que eu não quero. Se você pode julgar pelo olhar na sua cara – ela não é humana, então talvez você não possa – ela ficou irritada quando congelou. Irritada, de fato, é apenas uma aproximação da forma como ela deve ter se sentido: maluca, loucamente raivosa, nada disso chega perto da realidade.

“Como diabos esses patos podem dizer no que estão votando? Eles não viram aqueles três olhos vermelhos, nem o cabelo azul como vermes rastejantes. Rastejantes – maldição, eles parecem rastejantes mesmo no gelo agora!

“Nada gerado na Terra jamais mostrou tal indescritível sublimação de devastadora ira que essa coisa deixou em sua face quando olhou em volta dessa desolação congelada há vinte milhões de anos atrás. Raivosa? Ela estava completamente furiosa – queimava com pura fúria.

“Inferno, eu tenho sonhos ruins desde que olhei para esses três olhos vermelhos. Pesadelos. Sonhando que a coisa descongelou e voltou à vida – que não estava morta, ou mesmo totalmente inconsciente por todos esses vinte milhões de anos, mas apenas ficou lentamente esperando – esperando. Vocês vão sonhar também, enquanto essa coisa maldita que não pertence à Terra estiver pingando, pingando na Casa Cosmos hoje à noite.

“E, Connant,” Norris disparou para o especialista em raios cósmicos, “você não vai se divertir sentado a noite toda no silêncio. Vento lamurioso acima – e essa coisa pingando” – Ele parou por um momento, e olhou em volta.

“Eu sei. Isso não é ciência. É psicologia. Você vai ter pesadelos por um ano depois disso. Toda noite desde que eu olhei para aquela coisa eu os tive. É por isso que eu a odeio – certamente a odeio – e não quero ela por perto. Deveríamos colocá-la de volta de onde veio, e deixá-la congelar por outros vinte milhões de anos. Eu tive alguns pesadelos recorrentes – que ela não é como nós – o que é óbvio – mas de uma espécie de carne diferente que ela pode controlar. Que ela pode mudar de forma, e assumir a forma de um homem – e esperar para matar e comer –

“Esse não é um argumento lógico. Eu sei que não é. A coisa não segue a lógica terrena, de qualquer maneira.

“Talvez tenha uma química corporal alienígena, e talvez seus germes tenham uma diferente química corporal. Um germe pode não suportar isso, mas, Blair e Copper, e quanto a um vírus? Eles são apenas moléculas de enzimas, diz-se. Eles podem não precisar de nada mais que uma molécula de proteína de qualquer tipo de corpo para trabalhar.

“E como você pode está tão certo de que, das milhões de variedades de vida microscópica que ela pode ter, nenhuma seja perigosa? E quanto a doenças como a hidrofobia – a raiva – que ataca qualquer criatura de sangue quente, sem se importar com sua química corporal? E a febre do papagaio? O seu corpo é como a de um papagaio, Blair? E quanto ao simples apodrecimento – gangrene – necrose, o que preferir? Isso tudo não é muito exigente quanto à química corporal!”

Blair olhou para cima de seu capuz apenas o suficiente para encontrar os olhos cinzentos raivosos de Norris por um instante. “Até agora a única coisa que você disse dessa coisa é que ela está lhe dando pesadelos. Sinto que tenho que admitir isso também.” Um sorriso travesso, ligeiramente maligno atravessou seu rosto enrugado. “Eu tive alguns, também. Então, isso são sonhos infecciosos. Sem dúvida

uma doença extremamente perigosa.

“Tanto quanto as outras coisas ditas, você tem uma ideia errônea sobre vírus. Em primeiro lugar, ninguém demonstrou essa teoria enzimática, e que apenas isso os explicaria. E em segundo lugar, quando você pegar a doença mosaico do tabaco, ou ferrugem do trigo, me avise. Uma planta de trigo é muito mais próxima da sua química corporal do que essa criatura do outro mundo é.

“E sua hidrofobia é limitada, estritamente limitada. Você não pode pegá-la, ou transmiti-la, para uma planta de trigo ou a um peixe – que é um descendente colateral de um ancestral comum seu. O que essa coisa, Norris, não é.” Blair acenou agradavelmente em direção ao volume coberto por lonas na mesa.

“Bem, descongele a maldita coisa em uma banheira de formol, se você precisa descongelá-la. Eu sugeri que...”

“E eu disse que não havia nenhum sentido nisso. Você não pode transigir a esse respeito. Por que você e o comandante Garry vieram aqui em baixo para estudar magnetismo? Por que vocês não estavam contentes em casa? Porque não existe força magnética suficiente em New York. Eu não poderia estudar a vida dessa coisa uma vez que estivesse transformada em pickles de formol mais do que você poderia conseguir a informação que deseja lá em New York. E – se tratássemos isso dessa forma, nunca mais poderíamos duplicar a experiência no futuro! A espécie dela deve ter se extinto nos vinte milhões de anos que ela jazia congelada, então mesmo que tenha vindo de Marte então, nós nunca mais encontraríamos coisa parecida. E – a nave está perdida.

“Há apenas uma maneira de fazer isso – e essa é a melhor maneira possível. Ela deve ser descongelada lentamente, cuidadosamente, e sem formol.”

O comandante Garry foi para frente novamente, e Norris voltou para trás resmungando com raiva. “Eu acho que Blair está certo, cavalheiros. O que vocês acham?”

Connant resmungou. “Isso parece o certo para nós, eu acho – apenas, talvez ele devesse montar guarda enquanto isso está descongelando.” Ele sorriu com pesar, alisando uma mecha de cabelo avermelhado para trás de sua testa. “Uma ideia genial, de fato – ele ficar com seu alegre pequeno cadáver.”

Garry sorriu levemente. Uma risada geral de comum acordo irrompeu no grupo. “Eu diria que qualquer fantasma que ele pode ter tido deve ter morrido de fome se a coisa ficou perdida por aqui por tanto tempo, Connant,” Garry sugeriu. “E você parece capaz de cuidar dele. O Connant ‘homem de ferro’ ainda deve ser capaz de cuidar de qualquer adversário.”

Connant sacudiu-se inquieto. “Eu não estou preocupado com fantasmas. Vamos ver essa coisa. Eu –

Ansiosamente Blair arrancou as cordas. Uma simples volta da lona revelou a coisa. O gelo tinha derretido um pouco no calor da sala e estava claro e azul, como vidro. Ele brilhou molhado e lustroso sobre a luz crua do bulbo da lâmpada descoberta acima.

A sala ficou tensa abruptamente. Ela estava com o rosto para cima na mesa plana e gordurosa. A metade quebrada do machado de bronze ainda estava enterrada no estranho crânio. Três olhos insanos, cheios de ódio brilhavam com um fogo vivo, como sangue fresco derramado, de um rosto contornado por um repugnante ninho de vermes azuis, que rastejavam onde o cabelo deveria crescer.

Van Wall, com puros 1,82m e 91 Kg de piloto com nervos de gelo, deu um estranho e estrangulado grito, e saiu tropeçando em direção ao corredor. Metade da companhia saiu correndo para as portas. Os outros tropeçaram para longe da mesa.

McReady situou-se em uma das extremidades da mesa observando eles, seu grande corpo plantado em suas poderosas pernas. Norris do lado oposto encarou a coisa com um calor ardente. Do outro lado da porta, Garry estava falando com meia dúzia de homens ao mesmo tempo.

Blair usava um martelo de gelo. O gelo ficou exposto nitidamente sobre sua garra de aço enquanto

ele descascava a coisa que ficou encaixotada por vinte milhões de anos –

CAPÍTULO III

“Eu sei que você não gosta da coisa, Connant, mas ela tem que ser descongelada da forma correta. Você diz deixe como está até chegarmos de volta à civilização. Tudo bem, eu concordo que seu argumento de que nós poderíamos fazer um trabalho melhor e mais completo soa melhor. Mas – como vamos conseguir fazer isso ao longo do caminho? Nós temos que levar isso através de uma zona temperada, da zona equatorial e meio caminho através de outra zona temperada antes de chegarmos a New York. Você não ficar sentado com ela uma noite, mas sugere, então, que eu pendure o corpo no freezer junto com a carne?” Blair olhou para cima de sua careca sardenta, acenando triunfante.

Kinner, o atarracado, cozinheiro com o rosto marcado por uma cicatriz, salvou Connant do trabalho de responder. “Ei, escute aqui senhor. Você colocou essa coisa na caixa com a carne, e por todos os deuses que já existiram, eu vou colocá-lo para fazer companhia. Vocês já trouxeram tudo que se move nesse acampamento para as minhas mesas bagunçando-as, e eu tenho que aguentar isso. Mas se você colocar coisas como essa em minha caixa de carne ou no meu depósito aqui, eu vou cozinhar suas malditas tripas.”

“Mas, Kinner, essa é a única mesa no Grande Magneto que é grande o suficiente para trabalharmos,” Blair objetou. “Todo mundo já explicou isso.”

“Pois é, e todo mundo traz de tudo para cá. Clark traz seus cachorros toda vez que eles brigam e os costura nessa mesa. Ralsen traz os seus trenós. Que inferno, a única coisa que vocês ainda não colocaram nessa mesa é o Boeing. E vocês o teriam colocado se tivessem encontrado uma forma de passá-lo através dos túneis.

O comandante Garry soltou uma risada abafada e acenou para Van Wall, o gigantesco Piloto Chefe. A grande barba loira de Van Wall torceu-se suspeitamente quando ele assentiu com seriedade para Kinner. “Você está certo, Kinner. O departamento de aviação é o único que te trata bem.”

“Aqui costuma ficar superlotado, Kinner,” Garry concordou. “Mas temo que encontramos-nos dessa forma, às vezes. Não existe muita privacidade em um acampamento na Antártida.”

“Privacidade? Que diabos é isso? Você sabe, a coisa que realmente me fez chorar, foi quando vi Barclay marchando e cantando ‘A Última Madeira’ pelo acampamento! ‘A Última Madeira’ no acampamento! Enquanto construía aquela casa em seu trator. Maldito, eu senti mais falta daquela porta do banheiro com buraco em forma de meia lua do que senti do sol quando ele se pôs. Não foi apenas a última madeira que Barclay levou com ele. Ele acabou com o que restava da privacidade nesse lugar maldito.” [3]

Um sorriso tomou forma no rosto pesado de Connant enquanto encarava o resmungão perene e bem humorado Kinner enquanto este recomeçava. Mas ele sumiu rapidamente quando seus olhos escuros e profundos voltaram-se novamente para a coisa de olhos vermelhos que Blair estava descascando de seu casulo de gelo. A sua grande mão raspou por seus cabelos compridos na altura dos ombros, enquanto puxava uma mecha que caía atrás da orelha em um gesto familiar. “Eu sei que o barraco dos raios cósmicos vai ficar muito cheio se eu tiver que ficar sentado lá com essa coisa,” ele rosou. “Por que você não quebra o gelo em volta dela – você pode fazer isso sem ninguém se intrometer, eu lhe asseguro – e então pendura a coisa sobre a caldeira da casa de força? Lá é quente o suficiente. É possível descongelar uma galinha, ou até mesmo uma peça inteira de carne naquele lugar, em apenas algumas horas.”

“Eu sei.” Blair protestou, derrubando o martelo de gelo para gesticular mais efetivamente com seus dedos sardentos e ossudos, e com seu corpo pequeno tenso com a ansiedade. “Mas isso é muito importante para arriscarmos. Nunca houve um achado como esse; e nunca haverá outro novamente. É a única chance que a humanidade já teve, e isso deve ser feito da forma correta.

“Olhe, você lembra como os peixes que pegamos perto do Mar de Ross congelavam tão rapidamente assim que colocávamos no deck, e voltavam à vida se nós os descongelássemos

gentilmente? Formas de vida inferiores não são mortas por congelamento rápido seguido por lento descongelamento. Nós temos...”.

“Ei, pelo amor de Deus – você quer que essa maldita coisa volte à vida!” Connant gritou. “Dê-me esse maldito machado – Deixe-me cuidar disso! Isso vai estar em tantos pedaços...”

“NÃO! Não, seu tolo...” Blair pulou na frente de Connant para proteger seu precioso achado. “Não. Apenas formas de vida inferiores. Por Deus, deixe-me terminar. Você não pode descongelar formas de vida superiores e revivê-las. Espere um momento agora – Espere! Um peixe pode voltar após ser congelado porque é uma forma de vida tão inferior que as células individuais de seu corpo podem reviver, e isso apenas é suficiente para restabelecer a vida. Qualquer forma de vida superior descongelada está morta. Apesar de ser possível reviver células individuais, elas morrem porque precisam de organização e esforço cooperativo para viver. Essa cooperação não pode ser restabelecida. Existe uma espécie de vida potencial em qualquer animal congelado rapidamente de forma correta. Mas eles não podem – não podem sob qualquer circunstâncias – voltar a vida se forem formas de vida superiores. Animais superiores são muito complexos, muito delicados. Essa criatura inteligente é tão superiora em sua evolução quanto nós somos na nossa. Talvez ainda mais superior. Ela está tão morta quanto um homem congelado poderia estar.”

“Como você pode saber?” exigiu Connant, erguendo o machado de gelo que ele pegou momentos antes.

O comandante Garry colocou uma mão apaziguadora em seu ombro pesado. “Espere um minuto, Connant. Eu quero fazer isso da forma correta. Eu concordo que não deve haver descongelamento dessa coisa se existir a mais remota chance dela reviver. Concordo plenamente que seria muito desagradável se ela revivesse, mas eu não acho que exista a mais remota possibilidade disso acontecer.”

O Dr. Copper puxou seu cachimbo de entre os dentes e levantou seu atarracado corpo escuro do beliche onde estava sentado. “Blair está sendo técnico. Isso está morto. Tão morto como os mamutes que encontraram congelados na Sibéria. Vida potencial é como energia atômica – está aqui, mas ninguém consegue usá-la, e ela certamente não se libera por si mesma, exceto em casos raros, tão raros como o rádio em uma analogia química. Nós temos todos os tipos de prova de que as coisas não podem viver depois de serem congeladas – nem mesmo peixes, de forma geral – e não há prova de que animais superiores possam, sob quaisquer circunstâncias. Qual é ponto, Blair?” [4]

O pequeno biólogo sacudiu-se. A pequena juba de cabelo em volta de sua careca ondulou com raiva justificada. “O ponto é,” ele disse em um tom injuriado, “que células individuais podem mostrar as características que tinham em vida, se descongeladas apropriadamente. Uma célula muscular de um homem vive muitas horas após sua morte. Apenas porque elas vivem, e poucas coisas como cabelo e células das unhas ainda vivem, você não acusaria um cadáver de ser um zumbi, ou algo assim. [5]

“Agora, se eu descongelar essa coisa, eu posso ter uma chance de determinar o tipo de mundo da qual ela era nativa. Nós não temos, e não podemos saber por outros meios, se ela veio da Terra, Marte, Vênus, ou de além das estrelas.

“E só porque ela parece diferente dos homens, você não tem que a acusar de ser má, cruel, ou algo assim. Talvez essa expressão em sua face seja o equivalente a resignação com o destino dela. Branco é a cor do luto para os chineses. Se homens podem ter costumes diferentes, por que não uma raça tão diferente não teria diferentes entendimentos sobre expressões faciais?”

Connant sorriu suavemente, sem alegria. “Resignação pacífica! Se isso é o melhor que poderia fazer no caminho da resignação, eu não gostaria nem um pouco de vê-la quando estivesse furiosa. Essa face nunca foi projetada para expressar paz. Ela simplesmente não tem quaisquer pensamentos filosóficos como paz em sua composição.

“Eu sei que é o seu bichinho de estimação – mas sejamos sensatos sobre isso. A coisa deve ter nascido no mal, adolesceu assando vivos lentamente o equivalente local a gatinhos, e divertiu-se na

maturidade com novas e engenhosas formas de tortura.” [6].

“Você não o menor direito de dizer isso,” retrucou Blair. “Como você pode conhecer algo sobre o significado de uma expressão de natureza não humana! Ela pode muito bem não ter nenhum equivalente humano de qualquer tipo. Isso é apenas um diferente desenvolvimento da Natureza, outro exemplo da sua maravilhosa adaptabilidade. Crescendo em outro, talvez mais exigente, mundo, ele teria forma e características diferentes. Mas isso é apenas um filho legítimo da Natureza, assim como você é. Você está mostrando uma infantil fraqueza humana de odiar o diferente. Em seu próprio mundo isso provavelmente classificaria você como um baiacu, uma monstruosidade branca com um insuficiente número de olhos e um corpo pálido cheio de micoses fungoides e inchado com gás.

“Só porque sua natureza é diferente, você não tem o direito de dizer que é necessariamente maligna.”

Norris explodiu em um sonoro, explosivo, “Hei!” Ele olhou para baixo para a coisa. “Talvez essas coisas de outros mundos não tenham que ser más apenas porque são diferentes. Mas essa coisa era! Filha da Natureza, não é? Bem, isso era o inferno de uma Natureza maligna.”

“Ouch, por que vocês não resolvem isso em outro lugar e tirem essa maldita coisa da minha mesa? Kinner rosou. “E cubram isso. Isso está indecente.”

"Kinner ficou recatado," zombou Connant.

Kinner inclinou seus olhos para o grande físico. A bochecha marcada pela cicatriz retorceu-se para encontrar a linha dos lábios em um sorriso torcido. “Tudo bem, garotão, e sobre o que você estava reclamando um minuto atrás? Podemos colocar a coisa em uma cadeira ao seu lado essa noite, se você quiser.”

“Eu não tenho medo da sua cara”, Connant disparou. “Eu particularmente não gosto da ideia de ficar acordado sobre seu cadáver, mas vou fazê-lo.”

O sorriso de Kinner espalhou-se. “Uh-huh.” Ele foi em direção ou fogão e sacudiu as cinzas vigorosamente, abafando o som do gelo sendo picado que Blair emitia ao reiniciar o trabalho.

CAPÍTULO IV

“Cluck,” relatou o contador de raios cósmicos, “cluck-brrrp-cluck. ” Connant começou e deixou cair o lápis.

“Maldição”. O físico olhou em direção ao canto mais distante, onde o contador Geiger estava na mesa daquele canto, e rastejou sobre a mesa em que esteve trabalhando para recuperar o lápis. Ele sentou-se e reiniciou o trabalho, tentando fazer sua escrita mais clara. Ele tendia a tremer e fazer garranchos, quando ouvia o som abrupto do cacarejar do contador Geiger. O barulho abafado do lampião que ele estava usando para iluminação, os gargarejos e sons de trombeta de uma dúzia de homens dormindo em direção ao corredor na Casa Paraíso formava o som de fundo para o cacarejar irregular do contador, e ao ocasional estalar do carvão no aquecedor de cobre. E um suave, constante drip-drip-drip vindo da coisa no canto.

Connant puxou um maço de cigarros de seu bolso, sacudiu-o de forma que um cigarro apontou na abertura do pacote e atirou o cilindro em sua boca. O isqueiro não funcionou então ele apalpou com raiva através da pilha de papéis, à procura de um fósforo. Ele tentou girar a roda do isqueiro várias vezes, jogou-o com uma praga e levantou-se para puxar uma brasa do fogão com as pinças de carvão.

O isqueiro funcionou instantaneamente quando ele tentou novamente ao retornar para a mesa. O contador disparou uma série de cacarejares quando uma rajada de raios cósmicos o atingiu. Connant virou-se furioso para ele, e tentou concentrar-se na interpretação dos dados coletados na semana passada. O resumo semanal.

Ele desistiu e cedeu à curiosidade, ou ao nervosismo. Ele ergueu a lampião da escrivaninha e carregou-o até a mesa no canto. Então ele retornou para o fogão e pegou as pinças de carvão. A besta esteve descongelando por aproximadamente 18 horas agora. Ele cutucou-a com uma cautela inconsciente; a carne não era mais como uma placa de armadura, mas assumiu uma textura como a de borracha. Ela parecia feita de borracha azul molhada, com pequenas gotas de água como pequenas joias redondas no brilho do lampião de gasolina. Connant sentiu um irracional desejo de despejar o conteúdo do reservatório do lampião sobre a coisa em sua caixa e derrubar o cigarro nela. Os três olhos vermelhos o encaravam cegamente, olhos de rubi refletindo raios turvos e esfumaçados de luz.

Ele percebeu vagamente que esteve olhando para eles por um tempo muito longo, e percebeu vagamente que eles não estavam mais o encarando cegamente. Mas ele não pareceu dar importância a isso, ou ao movimento em câmera lenta das coisas tentaculares que brotavam a partir da base magrela e lentamente pulsante do pescoço.

Connant pegou o lampião e retornou à sua cadeira. Ele sentou-se encarando as páginas de contas em sua frente. O cacarejar do contador estava estranhamente menos perturbador, o farfalhar das brasas no fogão não era mais uma distração.

O ranger das tábuas atrás dele não interrompeu seus pensamentos enquanto ele fazia seu importante relatório semanal de forma automática, preenchendo colunas de dados e fazendo breves e resumidas anotações.

O ranger do piso de madeira soou mais próximo.

CAPÍTULO V

Blair acordou de um sono profundo assombrado por pesadelos de forma abrupta. A face de Connant flutuava vagamente sobre ele; por um momento ela pareceu a continuação de seu sonho de horror selvagem. Mas o rosto de Connant estava raivoso, e um pouco assustado. “Blair – Blair seu maldito preguiçoso, acorde!”

“Hã?” o pequeno biólogo esfregou seus olhos, seus dedos ossudos e sardentos apertados com um punho de uma criança mutilada. De outros beliches outras faces ergueram-se para encarrá-los.

Connant endireitou-se. “Levante-se – e recomponha-se. Seu maldito bicho escapou.”

“Escapou – o que!” A voz de touro do piloto chefe Van Wall rugiu com um volume que balançou as paredes. Ao longo dos túneis do acampamento outras vozes gritaram de forma súbita. A dúzia de habitantes da Casa Paraíso levantaram-se abruptamente, Barclay atarracado em sua comprida roupa de baixo de lã, carregava um extintor de incêndios.

“Que inferno é esse?” Barclay perguntou.

“Sua maldita besta está solta. Eu caí no sono há cerca de vinte minutos atrás, e quando acordei a coisa tinha sumido. Ei, doutor, que inferno, você disse que essas coisas não podiam voltar à vida. A maldita vida potencial desenvolveu um inferno de potencial e saiu caminhando daqui.”

Copper encarou-o atônito. “Isso não é – terreno,” ele suspirou subitamente. “Eu – eu acho que leis terrenas não se aplicam.”

“Bem, ela fez uma requisição para ausentar-se e partiu. Nós temos que encontrá-la e capturá-la de alguma forma.” Connant praguejou amargamente, com seus olhos negros profundos taciturnos e raivosos. “Essa é uma maravilha de criatura infernal que não me comeu enquanto eu dormia.”

Blair encarou de volta, seus olhos pálidos subitamente cheios de pavor. “Talvez isso tenha – er – uh – bem, temos que encontrá-la.”

“Você a encontra. É o seu bichinho de estimação. Eu já tive tudo que queria com ela, sentado lá por sete horas com o contador cacarejando a cada poucos segundos, e os passarinhos aqui cantando sua música noturna. É certo que eu vou dormir. Estou indo para o prédio administrativo.”

O comandante Garry abaixou-se para passar pela porta, apertando o seu cinto. “Você não precisa. O rugido de Van Wall soou como o Boeing decolando contra o vento. Então a coisa não estava morta?”

“Eu não a carreguei em meus braços, posso assegurar a você,” Connant disparou. “Da última vez que a vi, aquele crânio partido estava pingando gosma verde, como se esmagada por um rolo compressor. O doutor disse que nossas leis não se aplicam – não é terrena. Bem, é um monstro não terreno, com uma disposição não terrena, a julgar pela cara, vagando por aí com um crânio partido com cérebro gosmento pingando para fora.”

Norris e McReady apareceram através da passagem da porta, uma passagem cheia de outros homens trêmulos. “Alguém viu a coisa por aí?” Norris perguntou inocentemente. “Tem cerca de 1,20m de altura – três olhos vermelhos – miolos pingando – Hey, alguém já verificou para ter certeza se não é uma piada de mal gosto? Se for, eu vou amarrar o bichinho de estimação de Blair em volta do pescoço de Connant como amarraram o albatroz no pescoço do marinheiro. [7]

“Isso não tem graça,” Connant estremeceu. “Deus, eu gostaria que estivesse lá. Eu preferiria usar...”. Ele parou. Um uivo estranho e selvagem gritou pelos corredores. Os homens ficaram tensos abruptamente e deram meia volta.

“Eu acho que a coisa foi localizada,” Connant finalizou. Seus olhos escuros mostraram uma inquietação estranha. Ele disparou de volta para sua cama na Casa Paraíso, para voltar quase imediatamente com um pesado revólver .45 e um machado de gelo. Ele ergueu ambos suavemente enquanto começou a correr para o corredor em direção à Dogtown. “Ele foi pelo corredor errado – e aterrizou entre os huskies. Escutem – os cachorros quebraram suas correntes...”

O uivo meio aterrorizado da matilha mudou para um selvagem rosnar de caçada. As vozes dos

cachorros ecoaram pelos corredores estreitos, e através deles veio um ondulante rosnado de ódio destilado. Um coro de dor, uma dúzia de ganidos.

Connant partiu para a porta. Próximo dele, McReady, Barclay e o comandante Garry foram juntos. Outros homens foram para o prédio da Administração, para as armas – e casa dos trenós. Pomroy, responsável pelas cinco vacas no Grande Magneto, começou a correr em direção ao corredor oposto – ele tinha um forçado de 1,80m em mente.

Barclay deslizou em uma parada brusca, quando o gigante McReady virou abruptamente para longe do túnel que levava para Dogtown, e desapareceu em um ângulo. Incerto, o mecânico hesitou por um momento, com o extintor de incêndio em suas mãos, hesitando entre um lado e outro. Então ele estava correndo atrás das costas largas de Connant. Seja o que fosse que McReady tivesse em mente, ele confiava que era confiável para fazer o trabalho.

Connant parou na curva do corredor. Sua respiração silvou subitamente através de sua garganta. “Meu Deus...” O revólver explodiu estrondosamente; três entorpecentes, ondas palpáveis de som atravessaram os corredores confinados. Mais duas. O revólver caiu na trilha de neve compactada, e Barclay viu o machado de gelo mudar para uma posição defensiva. O corpo poderoso de Connant bloqueava sua visão, mas além dele ouvia-se algo miando, e insanamente, rindo. Os cachorros estavam silenciosos; lá havia uma seriedade mortal em seus grunhidos baixos. Pés com garras arranhavam a neve compactada, correntes partidas estavam tilintando e se emaranhando.

Connant deslocou-se abruptamente, e Barclay podia ver o que havia além. Por um segundo ele ficou congelado, então sua respiração saiu em uma praga tempestuosa. A coisa lançou-se em Connant, os braços poderosos do homem balançavam o machado de gelo primeiro no que poderia ser uma mão. A coisa torceu-se horripelantemente, com sua carne esfarrapada e rasgada por meia dúzia de huskies selvagens, saltou em sua direção novamente. Os olhos vermelhos brilharam com um ódio sobrenatural, com uma vitalidade e imortalidade não terrenas.

Barclay virou o extintor de incêndio sobre ele; disparando um jato de spray químico às cegas, deixando-a desconcertada, junto com o ataque selvagem dos huskies, mas não por muito tempo, com medo do que faria a coisa, mantendo-se seguro à distância.

McReady empurrou homens para fora de seu caminho enquanto dirigia-se pelo corredor estreito tentando chegar até o local. Havia certeza planejada dirigindo McReady ao ataque. Um dos maçaricos gigantes usados para aquecer os motores do avião estava em suas mãos de bronze. Ele soltou um rugido ao virar a esquina abrindo a válvula. O miado furioso assobiou mais alto. Os cães recuaram quando a lança de fogo azul de um metro disparou.

“Bar, pegue um cabo de força, faça um laço. Nós podemos eletrocutar esse – monstro, se eu não incinerá-lo.” McReady falou com uma autoridade de ação planejada. Barclay voltou pelo longo corredor à usina de força, mas antes dele Norris e Van Wall estavam correndo na frente.

Barclay encontrou um cabo no painel elétrico na parede do túnel. Em meio minuto ele o tinha cortado, e vinha de volta. A voz de Van Wall disparou um grito de aviso de “Força!” quando o dínamo de emergência movido à gasolina disparou em ação. Meia dúzia de outros homens estava lá embaixo agora; o carvão estava sendo atirado na fornalha da usina a vapor. Norris, xingando em um tom baixo e monótono, estava trabalhando com dedos rápidos e certos na outra ponta do cabo de Barclay, emendando em um contato um dos cabos de alimentação.

Os cães tinham caído para trás quando Barclay alcançou a curva do corredor, derrubados por uma monstruosidade furiosa que encarava com olhos vermelhos malignos, miando de forma odiosa. Os cães formaram um semicírculo de focinhos ensanguentados com uma franja brilhante de dentes brancos, lamentando-se com uma ânsia viciosa que quase equiparava a fúria dos olhos vermelhos. McReady estava confiantemente alerta na curva do corredor, a rajada de fogo remugando segura sobre suas mãos e pronta para a ação. Ele afastou-se sem mover os olhos da besta enquanto Barclay aproximava-se. Havia

um ligeiro, apertado sorriso em seu rosto de bronze.

A voz de Norris chamou do corredor, e Barclay deu um passo à frente. O cabo elétrico foi preso ao cabo de uma pá de neve, os dois condutores separados 45 centímetros por um pedaço de madeira amarrado em ângulos retos em toda extremidade da pá. Condutores de cobre desencapados, carregados com 220 volts, brilhavam à luz dos lampiões. A Coisa miou, parou e se esquivou. McReady avançou para o lado de Barclay. Os cachorros que estavam além perceberam o plano com uma inteligência quase telepática de huskies treinados. Seus ganidos ficaram mais estridentes, suaves, e passos leves os levaram mais próximos. Abruptamente um enorme husky, preto como a noite, saltou para a coisa encurralada. Ela voltou-se berrando, com as patas cheias de garras rasgando.

Barclay saltou para frente e a espetou. Um estranho grito agudo aumentou e engasgou. O cheiro de carne queimada no corredor intensificou-se; fumaça gordurosa subiu. O barulho do dínamo que ecoava pelo corredor mostrava que trabalhava arduamente.

Os olhos vermelhos anuviaram e enrijeceram-se, forçando uma caricatura de rosto. Membros semelhantes a braços tremeram e estremeceram. Os cães saltaram para frente e Barclay puxou de volta sua arma pá. A Coisa na neve não se movia enquanto dentes brilhantes a rasgavam.

CAPÍTULO VI

Garry olhou em volta da sala lotada. Trinta e dois homens, alguns nervosamente tensos parados contra a parede, outros inquietamente relaxados, alguns sentados, a maioria forçosamente de pé, tão íntimos como sardinhas. Trinta e dois, mais os cinco envolvidos em costurar os cães feridos, faziam trinta e sete, o efetivo total.

Garry começou a falar. “Tudo bem, eu acho que estamos todos aqui. Alguns de vocês – três ou quatro pelo menos – viram o que aconteceu. Todos vocês viram aquela coisa na mesa, e podem ter uma ideia geral. Quem não tiver ideia, eu erguerei...” Sua mão desviou a lona sobre o volume da mesa. Havia um odor acre de carne chamuscada saindo dela. Os homens, agitando-se inquietos, precipitaram-se a recusar.

“Parece que Charnauk não liderará mais qualquer matilha,” Garry prosseguiu. “Blair quer trabalhar nessa coisa, e fazer alguns exames detalhados. Nós queremos saber o que aconteceu, e nos certificar que agora ela está permanentemente, e totalmente morta. Certo?”

Connant sorriu maliciosamente. “Qualquer um que não concorde pode sentar aqui com ele nesta noite.”

“Tudo bem então, Blair, o que você pode dizer sobre isso? O que era isso?” Garry voltou-se para o pequeno biólogo.

“Eu me pergunto se alguma vez nós vimos sua forma natural.” Blair olhou para massa coberta. “Isso podia estar imitando os seres que construíram aquela nave – mas eu não acho que era isso. Eu acho que essa era sua forma verdadeira. Aqueles de nós que foram até a curva do corredor viram a coisa em ação; a coisa na mesa é o resultado. Quando ela saiu, aparentemente começou a olhar ao redor. A Antártida ainda estava congelada como esteve por eras atrás quando a criatura a viu pela primeira vez – e congelou. Pelas minhas observações enquanto ela esteve descongelando, e pelos pedaços endurecidos de tecido que cortei, eu acredito que ela seja nativa de um planeta mais quente que a Terra. Ela não poderia, em sua forma natural, resistir à temperatura. Não existe forma de vida na Terra que pode viver na Antártida durante o inverno, mas o melhor que se encontra aqui é o cachorro. Ela encontrou os cachorros, e de alguma forma aproximou-se o bastante de Charnauk para pegá-lo. Os outros a farejaram – a ouviram – eu não sei, de qualquer forma eles ficaram enlouquecidos, quebraram as correntes e atacaram-na antes que ela terminasse. A coisa que nós encontramos era parte Charnauk, estranhamente apenas meio morto, parte Charnauk meio digerido pelo protoplasma gelatinoso da criatura, e parte os restos originais da coisa que encontramos, de alguma forma derretida ao protoplasma básico.

“Quando os cachorros a atacaram, ela tornou-se a melhor coisa para lutar que ela pode pensar. Alguma besta de outro mundo, aparentemente.”

“Tornou-se,” disparou Garry. “Como?”

“Todo ser vivo é feito de uma espécie de geleia – protoplasma e diminutas, submicroscópicas coisas chamadas núcleos, que controlam a maior parte, o protoplasma. Essa coisa é apenas uma modificação do mesmo plano geral da Natureza; células feitas de protoplasma, controladas por núcleos infinitesimais. Vocês físicos podem compará-la – uma célula ou um ser vivo – com um átomo; a maior parte do átomo, a parte que preenche o espaço, é feita de órbitas eletrônicas, mas o caráter da coisa é determinada pelo núcleo atômico.

“Essa coisa não está muito longe do que nós já sabemos. É apenas uma modificação do que nós vimos antes. É natural, lógica, como qualquer outra manifestação da vida. Ela obedece exatamente às mesmas leis. As células são feitas de protoplasma, suas características são determinadas pelo núcleo.

“Mas nessa criatura, os núcleos celulares podem controlar aquelas células à vontade. Ela digeriu Charnauk, e ao digeri-lo estudou cada célula de seus tecidos, e moldou suas próprias células para imitá-las exatamente. Partes dela – partes que tiveram tempo para terminar a mudança – são células de cão. Mas elas não têm o núcleo de uma célula de cão.” Blair levantou uma fração da lona. Uma perna de cão

despedaçada com pelo cinza apareceu. “Isso, por exemplo, não é um cachorro, é uma imitação. Em alguma parte – e eu estou certo disso – os núcleos escondem-se, cobertos pelas imitações de células de cão. Com tempo, nem mesmo um microscópio poderia mostrar a diferença.”

"Supostamente," perguntou Norris amargamente, "se ela tivesse bastante tempo?"

“Então ela tornar-se-ia um cachorro. Os outros cachorros poderiam aceitá-la. Nós poderíamos aceitá-la. Eu não acho que qualquer coisa poderia distingui-la, nem um microscópio, ou raios-X, ou quaisquer outros meios. Esse é um membro de uma espécie extremamente inteligente, uma espécie que aprendeu os segredos mais profundos da biologia, e a transformá-la para seu uso.”

"O que ela estaria planejando fazer?" Barclay olhou para a lona corcunda.

Blair sorriu desconfortavelmente. O halo ondulante de cabelo fino em volta de sua cabeça calva moveu-se na agitação do ar. “Dominar o mundo, eu imagino.”

“Dominar o mundo! Apenas ela, sozinha?” Connant engasgou. “Nomear-se uma ditadora solitária?”

“Não,” Blair balançou a cabeça. O bisturi que ele estava segurando desajeitadamente em seus dedos ossudos caiu; ele inclinou-se para pegá-lo, de forma que seu rosto estava escondido quando falou. “Isso poderia tornar-se a população do mundo.”

"Tornar-se – a população mundial? Ela se reproduz assexuadamente?"

Blair balançou sua cabeça e engoliu em seco. “Ela não precisaria fazer isso. Isso pesava 38 Kg, Charnauk pesava cerca de 40 Kg. Ela poderia tornar-se Charnauk, e ainda ter 38 Kg sobrando para tornar-se – ah, Jack, por exemplo, ou Chinook. Isso poderia imitar qualquer coisa – ou seja, tornar-se qualquer coisa. Se tivesse chegado ao Mar da Antártida, ela poderia tornar-se uma foca, talvez duas focas. Ela poderia ter sido atacada por uma baleia assassina, e tornar-se a baleia assassina um bando de focas. Ou talvez isso pudesse ter pegado um albatroz, ou uma gaivota, e voar até a América do Sul.”

Norris praguejou baixo. “E toda vez, ela digeriria algo, e o imitaria...”

“Isso teria sua massa original sobrando, para começar novamente,” Blair finalizou. “Nada poderia matá-la. Ela não teria inimigos naturais, porque tornar-se-ia o que quisesse. Se uma Orca a atacasse, ela tornar-se-ia uma Orca. Se fosse um albatroz, e uma águia a atacasse, ela tornar-se-ia uma águia. Deus, ela poderia tornar-se uma águia fêmea, voltar e construir um ninho para botar ovos!”

“Você tem certeza que essa coisa do inferno está morta?” Dr. Copper perguntou suavemente.

“Sim, graças aos céus,” o pequeno biólogo engasgou. “Depois de que eles levaram os cães para fora, eu fiquei ali espetando a barra de eletrocussão nisso por cinco minutos. Isso está morto, e cozido.”

“Então nós podemos apenas agradecer porque aqui é a Antártida, onde não existe um simples, solitário, ser vivo para imitar, exceto esses animais no acampamento.”

“Nós,” Blair deu uma risadinha. “Isso pode nos imitar. Cachorros não podem fazer 643 Km até o mar; não existe comida aqui. Não existe nenhuma gaivota para imitar nesta estação do ano. Não existem pinguins tão longe no interior. Não há nada que possa alcançar o mar a partir desse ponto – exceto nós. Nós temos os cérebros. Nós podemos fazer isso. Você não percebe – ela ia imitar-nos – tornar-se uma de nós – essa é a única forma de voar em avião – voar em um avião por duas horas, e dominar todos os habitantes da Terra. Um mundo para tomar – se ela nos imitasse!”

“Ela não sabia ainda. Não teve uma chance de aprender. Ela estava com pressa – preocupada – olhou para coisa mais próxima de seu próprio tamanho. Veja – Eu sou Pandora! Eu abri a caixa! E a única esperança que pode sair é – que nada possa sair. Vocês não me veem. Eu fiz isso. Eu esmaguei cada magneto. Nenhum avião pode voar. Nada pode voar.” Blair riu histericamente e jogou-se no chão chorando.

O piloto chefe Van Wall mergulhou para a porta. Seus pés estavam ecoando pelos corredores quando o Dr. Copper inclinou-se sem pressa sobre o pequeno homem no chão. De seu escritório no fim da sala ele trouxe alguma coisa, e injetou uma solução no braço de Blair. “Ele pode sair quando acordar,” ele suspirou ao erguer-se. McReady o ajudou a levantar o biólogo e levá-lo para um beliche

próximo. “Tudo depende de saber se podemos convencê-lo de que a coisa está morta.”

Van Wall abaixou enquanto esfregava sua pesada barba loira distraidamente. “Eu não achava que um biólogo faria uma coisa dessas da forma correta. Ele se esqueceu das peças reservas no segundo depósito. Está tudo certo. Eu as esmaguei.”

O comandante Garry acenou afirmativamente. “Eu estava pensando no rádio.”

Dr. Copper bufou. “Você não acha que isso pode escapar pelas ondas de rádio, pode? Você teria cinco tentativas de resgate nos próximos três meses se você parar as transmissões. A coisa a fazer é falar alto e não fazer um ruído. Agora eu me pergunto...”

McReady olhou especulativamente para o doutor. “Isso poderia ser uma doença infecciosa. Tudo que derramou, qualquer sangue dela...”

Copper balançou a cabeça. “Blair deve ter perdido algo. Essa coisa poderia imitar, mas se o fizesse, teria sua própria química corporal, seu próprio metabolismo. E se ela não se tornaria apenas um cão – e um cão e nada mais, mas fosse uma imitação de cão. Nós poderíamos detectá-la por testes sorológicos. E por sua química, pois veio de outro mundo. Ela deve ser tão radicalmente diferente, que algumas células, como as de gotas de sangue, poderiam ser tratadas com germes pelo cão, ou pelo corpo humano.”

“Sangue – poderia uma dessas imitações sangrar?” Norris perguntou.

Certamente. Nada místico sobre o sangue. Músculos tem cerca de 90 por cento de água; sangue difere apenas por ter dois por cento mais água, e menos tecido conectivo. Elas sangrariam muito bem,” Copper assegurou.

Blair sentou em seu beliche subitamente. “Connant – onde está Connant?”

O físico moveu-se em direção ao pequeno biólogo. “Eu estou aqui. O que você quer?”

“Você está?” gargalhou Blair. Ele jogou-se de volta no beliche, contorcendo-se em uma gargalhada silenciosa.

Connant olhou para ele sem entender “Hã? Eu estou o quê?”

“Você está aí?” Blair irrompeu em gargalhadas. “Você é o Connant? A besta queria ser um homem – não um cão...”

CAPÍTULO VII

Dr. Copper ergueu-se cansado do beliche, e lavou a seringa hipodérmica cuidadosamente. Os pequenos tilintares que ele fazia pareciam mais altos na sala lotada, agora que a risada gorgolejante de Blair finalmente se acalmou. Copper olhou para Garry e sacudiu sua cabeça lentamente. “Desesperador, eu temo. Eu não acho que conseguiremos convencê-lo de que a coisa agora está morta.”

Norris riu com incerteza. “Eu não tenho certeza que você pode me convencer. Ah, maldito seja, McReady.”

“McReady?” O comandante Garry voltou-se para olhar de Norris para McReady com curiosidade.

“Os pesadelos,” Norris explicou. “Ele tem uma teoria sobre os pesadelos que nós tivemos na Estação Secundária após encontrar essa coisa.”

“E o que era?” Garry olhou de igual para igual para McReady.

Norris respondeu por ele, bruscamente. “Que a criatura não estava morta, que estava em uma espécie de existência extremamente lenta, uma existência que permitia a ela, no entanto, estar vagamente consciente da passagem do tempo, de nossa chegada, depois de anos sem fim. Eu tive um sonho em que ela podia imitar coisas.”

“Bem,” Copper grunhiu, “ela pode.”

“Não seja burro,” Norris disparou. “Isso não é o que está me incomodando. No sonho ela podia ler mentes, ler pensamentos, ideias e maneirismos.”

“O que é tão ruim nisso? Isso parece estar preocupando você mais do que a ideia da alegria que vamos ter de estarmos com um homem louco em um acampamento na Antártida.” Copper acenou em direção de Blair que dormia.

McReady balançou sua grande cabeça lentamente. “Você sabe que Connant é Connant, não apenas porque ele meramente parece Connant – o que estamos começando a acreditar que a besta seja capaz de fazer – mas por ele pensar como Connant, falar como Connant, mover-se por aí como Connant faria. Isso leva mais em conta do que meramente um corpo que se pareça com ele; isso deve ter a mente de Connant, seus pensamentos e maneirismos. Portanto, se você sabe que a coisa pode ficar parecida com Connant, você não se preocuparia muito, porque você sabe que isso teria a mente de outro mundo, uma mente totalmente inumana, que não poderia reagir, pensar e falar como um humano que nós conhecemos, e ao fazer isso ela nos teria enganado só por um momento. A ideia de a criatura imitar um de nós é fascinante, mas irreal, porque ela é completamente inumana para nos enganar. Ela não tem uma mente humana.”

“Como eu disse antes,” Norris repetiu, olhando fixamente para McReady, “você pode dizer as coisas mais estranhas nas horas mais estranhas. Você vai ser tão bom para finalizar esse pensamento – de uma forma ou de outra?”

Kinner, o cozinheiro com o rosto marcado por uma cicatriz, estava próximo de Connant. Subitamente, ele moveu-se pela extensão da sala lotada em direção ao seu familiar fogão. Ele agitou as cinzas do fogão ruidosamente.

“Isso não serviria para nada,” disse Dr. Copper, suavemente como se estivesse pensando em voz alta, “meramente parecer algo que isso estivesse tentando imitar; ela deveria entender seus sentimentos, suas reações. Isso é inumano. Tem poderes de imitação além de qualquer concepção humana. Um bom ator, através de muito treino, pode imitar outro humano, os maneirismos de outro homem, o suficiente para enganar a maioria das pessoas. É claro que nenhum ator poderia imitar alguém tão perfeitamente para enganar os homens que convivem com o imitado, nessa completa falta de privacidade do acampamento na Antártida. Isso exigiria uma habilidade super-humana.”

“Ah, você está com a pulga atrás da orelha também?” Norris praguejou suavemente.

Connant, de pé sozinho no final da sala, olhou em volta freneticamente, com o rosto branco. Um suave fluxo de homens que estavam apertados perto dele lentamente dirigiram-se para o outro lado da sala, de modo que ele ficou sozinho. “Meu Deus, os dois Jeremias podem calar-se?” A voz de Connant

tremeu. “O que eu sou? Alguma espécime microscópico que vocês estão dissecando? Algum verme desagradável para vocês discutirem na terceira pessoa?”^[8]

McReady olhou para ele; sua mão que torcia lentamente parou por um momento. “Estamos tendo momentos adoráveis. Gostaria que você estivesse aqui. Assinado: Todos.”

“Connant, se você acha que está passando por um inferno, apenas mova-se para a outra extremidade por um momento. Você tem uma coisa que nós não temos; você sabe qual é a resposta. Eu te digo uma coisa, agora mesmo você é a pessoa mais temida e respeitada no Grande Magneto.”

“Deus, eu queria que vocês pudessem ver os seus olhares,” Connant engasgou. “Parem de me encarar, todos vocês! Que inferno vocês pretendem fazer?”

“Tem alguma sugestão, Dr. Copper?” O comandante Garry perguntou com firmeza. “A situação atual é impossível.”

“Ah, é mesmo?” Connant disparou. “Venha até aqui e olhe para essa turba raivosa. Meu Deus, eles parecem exatamente como aquela matilha de huskies no corredor. Benning, você pode parar de erguer esse maldito machado de gelo?”

A lâmina de cobre retiniu no chão quando o mecânico de aviões nervosamente a derrubou. Ele inclinou-se e a pegou quase instantaneamente, erguendo-a lentamente, girando-a em suas mãos, seus olhos castanhos movendo-se bruscamente pela sala.

Copper sentou-se na cama ao lado de Blair. A madeira rangeu ruidosamente pela sala. Longe em um corredor um cão ganiu de dor, e as vozes tensas dos condutores de trenós flutuaram suavemente em resposta. “Exames microscópicos,” disse o médico pensativamente, “seriam inúteis, como Blair apontou. Já passou um tempo considerável. Entretanto, testes sorológicos poderiam ser definitivos.”

“Testes fisiológicos? O que você quer dizer exatamente?” Perguntou o comandante Garry.

“Se eu tivesse um coelho que tivesse sido injetado com sangue humano – um veneno para coelhos, é claro, tal como o sangue de qualquer animal que não fosse outro coelho – e as injeções continuassem em doses crescentes por algum tempo, o coelho poderia tornar-se imune ao sangue humano. Então, se uma pequena quantidade de seu sangue fosse retirada, e fizéssemos a separação em um tubo de ensaio, e se ao plasma adicionássemos uma pequena quantidade de sangue humano, haveria uma reação visível, provando que o sangue era humano. Se o sangue de uma vaca, ou cão fosse adicionado – ou qualquer material proteico diferente daquele existente no sangue humano – nenhuma reação poderia ser observada. Isso serviria de prova definitiva.”

“Você pode sugerir onde eu consigo pegar um coelho para você, Doc?” Norris perguntou. “Ou melhor, mais próximo do que na Austrália; nós não queremos perder tempo indo tão longe.”

“Eu sei que não existem coelhos na Antártida,” Copper acenou, “mas esse é apenas o animal usual. Qualquer animal exceto homem servirá. Um cão, por exemplo. Mas isso levaria vários dias, e devido ao tamanho maior do animal, consideravelmente mais sangue. Dois de nós terão que contribuir.”

“Serviria eu?” Garry perguntou.

“Isso faria dois,” Copper acenou afirmativamente. “Eu vou começar a trabalhar isso agora mesmo.”

“E quanto a Connant, nesse meio tempo?” Kinner exigiu. “Eu prefiro sair por aquela porta e caminhar até o Mar de Ross antes de cozinhar para ele.”

“Ele pode ser humano...” Copper começou.

Connant irrompeu em uma enxurrada de pragas. “Humano! Pode ser humano, seu maldito serrador de ossos! Que inferno você pensa que eu sou?”

“Um monstro”, Copper retrucou bruscamente. “Agora cale a boca e escute.” O rosto de Connant foi drenado de toda cor e ele sentou pesadamente quando a acusação foi posta em palavras. “Enquanto nós não soubermos – você sabe tão bem quanto nós que temos razões para questionar o fato, e somente você sabe como essa questão pode ser respondida – nós podemos razoavelmente trancá-lo. Se você for – inumano – você será muito mais perigoso que o pobre Blair aqui, e nós vamos ter nos certificar que ele

ficou bem isolado. Eu acho que seu próximo estágio será um violento desejo de matá-lo, matar os cachorros e provavelmente a todos nós. Quando ele acordar, ele vai estar convencido de que somos todos inumanos, e nada no mundo vai mudar sua convicção. Seria mais gentil deixá-lo morrer, mas nós não podemos fazer isso, é claro. Ele está indo para um barracão, e você pode ficar na Casa Cosmos com seus aparelhos de raios cósmicos. Que é o que você faria de qualquer forma. Eu tenho que cuidar de uma dupla de cães.”

Connant concordou com amargura. “Eu sou humano. Apresse esse teste. Seus olhares – Deus, eu gostaria que vocês pudessem ver seus olhares me encarando...”

O comandante Garry observou ansiosamente quando Clark, o cuidador dos cães, segurou o grande husky marrom do Alasca, enquanto Copper começava o tratamento com injeção de sangue. O cão não estava com vontade de cooperar; a injeção foi dolorosa, e ele já tinha experimentado considerável trabalho de agulhas nessa manhã. Cinco pontos mantinham fechado um rasgo que corria por seu ombro, através das costelas metade do caminho para baixo do corpo. Um longo canino estava quebrado; a parte faltante foi encontrada enterrada no ombro da coisa monstruosa na mesa do prédio administrativo.

“Quanto tempo isso vai levar?” Garry perguntou, pressionando seu braço gentilmente. Ele estava dolorido devido a picada da agulha que o Dr. Copper usou para retirar o sangue.

Copper encolheu os ombros. “Eu não sei, para ser franco. Eu conheço o método comum, que usei com coelhos. Mas eu nunca experimentei com cães. Eles são maiores, e mais desajeitados para trabalhar; naturalmente coelhos são preferíveis, e servem normalmente. Em lugares civilizados você pode comprar um estoque de coelhos imunes ao sangue humano de fornecedores, e poucos pesquisadores se dão ao trabalho de preparar os seus próprios.”

“O que eles fazem com isso por lá?” Clark perguntou.

“Criminologia é um campo que usa amplamente essa técnica. ‘A’ diz que não matou ‘B’, mas que o sangue de sua camisa veio de uma galinha. O Estado faz um teste, então cabe a ‘A’ explicar que o sangue não reagiu com o plasma de coelhos humano-imunes, mas sim com o de frango-imunes.”

“O que nós vamos fazer com Blair nesse meio tempo?” Garry perguntou cansado. “Está tudo bem deixarmos que ele durma aqui onde está por um tempo, mas quando ele acordar...”

“Barclay e Benning estão instalando alguns parafusos na porta da Casa Cosmos,” Copper respondeu severamente. “Connant está agindo como um cavalheiro. Eu acho que talvez a maneira como os outros homens olham para ele faz com que ele prefira a privacidade. Deus sabe como todos nós já rezamos por um pouco de privacidade.”

Clark riu amargamente. “Não mais, obrigado. Agora, quanto mais, melhor.” [9]

“Blair,” Copper prosseguiu, “também terá que ter privacidade – e trancas. Ele vai ter um plano bem definido em mente quando acordar. Nunca ouviu a velha história de como parar uma epidemia de febre aftosa em um rebanho?”

“Se não houver qualquer infectado com febre aftosa, não existirá mais a doença febre aftosa,” Copper explicou. “Você se livra dela matando cada animal que exibir sintomas, e todo animal próximo ao animal doente. Blair é um biólogo, e sabe essa história. Ele teme que a Coisa esteja solta. A resposta é provavelmente bem clara em sua mente agora. Matar tudo e todos nesse acampamento antes que uma gaiivota ou um albatroz errante aproxime-se com a primavera e – pegue a doença.” [10]

Os lábios de Clark curvaram-se em um sorriso torcido. “Parece lógico para mim. Se as coisas ficarem muito ruins – talvez seja melhor soltarmos Blair. Ele poderia nos salvar de cometermos suicídio. “Nós podemos também fazer um voto de que se as coisas ficarem ruins, nós garantiremos que isso não aconteça.”

Copper riu suavemente. “O último homem vivo no Grande Magneto – poderia não ser um homem,” ele apontou. “Alguém tem que matar essas – criaturas que não desejam matar a si mesmas, como vocês sabem. Nós não temos termite suficiente para fazer tudo de uma vez, e os explosivos decanite não

ajudarão muito. Eu imagino que mesmo pequenos pedaços de um desses seres serão auto-suficientes.”

“Se,” disse Garry pensativamente, “eles podem modificar seu protoplasma á vontade, eles não poderiam modificar-se em pássaros e voar daqui? Eles poderiam ler tudo sobre pássaros, e imitar sua estrutura sem nunca terem encontrado eles. Ou imitar, talvez, pássaros de seu planeta natal.”

Copper balançou sua cabeça, e ajudou Clark a soltar o cachorro. “Homens estudam pássaros por séculos, tentando aprender como construir uma máquina que os faça voar como eles. Ele nunca conseguiu o truque; seu sucesso final veio quando ele desistiu inteiramente e tentou novos métodos. Conhecer a ideia geral, e conhecer a estrutura detalhada de asas, ossos e tecidos nervosos são coisas muito, mas muito diferentes. E quanto a pássaros de outros mundos, talvez seja muito provável que as condições atmosféricas aqui sejam tão diferentes que seus pássaros não voariam aqui. Talvez, ainda, o ser veio de um planeta como Marte com uma atmosfera tão rarefeita que não pudesse haver pássaros lá.”

Barclay entrou no prédio, trazendo um pedaço do cabo de controle do avião. “Está terminado, Doc. A Casa Cosmo não pode ser aberta por dentro. Agora onde colocamos Blair?”

Copper olhou para Garry. “Não temos nenhum prédio de biologia. Eu não sei onde podemos isolá-lo.”

“E quanto ao depósito leste?” Garry disse depois de um momento pensativo. “Blair será capaz de cuidar de si mesmo – ou precisaria de atenção?”

“Ele será capaz o suficiente. Nós seremos aqueles que devemos observar.” Copper assegurou-lhe severamente. “Pegue um fogareiro, um par de sacos de carvão, suprimentos necessários e algumas ferramentas para consertá-lo. Ninguém esteve lá desde o último outono, não é?”

Garry sacudiu sua cabeça. “Se ele ficar barulhento – eu acho que isso seria uma boa ideia.”

Barclay ergueu as ferramentas que ele estava carregando e olhou para Garry. “Se o resmungo que ele está fazendo agora significar algo, ele vai cantar bastante pelas próximas horas. E nós não gostaremos de sua música.”

“O que ele está dizendo?” Copper perguntou.

Barclay balançou a cabeça. “Eu não me importaria em escutar muita coisa. Você pode ouvir se quiser. Mas pelo que eu percebi o maldito idiota teve todos os sonhos que McReady teve, a alguns mais.

Ele dormia ao lado da coisa quando nós paramos na trilha vindo do acampamento Secundário Magnético, eu me recordo. Ele sonhou que a coisa estava viva, e sonhou mais alguns detalhes. E – maldito seja – sabia que não era simplesmente um sonho, ou achava isso. Ele sabia que a coisa tinha poderes telepáticos que estavam agitando-se vagamente, e que a coisa podia não somente ler mentes, mas projetar pensamentos. Como vocês podem ver, isso não eram sonhos. Eles eram pensamentos dispersos que a coisa estava transmitindo, na forma como Blair está transmitindo seus pensamentos agora – uma espécie de resmungo telepático em seu sono. É por isso que ele sabia tanto sobre seus poderes. “Eu acho que você e eu, Doc, não éramos tão sensíveis – se você quiser acreditar em telepatia.”

“Eu tenho que,” Copper suspirou. “Dr. Rhine da Universidade de Duke mostrou que isso existe, mostrou que alguns são mais sensíveis que outros.” [\[11\]](#)

“Bem, se você quiser mais detalhes, vá escutar a transmissão de Blair. Ele já conduziu a maioria dos garotos para fora do Prédio da Administração; Kinner está mexendo em painelas como carvão descendo por uma calha, e quando não está fazendo barulho com as painelas, remexe as cinzas.”

“A propósito, comandante, o que vamos fazer na primavera deste ano, agora que os planos estão arruinados?”

Garry suspirou. “Eu tem que nossa expedição será uma perda total. Nós não podemos dividir nossa força agora.”

“Não será uma perda total – se nós continuarmos vivos, e escaparmos disso,” Copper prometeu a ele. “A descoberta que fizemos, se conseguirmos controlar a situação, é importante o suficiente. Os dados de raios cósmicos, o trabalho magnético e atmosférico não serão muito prejudicados.”

Garry riu sem alegria. “Eu estava apenas pensando nas transmissões de rádio. Contando para meio mundo sobre os maravilhosos resultados dos nossos voos exploratórios, tentando enganar homens como Byrd e Ellsworth lá em casa que nós estamos fazendo algo.”

Copper assentiu gravemente. “Eles vão desconfiar que algo está errado. Mas homens como eles tem juízo o suficiente para saber que nós não iríamos tentar enganá-los sem alguma boa razão, e vão esperar por nosso retorno para nos julgar. Eu acho que chegamos a isso: homens que sabem o bastante para reconhecer nossa fraude vão esperar nosso retorno. Homens que não possuem poder de apreciação e fé suficiente para esperar não vão ser experientes o suficiente para detectar qualquer fraude. Nós conhecemos bem as condições aqui para por em prática um bom blefe.”

“Então eles não enviarão expedições de ‘resgate’.” Garry esperava. “Quando – se – nós estivermos prontos para retornar, nós vamos enviar um recado para o Capitão Forsythe para trazer um estoque de magnetos com ele quando descer. Mas – isso não importa.”

“O que quer dizer com se nós não sairmos?” perguntou Barclay. “Eu estava imaginando se uma bela erupção ou terremoto via radio – amplificadas com banana de decanite no microfone – poderiam ajudar. Nada, é claro, poderá manter as pessoas totalmente afastadas. Uma dessas histórias melodramáticas de ‘último-homem-vivo’ podem fazê-los vir para cá rápido.”

Garry sorriu com humor genuíno. “estão todos no acampamento tentando imaginar isso também?”

Copper riu. “O que você acha, Garry? Nós estamos confiantes que podemos ganhar. Mas não será fácil, eu acho.”

Clark sorriu acima do cão que ele estava acariciando e tentando acalmar. “Confiantes, você diz, Doc?”

CAPÍTULO VIII

Blair movia-se inquieto em torno do pequeno depósito. Seus olhos agitavam-se e tremiam em olhares vagos e fugazes para os quatro homens com ele; Barclay com 1,82m e pesando mais de 86 Kg; McReady, um gigante de bronze em forma de homem; Dr. Copper, baixo e atarracado; e Benning, 1,77m de força resistente.

Blair estava aninhado contra a parede distante do Depósito Leste, seu equipamento empilhado no meio do chão ao lado do aquecedor, formando uma ilha entre ele e os quatro homens. Suas mãos ossudas estavam apertadas e trêmulas, demonstrando pavor. Seus olhos pálidos vacilavam inquietos enquanto sua cabeça careca e sardenta movia-se para frente e para trás ritmadamente.

“Eu não... quero ninguém vindo aqui. Eu vou cozinhar minha própria comida,” ele disparou nervosamente. “Kinner pode ser humano agora, mas eu não acredito nisso. Eu vou sair daqui, mas não quero comer nenhuma comida que vocês me enviarem. Eu comerei enlatados. Latas seladas.”

“O.K. Blair, nós traremos as latas esta noite,” Barclay prometeu. “Você tem carvão, e o fogo acesso. Nós vamos fazer uma lista” – Barclay avançou um pouco.

Blair correu imediatamente para o canto mais distante. “Não se aproxime! Fique longe de mim, seu monstro!” O pequeno biólogo guinchou, enquanto tentava abrir caminho através da parede do depósito. “Fique longe de mim – fique longe – Eu não serei absorvido – Eu não serei –”

Barclay relaxou e moveu-se para trás. Dr. Copper balançou a cabeça. “Deixo-o sozinho, Bar. Será mais fácil se ele cuidar disso sozinho. “Nós teremos que arrumar essa porta, eu acho...”

Os quatro homens saíram do depósito. Eficientemente, Benning e Barclay iniciaram o trabalho. Não havia fechaduras na Antártida; Não havia privacidade suficiente para fazê-las necessárias. Mas parafusos poderosos foram instalados em cada lado do batente da porta, e o cabo de controle reserva do avião, um cabe aço trançado imensamente forte, foi preso entre eles, e esticado. Barclay trabalhou com uma broca e um serrote de ponta. Ele tinha feito uma abertura na porta por onde poderiam ser passadas mercadorias sem liberar a porta. Três dobradiças poderosas de uma caixa de equipamentos, dois fechos e um par de contra pinos de 6cm a fazia a porta à prova de abertura pelo outro lado.

Blair movia-se incansavelmente no depósito. Ele estava arrastando algo sobre a porta com a respiração ofegante enquanto resmungava pragas frenéticas. Barclay abriu a escotilha e olhou para dentro, com Dr. Copper espiando sobre seu ombro. Blair tinha movido o pesado beliche contra a porta. Ela não poderia ser aberta sem sua colaboração agora.

“Não sei contra o quê o pobre homem está lutando,” McReady suspirou. “Se ele soltar-se, sua intenção declarada será matar cada um de nós o mais rápido possível, que é algo com o que não concordo. Mas nós temos algo do nosso lado da porta que é pior que um maníaco homicida. Se um dos outros se soltar, eu acho deveremos vir aqui para desfazer essas amarrações.”

Barclay sorriu. “Você me avise, e eu mostrarei como soltá-las rapidamente. Vamos voltar.”

O sol estava pintando o horizonte do norte com um arco-íris multicolorido, apesar de já estar duas horas abaixo do horizonte. O campo de neve varrida pelo vento seguia até horizonte norte, brilhando sob cores de um milhão de glórias refletidas. Baixos montes brancos arredondados no horizonte norte mostravam o Grande Magneto como apenas um pouco acima da neve varrida pelo vento. Pequenos redemoinhos carregados de neve erguiam-se em direção do acampamento principal a três quilômetros de distância. O dedo de aranha do radiador do transmissor de rádio erguia-se como uma agulha negra contra o branco do continente antártico. A neve sobre seu céu era dura e fina, como areia.

“A primavera” disse Benning amargamente, “está vindo. Nós não vamos nos divertir! Eu estou ficando ansioso para cair fora desse maldito buraco no gelo.”

“Eu não tentaria isso agora, se fosse você.” Barclay grunhiu. “Caras que tentarem saírem daqui nos próximos dias vão ficar extremamente impopulares.”

“Como seu cão está indo, Dr. Copper?” McReady perguntou. “Algum resultado?”

“Em 30 horas? Eu gostaria que houvesse. Eu dei a ele uma injeção do meu sangue hoje. Mas eu imagino que precisaremos de outros cinco dias. Eu não tenho segurança para parar mais cedo.”

“Eu estive imaginando – se Connant estiver – mudado, ele teria nos avisado logo depois da coisa ter escapado? Por que ele não esperaria o suficiente para a coisa ter uma chance de terminar? A não ser que ele tenha acordado naturalmente?” McReady perguntou lentamente.

“A coisa é egoísta. Você não acha que ela seria dotada de uma ética elevada, acha?” Dr. Copper apontou. “Cada parte dela é um todo, e toda parte age por si mesma, eu acho. Se Connant estiver mudado, para salvar sua pele, ele teria que fazer isso – mas os sentimentos de Connant não mudaram; eles foram imitados perfeitamente, como os seus próprios sentimentos. Naturalmente, a cópia, imitando perfeitamente os sentimentos de Connant, poderia fazer exatamente o mesmo que Connant faria.”

Copper sacudiu sua cabeça de forma cansada. “Não se ela lê mentes. Você não pode armar essa armadilha para ela. Van sugeriu isso na última noite. Ele esperava que a coisa pudesse responder algumas das questões de físicas que ele gostaria de saber a resposta.”

“Esta ideia de grupos-de-quatro vai tornar a vida feliz.” Benning olhou para seus companheiros. “Cada um de nós com um olho nos outros para ter certeza de que ninguém faz algo – peculiar. Cara, nós vamos ser uma turma desconfiada! Cada um olhando para seu vizinho com uma enorme exibição de fé e confiança – Eu estou começando a entender o que Connant quis dizer com ‘Eu gostaria de vocês pudessem ver seus olhares.’ Todos nós agora estamos assim, eu acredito. Cada um de vocês olha com uma espécie de olhar ‘Será-que-os-outros-três’. Aliás, eu não sou uma exceção.”

“Tanto quanto nós sabemos, a coisa está morta, com uma dúvida a respeito de Connant. Nenhum outro é suspeito,” McReady começou lentamente. “A regra ‘sempre-quatro’ é meramente uma medida de precaução.”

“Eu estou esperando por Garry para fazer quatro-em-um-beliche,” Barclay suspirou. “Eu pensava que não existia privacidade antes, mas desde essa ordem..”

Ninguém observava mais intensamente que Connant. Um pequeno tubo de ensaio de vidro esterilizado, meio cheio com o líquido cor de palha. Uma, duas, três, quatro, cinco gotas da solução clara que Dr. Copper preparou com as gotas de sangue do braço de Connant. O tubo foi sacudido cuidadosamente, então colocado em um tubo de proveta com água clara, e morna. O termômetro lia o calor do sangue, um pequeno termostato clicava ruidosamente, e a placa elétrica começou a brilhar quando as luzes tremeram levemente.

Então – pequenos flocos brancos estavam se formando, caindo como neve pelo claro fluído de cor clara. “Deus,” disse Connant enquanto caía pesadamente em um beliche, chorando como um bebê. “Seis dias –” Connant soluçou, “seis dias ali – imaginando se o maldito teste poderia mentir...”

Garry moveu-se silenciosamente, e passou o braço pelo ombro do físico.

“Isso não poderia errar,” Dr. Copper disse, “O cão é humano-imune – e o soro reagiu.”

“Ele – está bem?” Norris engasgou. “Então – a coisa está morta – morta para sempre?”

“Ele é humano,” Copper falou definitivamente, “e a coisa está morta.”

Kinner explodiu em uma gargalhada, rindo histericamente: McReady voltou-se para ele e o esbofeteou uma, duas vezes, de forma metódica. O cozinheiro riu, engasgou, chorou por um momento e então sentou esfregando as bochechas, murmurando agradecimentos vagos. “Eu estava assustado. Deus, eu estava assustado...”

Norris riu amargamente. “Você acha que nós não estávamos também, seu símio? Você acha que Connant também não estava?”

O prédio da administração agitou-se com um súbito rejuvenescimento. Vozes riram, homens aglomeraram-se em torno de Connant falando com vozes desnecessariamente altas, jocosas, nervosas, aliviadas e amigáveis novamente. Alguém gritou uma sugestão, e uma dúzia de homens correu para seus

esquis. Blair. Blair poderá se recuperar – Dr. Copper mexia com seu tubo de ensaio com um alívio nervoso, observando a solução. A equipe de liberação de Blair partiu pela porta, com os esquis batendo ruidosamente. Pelo corredor, os cães iniciaram a uivar quando o ar de excitação os atingiu.

Dr. Copper mexia com seus tubos. McReady percebeu ele primeiro, sentando no canto de um beliche, com dois tubos de ensaio com líquido claro com precipitado branco no fundo, sua face mais branca que a coisa nos tubos, com lágrimas silenciosas caindo de olhos arregalados com o horror.

McReady sentiu como se uma faca de medo cortante atravessasse seu coração e congelasse sua respiração. Dr. Copper olhou para cima.

“Garry,” ele chamou roucamente. “Garry, pelo amor de Deus, venha aqui.”

O comandante Garry caminhou em direção a ele rapidamente. O silêncio abateu-se no prédio da administração. Connant olhou para cima, endireitando-se em seu lugar.

“Garry – o tecido do monstro também formou o precipitado. Isso não prova nada. Nada além de que o cão é monstro-imune também. Que um dos dois doadores de sangue – um de nós dois – você e eu Garry – um de nós é um monstro.”

CAPÍTULO IX

Bar, chame aqueles homens antes que eles contem para Blair.” McReady disse baixo. Blair saiu pela porta; gritos abafados retornaram para a sala com os homens tensamente silenciosos. Então ele voltou.

“Eles estão voltando,” ele disse. “eu não disse o motivo. Apenas que o Dr. Copper disse para não irem.”

“McReady,” Garry suspirou, “você esta no comando agora. Que Deus ajude você. Eu não posso...”

O gigante de bronze acenou lentamente, seus olhos profundos no Comandante Garry.

“Eu posso ser a coisa,” Garry adicionou. “Eu sei que não sou, mas eu não posso provar isso para você de qualquer forma. O teste do Dr. Copper está arruinado. O resultado que ele mostrou é inútil, e mostrou-se na verdade uma vantagem para o monstro, pois sendo a inutilidade desconhecida, poderia provar que ele era humano.”

Copper balançou para trás e para frente lentamente no beliche. “Eu sei que sou humano. Eu não posso provar também. Um de nós dois é um mentiroso, porque o teste não pode mentir, e ele diz que um de nós é. Eu dei provas de que o teste estava errado, o que parece provar que eu sou humano, e agora Garry usou um argumento que prova que eu sou humano – que, como um monstro, ele não deveria usar. Voltas, voltas e mais voltas...”

A cabeça de Dr. Copper, e então seu pescoço e ombros acompanharam suas palavras, girando. Subitamente ele deitou-se no beliche, gargalhando. “A coisa não tem que provar que um de nós é um monstro! Isso não tem que provar nada! Ha-ha!. Se todos nós formos monstros, funcionaria da mesma forma! Nós todos somos monstros – todos nós – Connant, Garry, eu – e todos vocês.”

“McReady,” Van Wall, o piloto chefe de barba loira, chamou suavemente. “Você estava a caminho de um tornar-se doutor em medicina antes da meteorologia, não estava? Você não poderia criar algum tipo de teste?”

McReady foi em direção ao Dr. Copper lentamente, pegou a seringa hipodérmica de sua mão e lavou a agulha cuidadosamente em álcool 95%. Garry sentou no canto do beliche com o rosto petrificado, olhando Copper e McReady sem expressão. “O que Copper disse é possível,” McReady suspirou. “Van, você pode ajudar aqui? Obrigado.” A agulha foi cravada em cheio na coxa do Dr. Copper. O riso do homem não parou, mas lentamente desapareceu em soluços, então o sono da morfina o dominou.

McReady voltou-se novamente. Os homens que tinham ido em direção a Blair permaneceram no lado afastado da sala, com os esquis pingando neve, seus rostos branco como seus esquis. Connant tinha acendido um cigarro em cada mão; um ele estava fumando ausentemente, enquanto encarava o chão. O calor do outro em sua mão esquerda o atraiu e ele o encarou de forma estúpida por um momento. Ele deixou cair um e o esmagou com a sola do sapato lentamente.

“O Dr. Copper,” McReady repetiu, “deve estar certo. Eu sei que sou humano – mas é claro que não posso provar isso. Eu vou repetir o teste para minha própria informação. Qualquer um de vocês que desejar pode fazer o mesmo.”

Dois minutos mais tarde, McReady segurava um tubo de ensaio com precipitado branco assentando lentamente a partir do soro de cor de palha. “Isso reage com o sangue humano também, então os dois não devem ser monstros ao mesmo tempo.”

“Eu não acho que eles sejam,” Van Wall suspirou. “Isso não serviria para o monstro também; nós poderíamos ter destruído ele se nós soubéssemos. Por que o monstro não nos destruiu, você consegue imaginar? Isso não parece fazer sentido.”

McReady bufou. Então sorriu suavemente. “Elementar, meu caro Watson. O monstro quer ter formas de vida disponíveis. Ele não pode absorver um corpo morto, aparentemente. Ele está apenas esperando – esperando até as melhores oportunidades surgirem. Nós que permanecemos humanos, estamos esperando na reserva.”

Kinner estremeceu violentamente. “Hei. Hei, Mac. Mac, eu saberia se eu fosse um monstro? Eu poderia saber se o monstro já me pegou? Oh Deus, eu posso já ser um monstro.”

“Você saberia,” McReady respondeu.

“Mas nós não saberíamos,” Norris soltou uma gargalhada curta, meio histérica.

McReady olhou para o tubo com o soro restante. “Isso é algo em que essa coisa é boa, afinal,” ele disse pensativamente. “Clark, você e Van podem me ajudar?”

“Quanto ao resto do pessoal, é melhor ficarem juntos aqui. Fiquem de olho um no outro,” ele disse amargamente. “Não façam nenhuma travessura, combinado?”

McReady começou a ir pelo túnel em direção à Dog Town, com Clark e Van Wall atrás dele. “Você precisa de mais soro?” Clark perguntou.

McReady balançou a cabeça. “Testes. Temos quatro vacas e um touro, e aproximadamente setenta cães aqui. Essa coisa reage apenas à sangue humano – e de monstros.”

McReady voltou para o prédio da administração, e foi silenciosamente para a pia. Clark e Van Wall uniram-se a ele um momento depois. Os lábios de Clark desenvolveram um tique nervoso, erguendo-se subitamente, como uma zombaria inesperada.

“O que vocês vão fazer?” Connant explodiu subitamente. “Mais imunização?”

Clark zombou, e parou com um soluço. “Imunização. Ha! Certo, imunização.”

“Esse monstro,” disse Van Wall firmemente, “é bastante lógico. Nossos cães imunes estão muito bem, e nós podemos tirar um pouco mais de soro para os testes. Mas não vamos fazer mais soro.”

“Você não vê – não percebe que não pode usar sangue humano ou outro cão...” Norris começou.

“Não há mais,” disse McReady suavemente, “qualquer cão, ou gado, eu diria.”

“Não há mais cães?” Benning sentou lentamente.

“Eles são muito desagradáveis quando começam a mudar,” Van Wall disse precisamente. “Mas lentos. Aquele ferro de eletrocutar que você fez, Barclay, é bem rápido. Há apenas um cão de sobra – nosso imune. O monstro que o deixou para nós, para que pudéssemos fazer o nosso pequeno teste. O resto –” Ele encolheu os ombros e enxugou as mãos.

“O gado...”, Kinner engasgou.

“Também. Reagem muito bem. Eles ficam engraçados como o diabo quando começam a derreter. Os animais não teriam qualquer possibilidade de fuga, se estivessem amarrados em correntes de cachorros, ou cabrestos, e a coisa os teria para imitar.”

Kinner levantou lentamente, seus olhos dispararam pela sala, e pararam tremendo horrivelmente em um balde de lata na cozinha. Lentamente, passo a passo, ele recuou para a porta, sua boca abrindo e fechando silenciosamente, como um peixe fora d’água.

“O leite –” ele engasgou. “Eu as ordenhei uma hora atrás –” sua voz terminou em um grito quando ele mergulhou para a porta. Ele tinha saído para a neve sem roupas pesadas ou a prova de vento.

Van Wall olhou para ele por um momento pensativo. “Ele provavelmente é um homem desesperado,” ele disse, “mas ele pode ser um monstro fugindo. Ele não tem esquis. Leve um maçarico, em todo caso.”

O movimento físico da perseguição os ajudou; era algo que precisavam fazer. Três dos outros homens estavam ficando silenciosamente enjoados. Norris estava deitado de costas, com o rosto esverdeado, olhando fixamente para a parte inferior do beliche acima dele.

“Mac, há quanto tempo as vacas podem ser não-vacas?”

McReady encolheu os ombros sem esperança. Ele foi para o balde de leite, e com seu pequeno tubo de soro começou a trabalhar. O leite estava coalhado, dificultando o teste. Por fim, ele deixou cair o tubo de ensaio e sacudiu sua cabeça. “Ele testa negativamente. O que quer dizer que elas são vacas mesmo, ou então, sendo imitações perfeitas, elas dão leite perfeitamente bom.”

Copper agitou-se inquieto em seu sono e atravessou um gorgolejo entre um ronco e uma risada.

Olhos silenciosos foram até ele. “Será que morfina, em um monstro...” alguém começou a perguntar.

“Só Deus sabe,” McReady encolheu os ombros. “Isso afeta qualquer animal terreno que posso imaginar.”

Connant subitamente ergueu a cabeça. “Mac! Os cães devem ter engolido pedaços do monstro, e os pedaços os destruíram! Os cães estavam onde o monstro estava. Eu estava trancando. Isso não prova...”

Van Wall sacudiu sua cabeça. “Sinto muito. Não prova nada sobre o que você é, apenas prova o que você não fez.”

“Ela não fez isso,” McReady suspirou. “Nós estamos desamparados. Porque não sabemos o suficiente, e estamos tão nervosos que não conseguimos pensar direito. Presos! Já viram um glóbulo branco do sangue atravessar a parede de um vaso sanguíneo? Não? Ele enfia um pseudópode, e lá está – do outro lado da parede.”

“Ah,” disse Van Wall infeliz. “O gado tentou derreter, não tentou? Eles poderiam ter derretido tornando-se apenas um fio de material e vazado sobre a porta para se reorganizar do outro lado. Cordas – não – não, isso não serviria. Elas não viveriam em um tanque selado ou...”

“Se,” disse McReady, “você disparar no coração e a coisa não morrer, é um monstro. Essa é a melhor forma que eu posso imaginar, de improviso.”

“Sem cães,” disse Garry em voz baixa, “e sem gado. Ela terá que imitar homens agora. E nos trancar não está fazendo nenhum bem. Seu teste pode ter funcionado, Mac, mas eu temo que será difícil com homens.”

CAPÍTULO X

Clark olhou para para cima do aquecedor da cozinha quando Van Wall, Barclay, McReady e Benning aproximaram-se, batendo as roupas impregnadas de neve carregada pelo vento. Os outros homens amontoados no prédio da administração continuaram cuidadosamente a fazer o que estavam fazendo antes, jogando xadrez, pôquer e lendo. Ralsen estava consertando uma tábua da mesa; Van e Norris estavam concentrados nos dados magnéticos, enquanto Harvey lia tabelas em uma voz baixa.

Dr. Copper roncou suavemente no beliche. Garry estava trabalhando com Dutton sobre um calhamaço de mensagens de rádio que estava no canto do beliche de Dutton e uma pequena fração na mesa do rádio. Connant estava usando a maior parte da mesa com relatórios de Raios Cósmicos.

Através do corredor eles podiam ouvir muito bem a voz de Kinner. Clark bateu uma chaleira no fogão e acenou para McReady silenciosamente. O meteorologista foi até ele.

“Eu não me importo de cozinhar tanto assim,” Clark disse nervosamente, “mas não há alguma maneira de parar esse passarinho? Nós todos concordamos que seria melhor movê-lo para a Casa Cosmos.”

“Kinner?” McReady acenou em direção à porta. “Eu temo que não. Eu posso dopá-lo, eu suponho, mas nós não temos um estoque ilimitado de morfina, e ele não está correndo perigo de enlouquecer. Apenas está histérico.”

“Bem, nós todos estamos correndo o perigo de enlouquecer. Você esteve fora por uma hora e meia. Isso vem acontecendo constantemente desde então, e já estamos indo para duas horas disso. Há um limite, você sabe.”

Garry aproximou-se lentamente, desculpando-se. Por um instante, McReady pegou viu uma centelha de medo feral – horror – nos olhos de Clark, e sabia que no mesmo instante a centelha de medo estava nos seus olhos também. Garry ou Copper, um deles certamente seria um monstro.

“Se você pudesse parar com isso, eu acho que seria uma boa política, Mac,” Garry falou em voz baixa. “Há tensão suficiente nesta sala. Nós concordamos que seria mais seguro para Kinner lá, porque todo mundo no acampamento ficaria constantemente de olho.” Garry estremeceu levemente. “E tentaríamos, em nome de Deus, encontrar algum teste que funcione.”

McReady suspirou. “Observados ou não observados, todos estão tensos. Blair está preso em uma gaiola, que ele não abrirá agora. Diz que tem comida o suficiente, e fica gritando ‘Vão embora, vão embora.’ Então – nós fomos embora.”

“Não existe outro teste?” Garry perguntou.

McReady encolheu os ombros. “Copper estava perfeitamente certo. O teste do soro poderia ter sido absolutamente definitivo se não tivesse sido contaminado. Mas aquele é o único cão que restou, e ele esta pronto agora.”

“Química? Testes químicos?”

McReady balançou a cabeça. “Nossa química não é tão boa. Eu tentei o microscópio, como você sabe.”

Garry acenou afirmativamente. “O cão-monstro e o cão verdadeiro são idênticos. Mas – você tem que prosseguir. O que nós vamos fazer após o jantar?”

Van Wall juntou-se a eles silenciosamente. “Revezamento para dormir. Metade dorme; metade fica acordada. Eu imagino quantos de nós somos monstros? Todos os cães eram. Nós pensamos que estávamos seguros, mas de alguma forma a coisa pegou Copper – ou você.” Os olhos de Van Wall brilharam inquietos. “A coisa pode ter pegado cada um de vocês – todos vocês, e eu mesmo, podemos estar imaginando isso, observando. Não, isso não é possível. Vocês estariam apenas esperando a primavera. Não teremos esperanças. Nós humanos podemos ser a maioria agora. Mas –” ele parou.

McReady riu. “Você está fazendo o mesmo que Norris que estava queixando-se para mim. Que estamos apenas esperando. Mas se alguém mais mudou – isso poderia deslocar o balanço de poder. Isso

não luta. Eu não acho que ela lutaria. Ela deve ser uma coisa pacífica, da sua maneira inimitável. Isso nunca teria de lutar, porque sempre atingiria seu objetivo – de outra forma.”

A boca de Van Wall torceu-se em um sorriso doentio. “Você está sugerindo então, que talvez a coisa já seja maioria, mas que está apenas esperando – todos esperando, todos vocês, pelo que eu sei – até que eu, o último humano, caia no sono. Mac, você percebeu seus olhos, que todos estão olhando para nós?”

Garry suspirou. “Vocês não estiveram aqui sentados por quatro horas seguidas, enquanto todos olhos silenciosamente pesavam a informação de que um de nós, Copper ou eu, seria certamente um monstro – talvez nós dois.”

Clark repetiu seu pedido. “Você vai parar esse matracar? Ele está me deixando louco. Faça-o diminuir o volume, pelo menos.”

“Ainda rezando?” McReady perguntou.

“Ainda rezando,” Clark gemeu. “Ele não parou nem um segundo. Eu não me importo se a oração o alivia, mas ele grita, ele canta salmos e hinos e berra orações. Ele acha que Deus não pode ouvir ele bem aqui em baixo.”

“Talvez Ele não possa,” Barclay resmungou. “Ou Ele tenha feito algo sobre essa coisa saída do inferno.”

“Alguém vai tentar o teste que você mencionou, se você não pará-lo,” Clark disse severamente. “Eu acho que um cutelo na cabeça poderia ser um teste tão eficiente quanto uma bala no coração.”

“Vá em frente com a comida. Eu vou ver o que posso fazer. Pode haver algo nos armários.” McReady moveu-se cansado para o canto que Copper usava como despensa. Três armários altos de tábuas ásperas, dois trancados, eram onde se armazenava os suprimentos médicos do acampamento. Doze anos atrás McReady formou-se, começou sua residência, e então se desviou para a meteorologia. Copper era um homem decidido, um homem que conhecia bem sua profissão, minuciosamente e modernamente. Mais da metade das drogas disponíveis eram totalmente desconhecidas para McReady; muitas das outras ele tinha esquecido. Não havia grandes bibliotecas médicas aqui, nem revistas especializadas disponíveis para recordar coisas que ele tinha esquecido o elementar, coisas simples para Copper, coisas que não mereciam ser incluídas na pequena biblioteca com que ele forçosamente era obrigado a se contentar. Livros eram pesados, e cada grama de suprimentos havia sido transportada por via aérea.

McReady escolheu um barbitúrico esperançosamente. Barclay e Van foram com ele. Um homem nunca deveria ir a lugar algum sozinho no Grande Magneto.

Ralsen colocou seu trenó de lado, e os físicos saíram da mesa, o jogo de poker interrompido para quando voltassem. Clark estava servindo a comida. O tilintar dos talheres e sons abafados do jantar eram os únicos sons de vida na sala. Não houve palavras quando os três retornaram; simplesmente todos os olhos focaram neles interrogativamente, enquanto suas mandíbulas moviam-se metodicamente.

McReady enrijeceu-se subitamente. Kinner estava guinchando um hino em uma voz rouca e rachada. Ele parecia cansado para Van Wall que com um sorriso irônico sacudiu a cabeça. “Ah-hã.”

Van Wall praguejou amargamente, e sentou-se à mesa. “Nós vamos ter que aguentar isso até sua voz acabar. Ele não pode gritar assim para sempre.”

“Ele tem uma garganta de latão e uma laringe de ferro fundido,” Norris declarou selvagemmente. “Então nós podemos esperar que isso indique que deva ser um dos nossos amigos. Nesse caso ele poderia continuar renovando sua garganta até o dia do juízo final.”

O silêncio fechou o cerco. Por vinte minutos eles ficaram sem palavras. Então Connant pulou com violência furiosa. “Vocês ficam parados como um bando de esculturas. Vocês não dizem uma palavra, mas Deus do Céu, que olhos expressivos vocês têm. Eles rolam por toda parte como um monte de bolinhas de gude rolando por uma mesa. Eles piscam, piscam e encaram – e sussurram coisas. Vocês podem olhar para outro lugar só para variar, por favor?”

“Escute, Mac, você está no comando aqui. Vamos ver filmes pelo resto da noite. Nós estamos

guardando esses rolos de filme para depois. Depois do que? Quem verá esses últimos rolos, hein? Vamos vê-los enquanto podemos, e olharemos para algo mais que um para o outro.” [12]

“Boa ideia, Connant. Eu, por sinal, estou muito disposto a mudar isso da forma que eu puder.”

“Aumente bastante o som, Dutton. Talvez você possa abafar esses hinos,” Clark sugeriu.

“Mas não – ” Norris disse suavemente, “não apague todas as luzes.”

“As luzes serão desligadas.” McReady sacudiu a cabeça. “Nós vamos exibir os desenhos animados que temos. Você não se importa de ver desenhos antigos, não é?”

“Bom, bom – uma exibição de filmes tolos. Eu simplesmente não estou no clima.” McReady voltou-se para olhar para quem tinha dito isso, um magrelo da Nova Inglaterra, com o nome de Caldwell. Caldwell estava enchendo o cachimbo devagar, e com um olhar azedo inclinava-se na direção de McReady. [13]

O gigante de bronze sentiu-se forçado a rir. “Ok, Bart, você venceu. Talvez nós não estejamos no clima para Popeye e trapalhadas de patos, mas é alguma coisa.”

“Vamos jogar Classificações,” Caldwell sugeriu em voz baixa. “Ou talvez vocês chamem o jogo de Guggenheim. Você desenha linhas em um pedaço de papel, e coloca classes de coisas – como animais, certo? Um para ‘H’ e um para ‘D’ e assim por diante. Como ‘Humano’ e ‘Desconhecido’ por exemplo. Eu acho que seria um jogo muito melhor. Classificação, eu acho que é o que precisamos agora mais do que filmes. Talvez alguém tenha um lápis que possamos usar para desenhar as linhas, ente os animais ‘D’ e os animais ‘H’ por exemplo. [14]

“McReady está tentando encontrar o lápis,” Van Wall respondeu baixo, “mas nós temos três tipos de animal aqui, certo? Um que começa com ‘M’. Nós não queremos mais nenhum.”

“Malucos, você quer dizer. Hã-hã. Clark, Eu vou ajudá-lo com essas painelas para que nós possamos começar o espetáculo.” Caldwell levantou lentamente.

Dutton, Barclay e Benning, no comando dos mecanismos de projeção e som, iniciaram o seu trabalho silenciosamente, enquanto o prédio da administração estava sendo arrumado e os pratos e painelas retirados. McReady foi em direção a Van Wall lentamente, e inclinou-se no beliche ao lado dele. “Eu estive pensando, Van,” ele disse com um sorriso irônico, “entre reportar ou não minhas ideias com antecedência. Eu esqueci que os animais ‘D’ como Caldwell os nomeou, podem ler mentes. Eu tenho uma vaga ideia de algo que possa funcionar, que é vaga demais para nos incomodar. Vá em frente com seu show, enquanto eu tenho encontrar a lógica da coisa. Eu vou pegar esse beliche.”

Van Wall olhou para cima, e balançou a cabeça afirmativamente. A tela de cinema estaria praticamente sobre seu beliche, por ali as imagens ficarem melhores, se não pelo menos inteligíveis. “Talvez você devesse nos dizer o que tem em mente. Assim como está, somente os ‘Desconhecidos’ poderiam saber o seu plano. Você pode tornar-se – ‘Desconhecido’ antes de concluir a operação.

“Não vai demorar muito, se eu conseguir resolver isso direito. Mas eu não quero mais dessa coisa de teste-de-cachorro-monstros. É melhor nós mudarmos Copper para o seu beliche diretamente acima de mim. Ele não vai assistir aos filmes mesmo.” McReady acenou em direção ao Dr. Copper que estava gentilmente roncando no beliche. Garry os ajudou a erguerem e moverem o doutor.

McReady encostou-se contra o beliche e mergulhou num estado de concentração intensa, quase um transe, tentando calcular chances, operações, métodos. Ele mal estava ciente dos outros que estavam em silêncio, e da tela iluminada. As orações e hinos vagamente agitados de Kinner, com sua voz áspera, irritaram até que o projetor começou a reproduzir o som. As luzes se apagaram, mas as grandes áreas iluminadas da tela refletiam luz o suficiente para manter a visibilidade. A luz fazia os olhos dos homens faiscarem conforme se moviam incansavelmente. Kinner ainda rezava, gritando, sua voz um acompanhamento rouco ao som da máquina de projeção. Dutton aumentou o volume.

Enquanto a voz se arrastava, vagamente McReady começou a ficar ciente de que algo estava faltando. Deitado como ele estava, do outro lado do corredor estreito que levava a Casa Cosmos, a voz

de Kinner chegava a ele claramente, apesar do acompanhamento dos filmes. A forma como ela parou de repente o atingiu de forma abrupta.

“Dutton, corte o som,” McReady chamou enquanto levantava rapidamente. O filme piscou um momento, sem som e estranhamente fútil no súbito, profundo silêncio. O vento que se erguia na superfície acima borbulhava melancolicamente, como lágrimas de som descendo pela tubulação do aquecedor. “Kinner parou,” McReady disse suavemente.

“Graças a Deus quando começamos o som ele deve ter parado para ouvir,” Norris disse.

McReady levantou e foi em direção ao corredor. Barclay e Van Wall deixaram seus lugares no lado oposto da sala para segui-lo. As cintilações da projeção incharam e torceram as costas da roupa de Barclay enquanto ele cruzava o feixe ainda funcionando do projetor. Dutton ligou as luzes, e os filmes desapareceram.

Norris estava na porta, como McReady tinha pedido. Garry sentou suavemente no beliche próximo a porta, forçando Clark a abrir espaço para ele. A maioria dos outros ficaram exatamente onde estavam. Somente Connant caminhou lentamente para cima e para baixo na sala, em um ritmo constante e estável.

“Você pretende continuar fazendo isso, Connant?” Clark disparou, “Nós poderíamos ficar muito bem sem você, fosse você humano ou não. Você vai parar ou não com esse ritmo maldito?”

“Sinto muito.” O físico sentou em um beliche, e observou seus sapatos pensativamente. Passaram quase cinco minutos, cinco eras enquanto o vento fazia o único som, antes de McReady aparecer na porta.

“Nós,” ele anunciou, “ainda não tivemos dor suficiente por aqui. Alguém tentou nos ajudar. Kinner tem uma faca em sua garganta, o que fez ele parar de cantar, provavelmente. Nós temos monstros, malucos e matadores. Consegue pensar em outro ‘M’, Caldwell? Se houver, nós provavelmente o teremos em pouco tempo.”

CAPÍTULO XI

“Blair está solto?” alguém perguntou.

“Blair não está solto, ou veio para dentro. Se existe alguma dúvida a respeito do local de onde nosso ajudante veio – isso poderá esclarecê-la.” Van Hull segurava uma comprida faca de lâmina fina em um pano. O cabo de madeira estava meio queimado, com o padrão peculiar da parte superior do fogão da cozinha.

Clark olhou para ela. “Eu fiz isso nesta tarde. Eu esqueci essa coisa maldita em cima do fogão.”

Van Wall acenou afirmativamente. “Eu senti o cheiro, se você se lembra. Eu sei que a faca veio da cozinha.”

“Eu imagino,” disse Benning, olhando em torno com cautela, “quantos monstros mais nós temos aqui? Se alguém pode sair desse lugar, ir à cozinha e então até a Casa Cosmos e voltar – ele voltou não é? Sim – todos estão aqui. Bem, alguém dessa turma pode fazer tudo isso...”

“Talvez um monstro tenha feito isso,” Garry sugeriu em voz baixa. “Existe essa possibilidade.”

“O monstro, como você apontou hoje, tem apenas homens para imitar. Será que ele poderia diminuir seu, assim digamos, suprimento?” Van Wall apontou. “Não, nós apenas temos um simples, ordinário parasita, um assassino para lidar. Ordinariamente nós poderíamos chamá-lo de ‘assassino inumano’ eu suponho, mas temos que fazer a distinção agora. Nós temos assassinos inumanos, e agora nós temos assassinos humanos. Ou, pelo menos, um.”

“Agora temos um homem a menos,” Norris disse suavemente. “Talvez os monstros tenham que equilibrar as forças agora.”

“Esqueça isso,” McReady suspirou e voltou-se para Barclay. “Bar, você pode pegar seu dispositivo elétrico? Eu vou fazer algo...”

Barclay voltou-se para o corredor para buscar o eletrocutor, enquanto McReady e Van Wall voltavam-se para a Casa Cosmos. Barclay os seguiu trinta segundos depois.

O corredor para a Casa Cosmos era sinuoso, assim como todos os corredores no Grande Magneto, e Norris ficou na entrada novamente. Eles ouviram o súbito grito abafado de McReady. Houve algumas apressadas e selvagens batidas, sons secos e abafados. “Bar – Bar...” E um curioso grito, um miado selvagem, silenciado antes mesmo que Norris chegasse rapidamente à curva.

Kinner – ou o que havia sido Kinner – jazia no chão; cortado em dois pela grande faca que McReady tinha. O meteorologista ficou contra a parede, com a faca pingando vermelho em sua mão. Van Wall estava movendo-se lentamente no chão, gemendo, meio consciente, esfregando a mandíbula com sua mão. Barclay, com um brilho selvagem em seus olhos, estava metodicamente movendo a arma eletrocutora em sua mão, espetando, espetando.

Os braços de Kinner tinham desenvolvido uma estranha pele escamosa, e a carne estava retorcida. Os dedos tinham encurtado, a mão estava arredondada, os dedos tinham se transformado em coisas com oito centímetros, parecidas com chifres vermelhos, em forma de garras afiadas cortantes como aço.

McReady levantou sua cabeça, olhou para a faca em sua mão e a deixou cair. “Bem, quem fez isso pode falar agora. Ele é um assassino inumano, pois matou uma coisa desumana. Eu juro por tudo que é mais sagrado, Kinner era um corpo sem vida no chão quando nós chegamos. Mas quando íamos espetá-lo com o eletrocutor, ele mudou.”

Norris olhou vacilante. “Oh, Deus, essas coisas podem atuar. Meu Deus – sentada aqui por horas, murmurando orações para um Deus que ela odiava! Gritando hinos com uma voz rachada – hinos sobre de uma igreja que nunca conheceu. Enlouquecendo-nos com uivos incessantes...”

“Bem, fale quem fez isso, você pode não saber, mas fez um favor para nós. E, que inferno, eu quero saber como saiu da sala sem que ninguém visse. Isso pode ajudar a nos proteger.”

“Seus gritos – sua cantoria. Até o som do projetor não podia abafá-los.” Clark estremeceu. “Era um

monstro.”

“Ah,” disse Van Wall em súbita compreensão. “Você estava sentado próximo à porta, não estava? E quase atrás da tela de projeção, não é?”

Clark assentiu em silêncio. “Ele – está quieto agora. É um defunto – Mac, seu maldito teste não é bom. Ele já estava morto de qualquer forma, monstro ou homem, ele estava morto.”

McReady riu baixinho. “Garotos, conheçam Clark, o único que sabemos que é humano! Conheçam Clark, o que provou ser humano por tentar cometer homicídio – e falhar. Será que o resto de vocês pode abster-se de tentar provar que é humano por enquanto? Eu acho que podemos tentar outro teste.”

“Um teste!” Connant retrucou alegremente, e em seguida seu rosto encheu-se de decepção. “Eu suponho que é uma-coisa-qualquer-que-você-queira.”

“Não,” disse McReady firmemente. “Olhem atentamente e sejam cuidadosos. Venham para o prédio da administração. Barclay traga o eletrocutor. E alguém – Dutton – fique com Barclay para ter certeza que ele o faz. Observem seus vizinhos, pois do Inferno de onde esses monstros vêm, eu tenho algo, e eles sabem disso. Eles vão ficar perigosos!”

O grupo ficou tenso de repente. Um ar de esmagamento entrou no corpo de cada homem, enquanto eles se entreolhavam bruscamente. Mais intensamente do que nunca – será que o homem ao meu lado é um monstro inumano?

“O que é isso?” Garry perguntou, quando eles se posicionaram na sala principal. “Quanto tempo isso vai levar?”

“Eu não sei exatamente,” disse McReady, sua voz cheia de determinação raivosa. “Mas eu sei que vai funcionar, e não há duas respostas para isso. Isso depende de uma qualidade básica do monstro, não nossa. ‘Kinner’ apenas me convenceu.” Ele ficou pesado e sólido com uma imobilidade de bronze, completamente seguro de si, pelo menos.

“Isso,” disse Barclay, erguendo a empunhadora da arma, com as duas pontas afiadas dos condutores carregados, “vai ser bastante necessário, eu levo ela. A usina de força está garantida?”

Dutton assentiu bruscamente. “A caldeira automática está cheia. A usina de força à gás está de prontidão. Van Wall e eu a configuramos para a exibição de cinema – e nós a checamos diversas vezes, sabe? Qualquer coisa que tocar esses condutores morrerá,” ele assegurou severamente “Eu estou certo disso.”

Dr. Copper agitou-se vagamente em seu beliche, esfregando os olhos com uma mão desajeitada. Ele sentou-se lentamente, piscou os olhos embaçados devido ao sono e drogas, e arregalou-os com um horror indescritível de pesadelos criados pelas drogas. “Garry,” ele murmurou, “Garry – escute. Egoísta – do inferno eles vieram, um marisco do inferno – quero dizer egoísta do inferno – Eu? O que eu quero dizer?” ele afundou de volta no beliche, e roncou suavemente. [\[15\]](#)

McReady olhou para ele pensativo. “Saberemos logo,” ele acenou lentamente. “Mas egoísta diz tudo. Você deve ter pensado nisso, meio dormindo, sonhando. Eu não paro de pensar que sonhos você deve estar tendo. Mas está certo. Egoísta é a palavra. Eles tem que ser, vejam só.” Ele voltou-se para os homens na sala, tensos, homens silenciosos encarando com olhos de lobo cada um de seus vizinhos. Egoístas, e como Dr. Copper disse cada parte é um todo. Cada pedaço é alto suficiente, um animal independente.

“Isso, e uma outra coisa, contam a história. Não há nada de misterioso no sangue; é apenas tecido corporal normal como um pedaço de músculo, ou um pedaço de fígado. Mas sem tecido conectivo, ainda assim tem milhões, bilhões de células vivas.”

A grande barba bronze de McReady arpejou-se um sorriso triste. “Isso é gratificante, de certa maneira. Eu tenho bastante certeza que nós humanos ainda superamos em número vocês – os outros.

Outros que estão aqui. E nós temos o que vocês, sua espécie de outro mundo, evidentemente não tem. Não um imitado, mas um instinto firmemente estabelecido, algo que nos guia, uma chama inextinguível genuína. Nós lutamos, lutamos com uma ferocidade que você pode tentar imitar, mas que você nunca poderá igualar. Nós somos humanos. Nós somos verdadeiros. Vocês, imitações, são falsos até o núcleo de cada célula.

“Tudo bem. É um confronto agora. Você sabe. Você, com sua leitura da mente. Você viu a ideia direto do meu cérebro. Você não pode fazer nada a respeito.

"Ficarei aqui -

“Deixe-me passar. Sangue é tecido vivo. Eles tem que sangrar, se eles não sangram quando cortados, então pelos Céus, eles são falsos! Falsificações do inferno! Se eles sangrarem – então o sangue, separado deles, é um indivíduo – um novo indivíduo com sua própria vontade, assim como eles, divididos, todos eles, como o original, são indivíduos!

“Entendeu Van? Viu a resposta, Bar?”

Van Wall riu suavemente. “O sangue – o sangue não obedecerá a vontade deles. É um novo indivíduo, com o desejo de proteger sua própria vida que o original – a massa principal da qual foi separado – tinha. O sangue vai viver – e tentar escapar de uma agulha quente, é isso!”

McReady pegou o bisturi da mesa. De um armário, ele pegou um conjunto de tubo de ensaios, uma pequena lamparina de álcool, e um comprido fio de platina preso em uma pequena vareta de vidro. Um sorriso irônico formou-se em seus lábios. Por um momento ele olhou para aqueles a seu redor. Barclay e Dutton moveram-se em direção à ele lentamente, o eletrocutor de prontidão.

“Dutton,” disse McReady, “suponho que você deva ficar sobre a emenda onde você conectou isso. Apenas certifique-se que nada vai desconectá-la.”

Dutton moveu-se. “Agora, Van, suponho que você vai ser o primeiro nisso.”

Com o rosto pálido, Van Wall deu um passo à frente. Com uma delicada precisão, McReady cortou uma veia na base de seu dedo. Van Wall estremeceu levemente, então ficou parado com enquanto um centímetro de sangue era coletado no tubo. McReady colocou o tubo no suporte, deu a Van Wall um pouco de sulfato de alumínio e indicou a garrafa de iodo.

Van Wall ficou imóvel, observando. McReady aqueceu o fio de platina na lâmpada álcool, então mergulhou no tubo. Ela sussurrou baixo. Cinco vezes ele repetiu o teste. “Humano, eu diria.” McReady suspirou e endireitou-se. “Até agora minha teoria não foi realmente comprovada – mas eu tenho esperança. Eu tenho esperança.

“Por sinal, não fique muito empolgado com isso. Nós temos conosco alguns dos indesejáveis, sem dúvida, Van, você pode liberar Barclay do interruptor? Obrigado. O.K., Barclay, e devo dizer que espero que você permaneça conosco? Você é um cara danado de bom.”

Barclay sorriu com incerteza; estremeceu sobre a lâmina do bisturi. Colaborando, e sorrindo abertamente, ele recuperou sua arma de cabo longo.

"Sr. Samuel Dutt - BAR!"

A tensão liberou-se naquele segundo. Quaisquer que fossem os monstros do inferno entre eles, os homens o enfrentaram naquele instante. Barclay não teve chance de mover sua arma quando um grupo de homens derramou-se sobre aquela coisa que parecia Dutton. Ele miou, cuspiu e tentou crescer presas - e foi partido em centenas de pedaços. Sem facas, ou quaisquer armas além da força bruta de uma equipe de homens, a coisa foi esmagada.

Lentamente, eles se levantaram, com fogo nos olhos, muito calmos em suas emoções. Rugas curiosas em seus lábios traíam uma espécie de nervosismo.

Barclay agiu com a arma elétrica. A coisa queimou e fedeu. O ácido cáustico que Van Wall derrubava em cada gota de sangue derramado desprendia uma fumaça que causava tosses.

McReady sorriu, seus profundos olhos brilhantes acessos e brilhando. “Talvez,” ele disse

suavemente, “eu tenha subestimado as habilidades do homem, quando disse que nada poderia ter a ferocidade que aquela coisa que encontramos tinha em seus olhos. Eu gostaria que pudéssemos ter a oportunidade de tratar de forma mais digna essas coisas. Algo como óleo fervente, ou chumbo derretido nela, ou talvez cozimento lento na caldeira da usina de força. Quando eu penso que homem Dutton foi –

“Esqueçam. Minha teoria está confirmada por - por alguém que sabia? Bem, Van Wall e Barclay foram provado. Eu acho, então, que eu devo tentar mostrar para vocês algo que eu já sei. Que eu também sou humano.” McReady mergulhou o bisturi em álcool absoluto, queimou a lâmina de metal e cortou a base de seu polegar habilmente.

Vinte segundos depois ele olhou para cima da mesa para os homens que esperavam. Eles estavam mais sorridentes agora, exibindo sorrisos simpáticos, contudo, com algo mais nos olhos.

Connant,” McReady sorriu suavemente. “estava certo. Os huskies assistindo aquela coisa depois da curva do corredor não pareciam em nada com vocês. Pergunto por que nós achamos que apenas o sangue do lobo tem direito à ferocidade? Talvez a maldade espontânea de um lobo seja maior, mas depois desses sete dias - abandonem toda esperança, vós lobos que entrarem aqui!”

“Talvez nós possamos ganhar tempo. Connant, você poderia aproximar-se para -”

Novamente Barclay foi muito lento. Havia mais sorrisos, menos tensão ainda, quando Barclay e Van Wall terminaram seu trabalho.

Garry falou com uma voz baixa e amarga. “Connant era um dos melhores homens que tínhamos aqui - e cinco minutos atrás eu teria jurado que ele era um homem. Essas malditas coisas são mais que uma imitação. “Garry estremeceu e sentou-se em seu beliche.”

E trinta segundos depois, o sangue de Garry recuou do fio de platina quente, e lutou para escapar do tubo, lutando tão freneticamente quanto a fera súbita, de olhos vermelhos, a imitação de Garry que revelada lutava para desviar-se da arma em forma de língua de cobra, assim que Barclay avançou para ele, com o rosto branco e suando.

CAPÍTULO XII

“O último deles?” Dr. Copper olhou para baixo de seu beliche com olhos injetados de sangue, entristecidos. “Quatorze deles -”

McReady acenou rapidamente. “De certa forma - apenas se conseguimos evitar permanentemente sua propagação - eu gostaria de ter as imitações de volta. Comandante Garry - Connant - Dutton - Clark -”

“Para onde nós estamos levando aquelas coisas?” Copper acenou para a maca que Barclay e Norris estavam carregando para fora.

“Para fora. Para fora no gelo, onde nós temos quinze caixas esmagadas, meia tonelada de carvão e agora adicionaremos dez galões de querosene. Nós derrubamos ácido em cada gota que pingou, todo fragmento partido. Nós vamos incinerar essas aqueles.”

“Parece um bom plano.” Copper assentiu cansado. “Eu me pergunto, você ainda não disse nada quanto ao Blair -”

McReady começou. “Nós o esquecemos! Nós tínhamos tanto mais! Eu imagino - você supõe que poderemos curá-lo agora?”

“Se -” começou o Dr. Copper, e parou significativamente.

McReady começou uma segunda vez. “Mesmo um louco. Ele imitou Kinner e estava rezando em histeria -” McReady voltou-se em direção a Van Wall que estava ao longo da mesa. “Van, nós vamos fazer uma expedição para a cabana de Blair.”

Van olhou para cima bruscamente, o cenho franzido por um instante em lembrança surpresa. Então ele ergueu-se, acenando com a cabeça. “Melhor Barclay ir junto. Ele aplicou os laços dos cabos, e pode conseguir fazer chegarmos ao Blair sem assustá-lo muito.”

Quarenta e cinco minutos depois, através de -38°C de frio, com a cortina da Aurora crescendo acima de suas cabeças. O crepúsculo tinha quase doze horas de duração, brilhando como chamas na neve do norte, com neve cristalina sobre seus esquis. Um vento de 8 Km/h amontoava neve em linhas de deriva apontando para o noroeste. Três quartos de hora para chegar ao depósito enterrado na neve. Nenhuma fumaça vinha do pequeno depósito, então os homens se apressaram.

“Blair!” Barclay rugiu na direção do vento quando ele ainda estava a cem metros de distância. “Blair!”

“Cale-se,” disse McReady suavemente. “E apressem-se, ele pode estar tentando uma faca longa. Se nós tivermos que ir atrás dele - nenhum avião, tratores desativados.”

“Um monstro teria a resistência de um homem?”

“Uma perna quebrada não o pararia por mais de um minuto.” McReady apontou.

Barclay engasgou subitamente e apontou para o alto. Escurecendo no céu da meia noite, uma coisa alada circulava em curvas com graça e facilidade. Grandes asas brancas batiam gentilmente, e o pássaro passou sobre eles curiosamente. “Um albatroz -” Barclay disse suavemente. “O primeiro da temporada, vagando pelo interior por alguma razão. Se o monstro estiver solto -”

Norris inclinou-se sobre o gelo, e rasgou apressadamente sua roupa pesada, a prova de vento. Ele endireitou-se, seu casaco batendo aberto, uma arma de metal azul em suas mãos. Ele rugiu um desafio no branco silêncio da Antártida.

A coisa no ar gritou com uma voz roca. Suas grandes asas batiam freneticamente quando duzias de penas voaram de sua cauda para baixo. Norris atirou novamente. O pássaro estava movendo-se rapidamente agora, mas em uma linha de retirada quase reta. A coisa gritou novamente, mais penas caíram e com um bater de asas ele planou para trás de uma crista de gelo, para desaparecer.

Norris correu atrás dos outros. “Aquilo não retornará,” ele disse ofegante.

Barclay o advertiu para fazer silêncio, apontando. Uma curiosa luz azul feroz vinha das rachaduras da porta do depósito. Um zumbido muito baixo soava lá dentro, um baixo e suave zumbido e um clink e clank de ferramentas, sons que de alguma forma transportavam uma mensagem de pressa frenética.

O rosto de McReady ficou pálido. “Que Deus nos ajude se aquela coisa estiver -” Ele agarrou o ombro de Barclay, e fez movimentos de corte com seus dedos, apontando em direção ao laço de cabos de controle que seguravam a porta.

Barclay retirou o alicate cortador de fios de seu bolso, e ajoelhou-se silenciosamente na porta. O ‘snap’ e ‘twang’ de seu alicate fez um intolerável barulho quebrando a quietude absoluta da Antártida. Havia apenas aquele estranho, suave ‘hummm’ vindo do depósito, e estranhos, frenéticos cliques e chocalhares de ferramentas para abafar os seus ruídos.

McReady espiou através de uma rachadura na porta. Sua respiração ficou presa e seus dedos apertaram cruelmente o ombro de Barclay. O meteorologista recuou. “Não é,” ele explicou suavemente, “Blair. Ele está ajoelhando em algo no beliche – algo que fica erguendo. Seja o que for em que esteja trabalhando, é uma coisa como uma mochila – que fica erguendo.”

“Todos juntos,” Barclay disse severamente. “Não Norris, fique atrás, e pegue aquele seu ferro. Isso pode ter – armas.”

Juntos, o corpo poderoso de Barclay e a força de gigante de McReady bateram na porta. No interior o beliche que estava contra a porta guinchou loucamente e rompeu-se em pedaços. A porta veio abaixo com as dobradiças quebradas, com a madeira remendada dos batentes caindo para dentro.

Como uma bola de borracha, uma Coisa saltou para cima. Um de seus quatro braços como tentáculos saltaram para fora como uma cobra. Em uma mão com sete tentáculos um lápis de 15 centímetros de metal brilhante balançou para cima para enfrentá-los. Seus lábios finos contorceram-se mostrando presas como a de cobras com um sorriso de ódio, com os olhos vermelhos em chamas.

O revolver de Norris trovejou no espaço confinado. O rosto cheio de ódio contorceu-se em agonia, o tentáculo recuando. A coisa prateada em sua mão virou uma ruína esmagada de metal, a mão com sete tentáculos tornou-se uma massa de carne mutilada escorrendo gosma verde-amarelada. O revolver trovejou mais três vezes. Buracos escuros foram perfurados em cada um dos três olhos antes de Norris arremessar a arma vazia contra seu rosto.

A coisa gritou com ódio feral, um tentáculo chicoteou cegamente. Por um momento, ela se arrastou no chão, com tentáculos selvagens atacando, o corpo contorcendo-se. Então ela ergue-se cambaleante, olhos cegos movendo-se, fervendo odiosamente, a carne esmagada descamando em nacos encharcados.

Barclay pôs-se de pé e mergulhou para frente com um machado de gelo. O peso da ferramenta esmagou contra o lado da cabeça da coisa. Mais uma vez o monstro indestrutível caiu. Os tentáculos atacaram, e subitamente Barclay caiu a seus pés nas garras de uma corda viva. A coisa dissolveu quando ele a segurou, uma faixa branca e quente que comeu a carne de suas mãos como fogo vivo. Freneticamente ele tirou o seu casaco e segurou suas mãos onde ela não existia mais. A Coisa cega sentiu e rasgou o tecido duro, pesado da roupa para neve, procurando carne – carne que pudesse ser convertida -

O enorme maçarico que McReady trouxe tossiu solenemente. Abruptamente ele retumbou sua censura rouca. Então ele emitiu uma risada gorgolejante, e arremessou uma língua de fogo de azul esbranquiçado, com cerca de um metro. A Coisa no chão gritou e se debateu cegamente com tentáculos que se contorciam e murchavam por causa do fúria borbulhante do maçarico. Ela rastejou voltando-se para a porta, gritando e mancando loucamente, mas McReady mantinha sempre o maçarico sobre seu rosto, seus olhos mortos queimando e borbulhando inutilmente. Freneticamente a Coisa rastejou e uivou.

De um tentáculo brotou uma garra selvagem – que crispou na chama. Firmemente McReady moveu-se como se seguisse um plano sombrio. Impotente, enlouquecida, a Coisa recuou da tocha que grunhia, das carícias de sua língua de fogo. Por um momento ela se rebelou, berrando com ódio inumano enquanto

tocava a neve gelada. Então ela caiu para trás devido ao fogo carbonizante da tocha, o fedor da sua carne banhando-a. Desesperadamente ela recuou – mais e mais através da neve da Antártida, o vento cortante torcendo a língua de fogo, vagamente torcendo-a, um rastro de óleo, fedendo a fumaça que borbulhava para longe dela.

McReady caminhou em direção ao depósito silenciosamente. Barclay o encontrou na porta. “Nada mais?” o meteorologista gigante perguntou sombriamente.

Barclay balançou sua cabeça. “Nada mais. A coisa não se dividiu?”

“Ela tinha outras coisas para pensar,” McReady assegurou. “Quando eu saí, isso era uma brasa brilhante. O que ela estava fazendo?”

Norris riu. “Meninos sábios, nós somos. Esmagamos peças, então aviões não funcionam. Rompemos a tubulação das caldeiras dos tratores. E deixamos a Coisa sozinha uma semana nesse depósito. Sozinha e sem perturbações.”

McReady olhou para o depósito mais cuidadosamente. O ar, apesar da porta arrombada, era quente e úmido. Em uma mesa no lado distante da sala, descansava uma coisa com fios enrolados e pequenos imãs, tubos de vidro e rádio. No centro um bloco de pedra bruta descansava. Do centro do bloco, veio a luz que inundava o local, uma luz ferozmente mais azul que um arco elétrico, e disso vinha o zumbido suave. De um lado estava outro mecanismo de vidro cristalino, soprado com uma incrível nitidez e delicadeza, placas de metal e uma estranha e brilhante esfera de insubstancialidade.

“O que é isso?” McReady moveu-se para perto.

Norris grunhiu. “Deixemos para a investigação. Mas eu posso imaginar muito bem. Isso é força atômica. Essa coisa na esquerda – é uma coisinha elegante que faz o que estamos tentando fazer vários ciclotrons. Ela separa nêutrons da água pesada, que estava pegando do gelo circundante.”

“Onde ele conseguiu todas essas – ah, é claro, um monstro não poderia ficar trancado dentro – ou fora. Ele esteve mexendo nos depósitos de equipamentos.” McReady olhou para o aparelho. “Deus, que mente essa espécie deve ter...”

“A esfera brilhante – eu acredito que é uma esfera de força pura. Nêutrons podem agir em qualquer matéria, e ele queria um reservatório para fornecimento de nêutrons. Apenas projete nêutrons contra sílica, cálcio, berílio, quase tudo, e a energia atômica é liberada. Essa coisa é um gerador atômico.”

McReady puxou um termômetro de seu casaco. “Está fazendo 48°C aqui, apesar da porta aberta. Nossas roupas estão ajudando a isolar o calor, mas já estou começando a suar.”

Norris acenou afirmativamente. “A luz é fria. Eu já descobri isso. Mas isso aquece o lugar através daquela bobina. Ele tinha toda a força do mundo. Ele podia manter-se aquecido e confortável, em sua jornada aconchegante e prazerosa. Você percebeu a luz, a cor dela?”

McReady acenou afirmativamente. “Além das estrelas é a resposta. Além das estrelas. Ela veio de um planeta mais quente que circula um sol mais brilhante, mais azulado.”

McReady olhou para fora pela porta em direção à trilha manchada de fumaça que seguia vagando cegamente através da neve. “Não haverá mais nenhuma coisa vindo, eu espero. Por puro acidente ela aterrizou aqui, há cerca de vinte milhões de anos atrás. O que será que elas fizeram desde então?” ele acenou com a cabeça em direção ao aparelho.

Barclay sorriu suavemente. “Você percebeu em que ela estava trabalhando quando nós chegamos? Veja.” Ele apontou em direção ao teto do depósito.

Como uma mochila feita de latas achatadas, com tiras de panos penduradas e cintos de couro, o mecanismo se agarrava ao teto. Um pequeno coração brilhante de fogo celestial brilhava nela, queimando sem arder na madeira do teto. Barclay caminhou até ela, agarrou duas das fitas com suas mãos e puxou-as para baixo com esforço. Ele amarrou-as em seu corpo. Um leve salto o carregou em um arco estranhamente lento através do depósito.

“Antigravidade,” disse McReady suavemente.

“Antigravidade,” Norris confirmou. “Sim, se nós não a tivéssemos parado, mesmo sem aviões, e sem pássaros – os pássaros não vieram – mas ela tinha latas e peças de rádios, vidros e o depósito de equipamentos à noite. E em uma semana – uma semana inteira – tudo para si mesma. Chegaria a América em um simples salto – com antigravidade carregada com a energia atômica.

“Se nós não a parássemos, em cerca de meia hora – ela estava apenas apertando essas tiras no dispositivo para que pudesse vesti-lo – nós ficaríamos presos na Antártida, atirando em qualquer coisa que viesse para cá, em todo o resto do mundo.”

“O albatroz...” McReady disse suavemente. “Vocês acham que...”

“Com essa coisa quase terminada? Com essa arma mortal em suas mãos?”

“Não, pela graça de Deus, que evidentemente escuta muito bem, mesmo aqui em baixo, e por uma margem de meia hora, nós mantivemos nosso mundo, e os planetas do sistema também. Antigravidade, percebam, e força atômica. Porque ela veio de outro sol, de uma estrela além das estrelas. Ela veio de um mundo com um sol azul.”

Notas do Tradutor

1 - Na Antártida são comuns os Ventos Catabáticos, que é o nome técnico dado ao vento que transporta ar de alta densidade descendo uma encosta pela ação da gravidade. É um vento constante, rente ao solo e na Antártida é intensamente frio. A formação do ar frio no elevado platô central gera uma enorme energia gravitacional, que muitas vezes impulsiona esses ventos com velocidades superiores à de furacões. Esse vento ergue a neve do solo, e a movimenta como a areia soprada em desertos, criando algo conhecido como snowdrift, ou neve à deriva.

2- A Antártida fazia parte do supercontinente Gondwana há 100 milhões de anos atrás. Quando Gondwana dividiu-se, a Antártida ainda ficou ligada à Austrália e Nova Guiné, apresentando um clima entre tropical e subtropical, com uma fauna de marsupiais. Há cerca de 40 milhões de anos atrás, quando ela separou-se da Austrália, o congelamento da Antártida iniciou-se, propagando-se e substituindo as florestas que cobriam o continente. Considera-se que ficou completamente congelado há 15 milhões de anos atrás, portanto bem recentemente em termos geológicos e evolutivos.

3 - Portas de banheiros costumavam ter uma meia lua cortada na porta em áreas rurais dos EUA.

4 - O Rádio é um elemento alcalino-terroso extremamente raro, devido à sua curta meia vida – 3 dias à no máximo 1600 anos, dependendo do isótopo – sendo encontrado na forma de traços quase exclusivamente em minérios de urânio.

5 - Como o corpo é movido à oxigênio, as últimas células a morrer são as que menos precisam do gás para viver – as epiteliais e da córnea. As que morrem primeiro são os neurônios, e normalmente elas morrem até mesmo antes do seu dono. Elas precisam de tanto oxigênio que morrem se uma pessoa ficar apenas alguns minutos sem respirar.

6 - Preferi manter o termo adolesceu, no lugar de cresceu, para ser fiel ao original.

7 - Referência à *The Rime of the Ancient Mariner*, um poema em inglês de Samuel Taylor Coleridge, publicado em 1798, que marca a mudança para a poesia moderna e o início da literatura romântica britânica. Relata as experiências de um marinheiro que retornou de uma longa viagem pelo mar. O marinheiro para um homem que está a caminho de uma cerimônia de casamento e inicia a narrar sua história. A reação do convidado do casamento vai de irritação, impaciência à medo e fascinação enquanto o marinheiro prossegue sua história. A história do marinheiro inicia com seu navio partindo em sua jornada. Apesar da inicial boa sorte, a nave é levada para o sul por uma tempestade e eventualmente chega à Antártida. Um albatroz aparece e o guia para fora da Antártida, mas sendo o albatroz sendo louvado pela tripulação, o marinheiro atira no pássaro com uma besta. A tripulação, fica furiosa com o marinheiro, pois acredita que o albatroz trazia o vento sul que os levaria para fora da Antártida. Depois, a tripulação muda de ideia quando o clima fica mais quente e a neblina desaparece. No entanto eles cometem um grave engano ao tolerar o seu crime, levantando a ira dos espíritos que então perseguem o navio a partir da “terra da névoa e neve”. A tripulação então muda de ideia novamente, e culpa o marinheiro pelo seu tormento, e em sua fúria, força o marinheiro a colocar o albatroz morto amarrado à seu pescoço, como um sinal de que deve sofrer por ter matado ele, ou talvez como sinal de arrependimento. O navio encontra-se com um navio fantasma, com um esqueleto e um “Pesadelo Morto Vivo” (uma mulher morta pálida) que joga dados pelas almas da tripulação. Quando ela joga os dados, ela ganha as vidas da tripulação e a Vida em Morte do marinheiro, que ela considera mais valiosa. Ele tem que encarar um destino pior que a morte como punição por ter matado o albatroz. Um a um, toda tripulação morre, mas o marinheiro é obrigado a ver o destino que recaiu sobre eles, com suas últimas expressões permanentemente em seus rostos. A maldição sobre o marinheiro acaba sendo quebrada quando ele aprecia uma criatura gosmenta nadando na água, apesar de amaldiçoá-la inicialmente, ele percebe a verdadeira beleza e a bênção. Ao começar a rezar o albatroz cai de seu pescoço e sua culpa é

parcialmente expiada. Os corpos da tripulação, possuídos por bons espíritos, levantam-se novamente e levam o barco de volta para casa, onde afunda em um redemoinho, deixando apenas o marinheiro para trás. Um eremita vê o barco se aproximando e vai encontrá-lo, com um garoto com piloto do bote, e o retira da água, acreditando que teria morrido, mas ele pega os remos e começa a remar. O garoto começa a rir, e diz “O Diabo sabe remar”. Como punição por ter atirado no albatroz o marinheiro é condenado a vagar pela terra, contando sua história, e ensinando uma lição para aqueles que o encontram: He prayed best, who loveth best / All things both great and small; / For the dear God who loveth us, / He made and loveth all. Depois de narrar a história, o marinheiro vai embora e o convidado do casamento volta para casa, e acorda na próxima manhã como um “um homem mais melancólico e sábio.”

8 - Jeremias foi um profeta bíblico crítico da conduta de seu povo, dos pecados do povo Judeu. Suas críticas eram feitas em discursos acalorados em plena praça pública.

9 - Traduzido de ‘Not any more, thanks. The more the merrier’ Trata-se de uma tradicional expressão utilizada pela primeira vez em um poema do século 14, Pearl, significa basicamente ‘Quanto mais, melhor’.

10 - ‘hoof-and-mouth disease’, ou febre aftosa como é conhecida no Brasil é uma doença viral altamente contagiosa, que afeta animais com cascos de dois dedos, como bois ou suínos. É uma doença presente na Europa, América do Sul e África. América Central, América do Norte e Oceania estão livres da doença. Os EUA livraram-se da doença em 1922, portanto o autor vivenciou as medidas drásticas adotadas para extinguir a doença, que incluíram o sacrifício de 170 mil animais. Nada comparado ao surto de 2001 na Inglaterra que exigiu o sacrifício de mais de 7 milhões de animais.

11 - Dr Joseph Banks Rhine, 1895-1980, foi um botânico americano que fundou a ciência da parapsicologia como um ramo da psicologia, fundando o laboratório de parapsicologia da Universidade de Duke, onde realizou várias pesquisas muito meticulosas envolvendo telepatia, como as famosas pesquisas com as cartas Zener – cartas com padrões geométricos – e pesquisas envolvendo psicocinese, que tentavam influenciar o resultado no lançamento de dados. Seu trabalho sempre foi muito criticado, e seus resultados nunca foram replicados (veja o filme Ghostbusters, Os Caça fantasmas, onde o personagem de Bill Murray é um pesquisador medíocre que pesquisa telepatia com cartas Zener aliado a um método doloroso de choques elétricos, mas não para garotas bonitas, é claro), e existem informações suprimidas por Dr. Rhine que indicam a possibilidade de fraudes. Dr. Rhine publicou seu livro mais importante, Extra-Sensory Perception em 1934, quatro anos antes da primeira publicação desta estória.

12 - Filmes da primeira metade do século vinte eram feitos com materiais instáveis, altamente inflamáveis à base de celulose e filme com base de nitrato. A maioria dos filmes desse tipo não resistiram até os dias de hoje, e os que não foram destruídos pelo fogo estão reduzidos a pó. Os filmes eram tão sensíveis que resistiam pouco tempo ao desgaste mecânico, e ao calor das lâmpadas das máquinas de projeção, o que justifica a preocupação em economizar ao máximo a utilização dos rolos de filme.

13 - Não existe uma definição para ‘Moon Pitcher’ em português, mas refere-se aos filmes ou desenhos ingênuos ou até mesmo idiotas, que foram feitos no início do século vinte.

14 - Guggenheim, nesse caso, não tem nada a ver com o museu de New York. Trata-se de um popular jogo entre estudantes americanos, um pouco parecido com o jogo que conhecemos no Brasil, STOP. Em uma folha de papel é feito um diagrama com o número de linhas igual ao número de letras de uma palavra escolhida, colocando uma letra para cada linha, então é feito um mesmo número de colunas com categorias escolhidas pelos jogadores, como: filmes, países, cores, músicas. É estipulado um tempo para todos os jogador escreverem o máximo possível de palavras nas categorias correspondentes a cada letra do início de cada linha, normalmente 10 ou 15 minutos, ganha quem escrever mais palavras válidas.

[1] Navios baleeiros são usualmente providos de tanques de óleo; por que o Gampus não os tinha jamais pude verificar.

[2] O caso do brigue Polly, de Boston, vem tão a propósito aqui, e sua sorte, sobre muitos aspectos, se assemelha tão notavelmente à nossa, que não posso deixar de aludir a ele aqui. Esse navio, de cento e trinta toneladas, saiu de Boston com uma carga de madeira e de víveres, para Santa Cruz, a doze de dezembro de 1811, sob o comando do Capitão Casneau. Havia oito pessoas a bordo, sem contar o capitão, o piloto, quatro marinheiros e o cozinheiro, e mais um Sr. Hunt, com uma negra de sua propriedade. No dia quinze, depois de ter passado o banco de Georges, começou a fazer água em consequência duma rajada de vento de sudeste e, por fim, voltou-se de cima para baixo; mas, tendo os mastros caído ao mar, ele voltou à posição natural. Ficaram seus tripulantes nesta situação, sem fogo e com muito poucas provisões, durante o período de cento e noventa e um dias (de quinze de dezembro a vinte de junho), quando o Capitão Casneau e Samuel Badger, únicos sobreviventes, foram recolhidos do navio naufragado pelo Fame, de Hull, comandado pelo Capitão Featherstone, e com destino ao Rio de Janeiro. Quando os recolheram, achavam-se a vinte e oito graus de latitude e a treze graus de longitude ocidental, tendo derivado mais de duas mil milhas! A nove de julho o Fame encontrava o brigue Dromeo, do Capitão Perkins, que desembarcou os dois desventurados em Kennebeck. A narrativa de que extraímos estes pormenores acaba com estas palavras: "É muito natural perguntar agora como puderam eles flutuar a tão vasta distância, na parte mais frequentada do Atlântico, sem serem descobertos durante todo esse tempo. Mais de doze navios passaram perto deles, um dos quais chegou tão perto que eles podiam distintamente ver as pessoas que se achavam no convés e nos cordames olhando para eles; mas com inexprimível desaponto para aqueles homens famintos e enregelados, aquelas pessoas sufocaram os ditames da compaixão, içaram velas e cruelmente os abandonaram ao seu destino."

[3] Entre os navios que, em tempos vários, se disse terem-se encontrado com as Auroras, podem ser mencionados o barco San Miguel, em 1769; o barco Aurora, em 1774; o brigue Pearl, em 1779, e o navio Dolores, em 1790. Todos eles concordam em dar a latitude média de 53 graus sul.

[4] Os termos manhã e tarde, de que faço uso para evitar confusões em minha narrativa, tanto quanto possível,

não devem, é claro, ser tomados em seu sentido natural. Durante longo tempo não tivemos absolutamente noite, sendo contínua a luz do dia. As datas são citadas de acordo com o tempo náutico e as direções indicadas pela bússola. Devo anotar também, neste ponto, que não posso, na primeira parte do que aqui se escreve, pretender estrita exatidão a respeito de datas, latitudes ou longitudes, por não ter mantido um diário regular depois do período de que trata essa primeira parte. Em muitas ocasiões dependi exclusivamente da memória.

[5] Esse dia tornou-se notável por observarmos, ao sul, vários rolos imensos de vapor cinzento a que já me referi.

[6] A greda era também preta; na verdade. Não vimos substância de cores vivas de qualquer espécie, na ilha.

[7] Por motivos evidentes, não posso pretender ser estritamente preciso nessas datas. São dadas, principalmente, tendo em vista esclarecimentos à narrativa, tais como se encontram em minhas notas a lápis.

[8] Referência a Edward John Moreton Drax Plunkett, 18.º barão Dunsany (1878-1957), dramaturgo e contista irlandês, cujas obras, a seu tempo muito populares, mesclavam força imaginativa com engenhosidade intelectual, criando um verossímil mundo de fantasia. (N. do T.)



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

